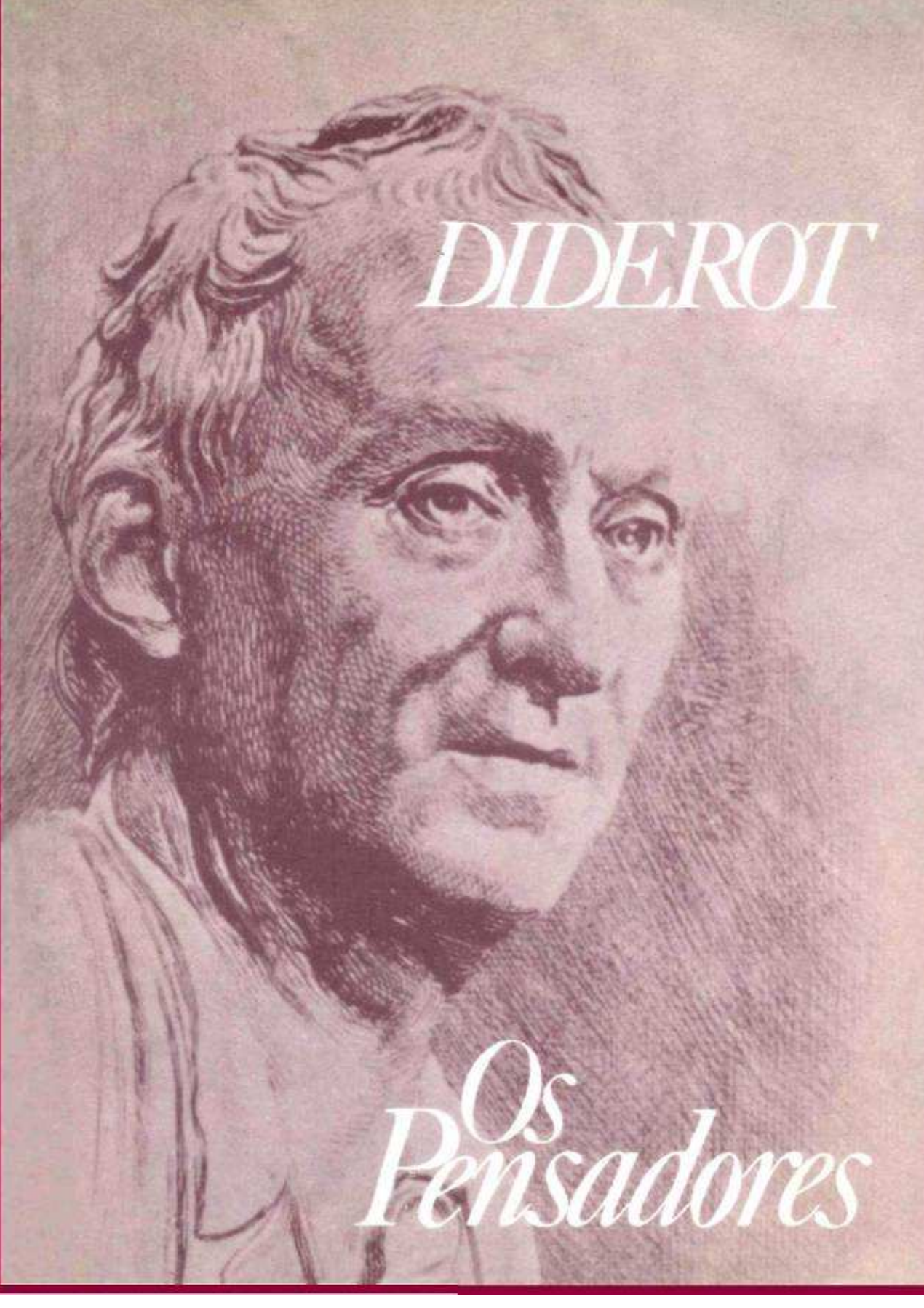


A detailed, sepia-toned portrait of Denis Diderot, an 18th-century French philosopher, writer, and encyclopedist. He is shown from the chest up, facing slightly to the right but looking towards the viewer. He has thick, wavy hair and a full, dark beard and mustache. He is wearing a simple, light-colored garment. The background is a soft, textured wash of light brown and beige. The entire image is framed by a thin, dark red border.

DIDEROT

*Os
Pensadores*

Os Pensadores



1979

EDITOR: VICTOR CIVITA



<http://groups.google.com/group/digitalsource>

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte
Câmara Brasileira do Livro, SP

D552t	Diderot, Denis, 1713-1784. Textos escolhidos / Diderot ; traduções e notas de Marilena de Souza Chauí, J. Guinsburg. — São Paulo : Abril Cultural, 1979. (Os pensadores) Inclui vida e obra de Diderot. Bibliografia. 1. Filosofia francesa 2. Literatura francesa I. Chauí, Marilena de Sousa. II. Guinsburg, Jacó, 1921-III. Título. IV. Série. 79-0243 CDD-194 -840
-------	---

Índices para catálogo sistemático:

1. Filosofia francesa 194
2. Literatura francesa 840

CONTRA CAPA

ESTE VOLUME CONTÉM AS SEGUINTE OBRAS:

CARTA SOBRE OS CEGOS PARA O USO DOS QUE VÊEM (1749)

Embora publicada anonimamente, esta obra de Diderot acarretou a prisão do filósofo no castelo de Vincennes. É que o sensualismo epistemológico que ela defende foi considerado deletério pela repressão exercida, naquele momento, pelo governo de Luís XV.

O SOBRINHO DE RAMEAU (1761)

Diálogo sobre música e arte, em geral, apresenta-se como uma “Sátira Segunda”, pois é seqüência da “Sátira Primeira”, o opúsculo “Sobre os Caracteres e as Palavras Caráter, Profissão, etc”, escrito anteriormente por Diderot.

DIÁLOGO ENTRE D’ALEMBERT E DIDEROT (1769)

O SONHO DE D’ALEMBERT (1769)

CONTINUAÇÃO DO DIÁLOGO (1769)

Publicadas apenas em 1830, as três obras pertencem ao que de mais imaginativo produziu a especulação filosófica de Diderot.

SUPLEMENTO À VIAGEM DE BOUGAINVILLE OU DIÁLOGO ENTRE A E B (1772)

Utilizando também a forma dialogada, a obra possui significativo subtítulo: “Sobre o inconveniente de atribuir idéias morais a certas ações físicas que não as comportam”.

PARADOXO SOBRE O COMEDIANTE (1769)

Obra de permanente atualidade, enquanto teoria do ator, ultrapassa porém o plano estético ao propor uma teoria geral da sensibilidade.

DOS AUTORES E DOS CRÍTICOS (1773)

Capítulo final do “Discurso Sobre a Poesia Dramática”.

DIÁLOGO DE UM FILÓSOFO COM A MARECHALA DE... (1774)

O diálogo circulou inicialmente em cópias manuscritas, antes de ser impresso. A marechala é provavelmente a esposa de Victor François, Duque de Broglie e Marechal de França.

Traduções e notas de: *Marilena de Souza Chauí* e *J. Guinsburg*

Consultor da Introdução: *Marilena de Souza Chauí*

ORELHAS DO LIVRO

“Nosso verdadeiro sentimento não é aquele no qual jamais vacilamos; mas aquele ao qual mais habitualmente retornamos.”

DIDEROT: *Diálogo entre D'Alembert e Diderot*

“São os signos da linguagem que deram origem às ciências abstratas. Uma qualidade comum a várias ações engendrou as palavras vício e virtude; uma qualidade comum a vários seres engendrou as palavras feiúra e beleza. Alguém disse um homem, um cavalo, dois animais; em seguida, alguém disse um, dois, três, e toda a ciência dos números nasceu. Ninguém tem idéia de uma palavra abstrata. Notaram-se em todos os corpos três dimensões, e daí todas as ciências matemáticas. Toda abstração não é senão um signo vazio de idéia.”

DIDEROT: *O sonho de D'Alembert*

“Os comediantes impressionam o público, não quando estão furiosos, mas quando interpretam bem o furor. Nos tribunais, nas assembléias, em todos os lugares onde se quer ficar senhor dos espíritos, finge-se ora a cólera, ora o temor, ora a piedade, a fim de levar os outros a esses sentimentos diversos. Aquilo que a própria paixão não conseguiu fazer, a paixão bem imitada o executa.”

DIDEROT: *Paradoxo sobre o comediante*

DIDEROT

TEXTOS
ESCOLHIDOS

Tradução e notas de

Marilena de Souza Chauí, J. Guinsburg

Títulos originais:
Lettre sur les Aveugles à l'Usage de Ceux qui Voient
Addition à la Lettre Précédente
Le Neveu de Rameau
Entretien entre D'Alembert et Diderot
Revê de D'Alembert
Suite de l'Entretien
Supplément au Voyage de Bougainville
Paradoxe sur le Comédien
Des Auteurs et des Critiques
Entretien d'un Philosophe avec la Marechale de...

© Copyright Abril S.A. Cultural e Industrial, São Paulo, 1979.

Traduções publicadas sob licença de Jacob Guinsburg
(*Diálogo de um Filósofo com a Marechala de...; Carta sobre os Cegos para Uso dos que Vêem*), Editora Cultrix Ltda., São Paulo
(*Diálogo entre D'Alembert e Diderot; O Sonho de D'Alembert; Continuação do Diálogo; Suplemento à Viagem de Bougainville; Paradoxo sobre o Comediante; Dos Autores e dos Críticos*).

Direitos exclusivos sobre a tradução *O Sobrinho de Rameau*
Abril S.A. Cultural e Industrial, São Paulo.



DIDEROT
(1713-1784)

VIDA e OBRA

Consultoria de Marilena de Souza Chauí



Os salões das grandes damas do século XVIII desempenharam papel fundamental na difusão das idéias do Iluminismo e por eles circularam os artigos da Enciclopédia. Na tela acima, de Lemonnier, vê-se D'Alembert lendo um desses artigos no salão da Sra. Geoffrin. (Museu de Belas Artes, Ruão.)

As obras de Voltaire, assim como as de Montesquieu e Rousseau, desempenharam um papel de primeiro plano na transformação social, política e intelectual do mundo europeu no século XVIII. Não menos importante foi a obra coletiva da qual esses filósofos participaram juntamente com D'Alembert (1717-1783), Quesnay (1694-1774), Turgot (1727-1781), Marmontel (1723-1799), Holbach (1723-1789) e outros: a *Enciclopédia* ou *Dicionário Razoado das Ciências, Artes e Ofícios*. Seu principal redator foi Denis Diderot, talvez a personagem mais revolucionária

entre todos os franceses da época.

Diderot nasceu na pequena cidade francesa de Langres, a 8 de outubro de 1713, filho de um cuteleiro chamado Didier e de Angélica, sua esposa. Desde cedo é orientado para o sacerdócio, em virtude de possuir, do lado materno, vários clérigos como parentes. Assim sendo, ingressa no colégio jesuíta da cidade natal, onde se revela brilhante aluno, sobretudo em latim e matemática. Com apenas treze anos de idade recebe a tonsura, veste a sotaina e é chamado senhor abade. Os parentes ficam muito contentes, pensando que ele estivesse disposto a seguir a carreira eclesiástica, mas logo se desiludem. Diderot quer apenas estudar e para isso dirige-se a Paris e ingressa no Colégio Louis, le Grand, onde Voltaire estudara anos antes. Aprofunda-se em lógica, física, moral, matemática e metafísica, disciplinas vestidas convenientemente, no ensino da época, em roupagem aristotélica e teológica. Em 1732 torna-se “maître des arts” pela Universidade de Paris e mostra-se possuidor de considerável erudição em grego, italiano e inglês, adquirida autodidaticamente.

As necessidades da vida prática, contudo, precisavam ser satisfeitas e a família opunha-se a sustentar um intelectual. Diderot torna-se então procurador, mas a profissão lhe é tão desagradável que a abandona depois de dois anos. Passa fome, pede dinheiro emprestado e não paga, dá algumas aulas de matemática e redige sermões para sobreviver. Em 1741, encontra Antoinette, atraente mulher de 31 anos de idade, filha de uma pequena comerciante de roupas feitas. Casa-se, apesar dos protestos do pai, que chega a solicitar sua prisão. Em 1744, nasce uma filha, Angélica, e os problemas de subsistência continuam a atormentá-lo. O abismo entre o casal é cada vez maior: Antoinette representa o prosaico, a ordem, a limpeza, a ignorância, enquanto

Diderot é boêmio, desordenado e inteligente.

Para piorar ainda mais a situação, Diderot arranja Uma amante, a Sra. de Puissieux, também atormentada por problemas econômicos.

Uma enciclopédia abala a França

A salvação veio sob a forma de um convite dos livreiros Briasson, Durand e David para que Diderot traduzisse do original inglês a *Cyclopédia* de Ephraim Chambers, publicada em 1728. Pagar-lhe-iam cem libras mensais. Diderot aceita e põe-se a trabalhar, projetando refazer a obra totalmente. Procura obter o apoio oficial do rei, mas consegue apenas a boa vontade do censor das publicações, desde que os artigos sobre religião, metafísica e filosofia fossem fiscalizados por um teólogo. Diderot convida D'Alembert para ocupar o cargo de co-diretor para os assuntos científicos e reúne a intelectualidade francesa na casa da Sra. Deffand, a fim de distribuir tarefas. Rousseau encarrega-se da parte de música, Dumarsais fica com a gramática, ao abade Mallet reserva-se a teologia. O próprio Diderot incumbe-se da história da filosofia, ofícios, artes técnicas e de tudo aquilo para o qual não achasse redator. Além disso, escreveria o *Prospecto*, ficando para D'Alembert o *Discurso Preliminar*.

Ao lado do trabalho da *Enciclopédia*, cuja história seria longa e cheia de vicissitudes, Diderot dedica-se a outras tarefas, em parte porque as cem libras pagas pelos editores não permitiam satisfazer os encargos com Antoinette e a Sra. Puissieux, mas sobretudo porque suas inquietações intelectuais e artísticas exigiam outros meios de expressão. Escreve e publica, em 1746, os *Pensamentos Filosóficos*, que lhe rendem cinquenta luíses e provocam sua condenação pelo Parlamento de Paris. O autor

sustenta, nessa obra, os direitos da razão e da crítica diante da fé e da revelação, e isso parecia altamente perigoso às autoridades. Mas Diderot está disposto a enfrentar os inimigos. Escreve *O Passeio do Cético* e é perseguido pela polícia, que acaba confiscando-lhe o manuscrito. Não se amedronta e redige a *Suficiência da Religião Natural* e *As Jóias Indiscretas*, obra que causa escândalo, mas vende bem. Tantas são as críticas, que desiste de imprimir a alegoria priápica *O Pássaro Branco, Conto Azul*. Entretanto isso de nada adianta e as perseguições sucedem-se, culminando pela prisão no castelo de Vincennes.

Só em agosto de 1749, cessa sua incomunicabilidade e Diderot passa a receber a esposa e os amigos. No mesmo ano publica a *Carta sobre os Cegos para Uso Daqueles que Vêem*, onde coloca um problema de especial interesse para a teoria empirista do conhecimento: pode um cego de nascença, que recupere a visão, perceber a tridimensionalidade do espaço? A *Carta* conclui por um ceticismo relativista, mas contém em germe o materialismo organicista posteriormente desenvolvido por Diderot e que constitui o traço distintivo e original de seu pensamento dentro da filosofia do século XVIII.

Enquanto isso não acontece, Diderot retoma a direção da *Enciclopédia* e redige seu *Prospecto*, em 1750, alguns meses depois de ter sido solto. No ano seguinte, é publicado o primeiro tomo, contendo o *Discurso Preliminar* de D'Alembert. Começa a perseguição à obra. O segundo tomo surge em 1752 e o Conselho de Estado o proíbe. Em 1753, a proibição é suspensa e publica-se o terceiro tomo, seguindo-se a programação normal até 1757, quando surge o sexto volume. Nesse ano a tranquilidade desaparece outra vez, logo após um atentado contra o Rei Luís XV. O governo adota medidas rigorosas contra todas as publicações

consideradas subversivas. Os redatores assustam-se com a repressão e abandonam a *Enciclopédia* aos poucos. Em 1759, proíbe-se que ela circule, sob as acusações de “destruir a religião e inspirar a independência dos povos”.

Diderot, contudo, não desiste e consegue do editor a promessa de que a obra continuaria a ser editada no estrangeiro. Nos anos seguintes, o trabalho estará totalmente nas mãos de Diderot e os últimos tomos serão entregues regularmente aos assinantes, até 1766. Nem tudo, entretanto, chegaria aos leitores na redação original do diretor, pois o impressor-chefe, Le Breton, assustado com as perseguições, alterou sub-repticiamente vários artigos mais controvertidos. Até hoje não se completou a recomposição dos textos originais.

Com a ajuda inclusive da famosa Madame Pompadour, amante de Luís XV, os 36 volumes da *Enciclopédia* acabaram de ser publicados em 1772. Apesar de todos os problemas, tinha chegado ao seu fim uma das mais importantes obras para a compreensão do pensamento do século XVIII e das transformações que culminaram com a Revolução Francesa. Nela encontram-se textos fundamentais de Diderot, D'Alembert, Rousseau, Voltaire, Turgot, Marmontel, Montesquieu, Quesnay e Holbach, sem contar mais de uma centena de outros autores menos conhecidos.

Filosofar é descrever

Apesar de tomar grande parte de seu tempo, a atividade de Diderot não se limita à *Enciclopédia*. Da mesma época, datam peças de teatro (*O Filho Natural* e *O Pai de Família*), novelas (*A Religiosa* e *O Sobrinho de Rameau*) e outros escritos como *Carta sobre os Surdos-Mudos*, *Pensamentos sobre a Interpretação da Natureza*, *Discurso sobre a Poesia Dramática* e os *Salões*. Em 1769

escreve *Diálogo entre D'Alembert e Diderot*, *O Sonho de D'Alembert*, e a *Continuação do Diálogo*. Na década seguinte, continua a extensa obra: *Suplemento à Viagem de Bougainville*, *Diálogo de um Filósofo com a Marechala*, *Ensaio sobre os Reinados de Cláudio e Nero*, *Lamentações sobre o meu Velho Chambre*, *Colóquios de um Pai com seus Filhos*, *Paradoxo sobre o Comediante*; *Jacques*, o *Fatalista* e *Elementos de Fisiologia*.

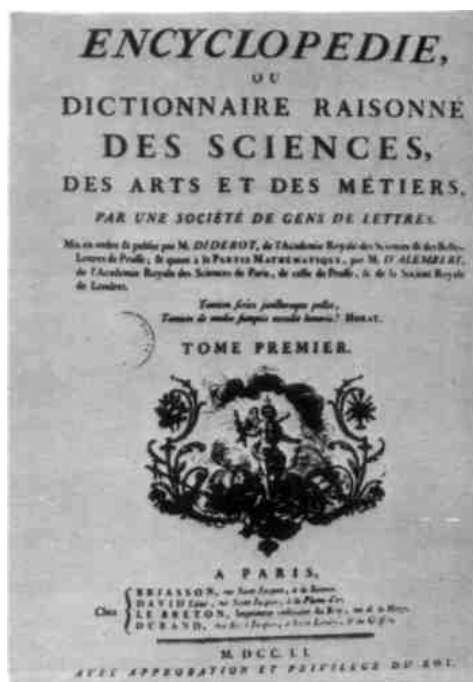
Além do trabalho na *Enciclopédia* e da redação desse extenso número de obras (e a lista não inclui tudo, tendo boa parte permanecido inédita até o século passado), Diderot viaja bastante e mantém muitas relações de amizade fora da França. Em 1772, passa pela Holanda e dirige-se para São Petersburgo, onde é muito bem recebido pela Imperatriz de Todas as Rússias, Catarina, a Grande. A imperatriz compra sua biblioteca (que só deveria ser entregue após sua morte) e o encarrega de redigir um programa para a organização das universidades russas e uma edição abreviada da *Enciclopédia*.

Quando Diderot regressa, em 1774, encontra bem mudada a atmosfera da França, com a ascensão de Luís XVI ao trono. Procura, então, viver mais tranqüilamente, refugiando-se no ambiente campestre. Corresponde-se com a última amante, Sophie Volland, e as cartas formam um conjunto extremamente interessante, do ponto de vista do pensamento de seu tempo.

A morte de Sophie, em 1784, abate-o profundamente. E, cinco meses depois, no dia 30 de julho, morre ao sofrer um ataque de apoplexia. Um dia antes, no apartamento que tinha sido colocado à sua disposição pela imperatriz Catarina, afirmara a um dos amigos que viera visitá-lo: “O primeiro passo para a filosofia é a incredulidade”.



Catarina II, a Grande (1729-1796), governou a Rússia de 1762 até sua morte. Discípula dos enciclopedistas, continuou a ocidentalização iniciada por Pedro, o Grande (1672-1725) e foi grande amiga de Diderot. Dele adquiriu toda a biblioteca e o encarregou de fazer uma edição especial da Enciclopédia. (Catarina II, tela de Erichsen Vigilius, Museu de Belas-Artes, Chartres.)



Madame Pompadour (tela de Quentin de La Tour, Louvre) auxiliou muito a publicação da Enciclopédia. (Frontispício do tomo I, editado em 1751, Biblioteca Nacional, Paris.)

O que é o mundo?

A frase de Diderot, contudo, não significa que ele tenha sido, dentro da história da filosofia, um representante das doutrinas céticas. Seu pensamento insere-se dentro das correntes materialistas resultantes do desenvolvimento das ciências naturais. Estas, por sua vez, têm suas origens nos fins da Idade Média, quando o homem europeu deixava de organizar-se exclusivamente em torno da idéia de Deus e voltava suas atenções para o mundo material.

Como consequência, renovou-se o interesse pelas teorias dos antigos atomistas gregos, Leucipo (séc. V a.C.), Demócrito (c. 460-370 a.C.) e Epicuro (c. 341-270 a.C), e formularam-se as doutrinas materialistas de Pierre Gassendi (1592-1655) e de Thomas Hobbes (1588-1679). Na época de Diderot o materialismo sistematizou-se nas obras de Julien Offroy de La Mettrie (1709-1751) e do Barão de Holbach (1723-1789). O primeiro publicou,

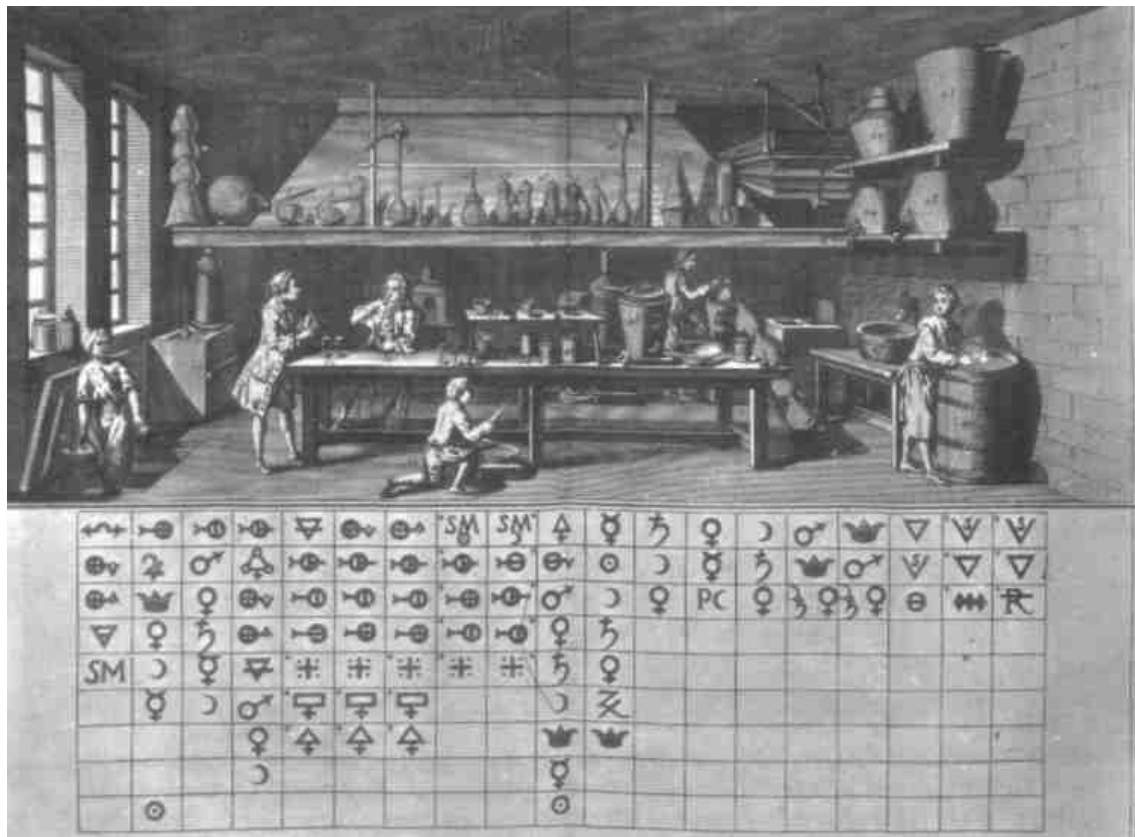
em 1742, *Uma História Natural da Alma* e seis anos depois, *O Homem Máquina*; do segundo é o *Sistema da Natureza*, surgido em 1770. Em todas essas obras encontra-se reafirmada — e desenvolvida com elementos científicos novos — a tese encontrada nos atomistas gregos, segundo a qual todos os fenômenos, incluindo-se os espirituais, dependem e são resultados de processos físicos. O modelo científico de Holbach e La Metrie é, assim, o encontrado na física newtoniana. Em outros termos, eles concebem toda a realidade (material e psíquica) como um conjunto de fenômenos de movimento puramente mecânico. O homem não é mais do que uma máquina.

Diderot teria colaborado na redação do *Sistema da Natureza* de Holbach. Desenvolve, no entanto, uma concepção materialista própria, que integra conceitos explicativos das ciências biológicas e se afasta da física. Era vários escritos seus encontra-se essa concepção, especialmente na ***Carta sobre os Cegos, Pensamentos sobre a Interpretação da Natureza e Sonho de D'Alembert***.

A principal idéia de Diderot é a da existência de uma organização na natureza, que a faz compor um verdadeiro sistema, isto é, um conjunto onde tudo está unido, constituindo uma cadeia contínua, desde as formas mais primitivas de organização da matéria até as mais complexas, nos domínios do humano.

Esse “sistema da natureza” estaria animado por um fluxo, tal como aquele concebido por Heráclito de Éfeso (séc. VI-V a.C.) na Antiguidade. O Universo é, assim, visto por Diderot como obediente às leis formuladas por Descartes para a matéria; é dinâmico e está em permanente transformação, em vez de estático e criado como um conjunto de coisas fixas, como concebia a

tradição aristotélica e escolástica cristã.



A Enciclopédia, dirigida por Diderot, não serviu apenas aos assuntos filosóficos, mas também para a difusão de novos conhecimentos científicos, como as notações químicas, feitas por Lavoisier, Dalton e Priestley, abandonando a alquimia antiga. Uma gravura da Enciclopédia representa um laboratório e uma tabela de elementos. (Bibl. Nacional Braidense, Milão.)

Diferentemente de Descartes, que supõe o movimento como algo ajuntado à matéria (cuja essência seria a extensão), Diderot espousa a tese de John Toland (1670?-1722) de que o movimento constitui a própria essência da matéria. Aproveita, assim, a teoria idealista de Leibniz sobre as mônadas e confere-lhe um significado positivo. Os corpos não seriam movimentados por forças exteriores, mas os próprios átomos conteriam forças internas, ou seja, uma espécie de energia cinética ou potencial, responsável maior pelas transformações de toda a natureza.



Os aristocratas da geração que precedeu a Revolução Francesa gostavam de se deliciar com os prazeres da mesa farta. (Acima, J. F. Troy: “O Almoço das Ostras”.) Os filósofos não ficavam atrás, como mostra a água-forte de Isuber, abaixo, onde se vêem Voltaire, o padre Adam, o abade Mauri, D’Alembert, Condorcet, Diderot e La Harpe. (Biblioteca Nacional, Paris.)



Todos os seres — afirma Diderot, aproximando-se de Heráclito — carregam dentro de si elementos de oposição, o ser e o não-ser são partes de todos os conjuntos. “Em vida” — escreve

Diderot —. “eu ajo e reajo como uma massa; morto, eu ajo e reajo sob a forma de moléculas. Nascimento, vida, decadência são apenas mudanças de forma.”

Dentro de tal concepção, é perfeitamente dispensável a postulação da existência de um criador ou qualquer ser sobrenatural para explicar os fenômenos materiais. Todas as transformações, desde o caos até a ordem, deveriam ser explicadas como interação de partículas materiais elementares. O que se percebe como ordem natural não seria mais que a apreensão das leis do movimento, tal como aparecem representadas pelos corpos materiais.

Diderot não interpreta a natureza como um sistema puramente físico (como os demais materialistas de sua época), mas como um sistema orgânico e biológico, dentro do qual é fundamental a hipótese de sensibilidade da matéria. Tanto a matéria inorgânica quanto a organizada, isto é, os seres vivos, são vistas como capazes de sensibilidade. Postulando o movimento e a sensibilidade como inerentes a toda matéria, Diderot supunha que se poderia explicar toda a cadeia de fenômenos naturais, tanto físicos quanto mentais. Tudo que a natureza contém seria produto de matéria em movimento, submetida a processos de fermentação produzidos pelo calor.

Em toda essa concepção geral do Universo está implícita uma teoria da evolução biológica. Diderot, ao contrário de seus contemporâneos, soube integrar em sua visão do mundo os primeiros resultados de estudos científicos que fundamentariam as teorias evolucionistas do século seguinte. Entre os diversos reinos da natureza, Diderot não vê abismos inexplicáveis. “Como D’Alembert distingue-se de uma vaca” — escreve Diderot — “eu não posso compreender inteiramente. Mas um dia a ciência

explicará.” Enquanto esse dia não chegava, tentou traçar a história do Universo desde o inconsciente até a vida espiritual.

Onde encontrar a justiça?

O materialismo organicista de Diderot fundamenta uma ética cujos princípios podem ser encontrados também no *Sonho de D'Alembert*. Nessa obra afirma que vontade e livre arbítrio são conceitos sem sentido, meras abstrações que só servem para obscurecer os fatos. A vontade no homem desperto, tanto quanto naquele que está sonhando, não seria mais do que o último impulso do desejo e da aversão. Em outros termos, seria o último resultado de tudo aquilo que o indivíduo experimentou desde o momento de seu nascimento. A vontade e o livre arbítrio seriam, portanto, rigorosamente determinados pelo sistema natural de que o homem faz parte.

Da mesma forma, as noções de justiça e injustiça seriam relativas e a conduta justa ou injusta, assim como os atos da vontade, teria como fundamento causas físicas. Para Diderot “é possível encontrar em nossas necessidades naturais, em nossa vida, em nossa existência, em nossa organização e em nossa sensibilidade, que nos expõe à dor, uma base eterna do justo e do injusto”. Sendo de natureza física os últimos motores da conduta humana, não existe, para Diderot, nenhuma solução de continuidade entre os seres inferiores e as ações morais. Conceber a conduta moral como negação das necessidades naturais mais profundas seria um erro.

Segundo Diderot, o erro tem um responsável: são as convenções sociais, que desnecessariamente restringem as bases biológicas da conduta humana. Um século antes de Freud, Diderot mostrou os perigos da repressão sexual, tema

desenvolvido no *Sonho de D'Alembert* e na novela *A Religiosa* Toda filosofia que “tende a manter o homem em uma espécie de embrutecimento e em uma mediocridade de prazeres e de felicidade” seria contrária à natureza e, portanto, absurda. O esplendor das ciências, das artes liberais e das artes mecânicas, em suma, o grau de desenvolvimento mental de uma nação, dependeria de uma legislação que favorecesse o desejo e a liberdade de fruir.

A civilização do país a que pertencia Diderot não favorecia os ideais de seu humanismo naturalista. Por isso ele construiu uma obra polêmica que minava as bases intelectuais da sociedade francesa do século XVIII. O caráter extremamente revolucionário de seus escritos fez com que uma grande parte tivesse sua publicação impedida e, dessa forma, somente as gerações seguintes começariam a tomar contato com toda a dimensão de seu gênio.

CRONOLOGIA

1713 — *Diderot nasce em Langres, a 5 de outubro.*

1726 — *Diderot recebe a tonsura.*

1728 — É publicada, na Inglaterra, a *Cyclopaedia* de Chambers.

1732 — *Diderot torna-se “maître des arts” pela Universidade de Paris.*

1741 — *Encontra Antoinette. Hume escreve os Ensaios Morais e Políticos.*

1742 — *Diderot inicia sua amizade com Rousseau.*

1743 — *Casa-se com Antoinette.*

1746 — *Diderot é convidado a traduzir a Cyclopaedia de Chambers.*

1747 — *Redige o Passeio do Cético, que será publicado em 1830.*

- 1748** — *Publica Jóias Indiscretas. Surge O Espírito das Leis* de Montesquieu.
- 1749** — *Diderot publica Carta sobre os Cegos. A 24 de julho é encarcerado.*
- 1750** — *O Prospecto da Enciclopédia é levado ao conhecimento do público.*
- 1751** — *Publicação do primeiro tomo da Enciclopédia.*
- 1752** — *Primeira condenação da Enciclopédia.*
- 1754** — *Diderot publica os Pensamentos sobre a Interpretação da Natureza. Surge o Discurso sobre a Origem da Desigualdade* de Jean-Jacques Rousseau.
- 1756** — *Nasce Mozart. Início da Guerra dos Sete Anos.*
- 1760** — *Diderot escreve A Religiosa.*
- 1762** — *Supressão da ordem dos jesuítas na França. O Emílio de Rousseau é condenado.*
- 1769** — *Diderot termina O Sonho de D'Alembert.*
- 1770** — *Nascimento de Beethoven.*
- 1773** — *Diderot escreve Jacques, o Fatalista. Viaja para a Rússia.*
- 1774** — *Deixa Petersburgo e retorna a Paris. Morte de Luís XV e ascensão de Luís XVI.*
- 1775** — *Início da guerra de independência americana.*
- 1776** — *Diderot publica o Colóquio de um Filósofo com a Marechala.*
- 1784** — *Falece em Paris.*

BIBLIOGRAFIA

- DIDEROT, DENIS: *Oeuvres Complètes*, Ed. J. Assezat e M. Tournieux, 20 vols., Paris, 1875-1877.
- WILSON, ARTHUR M.: *Diderot: the Testing Years (1713-1759)*, Nova York, 1957.
- CROCKER, LESTER G.: *Diderot, the Embattled Philosopher*, Ann

Arbor, Michigan, 1954.

FABRE, J.: *Deux Définitions du Philosophe: Voltaire et Diderot in Lumières et Romanticisme. Energie et Nostalgie de Rousseau à Mickiewicz*, Paris, 1963.

CASINI, P.: *Diderot "Philosophe"*, Bari, 1962.

MAUZI, R.: *L'Idée du Bonheur dans la Littérature et la Pensée Française au XVIII.^e Siècle*, Paris, 1960.

NIKLAUS, R.: *Le "Méchant" selon Diderot in Saggi e Ricerche di Letteratura Francese*, vol. II, Milão, 1961.

DIECKMANN, H.: *Cinq Leçons sur Diderot*, editado por J. Pommier, Genebra e Paris, 1959.

LEFÈBVRE, H.: *Diderot*, Paris, 1951.

GORDON, D. H. e TORREY, N. L.: *The Censoring of Diderot's Encyclopédie and the Re-established Text*, Nova York, 1947.

KEMPF, R.: *Diderot et le Roman, ou le Démon de la Présence*, Paris, 1964.

© Copyright mundial Abril S.A. Cultural e
Industrial, São Paulo, 1979.

CARTA SOBRE OS CEGOS PARA USO DOS QUE VÊEM*

Tradução de **J. Guinsburg**

* Obra que levou Diderot à prisão no castelo de Vincennes, em 1749. A causa da detenção estaria, segundo a Sra. Vandeul, filha do célebre “enciclopedista”, na reação de uma dama ofendida em suas pretensões científicas: a Sra. Dupré de Saint-Maur, ante as considerações de Diderot quanto ao nível filosófico das pessoas que deveriam assistir à eliminação das cataratas de um cego que vivia em casa do Sr. de Réaumur, teria promovido o interesse do magistrado da polícia, Sr. d’Argenson, pela pessoa do escritor. Entretanto, as causas de sua detenção, ao que tudo indica, são bem mais sérias e prendem-se à situação política e social da França de Luís XV. Pois trata-se de uma época em que pesadas cargas tributárias decorrentes de despesas bélicas, bem como o luxo da corte e as ostentações de Mme. Pompadour, provocam violentas murmurações populares, acompanhadas de sátiras e panfletos oriundos dos meios intelectuais. O governo replica com severa repressão, em cujo âmbito foi provavelmente enquadrado o autor de *Les Bijoux Indiscrets*, sendo a sua *Carta Sobre os Cegos*, que foi publicada anonimamente, incluída entre as obras que estariam exercendo efeitos deletérios, por seu chocante sensualismo epistemológico.

*Possunt, nec posse videntur.*¹
(Virgílio, *Eneida*, liv. 5, v. 231)

Eu suspeitava muito, senhora,² que o cego de nascença, a quem o Sr. de Réaumur³ acaba de operar a catarata, não nos ensinasse aquilo que querieis saber; mas estava longe de adivinhar que não seria nem culpa dele nem vossa. Solicitei o seu benfeitor por mim mesmo, por seus melhores amigos, pelos cumprimentos que lhe fiz; não conseguimos obter nada, e o primeiro aparelho⁴ será levantado sem vós. Pessoas da mais alta distinção tiveram a honra de partilhar esta recusa com os filósofos; em uma palavra, ele não quis deixar cair o véu a não ser diante de alguns olhos sem consequência. Se estais curiosa de saber por que esse hábil acadêmico fez tão secretamente experiências que não podem ter, segundo vós, um número demasiado grande de testemunhas esclarecidas, responder-vos-ei que as observações de um homem tão célebre necessitam menos de espectadores, quando se fazem, do que de ouvintes, quando estão feitas. Retornei, pois, senhora, a meu primeiro desígnio, e, forçado a privar-me de uma experiência em que não via quase nada a ganhar para a minha instrução, nem para vossa, mas de que o Sr. de Réaumur tirará sem dúvida melhor proveito, pus-me a filosofar com meus amigos sobre a importante matéria que constitui seu objeto. Como eu seria feliz, se o relato de um de nossos colóquios pudesse fazer-me as vezes, junto de vós, do espetáculo que eu demasiado levianamente vos havia prometido.

No próprio dia em que o prussiano⁵ efetuava a operação da catarata na filha de Simoneau, fomos interrogar o cego de nascença de Puisaux.⁶ é um homem que não carece de bom senso; que muitas pessoas conhecem; que sabe um pouco de química, e que acompanhou, com algum êxito, os cursos de botânica no Jardim do Rei. Nasceu de um pai que professou com aplauso a filosofia na Universidade de Paris. Desfrutava de uma fortuna honesta, com a qual teria facilmente satisfeito os sentidos que lhe restam; mas o gosto pelo prazer arrastou-o na mocidade: abusaram de seus pendores; seus assuntos domésticos atrapalharam-se, e ele se retirou para uma cidadezinha da província, de onde faz todos os anos uma viagem a Paris. Traz então licores que destila, e com os quais a gente fica muito contente. Eis, senhora, circunstâncias assaz pouco filosóficas; mas, por essa razão mesma, são elas mais próprias para vos levar a julgar que a personagem da qual vos falo não é absolutamente imaginária.

Chegamos à casa de nosso cego por volta das cinco horas da tarde, e encontramos-lo ocupado em fazer o filho ler com caracteres em relevo: não havia mais de uma hora que se levantara; pois deveis saber que o dia começa para ele quando termina para nós. Seu costume é dedicar-se a seus negócios domésticos, e trabalhar enquanto os outros descansam. À meia-noite, nada o perturba; e ele não constitui incômodo a ninguém. Seu primeiro cuidado é pôr no lugar tudo quanto foi posto fora do lugar durante o dia; e quando sua mulher acorda, encontra comumente a casa arrumada de novo. A dificuldade que os cegos têm em recuperar as coisas perdidas torna-os amigos da ordem; e eu me apercebi que os que deles se aproximam familiarmente partilham dessa qualidade, seja por efeito do bom exemplo que proporcionam, seja

por um sentimento de humanidade que alimentam para com eles. Como seriam infelizes os cegos sem as pequenas atenções dos que os rodeiam. Nós próprios, como seríamos de lastimar sem elas! Os grandes serviços são como grandes peças de ouro ou de prata que a gente raramente tem ocasião de empregar; mas as pequenas atenções são moeda corrente que se tem sempre à mão.

Nosso cego julga muito bem quanto às simetrias. A simetria, que é talvez um problema de pura convenção entre nós, é certamente assim, em muitos aspectos, entre um cego e os que vêem. À força de estudar pelo tato a disposição que exigimos entre as partes componentes de um todo, para chamá-lo belo, um cego consegue efetuar justa aplicação do termo. Mas quando diz: *isto é belo*, ele não julga; refere somente o julgamento dos que vêem: e que outra coisa fazem três quartos daqueles que decidem de uma peça de teatro, após ouvi-la, ou de um livro, após lê-lo? A beleza, para um cego, não é senão uma palavra, quando separada da utilidade; e, com um órgão a menos, quanta coisa há cuja utilidade lhe escapa! Os cegos não são realmente dignos de lástima por não considerarem belo senão o que é bom? Quanta coisa admirável perdida para eles! O único bem que os ressarce de semelhante perda é o de ter idéias do belo, na verdade menos extensas, porém mais nítidas que filosóficas clarividentes que dele trataram mui extensamente.

O nosso cego fala de espelho a todo momento. Acreditais realmente que ele não sabe o que significa a palavra espelho; entretanto, ele nunca colocará um espelho à contra-luz. Ele se exprime tão sensatamente como nós sobre as qualidades e os defeitos do órgão que lhe falta: se não liga qualquer idéia aos termos que emprega, leva, pelo menos sobre a maioria dos outros homens, a vantagem de jamais pronunciá-los fora de propósitos.

Discorre tão bem e de maneira tão justa acerca de tantas coisas que lhe são absolutamente desconhecidas que seu comércio tiraria muito da força a essa indução que todos nós fazemos, sem saber por quê, daquilo que se passa em nós para aquilo que se passa dentro dos outros.

Perguntei-lhe o que entendia por espelho: “Uma certa máquina, respondeu-me, que põe as coisas em relevo longe de si mesmas, se se encontram situadas convenientemente em relação a ela. É como a minha mão, que não preciso pousar ao lado de um objeto a fim de senti-la”. Descartes, cego de nascença, teria que, parece-me, felicitar-se com semelhante definição. Com efeito, considerai, eu vos peço, a finura com a qual foi mister combinar certas idéias para chegar a ela. Nosso cego só tem conhecimento dos objetos pelo tato. Sabe, pelo relato dos outros homens, que por meio da vista se conhecem os objetos, assim como eles lhe são conhecidos pelo tato; ao menos é a única noção que pode formar deles. Sabe, ademais, que não se pode ver o próprio rosto, conquanto se possa tocá-lo. A vista, deve ele concluir, é portanto uma espécie de tato que se estende apenas aos objetos diferentes de nosso rosto, e afastados de nós. Aliás, o tato lhe dá idéia apenas do relevo. Portanto, acrescenta, um espelho é uma máquina que nos põe em relevo fora de nós mesmos. Quantos filósofos renomados empregaram menos sutileza, para chegar a noções tão falsas! Mas quão surpreendente deve ser um espelho para o nosso cego? Como deve ter aumentado seu espanto quando lhe informamos que há dessas espécies máquinas que engrandecem os objetos; que outras há que, sem os duplicar, os deslocam, os aproximam, os afastam, os fazem perceptíveis, revelando as menores partes aos olhos dos naturalistas; que há algumas que os multiplicam milhares de vezes; que há algumas

enfim que os desfiguram totalmente? Ele nos formulou centenas de questões singulares sobre esses fenômenos. Perguntou-nos, por exemplo, se apenas os que se chamam naturalistas é que viam com o microscópio; e se os astrônomos eram os únicos que viam com o telescópio; se a máquina que aumenta os objetos era maior que aquela que os apequena; se aquela que os aproxima era mais curta que a máquina que os afasta; e não compreendo de modo algum como esse outro nós mesmos, que, segundo ele, o espelho repete em relevo, escapa ao sentido do tato: “Eis, dizia, dois sentidos que uma pequena máquina põe em contradição: outra máquina mais perfeita pô-los-ia talvez de acordo, sem que, por isso, os objetos fossem nela mais reais; talvez uma terceira mais perfeita ainda, e menos pífida, os faria desaparecer, e nos advertiria do erro”.



E o que são, em vosso parecer, os olhos?, disse-lhe o Sr. de... “São, respondeu-lhe o cego, um órgão sobre o qual o ar produz o efeito de minha bengala sobre minha mão.” Esta resposta nos fez cair das nuvens, e enquanto nos entreolhávamos com admiração. “Isso é tão certo, continuou, que, quando coloco minha mão entre vossos olhos e um objeto, minha mão vos está presente, porém o objeto vos está ausente. A mesma coisa me acontece, quando procuro uma coisa com minha

bengala e encontro uma outra.”

Senhora, abri a *Dióptrica* de Descartes, e vereis aí os fenômenos da vista referidos aos do tato, e as pranchas de óptica cheias de figuras de homens ocupados em ver com bengalas.⁷ Descartes, e todos os que vieram depois, não puderam nos dar idéias mais nítidas da visão; e esse grande filósofo não teve a respeito disto mais vantagem sobre nosso cego do que as pessoas que têm olhos.

Nenhum de nós lembrou-se de interrogá-lo acerca da pintura e da escrita: mas é evidente que não há questões às quais sua comparação não pudesse satisfazer; e não duvido de maneira nenhuma que ele não nos dissesse que tentar ler ou ver sem ter olhos era procurar um alfinete com uma grande bengala. Nós lhe falamos somente dessas espécies de perspectivas, que dão relevo aos objetos, e que têm com nossos espelhos tanta analogia e tanta diferença, ao mesmo tempo; e nós nos apercebemos que elas prejudicavam tanto quanto concorriam à idéia que formara de um espelho e que estava tentado a crer que, pintando o espelho ou objetos, o pintor, para representá-los, pintava quicá um espelho.

Nós o vimos enfiar linha em agulhas muito miúdas. Poder-se-ia, senhora, pedir-vos para suspender aqui vossa leitura e procurar saber como havíeis de vos arranjar em seu lugar? No caso de não encontrardes expediente nenhum vou contar-vos o de nosso cego. Ele dispõe a abertura da agulha transversalmente entre os lábios e na mesma direção que a da boca; depois, com ajuda da língua e da sucção, atrai o fio que lhe segue o alento, a menos que seja grosso demais para a abertura mas, neste caso, quem vê não fica menos atrapalhado do que aquele que está privado da vista.

Ele tem memória dos sons em grau surpreendente; e os

rostos não nos oferecem diversidade maior do que a que ele observa nas vozes. Elas têm para ele uma infinidade de matizes delicados que nos escapam, porque não temos, ao observá-las, o mesmo interesse que o cego. De todos os homens que vimos, aquele de quem menos nos lembrariamos é nós mesmos. Estudamos os rostos apenas para reconhecer as pessoas; e se não retemos o nosso, é que nunca estaremos expostos a nos tomar por um outro, nem um outro por nós. Aliás, o auxílio que nossos sentidos se prestam mutuamente os impede de aperfeiçoar-se. Esta não será a única ocasião em que terei de fazer este reparo.

Nosso cego nos disse, a este respeito, que se acharia digno de muita lástima por estar privado das mesmas vantagens que nós, e que ficaria tentado a nos olhar como inteligências superiores, se não houvesse verificado centenas de vezes o quanto lhe éramos inferiores em outros aspectos. Tal reflexão nos levou a fazer outra. Este cego, dissemos nós, se estima tanto e mais talvez do que nós que enxergamos: por que então, se o animal raciocina, como é quase indubitável, pesando suas vantagens sobre o homem, que lhe são melhor conhecidas que as do homem sobre ele. não pronunciaria semelhante julgamento? Ele tem braços, diz talvez o mosquito, mas eu tenho asas. Se ele tem armas, diz o leão, não temos nós unhas? O elefante vos verá como insetos: e todos os animais, concedendo-nos de bom grado uma razão pela qual teríamos grande necessidade de seu instinto, pretender-se-ão dotados de um instinto pelo qual dispensam muito bem nossa razão. Temos tão violento pendor a encarecer nossas qualidades e diminuir nossos defeitos, que pareceria quase caber ao homem efetuar o tratado da força, e ao animal, o da razão.

Um de nós lembrou-se de indagar ao nosso cego se ficaria contente em ter olhos: “Se a curiosidade não me dominasse, disse

ele, eu preferiria muito mais ter longos braços: parece-me que minhas mãos me instruíam melhor do que se passa na lua do que vossos olhos ou vossos telescópios; além disso, os olhos cessam de ver mais do que as mãos de tocar. Valeria pois muito mais que me fosse aperfeiçoado o órgão que possuo do que me conceder o que me falta”.

O nosso cego se dirige pelo ruído e pela voz tão seguramente que não duvido que um tal exercício tornasse os cegos muito destros e muito perigosos. Vou contar-vos a propósito um episódio que vos persuadirá de como seria errôneo esperar uma pedrada, ou expor-se a um tiro de pistola por ele desfechado, por pouco habituado que estivesse a servir-se dessa arma. Ele teve na juventude uma querela com um de seus irmãos, que se desgostou muito com ele. Impacientado com as palavras desagradáveis que teve de suportar de parte do outro, agarrou o primeiro objeto que lhe caiu debaixo da mão, lançou-o contra ele, atingiu-o no meio da testa, e o estendeu por terra.

Esta aventura e algumas outras levaram-no a ser chamado pela polícia. Os signos externos do poder que nos afetam tão vivamente não enganam de modo algum os cegos. O nosso compareceu perante o magistrado como perante seu semelhante. As ameaças não o intimidaram. “O que me fareis?, disse ao Sr. Hérault.⁸ — Eu vos jogarei numa enxovia, respondeu lhe o magistrado. — Oh!, senhor, replicou-lhe o cego, há vinte e cinco anos que já estou nela.” Que resposta, senhora!, e que texto para um homem que gosta tanto de moralizar como eu! Nós saímos da vida como de um espetáculo encantador; o cego sai dela como de uma masmorra: se nós temos em viver mais prazer do que ele, convinde que ele tem muito menos pesar em morrer.

O cego de Puisaux avalia a proximidade do fogo pelos graus

de calor; a plenitude dos vasos, pelo rumor que fazem ao cair os líquidos que transvasa; e a vizinhança dos corpos, pela ação do ar sobre o seu rosto. É tão sensível às menores vicissitudes que sucedem na atmosfera que pode distinguir uma rua de uma betesga. Aprecia com perfeição os pesos dos corpos e a capacidade dos vasos; e converteu os braços em balanças tão justas, e os dedos em compassos tão experimentados, que, nas ocasiões em que essa espécie de estática se realiza, eu apostaria por nosso cego contra vinte pessoas que enxergam. O polido dos corpos quase não oferece menos matizes ao nosso cego do que o som da voz, e ele não precisaria ter medo de tomar sua mulher por outra, a menos que ganhasse na troca. Tudo indica entretanto que as mulheres seriam comuns, em um povo de cegos, ou que suas leis contra o adultério seriam muito rigorosas. Seria tão fácil às mulheres enganar os maridos, convencionando um sinal com seus amantes!

Ele julga da beleza pelo tato; isto se compreende: mas o que não é fácil perceber é que faça entrar nesse juízo a pronúnciação e o som de voz. Compete aos anatomistas ensinar-nos se há alguma relação entre as partes da boca e do palato, e a forma exterior do rosto. Faz pequenos trabalhos no torno e na agulha; nivela a esquadro; monta e desmonta máquinas ordinárias; sabe bastante música para executar um trecho cujas notas e seus valores se lhe diz. Avalia com muito maior precisão do que nós a duração do tempo, pela sucessão das ações e dos pensamentos. A beleza da pele, o bom aspecto, a firmeza da carne, as vantagens da conformação, a doçura do hálito, os encantos da voz e os da pronúncia são qualidades das quais faz mais caso nos outros.

Casou-se para possuir olhos que lhe pertencessem. Antes, alimentara o intento de associar-se a um surdo que lhe

emprestasse olhos, e ao qual daria, em troca, orelhas. Nada me espantou tanto como sua singular aptidão para um grande número de coisas; e quando lhe manifestamos nossa surpresa: “Percebo bem, senhores, nos disse ele, que não sois cegos: estais surpresos com o que faço; e por que não vos espantais também pelo fato de que falo?” Há, creio, mais filosofia nessa resposta do que ele próprio pretendia inserir-lhe. E uma coisa assaz surpreendente a facilidade com que se aprende a falar. Nós não chegamos a ligar uma idéia a uma porção de termos que não podem ser representados por objetos sensíveis, e que, por assim dizer, não possuem corpo, a não ser por uma série de combinações sutis e profundas das analogias que notamos entre esses objetos não sensíveis e as idéias que eles excitam; e cumpre confessar conseqüentemente que um cego de nascença deve aprender a falar mais dificilmente do que um outro, porquanto, sendo muito maior para ele o número de objetos não sensíveis, dispõe de muito menos campo do que nós para comparar e combinar. Como se há de querer, por exemplo, que a palavra fisionomia se fixe em sua memória. E uma espécie de agrado que consiste em objetos tão pouco sensíveis para um cego que, se não o fossem suficientemente para nós que vemos, ficaríamos muito atrapalhados para dizer com precisão o que é ter fisionomia. Se é principalmente nos olhos que ela reside, o tato nada pode fazer no caso; além disso, o que são para um cego olhos mortos, olhos vivos, do espírito, etc.

Concluo daí que tiramos sem dúvida do concurso de nossos sentidos e de nossos órgãos grandes serviços. Mas seria de todo diferente ainda se nós os exercêssemos separadamente, e se nunca empregássemos dois nas ocasiões em que o auxílio de um só nos bastaria. Juntar o tato à vista, quando os olhos são

suficientes, é atrelar a dois cavalos, que já são muito vivos, um terceiro na dianteira, o qual puxa de um lado, enquanto os outros puxam do outro.

Como jamais duvidei de que o estado de nossos órgãos e de nossos sentidos tem muita influência sobre nossa metafísica e sobre nossa moral, e que nossas idéias mais puramente intelectuais, se posso assim exprimir-me, dependem muito de perto da conformação de nosso corpo, comecei a questionar o nosso cego acerca dos vícios e das virtudes. Percebi primeiro que sentia prodigiosa aversão ao roubo; esta nascia nele de duas causas: da facilidade que havia em roubá-lo sem que ele o percebesse; e mais ainda, talvez, da que havia em percebê-lo quando ele roubava. Não é que não saiba muito bem ficar em guarda contra o sentido que ele reconhece termos a mais do que ele, e que ignore a maneira de esconder bem um roubo. Não faz grande caso do pudor: sem as injúrias do ar, de que as vestimentas o protegem, quase não compreenderia o uso destas; e confessa francamente que não chega a adivinhar por que se cobre mais uma parte do corpo do que outra, e menos ainda por qual extravagância se dá entre essas partes a preferência a algumas determinadas, que o uso e as indisposições a que se acham sujeitas exigiriam que se mantivessem livres. Conquanto estejamos em um século em que o espírito filosófico nos desembaraçou de grande número de preconceitos, não creio que venhamos um dia desconhecer as prerrogativas do pudor tão perfeitamente como nosso cego. Diógenes não seria para ele de modo algum um filósofo.

Como de todas as demonstrações externas que despertam em nós a comiseração e as idéias da dor, os cegos são afetados apenas pela queixa, eu os suspeito, em geral, de desumanidade.

Que diferença existe, para um cego, entre um homem que urina e um homem que, sem se queixar, derrama seu sangue? Nós mesmos não cessamos de condoer-nos quando a distância, ou a pequenez dos objetos, produz o mesmo efeito em nós que a privação da vista nos cegos? Tanto nossas virtudes dependem de nossa maneira de sentir e do grau com o qual as coisas externas nos afetam! Por isso não duvido que, sem o temor do castigo, muita gente teria menos dificuldade em matar um homem a uma distância em que o vissem grande como uma andorinha, do que em abater um boi com as próprias mãos. Se sentimos compaixão por um cavalo que sofre, e se esmagamos uma formiga sem qualquer escrúpulo, não é o mesmo princípio que nos determina? Ah, senhora!, como a moral dos cegos é diferente da nossa!, como a de um surdo diferiria ainda da de um cego!, e como um ser que contasse um sentido a mais que nós acharia nossa moral imperfeita, para não dizer coisa pior!

Nossa metafísica não combina melhor com a deles. Quantos princípios existem para eles, que não passam de absurdos para nós, e reciprocamente! Eu poderia entrar a respeito num pormenor que vos divertiria sem dúvida, mas que certas pessoas, que enxergam crime em tudo, não deixariam de acusar de irreligião; como se dependesse de mim levar os cegos a perceber as coisas de modo diferente do que as percebem. Contentar-me-ei em observar algo com que, creio eu, todo mundo deve convir: é que esse grande raciocínio, que da natureza se tiram maravilhas, é muito fraco para cegos. A facilidade que temos de criar, por assim dizer, novos objetos por meio de um pequeno espelho para eles é algo mais incompreensível que os astros que estão condenados a jamais ver. Esse globo luminoso que avança do oriente ao ocidente os espanta menos do que um foguinho que eles têm a comodidade

de aumentar ou diminuir: como vêem a matéria de maneira muito mais abstrata do que nós, encontram-se menos distantes de crer que ela pensa.

Se um homem que só enxergou durante um dia ou dois se visse confundido entre um povo de cegos, deveria tomar o alvitre de calar-se, ou de passar por louco. Anunciar-lhe-ia todos os dias algum novo mistério, que seria mistério apenas para eles, e no qual os espíritos fortes poderiam de bom grado não crer. Os defensores da religião não poderiam tirar grande proveito de uma incredulidade tão obstinada, tão justa mesmo, em certos aspectos, e entretanto tão pouco fundada? Se vos prestardes por um instante a tal suposição, ela vos lembrará, sob traços supostos, a história e as perseguições dos que tiveram a desgraça de encontrar a verdade em séculos de trevas, e a imprudência de revelá-la aos cegos contemporâneos, entre os quais não deparavam inimigos mais cruéis do que aqueles que, por sua condição e sua educação, pareciam dever estar menos afastados de seus sentimentos.

Deixo portanto a moral e a metafísica dos cegos, e passo a coisas que são menos importantes, mas que se prendem mais de perto ao alvo das observações que se efetuam aqui, de todas as partes, desde a chegada do prussiano. Primeira questão. Como é que um cego de nascença forma idéias das figuras? Creio que os movimentos de seu corpo, a existência sucessiva de sua mão em vários lugares, a sensação não interrompida de um corpo que passa entre seus dedos, fornecem-lhe a noção de direção. Se ele os desliza ao longo de um fio bem esticado, adquire a idéia de uma linha reta; se segue a curva de um fio frouxo, adquire a de uma linha curva. Mais geralmente, ele tem, por experiências reiteradas do tato, a memória de sensações experimentadas em diferentes

pontos: depende dele combinar essas sensações ou pontos, e formar com elas figuras. Uma linha reta, para um cego que não é geômetra, não é mais que a memória de uma série de sensações do tato, situadas na direção de um fio tenso; uma linha curva, a memória de uma série de sensações do tato referidas à superfície de algum corpo sólido, côncavo ou convexo. O estudo retifica no geômetra a noção dessas linhas pelas propriedades que lhes descobre. Mas, geômetra ou não, o cego de nascença refere tudo à extremidade dos dedos. Nós combinamos pontos coloridos; ele, de seu lado, combina apenas pontos palpáveis ou, para falar mais exatamente, apenas sensações do tato de que tem memória. Não se passa nada em sua cabeça que seja análogo ao que se passa na nossa: ele não imagina; pois, para imaginar, é preciso colorir um fundo e destacar este fundo dos pontos, atribuindo-se-lhes uma cor diferente da do fundo. Restituí esses pontos a mesma cor que ao fundo, no mesmo instante eles se confundem com este, e a figura desaparece; pelo menos, é assim que as coisas se executam em minhas imaginações, e presumo que os outros não imaginam de modo diferente do meu. Quando, pois, eu me proponho a perceber em minha cabeça uma linha reta, de outra maneira que não por suas propriedades, começo por atapetá-la por dentro de um tecido branco, do qual saliento uma série de pontos negros dispostos na mesma direção. Quanto mais vivas as cores do fundo e dos pontos mais distintamente percebo os pontos, e, no caso de uma figura de uma cor muito vizinha da do fundo, não me fatiga menos considerá-la na minha imaginação do que fora de mim, e sobre um tecido.

Vedes portanto, senhora, que se poderia dar leis para imaginar facilmente ao mesmo tempo vários objetos diversamente coloridos; mas que estas leis não seriam certamente para o uso de

um cego de nascença. O cego de nascença, não podendo colorir, nem por conseguinte figurar como nós o entendemos, só tem memória de sensações apreendidas pelo tato, que ele refere a diferentes pontos, lugares ou distâncias, e com os quais compõe figuras. É tão constante o fato de que ninguém configura na imaginação sem colorir que, se nos dessem a tocar nas trevas pequenos glóbulos cuja matéria e cor não conhecêssemos, suporíamos de pontos brancos ou pretos, ou de qualquer outra cor; ou que, se não lhe atribuíssemos nenhuma cor, teríamos, assim como o cego de nascença, apenas a memória de pequenas sensações excitadas na extremidade dos dedos, e tais como pequenos corpos redondos podem ocasioná-los. Se esta memória é muito fugaz em nós; se não temos quase idéia da maneira pela qual um cego de nascença fixa, lembra e combina as sensações do tato, trata-se de uma conseqüência do hábito que adotamos através dos olhos, de tudo executar em nossa imaginação com as cores. Aconteceu-me entretanto a mim mesmo, nas agitações de uma paixão violenta, experimentar um frêmito em toda uma mão; de sentir a impressão de corpos que eu tocara havia muito tempo despertar nela tão vivamente como se ainda estivessem presentes a meu contato, e me aperceber muito distintamente que os limites da sensação coincidiam precisamente com os desses corpos ausentes. Conquanto a sensação seja indivisível por si mesma, ela ocupa, se se pode utilizar o termo, um espaço extenso ao qual o cego de nascença tem a faculdade de acrescentar ou de diminuir pelo pensamento, aumentando ou diminuindo a parte afetada. Ele compõe, por esse meio, pontos, superfícies, sólidos; obterá mesmo um sólido grande como o globo terrestre, se supõe a ponta de seu dedo grande como o globo, e ocupado pela sensação em comprimento, largura e profundidade.

Não conheço nada que demonstre tão bem a realidade do sentido interno quanto esta faculdade fraca em nós, porém forte nos cegos de nascença — de sentir ou de recordar a sensação dos corpos, mesmo quando eles se acham ausentes e não mais atuam por si. Não podemos explicar a um cego de nascença a maneira pela qual a imaginação nos pinta os objetos ausentes como se estivessem presentes; mas podemos muito bem reconhecer em nós a faculdade de sentir na extremidade de um dedo um corpo que não está mais aí, tal como ela existe no cego de nascença. Para esse efeito, apertai o índice contra o polegar; fechai os olhos; separai vossos dedos; examinai imediatamente após a separação o que se passa em vós, e dizei-me se a sensação não perdura muito tempo depois que a compressão cessou; se, enquanto a compressão perdura, vossa alma parece estar mais em vossa cabeça do que na extremidade de vossos dedos; e se essa compressão não vos dá a noção de uma superfície, pelo espaço que a sensação ocupa. Nós não distinguimos a presença de seres fora de nós, de sua representação em nossa imaginação, a não ser pela força e pela fraqueza da impressão: similarmente, o cego de nascença não discerne a sensação da presença real de um objeto na extremidade de seu dedo, a não ser pela força ou pela fraqueza da própria sensação.

Se alguma vez um filósofo cego e surdo de nascença fizer um homem à imitação do de Descartes, ouse assegurar-vos, senhora, que colocará a alma na ponta dos dedos; pois é dali que lhe vêm as principais sensações, e todos os conhecimentos. E quem o advertiria de que a cabeça deste é a sede de seus pensamentos? Se os trabalhos da imaginação esgotam a nossa, é que o esforço que envidamos para imaginar é assaz semelhante ao que envidamos para perceber objetos muito próximos ou muito

pequenos. Mas não sucederá o mesmo com o cego e surdo de nascença; as sensações que houver apreendido pelo tato serão, por assim dizer, o molde de todas as suas idéias; e eu não ficaria surpreso se, após uma profunda meditação, sentisse os dedos tão fatigados como nós sentimos a cabeça. Eu não temeria de modo algum que um filósofo lhe objetasse que os nervos são as causas de nossas sensações, e que todos eles partem do cérebro: ainda que as duas proposições estivessem tão demonstradas quanto estão pouco, sobretudo a primeira, bastar-lhe-ia fazer com que lhe explicassem tudo quanto os físicos sonharam a respeito, para persistir em seu sentimento.

Mas se a imaginação de um cego não é mais do que a faculdade de recordar e combinar sensações de pontos palpáveis, e a de um homem que vê, a faculdade de recordar e combinar pontos visíveis ou coloridos, segue-se que o cego de nascença percebe as coisas de uma forma muito mais abstrata que nós; e que, nas questões de pura especulação, está talvez menos sujeito a enganar-se; pois a abstração consiste apenas em separar pelo pensamento as qualidades sensíveis dos corpos, ou uma das outras, ou do corpo mesmo que lhes serve de base; e o erro nasce da separação malfeita, ou feita fora de propósito: malfeita, nas questões metafísicas; e feita fora de propósito, nas questões físico-matemáticas. Um meio quase seguro de enganar-se em metafísica é não simplificar bastante os objetos de que nos ocupamos; e um segredo infalível para chegar em físico-matemática a resultados defeituosos é supô-los menos compostos do que o são.

Há uma espécie de abstração de que tão poucos homens são capazes que parece reservada às inteligências puras; é aquela pela qual tudo se reduziria a unidades numéricas. Deve-se convir que os resultados dessa geometria seriam muito exatos, e suas

fórmulas muito gerais; pois não há objetos, seja na natureza, seja no possível, que estas unidades simples não possam representar pontos, linhas, superfícies, sólidos, pensamentos, idéias, sensações e... se, porventura, fosse o fundamento da doutrina de Pitágoras, poder-se-ia dizer a seu respeito que ele malogrou em seu projeto, porque tal maneira de filosofar está muito acima de nós, e muito próxima da do Ser Supremo, que, segundo a engenhosa expressão de um geômetra inglês,⁹ *geometriza* perpetuamente no universo.

A unidade pura e simples é um símbolo demasiado vago e demasiado geral para nós. Nossos sentidos nos reconduzem a signos mais análogos à extensão de nosso espírito e à conformação de nossos órgãos. Fizemos mesmo as coisas de maneira que esses signos pudessem ser comuns entre nós, e que servissem, por assim dizer, de entreposto ao comércio mútuo de nossas idéias. Instituímos alguns para os olhos, são os caracteres; para o ouvido, são os sons articulados; mas não possuímos nenhum deles para o tato, embora haja maneira peculiar de falar a esse sentido, e de obter dele respostas. A falta desta língua, a comunicação fica inteiramente rompida entre nós e os que nascem surdos, cegos e mudos. Eles crescem; mas permanecem em estado de imbecilidade. Talvez adquirissem idéias, se nos fizéssemos entender por eles desde a infância, de maneira fixa, determinada, constante e uniforme, em suma, se traçássemos sobre a mão deles os mesmos caracteres que traçamos sobre o papel, e se a mesma significação lhes permanecesse invariavelmente vinculada.¹⁰

Esta linguagem, senhora, não vos parece tão cômoda quanto uma outra? Não é do mesmo modo toda inventada? E ousaríeis assegurar-nos que nunca vos foi dado algo a entender dessa maneira? Não se trata portanto senão de fixá-la e compor-lhe uma

gramática e dicionários, se se acha que a expressão, pelos caracteres ordinários da escrita, é lenta demais para este sentido.

Os conhecimentos têm três portas para entrar em nossa alma, e nós mantemos uma trancada por falta de sinais. Se se houvesse negligenciado as duas outras, estaríamos reduzidos à condição dos animais. Do mesmo modo que só dispomos do apertar para nos fazer entender pelo sentido do tato, teríamos apenas o gritar para falar ao ouvido. Senhora, é preciso carecer de um sentido a fim de conhecer as vantagens dos símbolos destinados aos que restam; e pessoas que tivessem a desgraça de ser surdas, cegas e mudas, ou que viessem a perder esses três sentidos por qualquer acidente, ficariam muito encantadas se existisse uma língua nítida e precisa para o tato.

É bem melhor usar símbolos totalmente inventados do que ser seu inventor, como se é forçado a fazer quando se é tomado de imprevisto. Que vantagem não teria sido para Saunderson¹¹ encontrar uma aritmética palpável totalmente pronta na idade de cinco anos, em vez de precisar imaginá-la na idade de vinte e cinco! Este Saunderson, senhora, é outro cego sobre o qual não será fora de propósito conversar convosco. Contam-se a seu respeito prodígios; e não há nenhum que seus progressos nas belas-letras, e sua habilidade nas ciências matemáticas, não possam tornar crível.

A mesma máquina lhe servia para os cálculos algébricos e para a descrição das figuras retilíneas. Não ficaríeis enfadada se vos fizessem a explicação dela, desde que estivésseis em condição de entendê-la; e ides verificar que ela não supõe qualquer conhecimento que não tenhais, e que vos seria muito útil, se vos der jamais a vontade de efetuar longos cálculos às cegas.

Imaginaí um quadrado, tal como o vedes nas figs. 1 e 2,

dividido em quatro partes iguais por meio das linhas perpendiculares aos lados, de modo que ele vos ofereça os nove pontos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9. Supondo esse quadrado perfurado por nove orifícios capazes de receber alfinetes de duas espécies, todos do mesmo comprimento e da mesma grossura, mas uns com a cabeça um pouco mais grossa do que outros.

Os alfinetes de cabeça grande situam-se sempre no centro do quadrado; os de cabeça pequena, sempre nos lados, exceto em um único caso, o do zero. O zero é assinalado por um alfinete de cabeça grande, colocado no centro do pequeno quadrado, sem que haja qualquer outro alfinete nos lados. O algarismo 1 é representado por um alfinete de cabeça pequena, colocado no centro do quadrado, sem que haja qualquer outro alfinete nos lados. O algarismo 2, por um alfinete de cabeça grande, situado no centro do quadrado, e por um alfinete de cabeça pequena, situado em um dos lados do ponto 1. O algarismo 3, por um alfinete de cabeça grande, situado no centro do quadrado, e por um alfinete de cabeça pequena, situado num dos lados do ponto 2. O algarismo 4, por um alfinete de cabeça grande, situado no centro do quadrado, e por um alfinete de cabeça pequena, situado no centro do quadrado, e por um alfinete de cabeça pequena, situado num dos lados do ponto 3. O algarismo 5, por um alfinete de cabeça grande, situado no centro do quadrado, e por um alfinete de cabeça pequena, colocado em um dos lados do ponto 4. O algarismo 6, por um alfinete de cabeça grande, situado no centro do quadrado, e por um alfinete de cabeça pequena, situado num dos lados do ponto 5. O algarismo 7, por um alfinete de cabeça grande, colocado no centro do quadrado, e por um alfinete de cabeça pequena, colocado num dos lados do ponto 6. O algarismo 8, por um alfinete de cabeça grande, colocado no centro

do quadrado, e por um alfinete de cabeça pequena, colocado num dos lados do ponto 7. O algarismo 9, por um alfinete de cabeça grande, colocado no centro do quadrado, e por um alfinete de cabeça pequena, colocado num dos lados do quadrado do ponto 8.

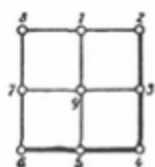


Fig. 1

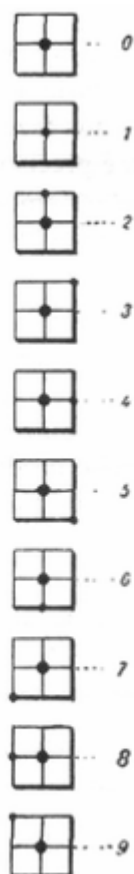


Fig. 2

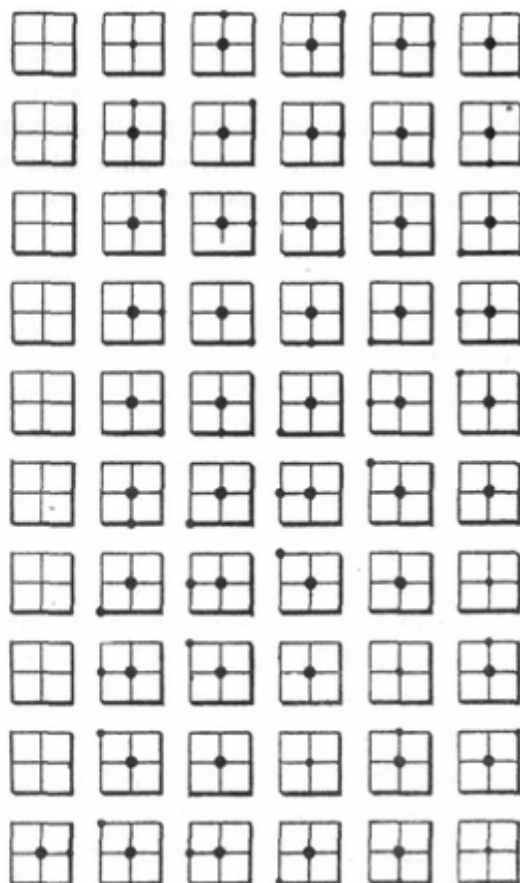


Fig. 3

Eis de fato dez expressões diferentes para o tato, cada uma das quais corresponde a um de nossos dez caracteres aritméticos. Imaginai agora uma tabela tão grande quanto quiserdes, dividida em pequenos quadrados dispostos horizontalmente, e separados uns dos outros pela mesma distância, tal como vedes na fig. 3, e tereis a máquina de Saunderson.

Concebeis facilmente que não há número que não se possa escrever nessa tabela, e por conseguinte nenhuma operação

aritmética que nela não se possa executar.

Seja proposto, por exemplo, encontrar a soma, ou efetuar a adição dos nove seguintes números:

1	2	3	4	5
2	3	4	5	6
3	4	5	6	7
4	5	6	7	8
5	6	7	8	9
6	7	8	9	0
7	8	9	0	1
8	9	0	1	2
9	0	1	2	3
0	1	2	3	4

Eu os escrevo na tabela, à medida que me são nomeados; o primeiro algarismo, à esquerda do primeiro número, no primeiro quadrado à esquerda da primeira linha; o segundo algarismo, à esquerda do primeiro número, no segundo quadrado à esquerda da mesma linha. E assim sucessivamente.

Disponho o segundo número na segunda linha de quadrados; as unidades debaixo das unidades; as dezenas debaixo das dezenas, etc.

Disponho o terceiro número na terceira linha de quadrados, e assim por diante, como vedes na fig. 3. Depois, percorrendo com os dedos cada linha vertical de baixo para cima, começando por aquela que está mais à minha esquerda, efetuo a adição dos números aí expressos; e escrevo o excedente das dezenas embaixo desta coluna. Passo à segunda coluna avançando para a esquerda, na qual opero da mesma maneira; daí à terceira, e termino assim sucessivamente minha adição.

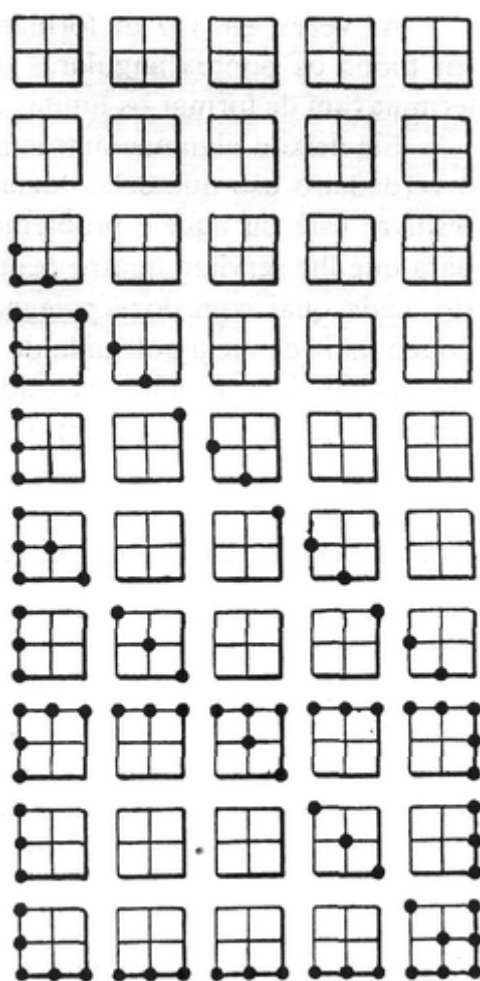


Fig. 4

Eis como a mesma tabela lhe servia para demonstrar as propriedades das figuras retilíneas. Suponhamos que precisasse demonstrar que os paralelogramos, com a mesma base e a mesma altura, são iguais em superfície: ele dispunha seus alfinetes como vedes na fig. 4. Atribuía nomes aos vértices e concluía a demonstração com os dedos.

Supondo que Saunderson empregasse apenas alfinetes de cabeça grande, para designar os limites das figuras; poderia dispor em torno delas alfinetes de cabeça pequena de nove modos diferentes, dos quais todos lhe eram familiares.

Assim, quase não ficava atrapalhado, a não ser nos casos em que o grande número de vértices que era obrigado a nomear em sua demonstração o forçava a recorrer às letras do alfabeto. Não estamos informados como ele as empregava.

Sabemos apenas que percorria sua tabela com uma assombrosa agilidade de dedos; que se empenhava com êxito nos cálculos mais longos; que podia interrompê-los, e reconhecer quando se enganava; que os verificava com facilidade; e que este trabalho não lhe requeria, bem longe disso, tanto tempo como se poderia imaginar, pela facilidade que tinha em preparar a tabela.

Tal preparação consistia em colocar alfinetes de cabeça

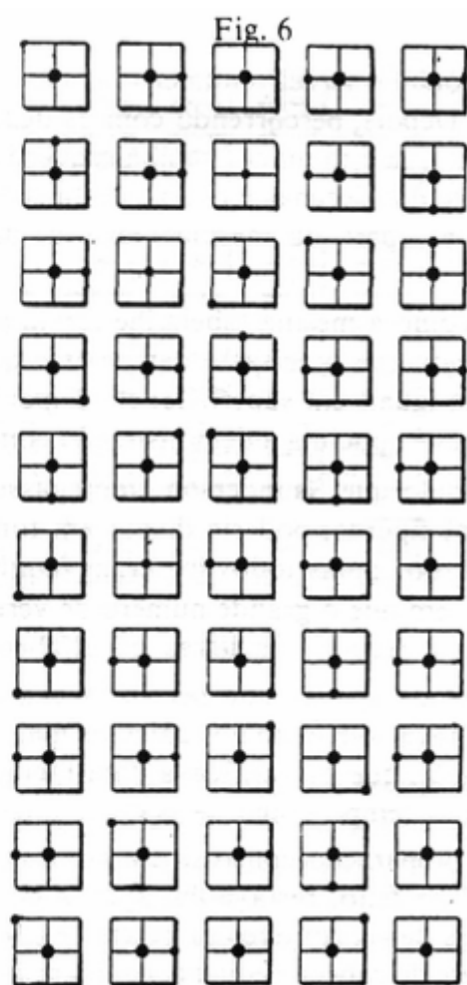
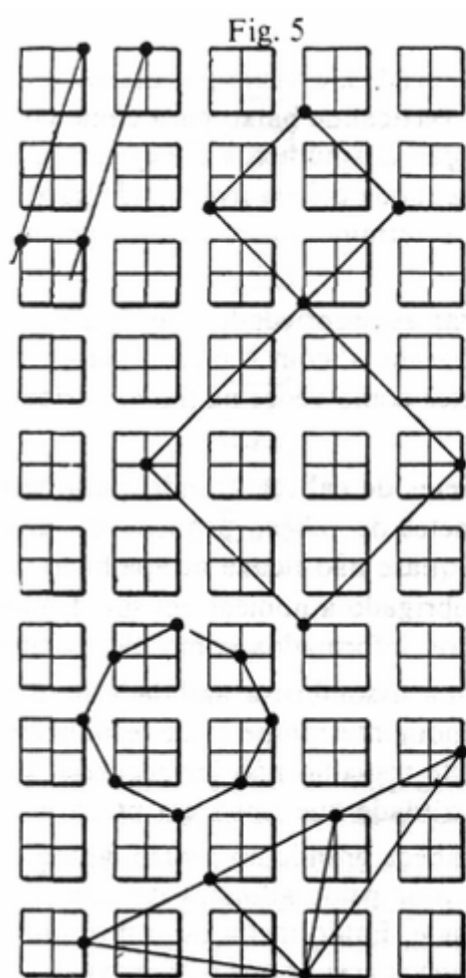
grande no centro de todos os quadrados. Isso feito, restava-lhe apenas determinar seu valor pelos alfinetes de cabeça pequena, exceto nos casos em que era preciso escrever uma unidade. Então metia no centro do quadrado um alfinete de cabeça pequena, em lugar do alfinete de cabeça grande que o ocupava.

Às vezes, em vez de formar uma linha inteira com os alfinetes, contentava-se em dispô-los em todos os pontos angulares ou de intersecção, em torno dos quais fixava fios de seda que terminavam de formar os limites de suas figuras. Vede a fig. 5.

Ele deixou algumas outras máquinas que lhe facilitavam o estudo da geometria: ignorava-se o verdadeiro uso que delas fazia; e haveria talvez mais sagacidade em redescobri-lo do que em resolver este ou aquele problema de cálculo integral. Que algum geômetra tente nos informar para que lhe serviam quatro pedaços de madeira, sólidos, da forma de paralelepípedos retangulares, cada qual com doze polegadas de comprimento sobre cinco e meia de largura, e com um pouco mais de meia polegada de espessura, cujas duas grandes superfícies opostas eram divididas em pequenos quadrados parecidos aos do ábaco que acabo de descrever; com a diferença de serem perfurados apenas em alguns pontos onde os alfinetes eram metidos até a cabeça. Cada superfície representava nove pequenas tabelas aritméticas de dez números cada uma, e cada um desses dez números compunha-se de dez algarismos. A fig. 6 representa uma dessas pequenas tabelas e eis os números que ela continha:

9	4	0	8	4
2	4	1	8	6
4	1	7	9	2
5	4	2	8	4

6	3	9	6	8
7	1	8	8	0
7	8	5	6	8
8	4	3	5	8
8	9	4	6	4
9	4	0	3	0



Ele é o autor de uma obra das mais perfeitas em seu gênero. São os *Elementos de Álgebra* ¹² onde só se percebe que ele era cego pela singularidade de certas demonstrações, as quais um homem que vê talvez não encontrasse. E de sua autoria a divisão do cubo em seis pirâmides iguais que têm os vértices no centro do cubo, e como base, cada uma de suas faces. Ela serviu para demonstrar

de maneira muito simples que toda pirâmide é o terço de um prisma de mesma base e de mesma altura.

Ele foi arrastado pelo gosto ao estudo das matemáticas, e determinado, pela mediocridade de sua fortuna e pelos conselhos dos amigos, a ministrar lições públicas. Eles não duvidaram de modo algum que ele se saísse melhor do que esperava devido à prodigiosa facilidade que tinha para fazer-se entender. Com efeito, Saunderson falava aos alunos como se estivessem privados da vista: mas um cego que se exprime claramente para cegos deve ganhar muito com pessoas que enxergam; eles possuem um telescópio a mais.

Os que escreveram sua vida¹³ dizem que era fecundo em expressões felizes; e isso é muito verossímil. Mas o que entendeis por expressões felizes?, me perguntareis quiçá. Eu vos responderei, senhora, que são aquelas que são próprias a um sentido, ao tato, por exemplo, e que são metafóricas ao mesmo tempo a outro sentido, como aos olhos; daí resulta dupla luz para aquele a quem se fala, a luz verídica e direta da expressão, e a luz reflexa da metáfora. E evidente que nessas ocasiões Saunderson, com todo o espírito de que dispunha, não se entendia a si mesmo senão pela metade, pois percebia apenas a metade das idéias ligadas aos termos que empregava. Mas quem não se vê de tempos no mesmo caso? É um acidente comum aos idiotas, que fazem às vezes excelentes gracejos, e às pessoas que têm o maior espírito, a quem escapa uma tolice, sem que uns e outros se apercebam disso.

Reparai que a escassez de palavras produz também o mesmo efeito nos estrangeiros a quem a língua ainda não é familiar: são forçados a dizer tudo com pequeníssima quantidade de termos, o que os obriga a colocar alguns de maneira muito feliz. Mas sendo

toda língua em geral pobre de palavras adequadas aos escritores que possuem imaginações vivas, eles se encontram no mesmo caso que estrangeiros dotados de muito espírito: as situações que inventam, os matizes delicados que percebem nos caracteres, a ingenuidade das pinturas que têm a fazer, os apartam a todo momento dos modos de falar comuns, e os levam a adotar giros de frase que são admiráveis sempre que não sejam preciosos nem obscuros; defeitos que se lhes perdoa mais ou menos dificilmente, conforme se tenha mais espírito e menos conhecimento da língua. Eis por que o Sr. de M...¹⁴ é de todos os autores franceses o que mais agrada aos ingleses; e Tácito é de todos os autores latinos o que os *pensadores* mais estimam. As licenças de linguagem nos escapam, e só a verdade dos termos nos impressiona.

Saunderson professou as matemáticas na universidade de Cambridge com um êxito espantoso. Deu lições de óptica; pronunciou discursos sobre a natureza da luz e das cores; explicou a teoria da visão; tratou dos efeitos das lentes, dos fenômenos do arco-íris e de várias matérias relativas à vista e a seu órgão.

Estes fatos perderão muito de seu caráter maravilhoso, se considerardes, senhora, que há três coisas a distinguir em toda questão mista de física e de geometria: o fenômeno a explicar, as suposições do geômetra e o cálculo que resulta das suposições. Ora, é evidente que, qualquer que seja a penetração de um cego, os fenômenos da luz e das cores lhe são desconhecidos. Ele entenderá as suposições, porque são todas relativas a causas palpáveis, mas de modo nenhum a razão que o geômetra tinha de preferi-las a outras: pois seria mister que pudesse comparar as suposições mesmas com os fenômenos. O cego aceita portanto as suposições pelo que lhe são dadas; um raio de luz por um fio

elástico e delgado, ou por uma série de pequenos corpos que vêm atingir nossos olhos com uma velocidade incrível; e calculada em consequência. A passagem da física à geometria está transposta, e a questão torna-se puramente matemática.

Mas que devemos pensar dos resultados do cálculo? 1.º Que é às vezes a última dificuldade obtê-los, e que em vão ficaria um físico muito feliz em imaginar as hipóteses mais conformes à natureza, se não soubesse validá-las pela geometria: por isso os maiores físicos, Galileu, Descartes, Newton, foram grandes geômetras. 2.º Que esses resultados são mais ou menos certos, conforme as hipóteses de partida sejam mais ou menos complicadas. Quando o cálculo é baseado em uma hipótese simples, então as conclusões adquirem força de demonstrações geométricas. Quando há grande número de suposições, a possibilidade de que cada hipótese seja verdadeira diminui na razão do número das hipóteses, mas aumenta de outro lado pela pouca verossimilhança que tantas hipóteses falsas se possam corrigir exatamente uma a outra, e que se obtenha delas um resultado confirmado pelos fenômenos. Aconteceria neste caso como em uma adição cujo resultado fosse exato, embora as somas parciais dos números acrescentados tivessem sido todas tomadas falsamente. Não se pode desconvir que uma tal operação não seja possível; mas vedes ao mesmo tempo que é muito rara. Quanto mais números houver a juntar, mais provável será que tenha havido engano na adição de cada um; mas também, menor será esta possibilidade se o resultado da operação for justo. Há portanto um número de hipóteses tal que a certeza que daí resultasse seria a menor possível. Se faço A, mais B, mais C iguais a 50, concluirei do fato de que 50 é com efeito a quantidade do fenômeno que as suposições representadas pelas letras A, B, C,

são verdadeiras? Nunca; pois há uma infinidade de maneiras de subtrair a uma dessas letras e de juntar às duas outras, segundo as quais eu obteria sempre 50 como resultado; mas o caso de três hipóteses combinadas é talvez um dos mais desfavoráveis.

Uma vantagem do cálculo que não devo omitir é a de excluir as hipóteses falsas, pela contradição que se verifica entre o resultado e o fenômeno. Se um físico se propõe a encontrar a curva que segue um raio de luz ao atravessar a atmosfera, é obrigado a decidir-se sobre a densidade das camadas de ar, sobre a lei da refração, sobre a natureza e a figura dos corpúsculos luminosos, e talvez sobre outros elementos essenciais que ele não leva em conta, seja porque os despreza voluntariamente, seja porque lhe são desconhecidos. Determina em seguida a curva do raio. Será ela diferente na natureza do que o cálculo o fornece? Suas suposições são incompletas ou falsas. O raio assume a curva determinada? Decorre de duas coisas uma: ou que as suposições se retificaram, ou que são exatas, mas qual das duas? Ele o ignora: entretanto, eis toda a certeza à qual pode chegar.

Percorri os *Elementos de Álgebra* de Saunderson, na esperança de encontrar o que eu desejava saber dos que o viram familiarmente, e que nos instruíram sobre algumas particularidades de sua vida; mas minha curiosidade foi desenganada; e compreendi que elementos de geometria de sua feitura teriam constituído uma obra muito mais singular em si mesma e muito mais útil para nós. Acharíamos aí as definições de ponto, de linha, de superfície, de sólido, de ângulo, de intersecção das linhas e dos planos, onde não duvido que ele empregasse princípios de metafísica muito abstrata e muito próxima da dos idealistas. Chamam-se *idealistas*¹⁵ os filósofos que, tendo consciência apenas de sua própria existência e das sensações que

se sucedem dentro deles, não admitem outra coisa: sistema extravagante que só podia, segundo me parece, dever seu nascimento a cegos; sistema que, para a vergonha do espírito humano e da filosofia, é o mais difícil de combater, embora seja o mais absurdo de todos. Está exposto com tanta franqueza quanto clareza em três diálogos¹⁶ do doutor Berkeley, bispo de Cloyne: cumpriria convidar o autor do *Ensaio*¹⁷ sobre nossos conhecimentos a examinar esta obra; encontraria matéria para observações úteis, agradáveis, finas, e tais, numa palavra, como ele as sabe fazer. O seu idealismo bem merece ser denunciado; e esta hipótese tem com o que incitá-lo, menos por sua singularidade do que pela dificuldade de refutá-la em seus princípios; pois são precisamente os mesmos que os de Berkeley. Segundo um e outro, e segundo a razão, os termos essência, matéria, substância, suposto, etc. não trazem quase por si mesmos luzes do nosso espírito; aliás, observa judiciosamente o autor do *Ensaio Sobre a Origem dos Conhecimentos Humanos*, quer nos elevemos até os céus, quer desçamos até os abismos, nunca saímos de nós mesmos; e só percebemos nosso próprio pensamento: ora, este é o resultado do primeiro diálogo de Berkeley, e o fundamento de todo seu sistema. Não vos sentiríeis curiosa de assistir o embate de dois inimigos, cujas armas se assemelham tão fortemente? Se a vitória coubesse a um deles, só poderia ser àquele que delas melhor se servisse; mas o autor do *Ensaio Sobre a Origem dos Conhecimentos Humanos* acaba de dar, num *Tratado dos Sistemas*, novas provas da perícia com que sabe manejar as suas, e demonstrar quão temível é para os sistemáticos.¹⁸

Eis-nos bem longe de nossos cegos, direis; mas deveis ter a bondade, senhora, de me desculpar todas essas digressões: eu vos

prometi um colóquio, e não posso vos manter a palavra sem esta indulgência.

Li, com toda a atenção de que sou capaz, o que Saunderson falou do infinito; posso assegurar-vos que possuía sobre o assunto idéias muito justas e muito claras, e que a maioria de nossos *infinitários* não passariam para ele de cegos. Dependerá apenas de vós julgar o caso por vós mesma: embora a matéria seja assaz difícil e se estenda um pouco além de vossos conhecimentos matemáticos, não desesperarei, preparando-me de pô-la ao vosso alcance e de vos iniciar nesta lógica infinitesimal.

O exemplo do ilustre cego prova que o tato pode tornar-se mais delicado que a vista, quando aperfeiçoado pelo exercício; pois, percorrendo com as mãos uma série de medalhas, ele discernia as verdadeiras das falsas, embora as últimas fossem tão bem contrafeitas a ponto de enganar um conhecedor dotado de bons olhos; e ele julgava da exatidão de um instrumento de matemática, fazendo passar a extremidade dos dedos sobre suas divisões. Eis certamente algo mais difícil de fazer do que apreciar pelo tato a semelhança de um busto com a pessoa representada; de onde se vê que um povo de cegos poderia ter estatuários, e tirar das estátuas a mesma vantagem que nós, a de perpetuar a memória das belas ações e das pessoas que lhes fossem caras. Não duvido mesmo que o sentimento que experimentariam, ao tocar as estátuas, fosse muito mais vivo do que o experimentado por nós ao vê-las. Que doçura para um amante que houvesse muito ternamente amado, a de passear as mãos sobre encantos que reconheceria, quando a ilusão, que deve atuar mais fortemente nos cegos do que nos que enxergam, viesse a reanimá-los! Mas pode ser também que, quanto mais prazer sentisse nessa lembrança, menos pesares sentiria.

Saunderson tinha de comum com o cego do Puisaux o fato de ser afetado pela menor vicissitude que sobreviesse na atmosfera, e de perceber, sobretudo nos tempos calmos, a presença dos objetos dos quais estava distante apenas alguns passos. Conta-se que um dia, quando assistia a observações astronômicas, que se efetuavam em um jardim, as nuvens que subtraíam de quando em quando aos observadores o disco do sol ocasionavam uma alteração bastante sensível na ação dos raios sobre seu rosto, para; lhe assinalar os momentos favoráveis ou contrários às observações. Acreditareis talvez que se produzisse em seus olhos algum abalo capaz de adverti-lo da presença da luz, mas não da dos objetos; e eu teria acreditado nisso como vós, se não fosse certo que Saunderson estava desprovido não só da vista, mas também do órgão.

Saunderson via portanto através da pele; este invólucro era portanto nele de uma sensibilidade tão apurada que se pode assegurar que, com um pouco de hábito, teria conseguido reconhecer um de seus amigos cujo retrato um desenhista lhe teria traçado sobre a mão, e que teria declarado, quanto à sucessão das sensações provocadas pelo lápis: *É o senhor fulano*. Há pois também uma pintura para os cegos, a que a própria pele deles serviria de tela. Tais idéias são tão pouco quiméricas que não duvido de modo algum que, se alguém vos traçasse sobre a mão a boquinha do Sr...., vós a reconheceríeis imediatamente. Convinde entretanto que isso seria mais fácil ainda a um cego de nascença do que a vós, apesar do hábito que tendes de vê-la e achá-la encantadora, pois entram em vosso julgamento duas ou três coisas: a comparação da pintura que se faria sobre vossa mão com aquela que se fez no fundo de vosso olho; a memória da maneira pela qual se é afetado por coisas que se sente, e da

maneira pela qual se é afetado pelas coisas que a gente se contenta em ver e admitir; enfim, a explicação desses dados à questão que vos é proposta por um desenhista que vos pergunta, traçando uma boca sobre a pele de vossa mão com a ponta de seu lápis: *A quem pertence a boca que estou desenhando?*, ao passo que a soma das sensações excitadas por uma boca sobre a mão de um cego é a mesma que a soma das sensações sucessivas despertadas pelo lápis do desenhista, que lha representa.

Eu poderia acrescentar à história do cego do Puisaux e de Saunderson a de Dídimos de Alexandria, de Eusébio, o Asiático, de Nicácio de Méchlin,¹⁹ e alguns outros que pareceram elevados tão mais acima do resto dos homens, com um senso a menos, que os poetas poderiam fingir, sem exagero, que os deuses ciosos os privaram dele, com medo de ter iguais entre os mortais. Pois o que era esse Tirésias,²⁰ que lera nos segredos dos deuses, e que possuía o dom de predizer o futuro, senão um filósofo cego cuja memória a Fábula nos conservou? Mas não nos afastemos mais de Saunderson, e sigamos este homem extraordinário até o túmulo.

Quando estava a ponto de morrer chamaram para junto dele um ministro muito hábil, o Sr. Gervásio Holmes;²¹ os dois mantiveram um diálogo sobre a existência de Deus, de que nos restam alguns fragmentos que eu vos traduzirei o melhor que posso; pois valem realmente a pena. O ministro começou por objetar-lhe as maravilhas da natureza: “Ah, senhor!, dizia-lhe o filósofo cego, deixai de lado todo esse belo espetáculo que nunca foi feito para mim! Fui condenado a passar minha vida nas trevas; e vós me citais prodígios que não entendo, e que só provam para vós e para os que vêem como vós. Se quereis que eu creia em Deus, cumpre que me façais tocá-lo.

— Senhor, recomeçou habilmente o ministro, levai as mãos

sobre vós mesmo, e reencontra-reis a divindade no admirável mecanismo de vossos órgãos.

— Senhor Holmes, replicou Saunderson, eu vos repito, tudo isso não é tão belo para mim quanto o é para vós. Mas se o mecanismo animal fosse tão perfeito como vós o pretendeis, e eu quero de fato acreditar, pois sois um homem honesto incapaz de me iludir, o que tem ele de comum com um ser soberanamente inteligente? Se ele vos espanta, é talvez porque tendes o hábito de tratar por prodígio tudo o que vos pareça acima de vossas forças. Fui tão amiúde objeto de admiração para vós que alimento uma opinião bastante má do que vos surpreende. Atraí do fundo da Inglaterra pessoas que não conseguiam compreender como eu fazia geometria: deveis convir que essa gente não dispunha de noções muito exatas da possibilidade das coisas. Um fenómeno está, a nosso ver, acima do homem? Então dizemos de pronto: *é obra de um Deus*; nossa vaidade não se contenta com menos. Não poderíamos pôr em nossos discursos um pouco menos de orgulho e um pouco mais de filosofia? Se a natureza nos oferece um nó difícil de desatar, deixemo-lo pelo que ele é; e não empreguemos para cortá-lo a mão de um ser que se torna em seguida para nós um novo nó mais indissolúvel que o primeiro. Perguntai a um indiano por que o mundo permanece suspenso nos ares e ele vos responderá que é transportado sobre o dorso de um elefante; e o elefante sobre o que se apoiará? Sobre uma tartaruga; e a tartaruga, quem a sustentará? Este indiano vos causa dó e poder-se-ia dizer-vos como a ele: Senhor Holmes meu amigo, confessai primeiro vossa ignorância, e dispensai-me a graça do elefante e da tartaruga”.

Saunderson se deteve por um momento: esperava aparentemente que o ministro lhe respondesse; mas por onde

atacar um cego? O Sr. Holmes se prevaleceu da boa opinião que Saunderson concebera de sua probidade, e das luzes de Newton, de Leibniz, de Clarke²² e de alguns de seus compatriotas, os primeiros gênios do mundo, os quais todos haviam ficado impressionados com as maravilhas da natureza, e reconheciam um ser inteligente como seu autor. Era sem contradita o que o ministro podia objetar de mais forte a Saunderson. Por isso o bom cego conveio que seria temeridade negar o que um homem como Newton não desdenhara admitir: representou todavia ao ministro que o testemunho de Newton não era tão forte para ele como o da natureza inteira, para Newton; e que Newton acreditava sobre a palavra de Deus, ao passo que ele estava reduzido a crer sobre a palavra de Newton.

“Considerai, senhor Holmes, acrescentou, quanto é preciso para que eu tenha confiança em vossa palavra e na de Newton. Eu não vejo nada, entretanto admito em tudo uma ordem admirável; mas conto que não exigireis mais do que isso. Eu vos concebo quanto ao estado atual do universo, para obter de vós em compensação a liberdade de pensar o que me aprouver sobre o seu antigo e primeiro estado, a cujo respeito não sois menos cego do que eu. Vós não tendes aqui testemunho a opor-me; e vossos olhos não vos são de nenhum auxílio. Imaginai, pois, se quisedes, que a ordem que vos impressiona sempre subsistiu; mas deixai-me crer que não é assim; e que se remontássemos ao nascimento das coisas e dos tempos, e se sentíssemos a matéria mover-se e o caos desembrulhar-se, reencontraríamos uma multidão de seres informes para alguns seres bem organizados. Se nada tenho a objetar-vos sobre a condição presente das coisas, posso ao menos interrogar-vos sobre sua condição passada. Posso perguntar-vos, por exemplo, quem disse a vós, a Leibniz, a Clarke e a Newton,

que nos primeiros instantes da formação dos animais uns se apresentavam sem cabeça e outros sem pés? Posso sustentar-vos que estes não possuíam estômago e aqueles, intestinos; que alguns, a quem um estômago, um palato e dentes pareciam prometer a duração, acabaram-se por algum vício do coração ou dos pulmões; que os monstros se aniquilaram sucessivamente; que todas as combinações viciosas da matéria desapareceram, e que restaram apenas aquelas onde o mecanismo não implicava nenhuma contradição importante, e que podiam subsistir por si mesmas e se perpetuar.²³

“Isso suposto, se o primeiro homem tivesse tido a laringe fechada, tivesse falta de alimentos convenientes, tivesse pecado pelas partes da geração, não tivesse encontrado sua companheira, ou se tivesse espalhado em outra espécie, senhor Holmes, o que se tornaria o gênero humano? Ficaria envolvido na depuração geral do universo; e o ser orgulhoso que se chama homem, dissolvido e disperso entre as moléculas da matéria, teria restado, talvez para sempre no número dos possíveis.

“Se nunca houvesse existido seres informes, não deixaríeis de pretender que jamais os haverá, e que eu me lanço nas hipóteses quiméricas, mas a ordem não é tão perfeita, continuou Saunderson, que não surjam ainda de vez em quando produções monstruosas.” Depois, virando-se de face para o ministro, ajuntou: “Olhai-me bem, senhor Holmes, eu não tenho olhos. O que fizemos a Deus, vós e eu, um para possuir este órgão e outro para dele estar privado?”

Saunderson apresentava um ar tão sincero e tão compenetrado, ao pronunciar essas palavras, que o ministro e o resto da assembléia não puderam impedir-se de partilhar de sua dor, e puseram-se a chorar amargamente sobre ele. O cego

percebeu. “Senhor Holmes, disse ao ministro, a bondade de vosso coração me era bem conhecida, e sou muito sensível à prova que dela me dais nestes derradeiros momentos: mas se eu vos sou caro, não me recuseis ao morrer o consolo de nunca ter afligido ninguém.”

Depois, retomando um tom um pouco mais firme, acrescentou: “Conjeturo pois que, no começo, quando a matéria em fermentação chocava o universo, meus semelhantes eram muito comuns. Mas por que não asseguraria eu a respeito dos mundos o que eu creio a respeito dos animais? Quantos mundos estropiados, falhados dissiparam-se, reformam-se e dissipam-se talvez a cada instante em espaços longínquos, em que eu não consigo tocar, e vós não conseguis ver, mas em que o movimento continua e continuará a combinar aglomerados de matéria, até que obtenham algum arranjo no qual possam perseverar? Ó filósofos! transportai-vos, pois, comigo para os confins deste universo, para além do ponto em que eu toco, e em que vós vedes seres organizados; passeai sobre este novo oceano, e procurai através de suas agitações irregulares alguns vestígios do ser inteligível cuja sabedoria admirais aqui.

“Mas de que serve tirar-vos de vosso elemento? O que é o mundo, senhor Holmes? Um composto sujeito a revoluções, das quais todas indicam uma tendência contínua para a destruição; uma sucessão rápida de seres que se seguem, se impelem e desaparecem; uma simetria passageira; uma ordem momentânea. Eu vos censurava há pouco por avaliardes a perfeição das coisas pela vossa capacidade; e eu poderia acusar-vos aqui de medir-lhes a duração pela de vossos dias. Julgais a existência sucessiva do mundo, como a mosca efêmera, a vossa. O mundo é eterno para vós, como vós sois eterno para o ser que vive apenas um instante:

ainda assim, o inseto é mais razoável do que vós. Que seqüência prodigiosa de gerações de efêmeros atesta vossa eternidade? Que tradição imensa? Entretanto nós passaremos todos, sem que se possa consignar nem a extensão real que ocupamos, nem o tempo preciso que teremos durado. O tempo, a matéria e o espaço não são talvez senão um ponto.”

Saunderson agitou-se neste colóquio um pouco mais que seu estado lhe permitia; sobreveio-lhe um acesso de delírio que durou algumas horas, e do qual só saiu para exclamar: “*Ó Deus de Clarke e de Newton, compadece-te de mim!*” e morreu.

Assim findou Saunderson. Vedes, senhora, que todos os argumentos que acabava de objetar ao ministro não eram sequer capazes de tranquilizar um cego. Que vergonha para pessoas que não têm melhores razões que ele, que vêem, e a quem o espetáculo espantoso da natureza anuncia, desde o nascer do sol até o pôr das menores estrelas, a existência e a glória de seu autor! Eles têm olhos, de que Saunderson estava privado; mas Saunderson tinha uma pureza de costumes e uma ingenuidade de caráter que lhes falta. Por isso vivem como cegos, e Saunderson morre como se houvesse visto. A voz da natureza se lhe faz ouvir suficientemente através dos órgãos que lhe restam, e seu testemunho será tanto mais forte contra os que se tapam teimosamente os ouvidos e os olhos. Eu perguntaria de bom grado se o verdadeiro Deus não se apresentava a Sócrates ainda mais velado pelas trevas do paganismo, do que a Saunderson pela privação da vista e do espetáculo da natureza.

Estou realmente penalizado, senhora, que, para a vossa satisfação e a minha, não nos tenham transmitido desse ilustre cego outras particularidades interessantes. Havia talvez mais luzes a tirar de suas respostas que de todas as experiências que

são propostas. Os que viviam com ele deviam ser muito pouco filósofos! Excetuo entretanto seu discípulo, Sr. William Inchlif, que só viu Saunderson em seus derradeiros momentos, e que nos recolheu suas últimas palavras, que eu aconselharia a todos que entendem um pouco o inglês a ler no original em uma obra impressa em Dublin em 1747, e que tem por título: *The Life and Character of Dr. Nicholas Saunderson late Lucasian Professor of the Mathematics in the University of Cambridge; by his Disciple and Friend William Inchlif Esq.*²⁴ Hão de notar nela um agrado, uma força, uma verdade, uma doçura que não se encontra em nenhum outro escrito, e que não me gabo de vos haver apresentado, apesar de todos os esforços que envidei a fim de conservá-los em minha tradução.

Ele desposou em 1713 a filha do Sr. Dickons, reitor de Boxworth, na região de Cambridge; teve um filho e uma filha que ainda vivem. Os últimos adeuses que deu à família são muito comoventes.²⁵ “Vou, disse-lhes, aonde todos nós iremos; poupai-me os lamentos que me enternecem. Os testemunhos de dor que me rendeis me tornam muito sensível aos que me escapam. Renuncio sem pena a uma vida que não foi para mim senão um longo desejo e uma privação contínua. Vivei tão virtuosos e mais felizes, e aprendei a morrer tão tranqüilos.” Tomou em seguida a mão de sua mulher, que manteve por um momento cerrada entre as suas: voltou o rosto para seu lado, como se procurasse vê-la; abençoou os filhos, abraçou-os a todos, e pediu-lhes que se retirassem, porque assentavam-lhe na alma golpes mais cruéis do que as proximidades da morte.

A Inglaterra é o país dos filósofos, dos curiosos, dos sistemáticos; entretanto, sem o Sr. Inchlif, não saberíamos de Saunderson senão o que os homens mais comuns nos teriam

informado; por exemplo, que reconhecia os lugares onde fora introduzido uma vez pelo ruído das paredes e da calçada, quando o faziam, e com outras coisas da mesma natureza que lhe eram comuns com quase todos os cegos. Mas como!, encontram-se tão freqüentemente na Inglaterra cegos do mérito de Saunderson? E acham-se lá todos os dias pessoas que nunca enxergaram, e que ministrem lições de óptica?

Procurou-se restituir a vista a cegos de nascença; mas se se olhasse o fato mais de perto, verificar-se-ia, creio, que se pode realmente aproveitar outro tanto para filosofia questionando um cego de bom senso. Saber-se-ia como as coisas se passam nele, poder-se-ia compará-las com a maneira pela qual elas se passam em nós, tirar-se-ia talvez desta comparação a solução das dificuldades que tornam a teoria da visão e dos sentidos tão confusa e tão incerta; mas não concebo, confesso, o que se espera de um homem a quem se acaba de fazer uma operação dolorosa em um órgão muito delicado que o mais ligeiro incidente põe a perder, e que engana muitas vezes aqueles nos quais ele é são e que desfrutam desde muito tempo suas vantagens. Quanto a mim, eu escutaria com mais satisfação acerca da teoria dos sentidos um metafísico a quem os princípios da metafísica, os elementos das matemáticas e a conformação das partes fossem familiares, do que um homem sem educação e sem conhecimentos, a quem se restituiu a vista pela operação da catarata. Eu depositaria menos confiança nas respostas de uma pessoa que enxerga pela primeira vez do que nas descobertas de um filósofo que houvesse bem meditado seu tema na obscuridade; ou, para falar-vos a linguagem dos poetas, que houvesse vazado os próprios olhos para conhecer mais facilmente como se efetua a visão.

Se se pretendia dar alguma certeza às experiências, seria

preciso pelo menos que o indivíduo fosse preparado de longa data, que o educassem e talvez que o tornassem filósofo: mas não é obra de um momento tornar-se filósofo, mesmo quando a gente o é; o que dizer então quando a gente não o é? É muito pior, quando se julga sê-lo. Seria muito conveniente que as observações só começassem longo tempo depois da operação. Para tal efeito, seria preciso tratar o doente na obscuridade e certificar-se realmente de que seu ferimento está curado e que seus olhos estão sãos. Eu não gostaria que o expusessem primeiro à luz do dia; o brilho de uma luz viva nos impede de ver; e o que não há de provocar em um órgão, que deve ser de extrema sensibilidade, que não experimentou ainda nenhuma impressão que o tenha embotado!

Mas não é tudo: constituiria ainda um ponto muito delicado, o de tirar proveito de um indivíduo assim preparado; e o de interrogá-lo com bastante sutileza para que dissesse precisamente apenas o que se passa nele. Seria mister que o interrogatório se fizesse em plena academia; ou melhor, a fim de não haver espectadores supérfluos, convidar à reunião apenas os que o merecessem por seus conhecimentos filosóficos, anatômicos etc.... As mais hábeis pessoas e os melhores espíritos não seriam bons demais para tanto. Preparar e interrogar um cego de nascença não teria sido de modo algum ocupação indigna dos talentos reunidos de Newton, Descartes, Locke e Leibniz.

Terminarei esta carta, que já é demasiado longa, por uma questão que me propus há tempo. Algumas reflexões sobre o estado singular de Saunderson me fizeram ver que ela nunca foi inteiramente resolvida. Supõe-se um cego de nascença que se tenha tornado homem feito, e a quem se ensina a distinguir, pelo contato, um cubo e um globo de mesmo metal e quase de mesma grandeza, de modo que, ao tocar em um ou em outro, possa dizer

qual é o cubo e qual é o globo. Supõe-se que, estando o cubo e o globo colocados sobre uma mesa, o referido cego venha a usufruir da vista; e se lhe pergunta se, vendo-os sem tocá-los, poderá discerni-los e dizer qual é o cubo e qual é o globo.

Foi o Sr. Molineaux²⁶ quem propôs primeiro essa questão, e quem tentou resolvê-la. Ele declarou que o cego não distinguiria o globo do cubo; “pois, diz ele, embora tenha aprendido por experiência de que maneira o globo e o cubo afetam seu tato, ainda não sabe no entanto que aquilo que lhe afeta o tato desta ou daquela maneira deve impressionar-lhe os olhos desta ou daquela maneira; nem que o ângulo avançado do cubo que lhe pressiona a mão de maneira desigual deve parecer a seus olhos tal como parece no cubo”.

Locke, consultado sobre a questão, disse: “Sou inteiramente da opinião do Sr. Molineaux. Creio que o cego não seria capaz, à primeira vista, de assegurar com alguma confiança qual seria o cubo e qual seria o globo, se se contentasse em olhá-los, embora, tocando-os, pudesse especificá-los e distingui-los seguramente pela diferença de suas figuras, que o tato levá-lo-ia a reconhecer”,

O Sr. Abade de Condillac, cujo *Ensaio Sobre a Origem dos Conhecimentos Humanos* lestes com tanto prazer e utilidade, e cujo excelente *Tratado dos Sistemas* eu vos remeto com a presente carta, tem a respeito uma opinião particular. E inútil referir-vos as razões nas quais se apóia; seria recusar-vos o prazer de reler uma obra onde elas se acham expostas de maneira tão agradável e tão filosófica que de meu lado eu me arriscaria demais a deslocá-las. Contentar-me-ei em observar que todas tendem a demonstrar que o cego de nascença nada vê, ou que vê a esfera e o cubo diferentes; e que as condições de que os dois corpos sejam do mesmo metal e quase da mesma grossura, que se julgou oportuno

inserir no enunciado da questão, são no caso supérfluas, o que não pode ser contestado; pois, poderia ele dizer, se não há qualquer ligação essencial entre a sensação da vista e a do tato, como os Srs. Locke e Molineaux pretendem, eles devem convir que se poderia ver dois pés de diâmetro em um corpo que desaparecesse sob a mão. O Sr. de Condillac acrescenta, entretanto, que se o cego de nascença enxerga os corpos, discerne-lhes as figuras e se hesita sobre o julgamento que a respeito deles deve proferir, é talvez apenas por razões metafísicas bastante sutis, que eu vos explicarei daqui a pouco.

Eis portanto dois pareceres diferentes sobre a mesma questão, e entre filósofos de primeira força. Pareceria que, depois de manejada por pessoas tais como os Srs. Molineaux, Locke e o Abade de Condillac, ela não deve deixar nada mais a dizer; mas há tantas faces pelas quais a mesma coisa pode ser considerada que não seria espantoso que eles não tivessem esgotado todas.

Os que declararam que o cego de nascença distinguiria o cubo da esfera começaram por supor um fato que importava talvez examinar; saber se um cego de nascença, a quem se eliminassem as cataratas, estaria em condição de servir-se dos olhos nos primeiros momentos que sucederiam à operação. Disseram apenas: “O cego de nascença, comparando as idéias de esfera e de cubo que recebeu pelo tato com as que obtém pela vista, conhecerá necessariamente que são as mesmas; e haveria nele muita extravagância em declarar que é o cubo que lhe dá, à vista, a idéia de esfera e que é da esfera que lhe vem a idéia do cubo. Ele chamara pois esfera e cubo, à vista, o que chamava esfera e cubo ao tato”.

Mas qual foi a resposta e o raciocínio de seus antagonistas? Supuseram similarmente que o cego de nascença veria tão logo

dispusesse do órgão são; imaginaram que ocorria ao olho ao qual se abaixa a catarata como ao braço que cessa de ser paralítico: não é preciso exercício a este para sentir, dizem eles, nem por conseguinte ao outro para ver; e acrescentaram: “Concedamos ao cego de nascença um pouco mais de filosofia que vós lhe concedeis, e depois de levar o raciocínio até onde vós o deixastes, ele continuará: mas, entretanto, quem me assegura que, aproximando-me desses corpos e aplicando as mãos sobre estes, eles não desenganarão subitamente minha expectativa, e que o cubo não me enviará a sensação da esfera, e a esfera a do cubo? Não há como a experiência que possa me ensinar se existe conformidade de relação entre a vista e o tato: estes dois sentidos poderiam estar em contradição em suas relações, sem que eu nada soubesse; talvez mesmo eu acreditasse que aquilo que se apresenta atualmente à minha vista é apenas pura aparência, se não me houvessem informado que se trata dos mesmos corpos que se tocam. Este me parece, na verdade, dever ser o corpo que eu denominava cubo e aquele o corpo que eu denominava esfera; mas ninguém me pergunta o que ele me parece, porém o que ele é; e eu não estou de modo algum em condições de satisfazer à última indagação”.

Este raciocínio, diz o autor do *Ensaio Sobre a Origem dos Conhecimentos Humanos*, seria muito embaraçoso para o cego de nascença; e não vejo outra coisa exceto a experiência que possa fornecer no caso uma resposta. Tudo indica que o Sr. Abade de Condillac não quer falar aqui senão da experiência que o cego de nascença reiteraria sozinho com os corpos por um segundo contato. Sentireis logo mais por que faço essa observação. De resto, este hábil metafísico poderia ter acrescentado que um cego de nascença devia achar tanto menos absurdo supor que dois

sentidos possam estar em contradição quanto imagina que um espelho os coloca de fato assim, como já notei mais acima.

O Sr. de Condillac observa em seguida que o Sr. Molineaux dificultou a questão com várias condições que não podem nem prevenir nem levantar as dificuldades que a metafísica suscitaria ao cego de nascença. Esta observação é tanto mais justa quanto a metafísica que se supõe no cego de nascença não está deslocada; posto que, nessas questões filosóficas, a experiência deve sempre ser sensatamente feita com um filósofo, isto é, com uma pessoa que apreenda, nas questões que se lhe propõem, tudo o que o raciocínio e a condição de seus órgãos lhe permitam perceber.

Eis, senhora, em resumo, o que se disse pró e contra nesta questão; e ireis ver, pelo exame que vos farei, como aqueles que anunciaram que o cego de nascença veria as figuras e discerniria os corpos estavam longe de perceber que tinham razão, e como aqueles que o negavam possuíam razões de pensar que não estavam de modo algum errados.

A questão do cego de nascença, tomada um pouco mais geralmente do que o Sr. Molineaux a propôs, abrange duas outras que iremos considerar separadamente. Cabe perguntar: 1.º se o cego de nascença verá tão logo esteja feita a operação da catarata; 2.º caso veja, se ele verá o suficiente para discernir as figuras; se estará em condições de lhes aplicar seguramente, ao vê-las, os mesmos nomes que lhes atribuíra ao tocá-las; e se terá demonstração de que os referidos nomes lhes convêm.

O cego de nascença verá imediatamente após a cura do órgão? Os que pretendem que ele não enxergará nada dizem: “Tão logo o cego de nascença desfruta da faculdade de servir-se dos olhos, toda a cena que se lhe apresente em perspectiva virá pintar-se no fundo do olho. Esta imagem, composta de uma infinidade de

objetos reunidos em pequeníssimo espaço, não passa de um conglomerado confuso de figuras que ele não terá condições de distinguir umas das outras. Todo mundo está quase de acordo que só a experiência pode ensinar-lhe a julgar a distância dos objetos, e que ele se encontra mesmo na necessidade de se lhes aproximar, de tocá-los, de se afastar, de se reaproximar, e de tocá-los de novo, a fim de se certificar de que não fazem parte dele mesmo, que são estranhos a seu ser, e que ele está ora próximo, ora distante dos mesmos: por que a experiência não lhe seria ainda necessária para percebê-los? Sem a experiência, aquele que percebe objetos pela primeira vez deveria imaginar, quando se distanciam dele, ou ele dos objetos além do alcance de sua vista, que estes cessaram de existir; pois não há como a experiência que realizamos com os objetos permanentes, e que reencontramos no mesmo lugar onde os deixamos, para nos constatar a sua existência contínua no distanciamento. E talvez por isso que as crianças se consolam tão prontamente quanto aos brinquedos de que as privamos. Não se pode afirmar que os esqueçam prontamente: pois se se considera haver crianças de dois anos e meio que conhecem parte ponderável das palavras de uma língua, e que lhes custa mais pronunciá-las do que retê-las, ficar-se-á convencido de que o tempo da infância é o da memória. Não seria mais natural supor que então as crianças imaginam que aquilo que cessam de ver cessou de existir, tanto mais que sua alegria parece mesclada de admiração, quando os objetos que perderam de vista acabam por reaparecer? As mães ajudam-nas a adquirir a noção dos seres ausentes, exercitando-as num pequeno jogo que consiste em cobrir e descobrir subitamente o rosto. Elas têm, desta maneira, cem vezes em um quarto de hora, a experiência de que o que deixa de aparecer não deixa de existir. Daí se segue que

é à experiência que devemos a noção da existência continuada dos objetos; que é pelo tato que adquirimos a de sua distância; que é preciso talvez que o olho aprenda a ver, como a língua a falar; que não seria espantoso que o auxílio de um dos sentidos fosse necessário ao outro, e que o tato, que nos assegura da existência dos objetos fora de nós quando se acham presentes aos nossos olhos, é talvez ainda o sentido a que está reservado nos constatar, não digo as figuras e outras modificações dos objetos, mas até sua presença”.

Acrescentam-se aos raciocínios acima as famosas experiências de Cheselden.²⁷ O jovem a quem este hábil cirurgião abaixou as cataratas não distinguiu, por muito tempo, nem distâncias, nem situações, nem sequer figuras. Um objeto de uma polegada colocado diante de seu olho, e que lhe escondia uma casa, parecia-lhe tão grande quanto a casa. Todos os objetos ficavam sobre os seus olhos; e eles lhe pareciam aplicados a este órgão, como os objetos de tato o são à pele. Não conseguia distinguir o que julgara redondo, por meio das mãos, do que julgara angular; nem discernir com os olhos se o que sentira estar em cima ou embaixo, estava com efeito em cima ou embaixo. Chegou, mas não foi sem dificuldade, a perceber que sua casa era maior do que seu quarto, mas nunca a conceber como o olho podia dar-lhe semelhante idéia. Precisou de grande número de experiências reiteradas para certificar-se de que a pintura representava corpos sólidos: e quando ficou realmente convencido, à força de mirar quadros, que não eram de modo algum apenas superfícies que ele via, pôs-lhes a mão, e sentiu-se muito espantado por não encontrar senão um plano unido e sem qualquer saliência: perguntou então qual era o enganador, o sentido do tato, ou o sentido da vista. Aliás, a pintura causou o

mesmo efeito nos selvagens, a primeira vez que a viram: tomaram as figuras pintadas por homens vivos, interrogaram-nas, e ficaram inteiramente surpresos por não receberem resposta alguma. O erro não lhes vinha certamente do pouco hábito de ver.

Mas o que responder às outras dificuldades? Que, de fato, o olho experimentado de um homem faz ver melhor os objetos do que o órgão imbecil e inteiramente novo de uma criança ou de um cego de nascença a quem se acaba de abaixar as cataratas. Vede, senhora, todas as provas que a respeito apresenta o Sr. Abade de Condillac, ao fim de seu *Ensaio Sobre a Origem dos Conhecimentos Humanos*, onde ele se propõe como objeção as experiências efetuadas por Cheselden, e relatadas pelo Sr. de Voltaire. Os efeitos da luz sobre um olho que é afetado pela primeira vez, e as condições requeridas nos humores desse órgão, a córnea, o cristalino etc.... são aí expostos com muita nitidez e vigor, e quase não permitem duvidar que a visão não se faça mui imperfeitamente na criança que abre os olhos pela primeira vez, ou no cego ao qual se acaba de fazer a operação.

É preciso portanto convir que devemos perceber nos objetos uma infinidade de coisas que nem a criança nem o cego de nascença percebem, embora elas se pintem igualmente no fundo de seus olhos; que não basta que os objetos nos atinjam, que é preciso ainda que estejamos atentos às suas impressões; que, por conseguinte, nada se vê da primeira vez que nos servimos dos olhos; que somos afetados, nos primeiros instantes da visão, apenas por uma multidão de sensações confusas que se desenredam apenas com o tempo e pela reflexão habitual sobre o que se passa em nós; que é a experiência unicamente que nos ensina a comparar as sensações com o que as ocasiona; que, não tendo as sensações nada que se assemelhe essencialmente aos

objetos, cabe à experiência instruir-nos sobre analogias que parecem ser de pura instituição em uma palavra, é indubitável que o tato não serve muito para fornecer ao olho um conhecimento preciso da conformidade do objeto com a representação que este recebe dele; e penso que, se tudo não se executasse na natureza por meio de leis infinitamente gerais; se, por exemplo, a picada de certos corpos duros fosse dolorosa, e a de outros corpos, acompanhada de prazer, morreríamos sem haver recolhido a centésima milionésima parte das experiências necessárias à conservação de nosso corpo e ao nosso bem-estar.

Entretanto, não penso absolutamente que o olho não possa instruir-se, ou, se é permitido falar assim, experimentar-se por si próprio. Para certificar-se, pelo tato, da existência e da figura dos objetos, não é indispensável ver; por que seria preciso tatear, para certificar-se das mesmas coisas pela vista? Conheço todas as vantagens do tato; e não as disfarcei, quando se tratou de Saunderson ou do cego de Puisaux; mas não lhe reconheci de modo algum aquela outra. Concebe-se sem dificuldade que o uso de um dos sentidos pode ser aperfeiçoado e acelerado pelas observações do outro; mas de modo algum que haja entre suas funções uma dependência essencial. Há seguramente nos corpos qualidades que jamais perceberíamos sem o toque: é o tato que nos instrui acerca da presença de certas modificações insensíveis aos olhos, que só as percebem quando foram advertidos por este sentido; mas tais serviços são recíprocos; e naqueles que possuem a vista mais fina do que o tato, o primeiro desses sentidos é que instrui o outro da existência de objetos e das modificações que lhe escapariam devido à sua pequenez. Se alguém vos colocasse sem o saberdes, entre o polegar e o índice, um papel ou qualquer outra substância unida, delgada e flexível, nada exceto vosso olho

poderia informar-vos de que o contato desses dedos não se efetuariam imediatamente. Observarei, de passagem, que seria infinitamente mais difícil enganar neste particular um cego do que uma pessoa que tem o hábito de ver.

Um olho vivo e animado teria sem dúvida dificuldade em certificar-se de que os objetos externos não fazem parte dele próprio; que está ora próximo, ora distante deles; que são figurados; que são maiores uns que os outros; que possuem profundidade etc, mas não duvido que os visse, com o tempo, e que não os visse assaz distintamente para discernir neles ao menos os limites grosseiros. Negá-lo, seria perder de vista a destinação dos órgãos; seria esquecer os principais fenômenos da visão; seria dissimular-se que não há pintor bastante hábil a ponto de se acercar da beleza e da exatidão das miniaturas que se pintam no fundo de nossos olhos; que nada há de mais preciso do que a semelhança da representação com o objeto representado; que a tela deste quadro não é tão pequena; que nela não há qualquer confusão entre as figuras; que estas ocupam quase meia polegada quadrada; e que nada é mais fácil, aliás, do que explicar como o tato se arrumaria para ensinar o olho a perceber, se o uso deste último órgão fosse absolutamente impossível sem o auxílio do primeiro.

Mas não me atarei a simples presunções; e perguntarei se é o tato que ensina ao olho distinguir as cores. Não penso que se conceda ao tato um privilégio tão extraordinário; isto suposto, segue-se que, se se apresenta a um cego, a quem se acaba de restituir a vista, um cubo negro, com uma esfera vermelha, sobre um grande fundo branco, ele não tardará em discernir os limites dessas figuras.

Ele tardará, poderia alguém responder, todo o tempo

necessário aos humores do olho, para se disporem convenientemente: à córnea, para assumir a convexidade requerida pela visão; à pupila, para ser suscetível da dilatação e da contração que lhe são próprias; aos filetes da retina, para não ser nem muito nem pouco sensível à ação da luz; ao cristalino, para se exercitar nos movimentos para frente e para trás que se lhe suspeita; ou aos músculos, para preencherem suas funções; aos nervos ópticos, para se acostumarem a transmitir a sensação; ao globo inteiro do olho, para se prestar a todas as disposições necessárias, e a todas as partes que o compõem, para concorrerem à execução dessa miniatura da qual se tira tão bom proveito, quando se trata de demonstrar que o olho se experimentará por si mesmo.

Confesso que, por mais simples que seja o quadro que acabo de apresentar ao olha de um cego de nascença, ele não distinguirá bem suas partes a não ser quando o órgão reunir todas as condições precedentes; mas é talvez obra de um momento; e não seria difícil, aplicando-se o raciocínio que acabam de me objetar quanto a uma máquina um tanto complexa, a um relógio, por exemplo, demonstrar, pelo pormenor de todos os movimentos que se passem no tambor, no fuso, nas rodas, nas palhetas, no balancim etc, que a agulha precisará de quinze dias a fim de percorrer o espaço de um segundo. Se se responder que tais movimentos são simultâneos, replicarei que sucede talvez o mesmo com os que se passam no olho, quando ele se abre pela primeira vez, e com a maioria dos julgamentos que se fazem, em consequência. Sejam quais forem as condições exigidas ao olho para que seja capaz da visão, cumpre convir que não compete ao tato fornecer-lhas, que o referido órgão as adquiere por si mesmo; e que, por conseguinte, chegará a distinguir as figuras que nele hão

de se pintar, sem o auxílio de um outro sentido.

Mas, uma vez mais, dir-se-á, quando é que se chegará a isso? Talvez mais depressa do que se pensa. Quando fomos visitar juntos o gabinete do Jardim Real, vós vos lembrais, senhora, da experiência do espelho côncavo, e do susto que tomastes quando vistes vir a vós a ponta de uma espada com a mesma velocidade que a ponta daquela que estava em vossa mão avançava para a superfície do espelho? Entretanto tínheis o hábito de referir além dos espelhos todos os objetos que neles se pintam. A experiência não é, pois, nem tão necessária nem mesmo tão infalível quanto se pensa, para perceber os objetos ou suas imagens onde elas estão. Não há nada, inclusive o vosso papagaio, que não me forneça prova disso. A primeira vez que ele se viu em um espelho, aproximou o bico e, encontrando apenas a si próprio que tomou por seu semelhante, fez a volta do espelho. Não quero de modo algum atribuir ao testemunho do papagaio mais força do que tem; mas é uma experiência animal onde o preconceito não pode ter parte.

Entretanto, se me assegurassem que um cego de nascença nada distinguiu durante dois meses, não ficaria espantado. Concluiria daí somente a necessidade da experiência do órgão, mas de nenhum modo a necessidade do contato para experimentá-lo. Eu não compreenderia senão melhor o quanto importa deixar um cego de nascença passar algum tempo na obscuridade, quando o destinamos a observações; dar a seus olhos a liberdade de se exercitarem, o que ele fará mais comodamente nas trevas do que em pleno dia; e não lhe conceder, nas experiências, senão uma espécie de crepúsculo, ou aproveitar pelo menos no local onde elas se efetuarem a vantagem de aumentar a diminuir à discrição a claridade. Encontrar-me-ão

ainda mais disposto a convir que essas espécies de experiências serão sempre muito difíceis e muito incertas; e que o mais curto com efeito, embora na aparência o mais longo, é premunir o indivíduo de conhecimentos filosóficos que o capacitem a comparar as duas condições pelas quais passou, e a nos informar da diferença entre o estado de um cego e o de um homem que enxerga. Ainda uma vez, o que se pode esperar de preciso de quem não tem o menor hábito de refletir e mudar de opinião e que, como o cego de Cheselden, ignora as vantagens da vista, a ponto de ser insensível à sua própria desgraça, e não imaginar que a perda deste sentido prejudica muito a seus prazeres? Saunderson, a quem não se recusará o título de filósofo, não alimentava certamente a mesma indiferença; e duvido muito que fosse do mesmo parecer que o autor do excelente *Tratado dos Sistemas*. Eu suspeitaria de bom grado o último desses filósofos de haver dado ele mesmo num pequeno sistema, quando pretendeu “que, se a vida do homem fosse apenas uma sensação não interrompida de prazer ou de dor, feliz em um caso sem qualquer idéia de desventura e infeliz no outro sem qualquer idéia de ventura, ele teria gozado ou sofrido; e que, como se tal fosse a sua natureza, o homem não teria olhado em redor de si para descobrir se algum ser velava por sua conservação, ou trabalhava para prejudicá-lo; que é a passagem alternada de um a outro desses estados, que o fez refletir etc....”

Acreditais, senhora, que, descendo de percepções claras em percepções claras (pois é a maneira de filosofar do autor, e a boa maneira), jamais chegasse a semelhante conclusão? Não sucede à ventura e à desventura o mesmo que às trevas e à luz: uma não consiste na pura e simples privação da outra. Talvez nos assegurássemos de que a felicidade não nos é menos essencial

que a existência e o pensamento, se a fruíssemos sem nenhuma alteração; mas não posso dizer outro tanto da infelicidade. Seria muito natural encará-la como um estado forçado, sentir-se inocente, crer-se no entanto culpado, e acusar ou escusar a natureza, como se faz.

O Sr. Abade de Condillac pensa que uma criança não se queixa quando sofre, somente porque não sofreu sem trégua desde que veio ao mundo? Se ele me responder “que existir e sofrer seria a mesma coisa para quem sempre houvesse sofrido; e que este não imaginaria que se pudesse suspender sua dor sem destruir sua existência”; talvez, eu lhe replicaria, o homem infeliz sem interrupção não dissesse: O que fiz, para sofrer? Mas quem o impediria de dizer: O que fiz, para existir? Entretanto não vejo por que não teria ele os dois verbos sinônimos, *existo* e *sofro*, um para a prosa e outro para a poesia, tal como temos as duas expressões, *vivo* e *respiro*. De resto, notareis melhor do que eu, senhora, que esta passagem do Sr. Abade de Condillac está mui perfeitamente escrita; e receio muito que não digais, comparando minha crítica à reflexão dele, que preferis ainda um erro de Montaigne e uma verdade de Charron.²⁸

E sempre digressões, dir-me-eis vós. Sim, senhora, é a condição de nosso tratado. Eis agora minha opinião acerca das duas questões precedentes. Penso que a primeira vez que os olhos do cego de nascença se abrirem à luz, ele não perceberá nada absolutamente; que será preciso algum tempo a seu olho para que se experimente: mas que este se experimentará por si próprio, e sem a ajuda do tato; e que conseguirá não só distinguir as cores, mas discenir ao menos os limites grosseiros dos objetos. Vejamos presentemente se, na suposição de que adquira tal aptidão em um tempo muito breve, ou que a obtenha agitando os olhos nas trevas

onde se teria tomado o cuidado de encerrá-lo e de exortá-lo a esse exercício por algum tempo após a operação e antes das experiências; vejamos, digo, se ele reconheceria, à vista, os corpos que houvesse tocado, e se estaria em condições de lhes dar os nomes que lhes convêm. É a última questão que me resta a resolver.

Para me desincumbir dela de uma forma que vos apraza, posto que amais o método, distinguiria várias espécies de pessoas, com as quais se podem tentar as experiências. Caso sejam pessoas grosseiras, sem educação, sem conhecimentos, e não preparadas, penso que, quando a operação da catarata houver destruído perfeitamente o vício do órgão, e quando o olho estiver são, os objetos se pintarão nele muito distintamente; mas, que essas pessoas não estando habituadas a nenhuma espécie de raciocínio, não sabendo o que é sensação, idéia; não estando em condição de comparar as representações que receberam pelo tato com as que lhes vêm pelos olhos, essas pessoas irão declarar: Eis um círculo, eis um quadrado, sem que se possa depositar confiança em seu julgamento; ou mesmo hão de convir ingenuamente que nada percebem nos objetos, que se lhes apresentem à vista, que se pareça com o que elas tocaram.

Há outras pessoas que, comparando as figuras que hão de perceber nos corpos com aquelas que produzem impressão em suas mãos, e aplicando pelo pensamento o tato a tais corpos que se encontram a distância, dirão de um que é um quadrado, e de outro que é um círculo, mas sem saber muito bem por quê; pois a comparação das idéias que obtiveram pelo tato com as que recebem pela vista não se efetua nelas assaz distintamente a ponto de convencê-las da verdade de seus juízos.

Passarei, senhora, sem digressão, a um metafísico com o

qual se tentasse a experiência. Não duvido de modo algum que raciocinasse desde o instante em que começasse a perceber distintamente os objetos, como se os tivesse visto toda a sua vida; é que depois de comparar as idéias que lhe vêm pelos olhos com as que apreendeu pelo tato dissesse, com a mesma segurança que vós e eu: “Eu estaria muito tentado a crer que este é o corpo que sempre chamei quadrado; mas vou me abster realmente de declarar que isso é assim. Quem me provou que, se eu me aproximasse, eles não desapareceriam debaixo de minhas mãos? O que sei eu se os objetos de minha vista não se destinam a ser também os objetos de meu tato? Ignoro se o que me é visível é palpável; mas ainda não estivesse nessa incerteza, e que acreditasse na palavra das pessoas que me rodeiam, que o que vejo é realmente o que toco, eu não teria avançado muito mais. Os referidos objetos poderiam muito bem transformar-se em minhas mãos, e enviar-me, pelo tato, sensações totalmente contrárias às que experimentei pela vista. Senhores, acrescentaria, esse corpo me parece o quadrado e aquele, o círculo; mas não tenho nenhuma ciência de que sejam tais ao tato assim como à vista”.

Se substituirmos um geômetra ao metafísico, Saunderson a Locke, ele nos dirá como o outro que, a crer em seus olhos, de duas figuras que enxerga, aquela é a que denominava quadrado é esta a que denominava círculo: “pois me apercebo, acrescentaria, que não há outra além da primeira onde eu possa arranjar os fios e colocar os alfinetes de cabeça grande, que marcavam os pontos angulares do quadrado; e que não há outra além da segunda à qual eu possa inscrever ou circunscrever os fios que me eram necessários para demonstrar as propriedades do círculo. Eis portanto um círculo! Eis portanto um quadrado! Mas, continuaria ele, com Locke, pode Ser que, quando eu aplicasse minhas mãos

sobre essas figuras, elas se transformariam uma na outra de maneira que a mesma figura poderia servir-me para demonstrar aos cegos as propriedades do círculo, e aos que vêem, as propriedades do quadrado. Pode ser que eu visse um quadrado e que ao mesmo tempo sentisse um círculo. Não, teria prosseguido; estou enganado. Aqueles a quem eu demonstrava as propriedades do círculo e do quadrado não estavam com as mãos sobre o meu ábaco e não tocavam os fios que eu estendera e que limitavam minhas figuras; entretanto eles me compreendiam. Não viam portanto um quadrado, quando eu sentia um círculo; sem o que nunca estaríamos entendidos; eu lhes teria traçado uma figura, e demonstrado as propriedades de outra; eu lhes teria dado uma linha reta por um arco de círculo, e um arco de círculo por uma linha reta. Mas, visto que todos me entendiam, todos os homens vêem uns como os outros: eu vejo portanto quadrado o que eles viam quadrado, e circular o que eles viam circular. Assim, aí está o que sempre denominei quadrado, e aí está o que sempre denominei círculo”.

Substituí o círculo à esfera, e o quadrado ao cubo, porque tudo indica que nós julgamos das distâncias apenas pela experiência; e, conseqüentemente, que aquele que se serve dos olhos pela primeira vez vê apenas superfícies e que ele não sabe o que vem a ser saliência; pois a saliência de um corpo à vista consiste no fato de alguns de seus pontos parecerem mais próximos de nós do que os outros.

Mas ainda que o cego de nascença julgasse, desde a primeira vez que vê, da saliência e da solidez dos corpos, e que estivesse em condição de discernir, não só o círculo do quadrado, mas também a esfera do cubo, nem por isso creio que acontecesse o mesmo com todo outro objeto mais composto. É muito provável que a

cega²⁹ de nascença do Sr. Réaumur discernisse as cores umas das outras, mas pode-se apostar trinta contra um que ela se pronunciou ao acaso sobre a esfera e sobre o cubo; e considero como certo que, a não ser por uma revelação, não lhe foi possível reconhecer suas luvas, seu roupão e seu calçado. Estes objetos estão carregados de tão grande número de modificações; há tão poucas relações entre sua forma total e a dos membros que são destinados a ornar ou a cobrir que constituiria um problema cem vezes mais embaraçoso para Saunderson, o de determinar o uso de seu barrete, do que para o Sr. d'Alembert ou o Sr. Clairaut,³⁰ o de redescobrir o uso de suas tábuas.

Saunderson não deixaria de supor que reina uma relação geométrica entre as coisas e seu uso; e conseqüentemente perceberia, em duas ou três analogias, que seu barrete era feito para sua cabeça: não há aí nenhuma forma arbitrária que tendesse a perdê-lo. Mas que pensaria dos ângulos e da borla de seu barrete? De que serve esse tufo? Por que de preferência quatro ângulos e não seis?, ter-se-ia perguntado; e essas duas modificações, que são para nós uma questão de ornamento, teriam sido para ele a fonte de uma multidão de raciocínios absurdos ou, antes, a ocasião para uma excelente sátira do que chamamos o bom gosto.

Pensando maduramente as coisas, confessar-se-á que a diferença existente entre uma pessoa que sempre enxergou, mas a quem o uso de um objeto é desconhecido, e a que conhece o uso de um objeto, mas que nunca enxergou, não é em vantagem desta: entretanto, acreditais, senhora, que se alguém vos mostrasse hoje, pela primeira vez, um adereço, jamais chegaríeis a adivinhar que é um adorno, e que é um adorno de cabeça? Mas, se é tanto mais difícil a um cego de nascença, que vê pela primeira vez, julgar bem

os objetos conforme tenham um maior número de formas, quem o impediria de tomar um observador inteiramente vestido e imóvel em uma poltrona colocada diante dele, por móvel ou por máquina, e uma árvore com as folhas e os ramos agitados pelo ar, por um ser que se move, animado e pensante? Senhora, quantas coisas nossos sentidos nos sugerem; e como nos seria difícil, sem os nossos olhos, supor que um bloco de mármore não pensa nem sente!

Resta pois a demonstrar que Saunderson estaria certo de que não se enganava no julgamento que acabava de pronunciar sobre o círculo e o quadrado somente; e que há casos onde o raciocínio e a experiência dos outros podem esclarecer a vista acerca da relação do tato, e instruí-la de que aquilo que é assim para o olho é assim também para o tato.

Não seria entretanto menos essencial, quando alguém se propusesse a demonstrar alguma proposição de eterna verdade, como é chamada, comprovar sua demonstração, privando-a do testemunho dos sentidos; pois percebeis bem, senhora, que, se alguém pretendesse provar-vos que a projeção de duas linhas paralelas sobre um quadrado deve efetuar-se por duas linhas convergentes, porque duas alamedas parecem tais, esqueceria que a proposição é verdadeira para um cego tanto para ele.

Mas a suposição anterior do cego de nascença sugere duas outras, uma de um homem que enxergasse desde o nascimento, e que não possuísse o sentido do tato, e outra de um homem em quem o sentido da vista e do tato estivessem perpetuamente em contradição. Poder-se-ia perguntar ao primeiro se, restituindo-lhe o sentido que lhe falta, e tirando-lhe o sentido da vista mediante uma venda, ele reconhecia os corpos ao tocá-los. É evidente que a geometria, caso fosse nela instruído, lhe forneceria um meio

infalível de certificar-se se o testemunho dos dois sentidos são contraditórios ou não. Precitaria apenas tomar o cubo ou a esfera entre as mãos, demonstrar a alguém suas propriedades, e declarar, se o estiverem compreendendo, que a gente vê cubo o que ele sente cubo, e que é portanto o cubo que ele está segurando. Quanto àquele que ignorasse essa ciência, penso que não lhe seria mais fácil discenir, pelo tato, o cubo da esfera do que ao cego do Sr. Molineux distingui-los pela vista.

Com respeito àquele em quem as sensações da vista e do tato fossem perpetuamente contraditórias, não sei o que pensaria das formas, da ordem, da simetria, da beleza, da feiúra etc... Segundo tudo indica, ficaria, com referência a essas coisas, como nós ficamos relativamente à extensão e à duração reais dos seres. Declararia, em geral, que um corpo tem uma forma; mas deveria inclinar-se a acreditar que esta não é nem a que ele vê nem a que ele sente. Um tal homem poderia muito bem estar descontente com seus sentidos; mas seus sentidos não estariam nem contentes nem descontentes com os objetos. Se fosse tentado a acusar um deles de falsidade, creio que seria do tato que se queixaria. Com circunstâncias o inclinariam a pensar que a feiúra dos objetos muda mais pela ação de suas mãos sobre eles do que pela dos objetos sobre seus olhos. Mas, em consequência desses prejulgamentos, a diferença entre a dureza e a moleza, que observaria nos corpos, seria muito embaraçosa para ele.

Mas do fato de nossos sentidos não estarem em contradição quanto às formas, decorre que elas nos são melhor conhecidas? Quem nos disse que não temos a haver-nos com falsas testemunhas? No entanto, nós julgamos. Infelizmente!, senhora, quando alguém pôs os conhecimentos humanos na balança de Montaigne, não está longe de adotar sua divisa.³¹ Pois, o que

sabemos nós?, o que é matéria? Coisa nenhuma; o que são o espírito e o pensamento? menos ainda; o que é o movimento, o espaço e a duração? absolutamente nada; as verdades geométricas? Interrogai matemáticos de boa fé, e eles hão de vos confessar que suas proposições são todas idênticas, e que tantos volumes sobre o círculo, por exemplo, se reduzem a nos repetir de cem mil maneiras diferentes que é uma figura onde todas as linhas tiradas do centro à circunferência são iguais. Nós não sabemos portanto quase nada; entretanto, quantos escritos cujos autores pretenderam todos saber algo! Não chego a adivinhar por que o mundo não se enfastia de ler e de nada aprender, a menos que seja pela mesma razão pela qual há duas horas tenho a honra de vos entreter, sem me enfastiar e sem nada vos dizer.

Sou com profundo respeito,

Senhora,

Vosso mui humilde e mui obediente servidor

Notas

¹ Diderot escreve *Possunt, nec posse videntur*, mas o texto de Virgílio diz: *Possunt, quia possunt videntur*, ou seja, “podem porque julgam poder”, in Virgílio, *Obras Completas*, tradução de Odorico Mendes, São Paulo, Edições Cultura, 1943, p. 228.

² Sra. de Puisieux, amante de Diderot, cujas necessidades em dinheiro seriam responsáveis pela composição, entre outras obras, da *Carta*. A versão é da Sra. Vandeul, mas há quem conteste a identificação da destinatária da carta com a Sra. Puisieux.

³ Físico e naturalista francês (1683-1757).

⁴ No sentido de conjunto de pensos e outros elementos aplicados como “curativo”.

⁵ O oculista Hilmer.

⁶ No departamento francês de Loiret.

⁷ A figura da *Dióptrica* de Descartes, reproduzida na *Carta*, procede de uma edição do século XVIII, como comprova o traje.

⁸ Lugar-tenente da polícia de 1725-1738. Adotou medidas rigorosas contra os

jansenistas e contra o banditismo.

⁹ Joseph Rapson ou obscuro discípulo de Newton, falecido por volta de 1712.

¹⁰ Notável antecipação dos métodos do Abade l'Epée (1712-1789), para surdos-mudos.

¹¹ Nicholas Saunderson (1682-1739), um dos mais renomados cientistas cegos. Matemático, foi professor em Cambridge e membro da Royal Society.

¹² *The Elements of Algebra* (Cambridge, The University Press, 1740-1741, 2 vol.).

¹³ *Memoirs of the Life and Character of Dr. Nicholas Saunderson*, Thomas Nittleton, Richard Wilkes, John Boldero, Gervase Holmes, Granville Wheeler, Richard Davies.

¹⁴ Marivaux, comediógrafo e escritor (1688-1763), cujo refinamento estilístico atraiu muitas vezes a acusação de preciosismo, suscitando mesmo a expressão *marivaudage*, no sentido de afetação de estilo.

¹⁵ Trata-se do idealismo absoluto, ou imaterialismo, do bispo irlandês Berkeley (1685-1753).

¹⁶ *Three Dialogues between Hylas and Philonous* (1713).

¹⁷ Ensaio sobre a origem dos conhecimentos humanos, do filósofo sensualista Condillac (1714-1780).

¹⁸ Descartes, Malebranche, Leibniz, Espinosa e outros, contra os quais Condillac investe no *Traité des Systemes*.

¹⁹ Lista de cegos famosos colhida no *The Elements of Algebra*, de Saunderson.

²⁰ Adivinho tebano.

²¹ Ministro que assistiu efetivamente o matemático cego, em seus derradeiros momentos.

²² Filósofo inglês (1675-1729), autor da coletânea de sermões reunida sob o título de *Demonstração da Existência e dos Atributos de Deus*.

²³ Clara formulação de uma seleção natural, devida, sem dúvida, a Diderot e não a Saunderson.

²⁴ *A Vida e o Caráter do Dr. Nicholas Saunderson Falecido Professor Lucasiano de Matemáticas na Universidade de Cambridge; por seu Discípulo e Amigo William Ingham, Esquire*. O título e o autor são pura invenção de Diderot, que combinou o título da obra citada na nota 13, com o que consta em *The Elements of Algebra*. Traduzimos a designação *lucasiana* que qualifica uma das cadeiras de matemática de Cambridge e vincula-se ao nome de Lucas Pacioli, tratadista italiano no Renascimento.

²⁵ Os dados sobre a esposa e o número de filhos de Saunderson são corretos. Quanto à cena, é criação de Diderot.

²⁶ Amigo de Locke, formulou em carta a ele dirigida o problema que se tornou famoso. William Molineaux é também autor de uma Dióptrica.

²⁷ Cirurgião inglês (1688-1752). As suas operações da catarata foram divulgadas no Continente, sobretudo por Voltaire, cujos *Éléments de la Philosophie de Newton* são citados em nota por Diderot.

²⁸ Moralista francês (1541-1603). Parafraseador de certos aspectos do pensamento de Montaigne; escreveu o célebre *Traité de la Sagesse*.

²⁹ Diderot, por mutação ou distração, muda nesta passagem o sexo do paciente do Sr. Réaumur.

³⁰ Matemático e astrônomo francês (1713-1765).

³¹ “O que sei eu?”

ADIÇÃO À CARTA PRECEDENTE*

Tradução e notas de **J. Guinsburg**

* Escrita dois ou três anos antes da morte de Diderot, figura entre os seus últimos escritos.

Vou atirar sem ordem, sobre o papel, fenômenos que não me eram conhecidos, e que servirão de provas ou de refutação a alguns parágrafos de minha *Carta Sobre os Cegos*. Há trinta e três ou trinta e quatro anos que a escrevi; reli-a sem parcialidade, e não estou muito descontente. Embora a primeira parte me parecesse mais interessante que a segunda, e embora eu sentisse que aquela podia ser um pouco mais extensa e esta muito mais curta, deixaria uma e outra tais como as fiz, de medo de que a página do moço não se tornasse melhor pelo retoque do velho. O que há de suportável nas idéias e na expressão, creio que eu o buscaria inutilmente hoje em dia, e temo ser igualmente incapaz de corrigir o que há de repreensível. Um pintor célebre de nossos dias¹ emprega os derradeiros anos de sua vida em estragar as obras-primas que produziu no vigor da idade. Não sei se os defeitos que repara são reais; mas o talento que os retificaria, ou jamais ele o teve se levou as imitações da natureza aos derradeiros limites da arte, ou, se o possuiu, ele o perdeu, porque tudo o que é do homem perece com o homem. Vem um tempo em que o gosto dá conselhos cuja justeza se reconhece, mas que não se tem mais a força de seguir.

É a pusilanimidade que nasce da consciência da fraqueza, ou a preguiça, que é uma das conseqüências da fraqueza e da pusilanimidade, que me desgosta de um trabalho que iria prejudicar mais do que servir à melhoria de minha obra.

*Solve senescentem mature sanus equum, ne
Peccet ad extremum ridentus, et ili ducat.*²

Fenômenos

I. Um artista que domina a fundo a teoria de sua arte, e que não perde para nenhum outro na prática, assegurou-me que era pelo tato e não pela vista que julgava da redondeza dos pinhões; que os fazia rolar lentamente entre o polegar e o índice, e que era pela impressão sucessiva que discernia ligeiras desigualdades que escapariam a seu olho.

II. Falaram-me de um cego que conhecia pelo tato qual era a cor dos tecidos.

III. Eu poderia citar um que matiza ramalhetes com essa delicadeza de que J. J. Rousseau se gabava quando confiava a seus amigos, seriamente ou por gracejo, o intento de abrir uma escola onde administraria lições aos floristas de Paris.

IV. A cidade de Amiens viu um aparelhador cego dirigir uma oficina numerosa com tanta inteligência como se estivesse no uso de seus olhos.

V. O uso dos olhos tirava a uma clarividente a segurança da mão; para rapar a cabeça, afastava o espelho e se postava diante de uma parede nua. O cego que não percebe o perigo torna-se tanto mais intrépido, e não duvido de modo algum que caminhasse com um passo mais firme sobre tábuas estreitas e elásticas que formassem uma ponte por cima de um precipício. Há poucas pessoas às quais o aspecto das grandes profundidades não obscureça a vista.

VI. Quem não conheceu ou ouviu falar do famoso Daviel?³ Assisti várias vezes às suas operações. Eliminou a catarata de um ferreiro que contraíra a moléstia no fogo contínuo de seu forno; e durante os vinte e cinco anos em que cessara de enxergar,

adquirira tal hábito de se referir ao tato, que foi preciso maltratá-lo a fim de obrigá-lo a servir-se do sentido que lhe fora restituído; Daviel dizia-lhe ao batê-lo: Queres olhar, carrasco!... Ele andava, agia; tudo o que fazemos com os nossos olhos abertos, ele fazia com os olhos fechados.

Poder-se ia concluir daí que o olho não é tão útil às nossas necessidades, nem tão essencial à nossa felicidade, quanto estaríamos tentados a crer. Qual é a coisa do mundo à qual uma longa privação que não é acompanhada de nenhuma dor não nos tornaria a perda indiferente, se o espetáculo da natureza não oferecesse mais encanto ao cego de Daviel? A vista de uma mulher que nos fosse cara? Não creio, qualquer que seja a consequência do fato que vou contar. A gente imagina que se passasse muito tempo sem ver, depois a gente não se cansaria de olhar; isso não é verdade. Que diferença entre a cegueira momentânea e a cegueira habitual!

VII. A beneficência de Daviel trazia, de todas as províncias do reino para seu laboratório, enfermos indigentes que vinham implorar-lhe auxílio, e sua reputação atraía uma assembléia curiosa, instruída e numerosa; creio que fazíamos parte dela no mesmo dia, o Sr. Marmontel e eu. O paciente estava sentado; eis a catarata retirada; Daviel pousa a mão sobre os olhos que acabava de reabrir para a luz. Uma mulher idosa, em pé ao lado dele, mostrava o mais vivo interesse pelo êxito da operação; tremia com todos os membros a cada movimento do operador. Este faz-lhe sinal para se aproximar, e a coloca de joelhos diante do operador; afasta as mãos, o doente abre os olhos, vê, exclama: Ah!, é minha mãe!... Nunca ouvi um grito tão patético; parece-me que ainda o ouço agora. A velha desmaia, as lágrimas correm dos olhos da assistência, e as esmolas caem de suas bolsas.

VIII. De todas as pessoas que foram privadas da vista quase ao nascer, a mais surpreendente que jamais existiu e que existirá é a Srta. Mélanie de Salignac,⁴ parenta do Sr. de La Farque, tenente-general dos exércitos do rei, ancião que acaba de morrer com a idade de noventa e um anos, coberto de ferimentos e cumulado de honras; ela é filha da Sra. de Blacy, que ainda vive e que não passa um dia sem lamentar uma criança que constituía a ventura de sua existência e a admiração de todos os seus conhecidos. A Sra. de Blacy é uma mulher distinta, pela eminência de suas qualidades morais, e a quem se pode interrogar sobre a verdade do meu relato. Foi de sua boca que recolhi, sobre a vida da Srta. de Salignac, as particularidades que puderam escapar-me durante um comércio de intimidade que começou com ela e com sua família em 1760, e que durou até 1763, ano de sua morte.

Possuía uma razão muito sólida, uma doçura encantadora, uma finura não muito comum nas idéias, e ingenuidade. Uma de suas tias convidou sua mãe a vir ajudar-lhe a agradar a dezenove ostrogodos que tinha para o almoço, e sua sobrinha disse: *Não compreendo nem um pouco minha querida tia; por que agradar a dezenove ostrogodos? Por mim, só quero agradar àqueles que eu amo.*

O som da voz exercia sobre ela a mesma sedução ou a mesma repugnância que a fisionomia sobre aquele que vê. Um de seus parentes, recebedor geral das finanças, teve com a família um mau procedimento que ela não esperava, e ela observou com surpresa: *Quem iria crê-lo em uma voz tão doce?* Quando ouvia cantar, distinguia vozes morenas e vozes louras.

Quando lhe falavam, julgava da estatura pela direção do som que a atingia do alto para baixo, se a pessoa fosse alta, ou de

baixo para cima, se a pessoa fosse baixa.

Ela não se preocupava em enxergar; e um dia em que lhe perguntei a razão: “É, respondeu-me, que eu teria apenas meus olhos, ao passo que assim desfruto dos olhos de todos; é que, por esta privação, torno-me objeto contínuo de interesse e de comiseração; a todo momento me fazem favores, e a todo momento sou grata; se eu enxergasse, infelizmente!, logo ninguém mais se ocuparia de mim.”

Os erros da vista diminuíram para ela o valor desta. “Estou, dizia, à entrada de uma longa aléia; em sua extremidade há um objeto: um de vós o vê em movimento; o outro o vê em repouso; um diz tratar-se de um animal, outro diz tratar-se de um homem, e verifica-se, quando se chega perto, que é um tronco. Todos ignoram se a torre que percebem ao longe é redonda ou quadrada. Eu desafio os turbilhões de pó, enquanto os que me cercam fecham os olhos e ficam infelizes, às vezes durante um dia inteiro, por não os terem fechado a tempo. Não é preciso mais do que um átomo imperceptível para atormentá-los cruelmente...” À aproximação da noite, dizia que *nosso reino ia findar, e que o dela ia começar*. Concebe-se que, vivendo nas trevas com o hábito de agir e pensar durante uma noite eterna, a insônia, que nos é tão irritante, não lhe fosse sequer importuna.

Não me perdoava por haver escrito que os cegos, privados dos sintomas do sofrimento, deviam ser cruéis. “E vós credes, dizia-me, que ouvis o lamento como eu? — Há infelizes que sabem sofrer sem lamentar-se. — Creio, acrescentava, que eu logo os perceberia, e que eu os lamentaria ainda mais.”

Era apaixonada pela leitura e louca por música. “Creio, dizia, que nunca me cansaria de ouvir cantar ou tocar superiormente um instrumento, e se esta ventura constituísse, no

céu, a única a ser desfrutada, eu não ficaria zangada por me encontrar lá. Pensais certo quando assegurais a respeito da música que é a mais violenta das belas-artes, sem excetuar nem a poesia, nem a eloquência; que Racine mesmo não se exprimia com a delicadeza de uma harpa; que sua melodia era pesada e monótona em comparação com a de um instrumento, e que amiúde desejastes infundir a vosso estilo a força e a ligeireza dos tons de Bach. Quanto a mim, é a mais bela das línguas que conheço. Nas línguas faladas, quanto melhor as pronunciarmos, mais articulamos suas sílabas, ao passo que na linguagem musical, os sons mais distantes, do grave ao agudo e do agudo ao grave, se urdem e se seguem imperceptivelmente; são por assim dizer uma única e longa sílaba, que a cada instante varia de inflexão e de expressão. Enquanto a melodia traz esta sílaba a meu ouvido, a harmonia executa sem confusão, em uma multidão de instrumentos diversos, outras duas, três, quatro ou cinco, que concorrem todas para fortificar a expressão da primeira, e as partes cantantes são outros tantos intérpretes que eu dispensaria realmente, quando o sinfonista é homem de gênio e sabe dar caráter a seu canto.

“É sobretudo no silêncio da noite que a música é expressiva e deliciosa.

“Eu me persuado de que, distraídos por seus olhos, os que enxergam não podem nem ouvi-la, nem entendê-la, como eu a ouço e a entendo. Por que me parece pobre e fraco o elogio que me fizeram dela? Por que jamais pude falar dela como a sinto? Por que me detinha eu no meio de meu discurso, procurando palavras que pintassem minha sensação sem encontrá-las? Acaso não foram ainda inventadas? Eu não poderia comparar o feito da música senão à embriaguez que experimento quando, após longa

ausência, me precipito entre os braços de minha mãe, quando a voz me falta, quando os membros me tremem, quando as lágrimas correm, quando os joelhos vacilam; sinto como se fosse morrer de prazer.”

Tinha o mais delicado sentimento do pudor; e quando lhe perguntei a razão: “E, dizia-me, o efeito dos discursos de minha mãe, ela me repetiu tantas vezes que a vista de certas partes do corpo convidava ao vício: e eu vos confessaria, se ousasse, que faz só pouco tempo que eu o compreendi, e que foi talvez preciso que eu cessasse de ser inocente”.

Morreu de um tumor nas partes naturais interiores, que ela nunca teve a coragem de declarar.

Era, em suas vestimentas, em sua roupa branca, em sua pessoa, de um asseio tanto mais requintado quanto, não enxergando nada, nunca estava bastante segura de ter feito o que era mister para poupar aos que a viam o desgosto do vício oposto.

Se lhe vertiam para beber, ela conhecia, pelo ruído do líquido que caía, quando seu copo estava bastante cheio. Tomava os alimentos com uma circunspecção e uma perícia surpreendentes.

Fazia às vezes o gracejo de postar-se diante de um espelho para enfeitar-se e de imitar todos os trejeitos de uma coquete que toma as armas. Esta pequena macaquice era de uma verdade capaz de fazer estourar de rir.

Haviam-se esforçado, desde sua mais tenra juventude, a aperfeiçoar os sentidos que lhe restavam, e é incrível até onde foram bem-sucedidos. O tato lhe ensinara, sobre as formas dos corpos, singularidades amiúde ignoradas dos que possuíam os melhores olhos.

Tinha o ouvido e o olfato refinados; julgava, pela impressão do ar, do estado da atmosfera, se o tempo era nebuloso ou sereno,

se caminhava em uma praça ou em uma rua, em uma rua ou em um beco, em um lugar aberto ou em um lugar fechado, em um amplo apartamento ou em um aposento estreito.

Media o espaço circunscrito pelo rumor de seus pés ou pela repercussão de sua voz. Quando percorria uma casa, a sua topografia permanecia-lhe na cabeça, a ponto de prevenir os outros sobre os pequenos perigos a que se expunham: *Tomai cuidado*, dizia, *aqui a porta é muito baixa, ali encontrareis um degrau*.

Notava na voz uma variedade que nos é desconhecida, e quando ouvia uma pessoa falar uma vez, era para sempre.

Era pouco sensível aos encantos da mocidade e ficava pouco chocada com as rugas da velhice. Dizia que nada lhe era tão temível como as qualidades do coração e do espírito. Era ainda uma das vantagens da privação da vista, sobretudo para as mulheres. *Nunca*, dizia, *um belo homem vai me virar a cabeça*.

Era confiante! Era tão fácil, e teria sido tão vergonhoso enganá-la! Era uma perfídia inescusável induzi-la a crer que estava só em um apartamento.

Não tinha nenhuma sorte de terror pânico; raramente sentia tédio; a solidão ensinara-lhe a bastar-se a si mesma. Observava que nas viaturas públicas, em viagem, ao cair do dia, todo mundo tornava-se silencioso. *Quanto a mim*, dizia, *não tenho necessidade de ver aqueles com os quais gosto de conversar*.

De todas as qualidades, o julgamento sadio, a doçura e a jovialidade eram as que mais prezava.

Falava pouco e escutava muito: *Eu me pareço aos pássaros*, dizia, *aprendo a cantar nas trevas*.

Comparando o que ouvira de um dia a outro, ficava revoltada com a contradição de nossos julgamentos: parecia-lhe

quase indiferente ser louvada ou censurada por seres tão inconseqüentes.

Haviam-lhe ensinado a ler com caracteres talhados. Tinha a voz agradável, cantava com gosto; passaria de bom grado a vida nos concertos ou na Ópera; não havia quase música barulhenta que a enfastiasse. Dançava maravilhosamente; tocava, além do mais, muito bem a viola, e tirara desse talento um meio de fazer-se procurada por jovens de sua idade e aprender as danças e as contradanças da moda.

Era a mais amada de seus irmãos e irmãs. “E eis, dizia, o que ainda devo às minhas enfermidades: ligam-se a mim pelos cuidados que me dispensaram e pelos esforços que fiz para reconhecê-los e para merecê-los. Acrescentai que meus irmãos e minhas irmãs não se sentem de modo algum enciumados. Se eu tivesse olhos, seria às custas de meu espírito e de meu coração. Tenho tantas razões para ser boa!, o que seria de mim se eu perdesse o interesse que inspiro?”

Na mudança da fortuna de seus pais, a perda dos mestres foi a única coisa que lastimou; mas estes lhe dedicavam tanto apego e estima, que o geômetra e o músico suplicaram-lhe com insistência para que aceitasse suas aulas gratuitamente, e ela dizia à mãe: *Mamãe, o que fazer? Eles não são ricos, e precisam de todo o seu tempo.*

Haviam-lhe ensinado música por meio de caracteres em relevo que eram colocados sobre linhas eminentes à superfície de uma grande mesa. Lia os caracteres com a mão; executava-os em seu instrumento, e em pouquíssimo tempo de estudo aprendera a tocar com partitura a mais longa e mais complicada peça.

Possuía os elementos de astronomia, de álgebra e de geometria. Sua mãe, que lhe lia o livro do Abade de La Gaille,⁵

perguntava-lhe às vezes se entendia aquilo: *Correntemente*, respondia-lhe ela.

Pretendia que a geometria era a verdadeira ciência dos cegos porque exigia forte aplicação e porque não havia necessidade de nenhum auxílio para aperfeiçoar-se nela. *O geômetra*, acrescentava, *passa quase a vida toda com os olhos fechados*.

Vi os mapas sobre os quais estudara geografia. As paralelas e os meridianos são fios de latão; os limites dos reinos e das províncias são distinguidos por bordado em linha, em seda e em lã mais ou menos forte; os rios, os cursos d'água e as montanhas, por meio de cabeças de alfinetes maiores ou menores; e as cidades mais ou menos importantes por meio de gotas de cera desiguais.

Eu lhe dizia um dia: “Senhorita, figurai um cubo. — Eu o vejo. — Imaginai no centro do cubo um ponto. — Está feito. — Deste ponto, tirai linhas retas aos ângulos; pois bem, assim tereis dividido o cubo. — Em seis pirâmides iguais, adicionou por si mesma, cada uma com as mesmas faces, com as bases do cubo e a metade de sua altura. — Isso é verdade; mas onde vedes isso? — Em minha cabeça, como vós”.

Confesso que nunca concebi nitidamente como ela figurava na cabeça sem colorir. Este cubo ter-se-ia formado pela memória das sensações do tato? Seu cérebro tornara-se uma espécie de mão, debaixo da qual as substâncias se realizavam? Estabelecera-se com o tempo uma espécie de correspondência entre dois sentidos diversos? Por que não existe esse comércio em mim, e nada vejo em minha cabeça sem colorir? O que é a imaginação de um cego? Este fenómeno não é tão fácil de explicar como se poderia crer.

Escrevia com um alfinete com o qual picava a folha de papel estendida sobre um quadro atravessado por duas lâminas

paralelas e móveis, que conservavam entre si espaço vazio, exceto o intervalo de uma linha a outra. A mesma escrita servia para a resposta, que ela lia passeando a ponta do dedo sobre as pequenas desigualdades que o alfinete ou agulha haviam praticado no *verso* do papel.

Lia um livro que fora impresso apenas de um lado. Prault⁶ o imprimira desta maneira para o uso dela.

Inseriu-se no *Mercure* ⁷ da época uma de suas cartas.

Tivera a paciência de copiar à agulha o *Abrégé Historique* do Presidente Hénault,⁸ e obteve da Senhora de Blacy, mãe dela, esse singular manuscrito.

Eis um fato em que dificilmente se acreditará, apesar do testemunho de toda a sua família, o meu e o de vinte pessoas ainda vivas; é que, de uma peça de doze a quinze versos, se lhe dava a primeira letra e o número de letras que compunham cada palavra, ela reencontrava a peça proposta, por mais extravagante que fosse. Fiz a experiência com anfiguris de Collé.⁹ Ela obtinha às vezes uma expressão mais feliz que a do poeta.

Enfiava com rapidez a linha na mais delgada agulha, esticando o fio ou a seda sobre o índice da mão esquerda, e puxando, pelo buraco da agulha colocada perpendicularmente, o fio ou a seda com uma ponta muito fina.

Não havia nenhuma espécie de pequenos trabalhos que não executasse; debruns, bolsas cheias ou simetrizadas, *à jour*, com diferentes desenhos em diversas cores; ligas, pulseiras, colares com pequenos grãos de vidro, como caracteres tipográficos. Não duvido tampouco que não teria sido bom compositor de tipografia: quem faz o mais difícil faz o mais fácil.

Jogava perfeitamente o reversivo, o mediador e a quadrilha;¹⁰ dispunha sozinha suas cartas, que distinguia por pequenos traços

que reconhecia ao toque; e que os outros não reconheciam nem ao toque nem à vista. No reversivo, mudava de sinais nos ases, sobretudo no ás de ouros e no valete de copas. A única atenção que se lhe dava era nomear a carta ao jogá-la. Se acontecia que o valete de copas estivesse ameaçado, espalhava-se sobre o lábio dela um ligeiro sorriso que não conseguia conter, embora conhecesse a sua indiscrição.

Era fatalista; pensava que os esforços que efetuamos para escapar ao nosso destino servem apenas para nos conduzir a ele. Quais eram suas opiniões religiosas? Ignora-as; era um segredo que guardava por respeito à mãe piedosa.

Só me resta expor-vos as idéias que tinha sobre a escrita, o desenho e a pintura; não creio que se possa ter outras mais próximas da verdade; é assim, espero, que se julgará pela conversação que se segue, e da qual sou um dos interlocutores. Foi ela quem falou primeiro.

— Se houvésseis traçado sobre minha mão, com um estilete, um nariz, uma boca, um homem, uma mulher, uma árvore, certamente eu não me enganaria; eu não desesperaria mesmo, se o traço fosse exato, de reconhecer a pessoa cuja imagem me tivésseis feito: minha mão tornar-se-ia para mim um espelho sensível; mas grande é a diferença de sensibilidade entre essa tela e o órgão da vista.

Suponho portanto que o olho seja uma tela viva de uma delicadeza infinita; o ar atinge o objeto, do objeto ele é refletido para o olho, que recebe dele uma infinidade de impressões diversas conforme à natureza, à forma, à cor do objeto e talvez às qualidades do ar que me são desconhecidas e que vós também não conheceis melhor do que eu; é pela variedade dessas sensações que ele vos é pintado.

Se a pele de minha mão igualasse a delicadeza de vossos olhos, eu veria por minha mão como vós vedes por vossos olhos, e imagino às vezes que existem animais que são cegos, e que nem por isso são menos clarividentes.

— E o espelho?

— Se todos os corpos não são outros tantos espelhos, é por algum defeito em sua contextura, que extingue a reflexão do ar. Apego-me tanto mais a esta idéia, quanto o ouro, a prata, o ferro, o cobre polido tornam-se próprios para refletir o ar, e quanto a água agitada e o espelho riscado perdem esta propriedade.

É a variedade da sensação e, por conseguinte, da propriedade de refletir o ar nos materiais que empregais, que distingue a escrita do desenho, o desenho da estampa, a estampa do quadro.

A escrita, o desenho, a estampa e o quadro de uma só cor são outros tantos camafeus.

— Mas quando não há senão uma cor, não se deveria discernir senão esta cor.

— É aparentemente o fundo da tela, a espessura da cor e a maneira de empregá-la que introduzem na reflexão do ar uma variedade correspondente à das formas. De resto, não me pergunteis mais nada, não sei mais do que isso.

— E eu me daria muito trabalho inútil para vos ensinar algo mais a respeito.

Eu não vos contei, sobre esta jovem cega, tudo o que poderia ter observado freqüentando-a mais e interrogando-a com mais talento; mas eu vos dou minha palavra de honra que não vos contei nada que não fosse de minha experiência.

Ela morreu, com vinte e dois anos de idade. Dotada de uma memória imensa e de penetração igual a sua memória, que

caminho não teria percorrido nas ciências, se dias mais longos lhe houvessem sido concedidos! A mãe lia-lhe a história, e era uma função igualmente útil e agradável para uma e para outra.

Notas

¹ Maurice Quentin de la Tour (1704-1788), amigo de Diderot. O artista apresentava sinais de desequilíbrio por volta de 1782.

² “Tenha o bom senso de desatrear a tempo o seu cavalo que envelhece, no temor de que, em meio de risos, ele capengue e ponha a arquejar os flancos.”

³ Jacques Daviel, famoso oculista (1696-1762), o primeiro a extrair o cristalino com catarata.

⁴ Trata-se da sobrinha de Sophie Volland, a amiga e correspondente de Diderot. A mãe da Srta. de Salignac, após a ruína e a fuga de seu marido, assumiu o nome de Sra. de Blacy.

⁵ Astrônomo e matemático francês (1713-1763).

⁶ Impressor renomado.

⁷ *Mercure de France*, jornal hebdomadário, fundado em 1672 e que circulou até 1825.

⁸ Historiador e poeta (1685-1770). A obra mencionada é o *Nouvel Abrégé Chronologique de l'Histoire de France*.

⁹ Autor francês do século XVIII (1709-1783) que utilizou amplamente, em suas *parades* e versos, os anfiguris, ou seja, os obscurecimentos e o enredamento deliberado do sentido de um trecho.

¹⁰ Jogos de cartas em moda no século XVII. *Quadrilha* e *mediador* são bastante parecidos, sendo jogados com dois baralhos de 52 cartas, menos os oito, nove e dez. O *reverso* é um ganha-perde, onde o valete de copas é a carta mais forte, que bate o montante da aposta.

O SOBRINHO DE RAMEAU

Tradução e notas de **Marilena de Souza Chauí**

SÁTIRA SEGUNDA ¹

*Vertumnis quotquot sunt natus iniquis.*²

(Horat., Lib. II, Satyr. VII)

Faça bom ou mau tempo, tenho o hábito de ir passear no Palais-Royal, às cinco horas da tarde. Sempre solitário, sou visto sonhando no banco de Argenson. Entretenho-me comigo mesmo divagando sobre política, amor, gosto ou filosofia. Abandono meu espírito à mais completa libertinagem. Deixo-o senhor de seguir a primeira idéia, sábia ou louca, que se apresenta, como, nas alamedas de Foy, nossos jovens dissolutos seguem uma cortesã de ar estouvado, fisionomia risonha, olho vivo, nariz arrebitado, deixando esta por outra, assediando todas e não se prendendo a nenhuma. Meus pensamentos são minhas rameiras. Se está muito frio ou se o tempo está chuvoso, refugio-me no café Regence, onde me divirto assistindo a partidas de xadrez. De todos os lugares do mundo é em Paris, e em Paris é no café Regence, onde melhor se joga esse jogo. Em casa de Rey pelejam Legal, o profundo; Philidor, o sutil; Mayot, o sólido. Ali se observam os golpes mais surpreendentes e se ouvem as piores expressões, pois se se pode ser um homem de espírito e um grande jogador de xadrez, como Legal, pode-se também ser um grande jogador e um tolo, como Foubert e Mayot.

Certa noite, estava lá, olhando muito, falando pouco e ouvindo o menos possível, quando fui abordado por uma dessas esquisitas personagens que Deus não permitiu faltassem em

nosso país. Misto de altivez e de baixeza, de bom senso e desatino. Certamente, as noções de honesto e desonesto devem estar estranhamente embaralhadas em sua cabeça, pois mostra sem ostentação as boas qualidades que a natureza lhe deu, e as más, sem pudor. De resto, é dotado de uma forte compleição, de um singular calor de imaginação e de um vigor pulmonar incomum. Se um dia o encontrardes, que sua originalidade não vos detenha: tapareis vossos ouvidos com vossos dedos, ou fugireis. Nada é mais diferente dele do que ele próprio. Algumas vezes está magro e macilento, um doente mais morto do que vivo; poder-se-ia contar-lhe os dentes através das bochechas. Dir-se-ia que passou muitos dias sem comer ou que acabou de sair da prisão. No mês seguinte, porém, está gordo e obeso como se tivesse deixado a mesa de algum milionário, ou como se tivesse permanecido encerrado num convento de bernardinos. Hoje, com a roupa branca suja, as calças rasgadas, coberto de farrapos, quase descalço, anda cabisbaixo, esconde-se. Sentimos tentação de chamá-lo para lhe dar uma esmola. Amanhã, empoado, calçado, frisado, bem vestido, caminha de cabeça erguida, exhibe-se, e quase o tomareis por um homem honesto. Vive o dia-a-dia, triste ou feliz, segundo as circunstâncias. Sua primeira preocupação, pela manhã ao levantar-se, é a de saber onde almoçará; depois do almoço, onde jantará. Com a noite, vem também sua inquietação. Ou caminha até um pequeno sótão onde habita, a menos que a locatária, cansada de esperar pelo aluguel, já lhe tenha pedido a devolução da chave; ou baixa numa taverna do bairro, onde espera o dia entre um pedaço de pão e uma caneca de cerveja. Quando está sem dinheiro algum, o que lhe acontece algumas vezes, recorre ou a um dos cocheiros de seus amigos, ou ao cocheiro de algum grande senhor, que lhe dá um leito sobre a palha, ao lado de seus

cavalos. De manhã, traz nos cabelos fiapos do colchão. Se a estação é amena, caminha a largos passos pelo Cours-de-la-Reine ou pelos Champs-Élysées. Com o dia, reaparece na cidade, vestido da véspera para o dia seguinte, e algumas vezes para o resto da semana. Não gosto desses tipos originais. Outros se tornam seus conhecidos, familiares, até mesmo seus amigos. Nas raras vezes em que os encontro, sou retido pelo contraste de seu caráter com o dos outros, rompendo a uniformidade fastidiosa criada por nossa educação, por nossas convenções sociais, por nossas conveniências habituais. Se um deles aparece num grupo, é um grão de lêvedo que fermenta, restituindo a cada qual uma porção de sua individualidade natural. Sacode, agita, faz aprovar ou censurar, faz surgir a verdade, revela as pessoas de bem, desmascara os malandros. É nessa ocasião que o homem de bom senso escuta e decifra seu próprio mundo.

Há muito eu conhecia esse que me abordou. Frequentava uma casa cujas portas se abriram ante seu talento. Nela morava uma filha única. Ele jurava ao pai e à mãe que se casaria com a moça. Os pais davam de ombros, riam-lhe na cara, diziam-lhe que era louco. E eu vi o momento em que a coisa aconteceu. Pedia-me emprestado algumas moedas que eu lhe dava. Havia conseguido introduzir-se, não sei como, em algumas casas honestas, onde tinha o seu talher, sob a condição de não falar sem antes ter obtido permissão para tanto. Calava-se e ruminava sua raiva. Era ótimo vê-lo tão constrangido. Se lhe vinha a vontade de romper o acordo, e abria a boca, todos os convivas gritavam: “Ó Rameau!” Então, o furor faiscava em seus olhos e voltava a comer com mais raiva. Estais curiosos para saber o nome do homem e o sabeis. É o sobrinho desse célebre músico³ que nos livrou do canto gregoriano de Lulli,⁴ que salmodiávamos há mais de cem anos. Desse músico

que escreveu tantas visões ininteligíveis e verdades apocalípticas sobre a teoria da música, incompreensíveis para ele e para os outros. Dele temos um certo número de óperas, onde há harmonia, fragmentos de cantos, idéias desconexas, estrondos, vôos, triunfos, lances, glórias, murmúrios, vitórias de perder o fôlego, árias de dança que durarão eternamente. E após haver enterrado o Florentino, será enterrado pelos compositores italianos, coisa, aliás, que pressentia, que o tornava sombrio, triste, raivoso, pois ninguém há de ficar num mau humor maior (nem mesmo uma bela mulher que desperta com uma espinha no nariz) do que um autor ameaçado de sobreviver à sua própria reputação. Marivaux e Crébillon, filho, que o digam!

Aborda-me. “Ah! Ah! Ei-lo, senhor filósofo! Que fazeis aqui, no meio de tantos desocupados? Perdeis também vosso tempo a empurrar pauzinho?” (É assim que, pejorativamente, se chama jogar xadrez ou damas.)

EU — Não, mas, quando não tenho algo melhor para fazer, divirto-me vendo por um instante aqueles que empurram bem.

ELE — Neste caso, vos divertis raramente. Com exceção de Legal e Philidor, o resto não entende disso.

EU — E o Senhor de Bissy, então?

ELE — Esse aí, como jogador de xadrez, se parece com a Srta. Clairon⁵ como atriz. Desses jogos ambos sabem tudo aquilo que se pode aprender.

EU — Sois difícil. Vejo que só tendes consideração pelos homens sublimes.

ELE — Sim, no xadrez, nas damas, na poesia, na eloquência, na música e em outras tolices como estas. Para que serve a mediocridade nesses gêneros?

EU — Para pouca coisa, concordo. No entanto, é preciso que

haja um grande número de homens dedicados a eles, para fazer surgir um gênio. Há um na multidão. Mas deixemos esse assunto. Há uma eternidade que não vos via. Não penso muito em vós quando não vos vejo. Mas sempre me agrada rever-vos. Que tendes feito?

ELE — O que vós, eu e todos fazem: o bem, o mal e nada. Depois tive fome e comi quando a ocasião se apresentou. Após ter comido, tive sede e bebi algumas vezes. Entrementes minha barba crescia, e quando ficou grande mandei raspá-la.

EU — Fizestes mal. É a única coisa que vos falta para serdes um sábio.

ELE — Sim, é certo. Tenho a testa grande e enrugada, o olho ardente, o nariz saliente, as bochechas largas, a sobrancelha negra e espessa, a boca bem rasgada, o lábio bem delineado e a face quadrada. Se este vasto queixo estivesse coberto por uma longa barba, sabeis que tudo isto ficaria muito bem no bronze ou no mármore?

EU — Ao lado de um César, um Marco Aurélio, um Sócrates.

ELE — Não. Ficaria entre Diógenes e Frinéia. Sou descarado como aquele, e freqüento voluntariamente a casa desta.

EU — Passais sempre bem?

ELE — De um modo geral, sim. Hoje, porém, não me sinto maravilhosamente.

EU — Como? Estais com um ventre de Silênio e uma cara...

ELE — Uma cara que poderia ser tomada pela de seu antagonista. Creio que o mau humor que resseca meu querido tio aparentemente engorda seu caro sobrinho.

EU — A propósito, vedes vosso tio algumas vezes?

ELE — Sim, quando passa pela rua.

EU — Não vos ajuda em nada?

ELE — Se ajuda alguém é sem desconfiar. É um filósofo à sua moda. Só pensa em si próprio. O resto do mundo não lhe interessa. Sua filha e sua mulher poderão morrer quando quiserem; desde que os sinos da paróquia continuem a tanger a décima e a décima sétima badaladas, tudo estará bem, e é uma sorte para ele. O que prezo particularmente nas pessoas de gênio é que são boas só para uma coisa; fora esta, mais nada. Não sabem o que é ser cidadão, pai, mãe, irmão, parente, amigo. Cá entre nós: é necessário assemelhar-se a ele sob todos os aspectos, mas não querer ser farinha do mesmo saco. É preciso homens, mas não homens de gênio. Palavra de honra, não é preciso mesmo. São os reformadores da face do globo, e, como nas menores coisas a estupidez é tão habitual quanto potente, sua reforma não pode ocorrer sem confusão. Por isso, parte do que imaginaram chega a ser instituída, mas o resto fica como dantes. Resultado: dois evangelhos, um traje de arlequim. A sabedoria do monge de Rabelais é a verdadeira sabedoria, para seu repouso e o dos outros: cumprir mal e mal o dever, sempre falar bem do senhor prior e deixar o mundo ao sabor de seus caprichos. O mundo vai bem, pois a multidão está contente com ele. Se conhecesse história, eu vos mostraria que o mal sempre veio cá embaixo pelas artes de algum homem de gênio. Mas não conheço história porque nada sei. O diabo que me carregue se alguma vez aprendi alguma coisa, e se estou pior por não ter aprendido. Um dia, estava à mesa de um ministro do rei de França, cujo espírito vale por quatro. Pois bem, o ministro nos demonstrou, como um e um são dois, que nada era mais útil aos povos do que a mentira, nada mais nocivo do que a verdade. Não me recordo muito de suas provas, mas delas decorria com evidência que as pessoas de gênio são detestáveis. E se uma criança, ao nascer, trouxesse na fronte

a marca desse perigoso presente da natureza, dever-se-ia sufocá-la ou lançá-la num antro de vagabundos.

EU — No entanto, todas essas personagens, tão inimigas do gênio, estão certas de possuí-lo.

ELE — Creio que no íntimo pensam dessa maneira, mas não creio que ousassem confessá-lo.

EU — É por modéstia. Desde então concebeste um ódio terrível contra o gênio?

ELE — Para nunca voltar atrás.

EU — Mas lembro-me de uma ocasião em que o desespero vos dominava por serdes apenas um homem comum. Se o pró e o contra vos afligirem igualmente, nunca sereis feliz. É preciso tomar um partido e permanecer fiel a ele. Ninguém voltará atrás ao concordar inteiramente convosco, aceitando que os homens de gênio freqüentemente são singulares, ou, como diz o provérbio, que não há grandes inteligências sem um grão de loucura. Desprezar-se-ão os séculos que não os produzirem. Serão a honra dos povos entre os quais tiverem existido. Cedo ou tarde, estátuas lhes serão erguidas. E serão encarados como benfeitores do gênero humano. Sem desagradar ao sublime ministro que me haveis citado, creio que a mentira pode servir um momento, mas a longo prazo é necessariamente nociva, e que, ao contrário, a verdade serve necessariamente a longo prazo, embora possa ocorrer que prejudique no momento. Por isso, eu me sentiria tentado a concluir que o homem de gênio, capaz de desacreditar um erro geral ou de empenhar-se numa grande verdade, é sempre um ser digno de nossa veneração. Pode acontecer que se torne vítima do preconceito e das leis, porém há dois tipos de leis: umas, absolutamente equânimes e gerais, outras, estranhas, cuja sanção provém apenas da necessidade ou da cegueira das circunstâncias.

Se estas cobrem de ignomínia o culpado que as infringe, a ignomínia é passageira e o tempo se encarrega de revertê-las definitivamente sobre os juizes e as nações. Hoje, quem é o desonrado: Sócrates ou o magistrado que o obrigou a beber cicuta?

ELE — Bela coisa! Impediu-o de ser condenado? Impediu-o de ser morto? Por causa dela deixou de ser um cidadão turbulento? O desprezo por uma lei má deixou de encorajar os loucos no desprezo pelas boas? Deixou de ser um homem audacioso e esquisito? Há um momento vossa posição não estava longe de uma confissão pouco favorável aos homens de gênio.

EU — Escutai, meu caro. Uma sociedade não deveria ter leis más, e se as tivesse sempre boas nunca seria compelida a perseguir um homem de gênio. Não vos disse que o gênio estivesse indissoluvelmente atado à maldade, nem esta a ele. Um tolo, freqüentemente, será mais maldoso do que um homem de espírito. Mesmo que o contato com um homem de gênio fosse duro, difícil e espinhoso, e mesmo que esse homem fosse maldoso, que concluiríeis?

ELE — Que valeria a pena afogá-la.

EU — Devagar, meu caro. Cá entre nós, não tomarei vosso tio como exemplo. É um homem duro, brutal, sem sentimento, avaro, mau pai, mau esposo, mau tio. E, aliás, não está bem decidido que seja um homem de gênio, que tenha levado a arte mais longe, e que se discuta seu trabalho daqui a dez anos. Mas, Racine? Este certamente possuía gênio e não passava por um homem muito bom. Mas, Voltaire?

ELE — Não me pressioneis, pois sou conseqüente.

EU — Que preferis? Que fosse um bom homem, identificado com seu negócio como Briasson, ou com sua vara, como Barbier,

fazendo regularmente, todos os anos, uma criança legítima em sua mulher; bom marido, bom pai, bom tio, bom vizinho, comerciante honesto, e nada mais. Ou que tivesse sido velhaco, traidor, ambicioso, invejoso, perverso, porém autor de *Andrômaca*, de *Britannicus*, de *Ifigênia*, de *Fedra*, de *Atália*? ⁶

ELE — Palavra de honra, creio que, entre esses dois homens, talvez para ele tivesse sido melhor ser o primeiro.

EU — Isto é infinitamente mais verdadeiro do que percebeis.

ELE — Ah! Eis como sois, vós e os outros de vossa espécie! Se dizemos algo bom, o fazemos como os loucos ou como os inspirados: por acaso. Só vós próprios vos entendeis. Sim, senhor filósofo, eu me entendo, e me entendo assim como vós vos entendeis.

EU — Pois bem, vejamos. Por que para ele?

ELE — Porque todas as belas coisas que fez não lhe renderam sequer vinte mil francos, mas, se tivesse sido um bom comerciante de sedas na rua Saint-Denis ou na rua Saint-Honoré, um bom vendeiro por atacado, um boticário bem afreguezado, teria juntado uma fortuna imensa e, assim, não sobraria um único tipo de prazer que não houvesse gozado. De tempos em tempos, teria dado uns trocados a um pobre-diabo, bufão como eu, que o teria feito rir, que lhe teria arranjado uma rapariga para desentediá-lo da eterna coabitação com sua mulher. Teríamos feito refeições excelentes em sua casa, jogado jogo alto, bebido deliciosos licores, cafés aromáticos, ido a convescotes. E vede que eu me sairia muito bem. Estais rindo. Mas deixai-me dizer: teria sido melhor para sua vizinhança.

EU — Sem objeção. Desde que não tivesse empregado de modo desonesto a opulência adquirida num comércio legítimo; que tivesse afastado de sua casa todos os jogadores, os parasitas, os

complacentes insípidos, todos esses desocupados, todos esses perversos inúteis, que tivesse feito seus balconistas moerem de pancada o homem oficioso que, pela variedade, alivia os maridos do fastio da coabitação costumeira com suas mulheres.

ELE — Moer de pancada, senhor, moer de pancada! Não se mói ninguém de pancada numa cidade policiada. Trata-se de um ofício honesto. Muita gente, mesmo titulada, se mete nisso. E, diabos, em que desejais que se empregue o dinheiro, se não for para ter boa mesa, boa companhia, bons vinhos, belas mulheres, prazeres de todos os matizes, divertimentos de todas as espécies? Preferiria ser mendigo a possuir uma fortuna sem nenhum desses prazeres. Mas voltemos a Racine. Este foi bom só para os desconhecidos e para o tempo em que já não vivia mais.

EU — De acordo. Mas pesai o mal e o bem. Daqui a mil anos fará derramar lágrimas; será a admiração dos homens de todos os recantos da terra. Inspirará humanidade, comiseração, ternura. Perguntar-se-á quem foi, qual o seu país, e invejar-se-á a França. Causou sofrimento a algumas pessoas que já não vivem e às quais damos pouco ou nenhum valor. Nada temos a temer de seus vícios e de seus defeitos. Teria sido melhor, sem dúvida, se tivesse recebido da natureza as virtudes de um homem de bem com os talentos de um grande homem. É uma árvore que secou algumas outras, plantadas ao seu redor, que sufocou as plantas que cresciam aos seus pés; mas elevou sua copa até as nuvens e seus ramos se estenderam ao longe, oferecendo sua sombra aos que vinham, vêm e virão repousar à volta de seu tronco majestoso; produziu frutos de raro sabor e que se renovam incessantemente. Seria desejável que Voltaire tivesse também a doçura de Duclos, a candura do Abade Trublet, a retidão do Abade D'Olivet, mas, como isto não é possível, olhemos a coisa por seu lado verdadeiramente

interessante. Esqueçamos por um momento o ponto que ocupamos no espaço e na duração, e estendamos nossa vista aos séculos por vir, às regiões mais afastadas e aos povos por nascer. Sonhemos com o bem de nossa espécie. Se não somos bastante generosos, pelo menos perdoemos a natureza por ter sido mais sábia do que nós. Se lançardes água fria sobre a cabeça de Greuze, extinguireis, talvez, seu talento com sua vaidade. Se tornardes Voltaire menos sensível à crítica, não saberá mais descer até à alma de Mérope,⁷ e não vos tocará mais.

ELE — Mas se a natureza é tão poderosa quanto sábia, por que não os fez tão bons quanto grandes?

EU — Mas não vedes que com tal raciocínio inverteis a ordem geral, e que, se neste mundo tudo fosse excelente, nada seria excelente?

ELE — Tendes razão. O ponto importante é que vós e eu sejamos, e que sejamos vós e eu. Que tudo o mais se arranje como puder. A melhor ordem das coisas, em minha opinião, é aquela onde eu deveria estar, e dane-se o mais perfeito dos mundos, se eu não estiver nele. Prefiro ser, e mesmo ser um argumentador impertinente, do que não ser.

EU — Não há quem pense como vós e que mova um processo contra a ordem existente sem perceber que renuncia à sua própria existência.

ELE — É verdade.

EU — Aceitemos, pois, as coisas como são. Vejamos o que nos custam e o que nos rendem. Abandonemos o Todo que não conhecemos suficientemente para poder louvá-lo ou acusá-lo, e que talvez não seja nem bom nem mau, se for necessário,⁸ como muitas pessoas honestas imaginam.

ELE — Não entendo lá grande coisa de tudo que declamais.

Cheira a filosofia. Já vos previno que não me meto nisso. Tudo o que sei é que eu gostaria de ser um outro, quem sabe até arriscar-me a ser um homem de gênio, um grande homem. Sim, devo confessar, há algo dentro de mim que me diz. Nunca ouvi louvar um único homem sem enraivecê-lo secretamente. Sou invejoso. Quando fico sabendo de algum fato degradante de sua vida privada, escuto com prazer; isto nos aproxima e suporto mais facilmente minha mediocridade. Digo para mim mesmo: certo, nunca terias feito *Maomé*, mas nem o elogio de Mapéoux.⁹ Estive e estou, pois, irritado por ser medíocre. Sim, sim, sou medíocre e estou zangado. Nunca ouvi tocar a abertura das *Índias Galantes*, nunca ouvi cantar *Profundos Abismos do Tenário, Noite, Eterna Noite*, sem me dizer dolorosamente: “Eis o que nunca farás”. Sentia ciúme de meu tio. E se, em sua morte, encontrasse em sua pasta algumas belas peças para cravo, não teria vacilado entre permanecer eu mesmo ou ser ele.

EU — Se é só isto que vos magoa, não vale muito a pena.

ELE — Não é nada, são momentos que passam. (Em seguida põe-se a cantar a abertura das *Índias Galantes* e a ária *Profundos Abismos* e acrescenta:)

Cá dentro algo me fala; diz: Rameau, tu bem querias ter composto esses dois trechos. Se os tivesses composto, terias certamente composto outros dois, e, depois que tivesses composto um certo número, serias executado e cantado em toda parte. Quando andasses, terias a cabeça erguida, tua consciência seria testemunha de teu próprio mérito, os outros te apontariam dizendo: “E ele o compositor das belas gavotas”. (E canta as gavotas; em seguida, com o ar de um homem comovido, nadando na alegria e com os olhos úmidos, acrescenta esfregando as mãos:) Terias uma boa casa (mede o tamanho dela com os braços), um

bom leito (estica-se nele indolentemente), bons vinhos (saboreia estalando a língua contra o céu da boca), uma boa carruagem (levanta o pé para subir), belas mulheres (já agarra com violência e com olhar voluptuoso); cem patifes viriam incensar-te todos os dias. (E acredita vê-los ao seu redor: Palissot, Poincinet, os Fréron, pai e filho, Laporte; ouve-os, empertiga-se, aprova-os, sorri-lhes, desdenha-os, despreza-os, expulsa-os, chama-os de volta, e em seguida continua:) E assim, pela manhã, dir-te-iam que és um grande homem. Lerias na história dos *Três Séculos* que és um grande homem; à noite, estarias convencido de que és um grande homem. E o grande homem, Rameau sobrinho, adormeceria com o doce murmúrio do elogio a ressoar em seus ouvidos. Mesmo dormindo teria o ar satisfeito: seu peito se dilataria, se elevaria, se abaixaria com desembaraço, roncaria como um grande homem. (E, dizendo isto, escorrega molemente num banquinho, fecha os olhos, imitando o sonho feliz que imagina. Depois de haver saboreado alguns instantes a doçura desse repouso, desperta, boceja, esfrega os olhos e procura, ainda à sua volta, seus adúladores insípidos.)

EU — Acreditais, então, que o sono do homem feliz é diferente dos demais?

ELE — Se acredito? Quando à noite, pobre-diabo. subo ao meu sótão e me enfio em meu catre, fico encarquilhado sob minha coberta, tenho o peito fechado e a respiração perturbada, numa espécie de lamento fraco que mal se ouve. enquanto um financista retumba em seu apartamento e espanta toda a rua. Hoje, porém, o que me aflige não é roncar e dormir mesquinamente como um miserável.

EU — No entanto, isso é triste.

ELE — O que me aconteceu é muito mais.

EU — O quê?

ELE — Sempre vos interessastes por mim porque sou um coitado que no íntimo desprezais, mas que vos diverte.

EU — É verdade.

ELE — Pois bem, vou dizer-vos.

(Antes de começar, solta um profundo suspiro, leva as mãos à testa. Em seguida, retoma um ar tranqüilo e me diz:)

Sabeis que sou um ignorante, um tolo, um louco, um impertinente, um preguiçoso, aquilo que nós, borgonheses, chamamos um rematado vadio, um velhaco, um guloso...

EU — Que panegírico!

ELE — E tudo verdade. Não há uma palavra a descartar. Não me contesteis, por favor. Ninguém me conhece melhor do que eu, e ainda não disse tudo.

EU — Não vos quero aborrecer e concordarei plenamente.

ELE — Muito bem. Eu vivia com um pessoal¹⁰ que me aceitava justamente porque eu era dotado, num raro grau, de todas essas qualidades.

EU — Curioso! Até agora acreditava que todo mundo as escondesse de si próprio ou que as perdoasse quando suas, desprezando-as nos outros.

ELE — Escondê-las? Quem pode? Ficai certo de que Palissot se diz outra coisa quando está a sós consigo mesmo. Ficai certo de que num colóquio com seu colega ambos confessam francamente que são apenas dois insignes tratantes. Desprezá-las nos outros? Minha gente era mais imparcial, e seu caráter garantia maravilhosamente meu sucesso. Vivia como um peixe na água. Era festejado. Qualquer ausência minha, por menor que fosse, era lamentada. Era seu pequeno Rameau, seu lindo Rameau, seu Rameau, o louco, o impertinente, o ignorante, o preguiçoso, o

guloso, o bufão, o bestalhão. Não havia um desses epítetos familiares que não me valesse um sorriso, uma carícia, um tapinha nos ombros, uma bofetada, um pontapé; à mesa, um bom bocado que se jogava em meu prato; fora da mesa, uma liberdade que eu tomava inconseqüentemente, pois sou inconseqüente. Faz-se de mim, comigo, diante de mim tudo o que se quiser, sem que eu me formalize. E os presentinhos que choviam? Como sou mesquinho! Perdi tudo! Perdi tudo por ter tido senso comum uma vez, uma única vez em minha vida. Ah! se isso nunca me tivesse acontecido!

EU — Mas do que se tratava?

ELE — De uma tolice incomparável, incompreensível, irreparável.

EU — Que tolice, afinal?

ELE — Rameau, Rameau! Foste pilhado por isso? Pela tolice de teres tido um pouco de gosto, um pouco de espírito, um pouco de razão? Rameau, meu amigo, isso te ensinará a permanecer como Deus te fez, e como teus protetores te desejavam. Por isso te agarraram pelos ombros, conduziram-te à porta e te disseram: “Puxa daqui, velhaco! Nunca mais reapareça. É boa: isso aí pretende ter tino, razão, creio. Puxa daqui! Temos essas qualidades de sobra”. E lá foste, mordendo os dedos, quando tua maldita língua deveria ter sido mordida antes. Por imprudência estás aí, no olho da rua, sem eira nem beira, não sabendo onde bater a cabeça. A comida era posta em tua boca, e agora voltas aos restos; boa casa, terás sorte se te devolverem teu sótão; boa cama, e a palha te espera entre o cocheiro do Sr. de Soubisse e o amigo Robbé. Em vez de um sono doce e tranqüilo como tinhas, com uma orelha ouvirás o relincho e o pisoteio dos cavalos, e com a outra o ruído mil vezes mais insuportável dos vermes secos,

duros e bárbaros. Infeliz, imprudente, mil vezes endemoninhado!

EU — Mas não haveria jeito de voltar? A falta que cometestes é tão imperdoável? Em vosso lugar eu iria procurar meu pessoal. Sois mais necessário a ele do que acreditais.

ELE — Oh! estou certo de que se entediam como cães, agora que não contam comigo para fazê-los rir.

EU — Então? Eu iria procurá-los. Não lhes daria tempo para se arranjarem sem mim, de voltarem-se para algum divertimento honesto, pois quem sabe o que pode acontecer?

ELE — Não é isso que temo. Tal não acontecerá.

EU — Por mais sublime que sejais, um outro pode substituir-vos.

ELE — Dificilmente.

EU — De acordo. Entretanto, eu iria com esta cara desfeita, estes olhos esgazeados, este colarinho desalinhado, estes cabelos desgrenhados, no estado verdadeiramente trágico em que vos encontrais. Lançar-me-ia aos pés da divindade, colaria meu rosto no chão, e sem me levantar, diria em voz baixa e soluçante: “Perdão, senhora, perdão! Sou um indigno, um infame. Foi um lamentável instante, pois sabeis que não sou homem de ter senso comum e vos prometo que nunca mais o terei em toda a minha vida”.

(O mais divertido é que, enquanto eu falava, ele executava a pantomima. Prosternara-se, colara o rosto na terra, parecia segurar entre as mãos a ponta de uma pantufa, chorava, soluçava, dizia: “Sim, minha rainhazinha, sim, eu o prometo, não terei por toda a minha vida, por toda a minha vida!” Depois, levantando-se bruscamente, acrescentou num tom sério e refletido:)

ELE — Sim, tendes razão. Creio que é o melhor. Ela é

bondosa. O Sr. Vieillard diz que é tão boa! Também o sei um pouco. No entanto, ir humilhar-me diante de uma macaca! Gritar por misericórdia aos pés duma reles palhaça, sempre perseguida pelas vaías da platéia? Eu, Rameau, filho do Senhor Rameau, boticário de Dijon, homem de bem que nunca se ajoelhou diante de quem quer que fosse! Eu, Rameau, sobrinho daquele que chamam o grande Rameau, que passeia no Palais-Royal ereto e com os braços à mostra desde que o Sr. Carmontel o desenhou curvado e com as mãos sob as abas da casaca! Eu, que compus peças para cravo, que ninguém toca, mas que serão, talvez, as únicas a passar para a posteridade que as executará! Eu! Eu, enfim!... Vede, senhor, não é possível. (E pondo a mão direita sobre o peito, acrescentou:) Sinto aqui algo que se ergue e me diz: Rameau, não o farás! É preciso que haja uma certa dignidade agarrada à natureza do homem e que nada pode sufocar. Desperta sem mais nem menos, sim, sem mais nem menos, pois há dias em que não me custaria nada ser tão vil quanto se queira. Nesses dias, por um vintém, lamberia o cu da pequena Hus.

EU — Alto lá, amigo. Ela é alva, bonita, jovem, doce, rechonchuda, e o que dizeis é um ato de humildade a que um outro, mais delicado do que vós, poderia rebaixar-se algumas vezes.

ELE — Entendamo-nos. Trata-se de lamber o cu no próprio e de lamber o cu no figurado. Pedi ao gordo Bergier que lamba o cu da Senhora De La Marque no próprio e no figurado; e, palavra de honra, neste caso, tanto o próprio como o figurado me desagradariam.

EU — Se o expediente que vos sugiro não vos convém, tende, então, a coragem de ser mendigo.

ELE — É duro ser mendigo enquanto há tolos opulentos a

cujas expensas pode-se viver. E além disso é insuportável desprezar-se a si mesmo.

EU — Conheceis esse sentimento?

ELE — Se o conheço? Quantas vezes eu me disse: “Como, Rameau? Há dez mil mesas fartas em Paris, com quinze ou vinte talheres em cada uma, e não há um talher para ti? Há bolsas cheias de ouro que jorram a torto e a direito, e delas não cai uma só moeda para ti? Mil espiritozinhos sem talento, sem mérito; mil Criaturinhas sem encanto; mil intrigantes rasteiros bem vestidos, e tu andas nu? Serias tão imbecil? Não saberias bajular como os outros? Não saberias mentir, jurar, perjurar, prometer, cumprir ou faltar, como os outros? Não saberias pôr-te de quatro, como os outros? Não saberias favorecer a intriga duma dama e levar o bilhete doce, como os outros? Não saberias encorajar este rapaz e falar com a senhorita, e persuadir a senhorita a escutá-lo, como os outros? Não saberias fazer a filha de um dos nossos burgueses compreender que está mal arrumada, que belos brincos, um pouco de pintura, rendas, um vestido à polonesa lhe assentariam às mil maravilhas? Que seus pezinhos não foram feitos para andar na rua? Que há um belo senhor, jovem e rico, dono de uma casa engalanada de ouro, de uma carruagem soberba, com seis grandes lacaios, que a viu passar, que a considera encantadora, e que desde esse dia não come, nem bebe, não dorme mais e morrerá?” — Mas, e meu papai? — Bom, bom, vosso papai! No começo se zangará um pouco. — E mamãe, sempre me aconselhando para que eu seja uma moça honesta? Sempre a dizer-me que não há nada neste mundo melhor do que a honra? — Velhas falas, que nada significam. — E meu confessor? — Não o vereis mais; ou se persistirdes na fantasia de lhe contar a história de vossos divertimentos, isso vos custará algumas libras de

açúcar e café. — É um homem severo que já me recusou a absolvição para a canção *Vem à Minha Cela*. — É que nada tínheis para lhe dar... Mas quando lhe aparecerdes em rendas... — Terei rendas, então? — Sem dúvida, de todo tipo... com belos brincos e diamantes. — Terei belos brincos de diamantes, então? — Sim. — Como aqueles da marquesa que vem às vezes comprar luvas em nossa loja? — Precisamente... em uma bela carruagem com uma parelha de cavalos cinzentos bamboleantes, dois grandes lacaios, um negrinho e um batedor à frente com pintas no rosto e anquinhas... — Ao baile? — Ao baile... À Ópera, à Comédia... (Seu coração já estremece de alegria...) — Brincais com um papel entre os dedos... O que é? — Não é nada. — Parece-me que sim. — É um bilhete. — E para quem? — Para vós, se fôsseis um pouco curiosa. — Curiosa? Mas eu sou muito... (Ela lê.) Um colóquio, não é possível. — Indo à missa. — Mamãe acompanha-me sempre; mas se ele viesse aqui, bem cedo; sou a primeira a acordar, estou no balcão antes que os outros tenham levantado. Ele vem, agrada; um belo dia, ao entardecer, a pequena desaparece, e passam-me dois mil escudos... O quê? Possuis esse talento e falta-te pão? Não tens vergonha, infeliz? Eu me lembrava de um monte de malandros que não chegavam aos meus pés e que regurgitavam riquezas. Eu usava um casaco de estopa e eles estavam cobertos de veludo, apoiavam-se sobre a bengala de castão de ouro e em bico de corvo, trazendo nos dedos efigies de Aristóteles e Platão. E no entanto, quem eram? A maioria, miseráveis troca-teclas; hoje, uma espécie de senhores. Então eu me encorajava, a alma elevada, o espírito sutil e capaz de tudo. Mas essas boas disposições aparentemente não duravam, pois até hoje não consegui trilhar um caminho certo. Seja como for, eis aí o tema de meus freqüentes solilóquios que podeis parafrasear segundo vossa

fantasia, desde que chegueis à conclusão de que conheço o desprezo de mim mesmo, ou esse tormento da consciência, nascido da inutilidade dos dons que o céu repartiu entre nós. É o mais cruel de todos os sentimentos. Oxalá o homem não tivesse nascido!

Eu o escutava e à medida que representava a cena do alcoviteiro e da donzela seduzida, a alma agitada entre dois movimentos opostos, eu não sabia se me abandonava ao desejo de rir ou ao transporte da indignação. Eu sofria. Vinte vezes uma explosão de riso impediu a explosão de minha cólera, vinte vezes a cólera que se erguia no fundo de meu coração terminou com uma explosão de riso. Sentia-me confundido com tanta sagacidade e baixeza, com idéias tão corretas e alternativamente tão falsas, uma perversidade tão geral dos sentimentos, uma torpeza tão completa e uma franqueza tão incomum. Percebeu o conflito que me agitava interiormente. “Que tendes?”, pergunta-me.

EU — Nada.

ELE — Pareceis perturbado.

EU — Também estou.

ELE — Mas, enfim, o que me aconselhaiis?

EU — Mudar de assunto. Ah! desgraçado! Em que estado de abjeção nasceste ou caíste?

ELE — Concordo. Porém, que meu estado não vos comova assim. Minha intenção, ao desabafar convosco, não era a de vos afligir. Economizei um pouco enquanto vivi com essa gente. Imaginai: eu não precisava de nada e, no entanto, davam-me bastante para meus prazeres miúdos.

Recomeçou, então, a esmurrar a testa, a morder os lábios e a revirar os olhos desvairados para o teto, acrescentando: “É negócio feito. Guardei alguma coisa. Tempo passado, bem acumulado”.

EU — Quereis dizer, perdido.

ELE — Não, não, acumulado. Enriquece-se a cada instante. Um dia a menos para viver ou uma moeda a mais para guardar, é tudo a mesma coisa. O importante é ir todas as noites facilmente, livremente, agradavelmente, copiosamente à privada: o *stercus pretiosum!*¹¹ Eis o resultado da vida em todas as condições sociais. No momento derradeiro todos são igualmente ricos: Samuel Bernard, que, de tanto roubar, pilhar e fazer bancarrotas, deixa vinte e sete milhões em ouro, e Rameau, a quem a caridade proverá a mortalha grosseira que o envolverá. O morto não ouve soar os sinos. É inútil que cem padres esganicem por ele, que seja precedido ou seguido por uma longa fila de tochas ardentes — sua alma não caminha ao lado do mestre de cerimônias. Apodrecer sob o mármore, apodrecer sob a terra, é sempre apodrecer. Ter ao redor de seu caixão as Crianças Vermelhas e as Crianças Azuis,¹² ou ninguém, que diferença faz? E depois, reparaí bem neste punho: era rijo como um diabo. Seus dez dedos eram varas cravadas num metacarpo de madeira, e estes tendões, velhas tripas mais secas, mais rijas, mais inflexíveis do que as que serviram para a roda de um torneiro. Mas atormentei-as tanto, alquebrei-as tanto, estraçalhei-as tanto! Não queres ir? Irra! Pois digo-te que irás. E assim será.

Dizendo isto, com a mão direita agarra os dedos e o punho da mão esquerda, entortando-os para cima e para baixo; a extremidade dos dedos toca o braço, as juntas estalam. Temo que os ossos se desloquem.

EU — Cuidado! Assim vos estropiareis.

ELE — Não temais, estão afeitos a isso. Há dez anos eu os venho forçando, não os trato de outro jeito. Embora não gostassem, os vadios tiveram que se acostumar, aprender a

colocar-se sobre as teclas e a pontear as cordas. Agora a coisa vai bem. Sim, vai bem.

Ao mesmo tempo, põe-se na atitude de um tocador de violino; cantarola um *allegro* de Locatelli; seu braço direito imita o movimento de arco, sua mão esquerda e seus dedos parecem deslizar pela extensão do cabo; se desafina, interrompe, sobe ou desce a corda, distende-a com a unha para assegurar-se de que está certa; retoma o trecho onde o deixou; bate o compasso com o pé, agita freneticamente a cabeça, os pés, as mãos, os braços, o corpo. Como se vê às vezes, no concerto religioso, Ferrari, Chiabran, ou algum outro virtuose nas mesmas convulsões, oferecendo a imagem do mesmo suplício e causando quase a mesma pena, pois não é doloroso ver apenas tormento naquele que se ocupa em transmitir prazer? Puxai uma cortina que esconda de mim o homem que quiser mostrar-me um estudioso aplicado a uma dificuldade. No meio de suas agitações e de seus gritos, se porventura apresentava uma posição, um desses trechos harmoniosos em que o arco se move lentamente sobre várias cordas ao mesmo tempo, seu rosto tomava uma expressão extasiada, sua voz suavizava, escutava a si mesmo com arrebatamento. É certo que os acordes ressoavam em suas orelhas e nas minhas. Depois, recolocando seu instrumento sob seu braço esquerdo com a mesma mão com que o segurava, deixou cair a mão direita com seu arco: “Muito bem!”, disse. “Que achais?”

EU — Maravilhoso!

ELE — Está bem, parece-me. Soa mais ou menos como os outros.

E imediatamente acocora-se, como um músico que se põe ao cravo.

“Tende piedade de mim e de vós”, digo-lhe.

ELE — Não, não. Visto que vos retenho, escutareis. Não quero uma opinião emitida sem que se saiba por quê. Vosso louvor terá um tom mais seguro e me valerá um aprendiz.

EU — Sou tão pouco relacionado que vos cansareis sem proveito.

ELE — Nunca me canso.

Como percebo que desejava inutilmente apiedar-me do homem porque a sonata ao violino o havia ensopado, decido consentir. Ei-lo, pois, sentado ao cravo, as pernas dobradas, a cabeça erguida para o teto onde parece ver uma partitura escrita, cantando, preludiando, executando uma peça de Alberti ou de Galuppi, não sei de qual dos dois. Sua voz passa como o vento e seus dedos rodopiam sobre as teclas, ora deixando as agudas pelas graves, ora deixando a parte do acompanhamento para voltar às agudas. As paixões sucedem-se em seu rosto: distingue-se a ternura, a cólera, o prazer, a dor; sentem-se os *piano*, os *forte*, e estou certo de que um outro mais hábil do que eu teria reconhecido o trecho pelo movimento, pelo caráter, por suas expressões e por alguns fragmentos de canto, que lhe escapavam em intervalos. Porém, ainda mais extravagante é vê-lo tatear de vez em quando, como se tivesse errado, vê-lo contrariar-se por não ter mais a peça em seus dedos.

Endireitando-se e enxugando as gotas de suor que lhe descem pela face, diz: “Enfim, podeis ver que também sabemos colocar um trítono, uma quinta supérflua, e que o encadeamento das dominantes nos é conhecido. Essas passagens enarmônicas, de que meu caro tio faz tanta questão, não são um bicho-de-sete cabeças. Nós nos saímos muito bem”.

EU — Tivestes a bondade de mostrar-me que sois muito hábil, mas sou homem capaz de vos acreditar sob palavra.

ELE — Muito hábil? Oh! não! Para meu ofício sei mais ou menos. E já é mais do que preciso, pois neste país quem é obrigado a saber aquilo que ensina?

EU — Tanto quanto a saber aquilo que aprende.

ELE — Com mil demônios, como é verdade! Como é muito verdade! Agora, senhor filósofo, com a mão na consciência, falai francamente. Houve um tempo em que não éreis tão abastado como hoje.

EU — Ainda não sou muito.

ELE — Mas não ides mais ao Luxemburgo no verão, vós vos lembrais...

EU — Deixemos isso. Sim, eu me lembro.

ELE — Em redingote de pelúcia cinzenta...

EU — Sim, sim.

ELE — Derreado num dos lados, com o punho da camisa rasgado e as meias negras de lã remendadas atrás com linha branca.

EU — Sim, sim. Tudo que quiserdes.

ELE — Que fazíeis, então, na alameda dos Soupirs?

EU — Uma figura bem triste.

ELE — Saindo de lá, andáveis com passos rápidos e miúdos pela calçada.

EU — De acordo.

ELE — Lecionáveis matemática.

EU — Sem saber uma palavra. Era a isto que queríeis chegar?

ELE — Justamente.

EU — Aprendi ensinando os outros; produzi alguns bons estudantes.

ELE — É possível. Mas a música não é o mesmo que álgebra

e a geometria. Hoje, que sois um opulento senhor...

EU — Não tão opulento...

ELE — Que já fizestes vosso pé-de-meia...

EU — Muito pequeno...

ELE — Dais professores à vossa filha.

EU — Ainda não. É a mãe que se encarrega de sua educação, pois é preciso ter paz em casa.

ELE — A paz em casa? Raios me partam! Só a temos quando somos o servidor ou o senhor, e devemos ser o senhor. Tive mulher. Que Deus tenha a sua alma. Mas quando, às vezes, resolvia ser insolente, eu me erguia sobre meus esporões, desdobrava meu trovão e dizia como Deus: “Que a luz se faça”, e a luz foi feita. Assim, em quatro anos, nenhum de nós teve a palavra mais alta do que a do outro. Qual a idade de vossa filha?

EU — Isto não vem ao caso.

ELE — Qual a idade de vossa filha?

EU — Que diabo! Deixemos minha filha com sua idade e voltemos aos professores que terá.

ELE — Apre! Não conheço algo mais teimoso do que um filósofo! Suplicando muito humildemente, não se poderia saber de Vossa Senhoria, o filósofo, qual a idade aproximada da senhorita sua filha?

EU — Dai-lhe oito anos.

ELE — Oito anos! Há quatro já deveria ter os dedos nas teclas.

EU — Mas talvez eu não me tenha preocupado em fazer entrar no plano de sua educação um estudo que ocupa tanto tempo e que serve para tão pouco.

ELE — E o que lhe ensinareis, então, por favor?

EU — A raciocinar corretamente, se eu puder; coisa tão

pouco comum entre os homens e mais rara ainda entre as mulheres.

ELE — Ei! Deixai-a desatinar tanto quanto quiser, desde que seja bonita, divertida e faceira.

EU — Visto que a natureza foi tão ingrata para com ela, dando-lhe uma compleição delicada com uma alma sensível, e expondo-a às mesmas penas da vida, como se tivesse uma compleição forte e um coração de bronze, ensinar-lhe-ei, se puder, a suportá-las com coragem.

ELE — E deixai-a chorar, sofrer, ter dengos, ter os nervos irritados como os outros, desde que seja bonita, divertida e faceira. Como? Nada de dança?!

EU — Não mais do que o necessário para uma reverência, para um porte decente, para apresentar-se bem e para saber andar.

ELE — Nada de canto?

EU — Não mais do que para uma boa dicção.

ELE — Nada de música?

EU — Se houvesse um bom professor de harmonia, eu lha confiaria de bom grado, duas horas por dia, durante um ou dois anos, não mais.

ELE — E no lugar das coisas essenciais que suprimis?

EU — Ponho gramática, fábula, história, geografia, um pouco de desenho e um pouco de moral.

ELE — Como me seria fácil provar-vos a inutilidade de todos esses conhecimentos em um mundo como o nosso! Que digo!? A inutilidade? Talvez o perigo! Mas, no momento, reterei uma questão: ela não precisaria de um ou dois professores?

EU — Sem dúvida.

ELE — Ah! Voltamos ao ponto. Esses professores, esperais

que saberão a gramática, a fábula, a história, a geografia, a moral de que lhe darão lições? Conversa, meu caro senhor, conversa. Se possuísem essas coisas o bastante para ensinar, não as ensinariam.

EU — E por quê?

ELE — Porque teriam passado suas vidas a estudá-las. É preciso ser profundo na arte ou na ciência para bem conhecer os elementos. Os trabalhos clássicos só podem ser bem feitos por aqueles que envelheceram no ofício. O meio e o fim é que esclarecem as trevas do começo. Perguntai ao vosso amigo D'Alembert, o corifeu da ciência matemática, se seria capaz de ensinar seus elementos. Só após trinta ou quarenta anos de exercício meu tio entreviu os primeiros clarões da teoria musical.

EU — Ó louco, arquilouco! (gritei) Como é possível que em tua cabeça idéias tão corretas se misturem com tanta extravagância?

ELE — Diabo, quem sabe? É o acaso que as lança e elas ficam. Há nelas tanto, que quando não se sabe tudo, não se sabe bem. Ignora-se para onde uma coisa vai, de onde outra vem, onde esta ou aquela devem ser colocadas, qual deve passar primeiro, onde estará melhor a segunda. Ensina-se bem sem método? E o método, de onde nasce? Escutai, meu filósofo, meti na cabeça que a física sempre será uma pobre ciência, uma gota de água, presa na ponta de uma agulha sobre o vasto oceano, um grão destacado da vasta cadeia dos Alpes! As razões dos fenômenos? Na verdade, seria preferível ignorar do que saber tão pouco e tão mal. Era justamente como me encontrava ao fazer-me professor de acompanhamento e de composição. Com que sonhais?

EU — Sonho que tudo o que acabais de dizer é mais especioso do que sólido. Deixemos isso. Ensinastes, dizeis, o

acompanhamento e a composição?

ELE — Sim.

EU — E não sabíeis absolutamente nada?

ELE — Palavra de honra que não. E é por isso que havia piores do que eu: os que acreditavam saber alguma coisa. Pelo menos eu não estragava o gosto nem as mãos das crianças. Passando de mim para um bom professor, como nada haviam aprendido, pelo menos nada tinham para desaprender, o que era tempo e dinheiro poupados.

EU — Como fazíeis?

ELE — Como todos fazem. Chegava, jogava-me numa cadeira. “Como o tempo está ruim! Como é cansativo andar a pé!” Tagarelava sobre algumas novidades: “A Srta. Lemierre devia executar o papel de vestal na nova ópera, mas está grávida pela segunda vez e não se sabe quem irá dublá-la. A Srta. Arnauld¹³ acaba de abandonar seu condezinho; diz-se que está negociando com Bertin. O condezinho, porém, encontrou a porcelana do Sr. de Montamy.¹⁴ No último concerto dos amadores havia uma italiana que cantou como um anjo. Esse Prévile¹⁵ tem um corpo raro, é preciso vê-lo no *Mercúrio Galante*; o trecho do enigma é impagável. A pobre Dusmenil¹⁶ não sabe mais o que faz. Vamos, senhorita, pegai vosso livro”. Enquanto a senhorita, sem a menor pressa, procura o livro que deixou extraviar, chama-se uma criada, esbraveja-se. Continuo: “— A Clairon é verdadeiramente incompreensível. Fala-se de um casamento muito ridículo: o da senhorita... como se chama mesmo? Uma criaturinha que ele mantinha, em quem fez duas ou três crianças e que havia sido mantida por muitos outros. — Vamos, Rameau, não é possível dizeis um disparate. — Não digo disparate algum. Diz-se mesmo que a coisa já está consumada. Corre o boato que Voltaire morreu;

melhor. — E por que melhor? — É que deve estar preparando uma boa galhofa. É seu costume morrer quinze dias antes”. Que vos direi ainda? Contava algumas obscenidades que ouvira em outras casas, pois somos todos grandes mexeriqueiros. Bancava o louco. Escutavam-me, riam, gritavam: “É sempre encantador”. Entrementes, o livro da senhorita havia sido, enfim, encontrado sob uma poltrona onde fora arrastado, mastigado e raspado pelo cachorrinho ou pelo gatinho. Punha-se ao cravo. Primeiro fazia ruído sozinha, em seguida eu me aproximava, depois de ter feito à mãe um sinal de aprovação. A mãe: “Não vai mal; bastaria querer, mas não quer. Prefere perder seu tempo a tagarelar, a falar de bagatelas, a correr, e não sei mais o quê. Nem bem partis, e o livro já está fechado para ser reaberto apenas quando voltais. Também, nunca a repreendeis”. Entretanto, como era preciso fazer alguma coisa, tomava-lhe as mãos para colocá-las numa outra posição; contrariava-me, gritava: “Sol, sol, sol, senhorita, é um sol”. A mãe: “Menina, não tens ouvido? Eu, que não estou ao cravo, que não vejo teu livro, sinto que é preciso um sol. Dás um trabalho infinito ao senhor; não compreendo uma paciência como a dele; não reténs nada do que te diz, não progrides...” Então eu rebatia um pouco os golpes, meneando a cabeça, dizia: “Perdoai-me, senhora, perdoai-me. Poderia ser melhor se a senhorita quisesse, se estudasse um pouco, mas não está muito mal”. A mãe: “Em vosso lugar, eu a conservaria um ano na mesma peça”. “Oh! quanto a isso não vos preocupeis, mas em breve não haverá uma cujas dificuldades não possa superar.” “Senhor Rameau, estais a elogiá-la. Sois muito bom. De toda a lição, ela irá guardar apenas isso para repetir-me na ocasião adequada.” A hora transcorria; minha discípula apresentava-me o pequeno pagamento da lição com a graça do gesto e a reverência que o professor de dança lhe

ensinara. Eu o guardava no bolso, enquanto a mãe dizia: “Muito bem, menina. Se Javillier¹⁷ estivesse aqui, vos aplaudiria”. Por delicadeza eu ainda tagarelava um pouco e, em seguida, desaparecia. Eis o que se chamava, então, uma aula de acompanhamento.

EU — E hoje, é diferente?

ELE — Santo Deus! Creio que sim. Chego. Sério, apresso-me em tirar meu regalo, abro o cravo, experimento as teclas. Estou sempre apressado; se me fazem esperar um pouco, grito como se me tivessem roubado uma moeda. Daqui a uma hora deverei estar noutro lugar; em duas horas, em casa da sra. duquesa tal; sou esperado para jantar em casa de uma bela marquesa e. saindo de lá, para um concerto em casa do senhor Barão de Bacq, rua Neuve-des-Petits-Champs.

EU — E, no entanto, não sois esperado em parte alguma.

ELE — Claro que não.

EU — Então por que usar essas pequenas astúcias tão ignóbeis?

ELE — Ignóbeis. Por que, fazeis o favor? São de uso em minha profissão. Não me avilto fazendo como todo mundo. Não fui eu que as inventei e seria esquisito e desastrado não me adaptar a elas. Na verdade, sei muito bem que, se aplicardes a isto certos princípios gerais de não sei que moral, que todos têm na boca e que ninguém pratica, talvez o branco vire preto e o preto, branco; mas, senhor filósofo, há uma consciência geral como há uma gramática geral, e também há exceções em cada língua e que chamais, vós outros, sábios... ajudai-me... chamais...

EU — Idiotismos.

ELE — Exatamente. Muito bem. Cada posição social tem suas exceções à consciência geral, e de bom grado eu lhes daria o

nome de idiotismos do ofício.

EU — Compreendo. Fontenelle fala bem, escreve bem, embora seu estilo ferver de idiotismos.

ELE — E o soberano, o ministro, o financista, o magistrado, o militar, o homem de letras, o advogado, o procurador, o comerciante, o banqueiro, o artesão, o professor de canto, o professor de dança são gente muito honesta, embora sua conduta se afaste da consciência geral em vários pontos e esteja repleta de idiotismos morais. Quanto mais antiga a instituição de uma coisa, mais idiotismos terá. Quanto mais desgraçados os tempos, mais os idiotismos se multiplicarão. O ofício vale tanto quanto o homem e, reciprocamente, ao fim e ao cabo, o homem vale tanto quanto o ofício. Por isso faz-se valer o ofício tanto quanto se pode.

EU — Nessa enrascada toda só percebo claramente que há poucos ofícios exercidos com honestidade, ou poucas pessoas honestas em seus ofícios.

ELE — Bem, não há mesmo, mas, em troca, poucos pulhas ficam fora de suas lojas. E tudo iria melhor se não houvesse uma certa gente denominada assídua, correta, pontual, que cumpre rigorosamente seus deveres, ou, o que dá no mesmo, que está sempre em suas lojas a cuidar de seu ofício de manhã à noite e não fazendo outra coisa. Por isso são os únicos que se tornam opulentos e os únicos estimados.

EU — Pela força dos idiotismos.

ELE — Isso mesmo. Vejo que me compreendestes. Há idiotismos comuns a todas as posições sociais, a todos os países e a todos os tempos, assim como há tolices comuns. Um desses idiotismos comuns é o de tentar proporcionar a si mesmo o maior número possível de práticas, mais do que se pode efetivamente praticar. E isto vem de uma besteira comum: acreditar que o mais

hábil é aquele que mais práticas possui. Eis aí duas exceções à consciência geral a que devemos curvar-nos. É uma espécie de crédito. Em si mesmo nada vale, mas vale muito perante a opinião. Mais vale a fama do que a dourada cama, mas quem tem boa fama não costuma ter cama dourada, e, hoje em dia, quem tem a cama garante sua fama. É preciso ter ambas. Eis meu objetivo quando me faço valer pelo que qualifica de manobras vis, de pequenos ardis indignos. Dou minha aula, e muito bem: eis a regra geral. Faço crer que tenho mais para dar do que há horas no dia: eis o idiotismo.

EU — Mas, dais bem vossas aulas?

ELE — Sim, não muito mal. Razoavelmente. O baixo fundamental¹⁸ do caro tio facilitou bem as coisas. Antigamente roubava dinheiro do meu aluno. Sim, certamente roubava dele. Atualmente eu o ganho, pelo menos tanto quanto os outros.

EU — E roubáveis sem remorso?

ELE — Mas claro! Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão! Deus sabe como os pais ganharam a fortuna que regurgitavam. Era gente da corte, financistas, grandes comerciantes, banqueiros, gente de negócios. Eu os ajudava na devolução, eu e um bando de outros, empregados como eu. Na natureza todas as espécies se devoram; todas as condições se entredevoram na sociedade. Nós nos justicamos uns aos outros sem que a lei se intrometa. Outrora a Deschamps, hoje a Guimard,¹⁹ vingam o príncipe contra o financista. Amanhã, a modista, o joalheiro, o tapeceiro, a costureira, o escroque, a camareira, o cozinheiro, o seleiro vingarão o financista contra a Deschamps. No meio disso tudo só saem lesados os imbecis e os preguiçosos, lesados sem terem prejudicado ninguém, e é muito bem feito. Donde podeis concluir que as exceções à consciência

geral, os idiotismos morais que provocam tanto barulho sob a denominação de “golpes”,²⁰ nada são. No final das contas, o que vale mesmo é ter um golpe de vista certo.

EU — Admiro o vosso.

ELE — E, além disso, a miséria não conta? A voz da consciência e da honra é muito fraca quando as tripas gritam. Para mim isso já é suficiente. Se ficar rico farei a devolução, e estou mesmo disposto a devolver de todas as maneiras possíveis: pela mesa, pelo jogo, pelo vinho, pelas mulheres.

EU — Mas temo que nunca fiqueis rico.

ELE — Também tenho essa suspeita.

EU — Mas, se acontecesse, que faríeis?

ELE — Como todos os novos-ricos. Seria o mais insolente patife que já se terá visto. Recordaria tudo que me fizeram suportar, devolveria todos os insultos que recebi. Gosto de mandar e mandarei. Gosto que me adulem e me adularão. Terei a meu serviço toda a tropa Vilmoriana,²¹ a quem direi, como já me disseram: “Vamos, tratantes, divirtam-me!” E me divertirão. “Caluniem as pessoas honestas!” E serão caluniadas, se é que ainda existem. Depois teremos raparigas e nos tutearemos quando já bêbados. Ébrios, contaremos casos, teremos todos os tipos de defeitos e vícios. Será delicioso. Provaremos que Voltaire não tem gênio, que Buffon, sempre escorado em andadeiras e contraído numa linguagem afetada, não passa dum declamador empolado, que Montesquieu é apenas um pedante; relegaremos D’Alembert à sua matemática; espancaremos todos os pequenos Catões como vós, que nos desprezam por inveja, cuja modéstia é a capa do orgulho, e cuja sobriedade é a lei da carência. E a música? Aí, sim! seremos nós a tocá-la.

EU — Pelo belo uso que fareis da riqueza, vejo que é uma

pena serdes mendigo. Viveríeis de uma maneira muito honrosa para a espécie humana, bem útil para vossos concidadãos e bem gloriosa para vós próprio.

ELE — Ora, parece que estais a zombar de mim. Senhor filósofo, não sabeis com quem brincais. Não desconfiais que neste momento represento a parte mais importante da cidade e da corte. Nossos nababos, qualquer que seja a sua posição social, talvez tenham ou não tenham dito a si próprios exatamente o mesmo que acabo de vos confiar. O fato é que a vida que eu levaria em seus lugares é justamente a vida que levam. Vós outros, filósofos, pensais de maneira diversa, pois acreditais que a mesma felicidade é feita para todos. Que estranha visão! Vossa felicidade supõe uma certa propensão romanesca que não temos, uma alma singular, um gosto particular. Enfeitais essa esquisitice com o nome de virtude, chamando-a, também, filosofia. Mas a virtude e a filosofia são feitas para todo mundo? Quem pode tem; quem pode conserva. Imaginai o universo sensato e filosofante. Que terrível chatice! Escutai. Viva a filosofia, viva a sabedoria de Salomão: beber bons vinhos, saborear petiscos delicados, rolar sobre belas mulheres, repousar em camas macias. O resto é vaidade.

EU — Como? E servir à pátria?

ELE — Vaidade! Não há mais pátria. De um pólo ao outro só vejo tiranos e escravos.

EU — Servir aos amigos?

ELE — Vaidade! Quem tem amigos? E quem os tivesse deveria torná-los ingratos? Atentai e vereis que é sempre isso o que se recolhe dos favores prestados. O reconhecimento é um fardo e todo fardo deve ser sacudido.

EU — Ter uma posição na sociedade e cumprir os deveres?

ELE — Vaidade! Que importa que se tenha ou não uma posição, desde que se seja rico, pois só se arranja uma posição para isso. Cumprir os deveres? Aonde isso leva? Ao crime, à perturbação, à perseguição. É assim que se progride? Fazer a corte, raios! Fazer a corte! Ver os grandes, estudar seus gostos, prestar-se às suas fantasias, servir aos seus vícios, aprovar suas injustiças. Eis o segredo.

EU — Cuidar da educação de seus filhos?

ELE — Vaidade! É tarefa de um preceptor.

EU — Mas, se o preceptor, convicto de vossos princípios, negligenciar seus deveres, quem deverá ser castigado?

ELE — Palavra! Garanto que não serei eu! Talvez, um dia, o marido de minha filha, ou a mulher de meu filho.

EU — Mas, se ambos caírem na orgia e no vício?

ELE — Será uma consequência de sua posição.

EU — Se se desonrarem?

ELE — Faça o que fizer, o rico nunca se desonra.

EU — Se se arruinarem?

ELE — Pior para eles.

EU — Creio que, se podeis vos dispensar de velar pela conduta de vossa mulher, de vossos filhos, de vossos domésticos, podeis muito bem negligenciar vossos negócios.

ELE — Com mil perdões! Geralmente é muito difícil arranjar dinheiro, de modo que é prudente ocupar-se desde logo e sempre com tal questão.

EU — Dareis pouca preocupação à vossa mulher?

ELE — Nenhuma. O melhor procedimento com a cara-metade é fazer o que lhe convém. Em vossa opinião, o convívio não seria muito divertido se cada um se ocupasse apenas com suas próprias coisas?

EU — Por que não? A noite é sempre mais bela para mim quando estou contente com meu dia.

ELE — Para mim também.

EU — É o ócio profundo que torna as pessoas da alta roda tão delicadas em suas diversões.

ELE — Não acrediteis nisso. Agitam-se muito.

EU — Como nunca se cansam, nunca descansam.

ELE — Não acrediteis nisso. Estão sempre exaustas.

EU — Para elas, o prazer é sempre uma ocupação agradável, nunca uma carência.

ELE — Tanto melhor. A carência é sempre dolorosa.

EU — Esbanjam tudo. Sua alma embrutece, presa do tédio. Aquele que lhes tirasse a vida no meio de sua acabrunhante abundância lhes prestaria um favor. Da felicidade, só conhecem a parte que se embota mais depressa. Não desprezo os prazeres dos sentidos. Também tenho um paladar que se delicia com iguarias delicadas ou com vinho delicioso. Tenho coração e olhos. Gosto de ver uma bela mulher, de sentir em minha mão a firmeza roliça de seu seio, de apertar seus lábios contra os meus, de buscar a volúpia em seus olhos e de expirar em seus braços. Às vezes, com meus amigos, uma reunião devassa, até mesmo um pouco tumultuosa, não me desagrada. Mas não vos esconderei que me é infinitamente mais doce ter socorrido um desgraçado, ter acabado um caso espinhoso, ter dado um conselho salutar, ter feito uma leitura agradável, ter passeado com um homem ou com uma mulher queridos de meu coração, ter passado algumas horas instrutivas com meus filhos, ter escrito uma boa página, ter cumprido os deveres de minha condição, ter dito àquela que amo coisas ternas e doces que trazem seus braços ao redor de meu pescoço. Conheço uma ação e teria dado tudo o que possuo para

tê-la praticado. *Maomé* é uma obra sublime, mas eu preferiria ter reabilitado a memória de Calas.²² Um meu conhecido refugiara-se em Cartagena; era o caçula de uma família numa região onde o costume transfere todos os bens aos primogênitos. Ali, fica sabendo que seu irmão mais velho, criança mimada, depois de haver despojado o pai e a mãe de tudo quanto possuíam, expulsara-os de seu castelo e os bons velhinhos morriam como indigentes numa aldeia da província. Que faz então o caçula, tratado tão duramente pelos pais, obrigado a fazer fortuna tão longe? Envia-lhes ajuda; apressa-se em arranjar seus negócios, volta opulento, reconduz pai e mãe ao velho domicílio, casa as irmãs. Ah! meu caro Rameau, esse homem encarava aquele momento como o período mais feliz de sua vida! Falava-me disso com lágrimas nos olhos. E ao vos contar a estória sinto meu coração conturbado de alegria e prazer, quase sem poder falar.

ELE — Que gente singular!

EU — E vós, gente lamentável, se não podeis imaginar que é possível elevar-se acima do destino e que é impossível a infelicidade no abrigo de duas belas ações como essas!

ELE — Eis aí uma espécie de felicidade com que dificilmente me familiarizaria, pois é tão raro encontrá-la. Mas, em vossa opinião, devemos ser gente honesta?

EU — Para ser feliz? Seguramente.

ELE — Contudo, vejo uma infinidade de gente honesta que não é feliz, e uma infinidade de gente feliz que não é honesta.

EU — É o que vos parece.

ELE — Não foi justamente por ter tido senso comum e franqueza durante um momento que agora não sei onde comer?

EU — Claro que não! Mas justamente por não os ter tido sempre, por não ter compreendido muito antes que é preciso

arranjar recursos sem apelar para o servilismo.

ELE — Apelando ou não, os recursos que obtive eram pelo menos mais fáceis.

EU — E os menos seguros e menos honestos.

ELE — Mas os mais conformes ao meu caráter de vadio, de tolo e de velhaco.

EU — Concordo.

ELE — E visto que posso ser feliz usando os vícios de minha natureza, adquiridos sem trabalho e conservados sem esforço, adaptados aos costumes de minha nação, bem do gosto daqueles que me protegem e mais parecidos com suas pequenas carências particulares do que com virtudes que os embaraçariam acusando-os de manhã à noite, seria muito estranho que eu comesse a me atormentar como um condenado para me deformar e me tornar diferente do que sou; para me dar um caráter estranho ao meu, qualidades muito estimáveis (concordo só para não discutir) mas que me custariam muito adquirir, praticar, que não me levariam a nada (talvez a pior do que nada), pela sátira contínua dos ricos junto aos quais os mendigos como eu têm que ganhar a vida. Louva-se a virtude, mas é odiada e dela se foge. Enregela, e é preciso ter os pés quentes. Além do mais, ficaria de mau humor, infalivelmente. Por que vemos freqüentemente devotos tão duros, tão irritados, tão insociáveis? Porque impuseram a si próprios uma tarefa que não é natural; sofrem, e quem sofre faz os outros sofrerem também. Isto não me interessa, nem aos meus protetores. É preciso que eu seja alegre, ágil, divertido, bufão, gozado. A virtude faz-se respeitar, e o respeito é incômodo. A virtude faz-se admirar, e a admiração não é divertida. Lido com gente que se entedia e devo fazê-la rir. Ora, só o ridículo e a loucura fazem rir. Portanto, devo ser ridículo e louco. E, mesmo

que minha natureza não me tivesse feito assim, o mais cômodo seria aparentá-lo. Felizmente não careço ser hipócrita; já há tantos, de tantos matizes, sem contar aqueles que o são consigo mesmos. O cavaleiro de la Morlière, que levanta a aba do chapéu sobre a orelha, anda de cabeça erguida, olha-nos por cima do ombro ao passar, traz uma longa espada batendo contra a coxa e tem o insulto pronto para quem não carrega uma, e que parece desafiar todos os que chegam, que faz ele? Tudo o que pode para se persuadir que é corajoso, embora seja um covarde. Dai-lhe um sopapo no nariz. Não reagirá. Quereis que baixe a voz? Elevai a vossa. Mostrai-lhe vossa bengala ou dai-lhe um pontapé no traseiro. Muito espantado por perceber que é covarde, perguntará como o soubestes, quem vo-lo disse, se ele próprio o ignorava um momento atrás. Impusera-se um longo e habitual arremedo de bravura e de tanto fingir acabara acreditando na coisa. E aquela mulher que se mortifica, visita prisões, assiste a todas as reuniões de caridade, que caminha cabisbaixa, não ousando encarar um homem, incessantemente em guarda contra a sedução dos sentidos. No entanto, como poderia impedir que seu coração queime, seu temperamento se acenda, os desejos a obsedem, sua imaginação, noite e dia, a faça rever as imagens do *Porteiro dos Cartuxos* ou das *Posições do Aretino*?²³ Que lhe acontecerá então? Que pensará sua camareira levantando de camisola e voando em socorro de sua senhora que desfalece? Justine, voltai ao leito, não sois vós que vossa senhora chama em seu delírio. E o amigo Rameau, se um dia se metesse a desprezar a fortuna, as mulheres, a boa mesa, o lazer, e se pusesse a catonizar, que seria? Um hipócrita. É preciso que Rameau seja o que é: um patife feliz no meio de patifes opulentos, e não um fanfarrão de virtudes ou mesmo um homem virtuoso, roendo sua côdea de pão, solitário ou

na companhia de mendigos. E, para acabar de vez com a lenga-lenga, não me acomodo à vossa felicidade, nem à de alguns visionários como vós.

EU — Vejo, meu caro, que não sabeis o que ela é, e que não fostes feito para aprendê-la.

ELE — Tanto melhor, com mil demônios! Ela me faria morrer de fome, de tédio e, talvez, de remorso.

EU — Depois de tudo, o único conselho que vos posso dar é o de regressardes bem depressa à casa de onde vos fizestes imprudentemente expulsar.

ELE — E fazer o que não desaprovais no próprio, mas vos repugna um pouco no figurado.²⁴

EU — É minha opinião.

ELE — Independentemente desta metáfora que me desagrada no momento e que não me desagradará num outro.

EU — Que excentricidade!

ELE — Não há nada excêntrico nisto. Posso ser abjeto, mas sem constrangimento. Posso descer de minha dignidade... Rides?

EU — Sim, vossa dignidade faz-me rir.

ELE — Cada um com a sua. Posso bem esquecer a minha, mas por tê-lo decidido e não porque me foi ordenado. Será preciso que possam dizer-me: “Rasteja”, para que eu seja obrigado a rastejar? É a marcha do verme, é o meu jeito. Seguimos assim se nos deixam em paz, mas nos empertigamos quando nos pisam no rabo. Pisaram no meu rabo? Já me empertigo todo. E depois, não fazeis idéia da barafunda reinante — uma casa sem rei nem roca. Imaginai uma personagem melancólica e maçante, devorada por vapores, envolvida em duas ou três voltas do roupão, contente consigo mesma e a quem tudo desagrada; que mal se consegue fazer sorrir mesmo contorcendo o corpo e o espírito de mil

maneiras. Considerai friamente as caretas engraçadas de meu rosto e as de meu juízo, ainda mais engraçadas. Cá entre nós, o tal padre Noel, esse beneditino desagradável tão afamado por suas caretas, malgrado seus sucessos na corte, perto de mim é um polichinelo de pau. Não que eu queira me gabar, e muito menos gabá-lo. Posso torturar-me à vontade para alcançar o sublime dos hospícios, não adianta. Rirá? Não rirá? Fico a me perguntar no meio de minhas contorções. Podeis imaginar como essa inquietação prejudica meu talento. Meu hipocondríaco, a cabeça enfiada numa touca que lhe cobre os olhos, tem o ar de um pagode²⁵ imóvel em cujo queixo se teria amarrado um cordão que passasse por baixo de sua poltrona. Espera-se que o cordão estique, mas não estica. Se a mandíbula se entreabre, é apenas para articular uma palavra desoladora, uma palavra que vos indica que sequer fostes percebido e que todas as vossas macaquices foram inúteis. Ou então, uma palavra que é resposta para uma questão que lhe fizestes quatro dias atrás. A palavra pronunciada, a mola mastoideana se distende e a mandíbula se fecha...

(Em seguida, começa a imitar o homem. Coloca-se numa cadeira, cabeça fixa, chapéu quase sobre as pálpebras, olhos semicerrados, braços pendentes, remexendo a mandíbula como um autômato e dizendo: “Sim, tendes razão, senhorita, é preciso acrescentar-lhe finura”.)

É que isso aí decide, decide sempre, sem remissão, de noite, de manhã, na hora do banho, no jantar, no café, no teatro, no jogo, na ceia, na cama e, Deus me perdoe, até nos braços de sua amante! Não estou capacitado para ouvir estas últimas decisões, mas estou cansado das primeiras. Nosso patrão: sorumbático, obscuro e categórico como o destino.

Seu par é uma presunçosa que se dá ares de importância, a quem a gente poderia chamar de bonita, porque ainda o é, apesar de alguns cravos e espinhas espalhados pelo rosto, e embora comece a competir com o volume da Sra. Bouvillon. Gosto das carnes quando são belas, mas assim já é demais; e o movimento é tão essencial à matéria! Artigo 1.º: é mais maldosa, mais empafiada e mais besta do que uma gansa; artigo 2.º: quer ser espirituosa; artigo 3.º: é preciso persuadi-la de que é acreditada como ninguém; artigo 4.º: não sabe nada e decide também; artigo 5.º: é preciso aplaudir suas decisões com os pés e as mãos, saltar de alegria, estremecer de admiração: “Como é belo, delicado, bem dito, como é visto com finura, como é sentido com originalidade! Como as mulheres o conseguem? Sem estudo, apenas pela força do instinto, apenas pela luz natural — é um prodígio! E depois há quem diga que a experiência, o estudo, a reflexão, a educação têm algo a ver com isto!” E outras besteiras do mesmo teor; chorar de alegria; dez vezes por dia curvar-se, um joelho dobrado na frente, a outra perna puxada para trás, os braços estendidos para a deusa, procurar seus desejos nos olhos, ficar suspenso aos seus lábios, esperar sua ordem e partir como um corisco. Quem pode sujeitar-se a semelhante papel? Somente o miserável que aí encontra, três ou quatro vezes por semana, com que acalmar a atribulação de seu intestino. Que pensar de outros como Palissot, Fréron, Painsinet, Baculard, que possuem alguma coisa e cuja baixeza não pode ser desculpada pelo burburinho de um estômago sofredor?

EU — Nunca teria acreditado que fôsseis tão difícil.

ELE — Não o sou. No começo, via os outros fazerem e fazia como eles, um pouco melhor, porque sou mais francamente desavergonhado, melhor comediante, mais esfomeado e provido de

melhores pulmões. Parece que descendo em linha reta do fauno Stentor.

E, para me dar uma idéia da força dessa víscera, põe-se a tossir com tamanha violência, que abala os vidros do café e desvia do tabuleiro a atenção dos jogadores.

EU — Para que esse talento?

ELE — Não adivinhais?

EU — Não, sou um tanto limitado.

ELE — Imaginai a discussão começada e a vitória incerta. Levanto-me. Desdobro meu trovão e digo: “É como a senhorita afirma. Isto sim é saber julgar! Desafio qualquer espírito brilhante a igualá-la. A expressão é genial”. Mas não se deve aprovar sempre da mesma maneira. Seria monótono, soaria falso, tornar-se-ia insípido. Só se escapa disso pelo raciocínio, pela fecundidade. É preciso preparar e colocar os tons maiores e peremptórios, apanhar no ar a ocasião e o momento. Por exemplo: quando há uma divisão dos sentimentos, a discussão tendo chegado a um grau de extrema violência, ninguém mais se entende, todos falam ao mesmo tempo, é preciso colocar-se a distância, no ângulo do apartamento mais afastado do campo de batalha, preparar a explosão com um longo silêncio e despencar subitamente no meio dos combatentes, como uma bomba. Ninguém melhor do que eu nessa arte. Mas sou realmente surpreendente na oposta: pequenos tons acompanhados de sorriso, uma variedade infinita de expressões aprovadoras. Nessa hora o nariz, a boca, os olhos, a testa entram no jogo. Minhas cadeiras são flexíveis, tenho um jeito especial de contorcer a espinha, abaixar e levantar os ombros, esticar os dedos, inclinar a cabeça, fechar os olhos e fazer uma cara estupefata, como se ouvisse uma voz angélica e divina descida do céu. É o que lisonjeia. Não sei se percebeis a energia

dessa última atitude. Não a inventei, mas ninguém me vence em sua execução. Vede, vede.

EU — É verdade. Sois único.

ELE — Acreditais que haja mulher de miolo mole que resista?

EU — Não. É preciso convir que haveis levado ao extremo o talento de criar loucos e de se aviltar.

ELE — Todos poderão esforçar-se quanto quiserem, nunca me alcançarão. O melhor deles, Palissot, será sempre e apenas um bom escolar. Mas, se o papel nos diverte no começo, e se desfrutamos algum prazer em gozar por dentro a idiotice daqueles que deleitamos, com o passar do tempo a coisa já não espicaça tanto; e por fim, depois de um certo número de descobertas, somos forçados a nos repetir. O espírito e a arte têm seus limites, menos para Deus e para alguns espíritos raros que vêm a estrada alongar-se à medida que avançam. Bouret talvez seja um destes. Alguns de seus traços chegam a produzir em mim — sim, em mim — idéias sublimes. O cãozinho, o *Livro da Felicidade*, os archotes na estrada de Versalhes — são coisas que me confundem e humilham. Acho que poderia até me enojar do ofício.²⁶

EU — Que quereis dizer com “o cãozinho”?

ELE — Onde vindes, então? Como?! Sério?! Ignorais como esse homem raro se arranjou para separar-se de um cãozinho e prendê-lo a um ministro das Finanças que dele gostava?

EU — Ignoro-o, confesso.

ELE — Tanto melhor. É uma das coisas mais belas que já se imaginaram. Toda a Europa maravilhou-se. Não houve uma cortesã que não ficasse com inveja. Vós, que não careceis de sagacidade, vejamos como faríeis em seu lugar. Imaginai que Bouret era amado por seu cão; imaginai que a roupagem esquisita do ministro assustava o animalzinho; imaginai que dispunha

apenas de oito dias para vencer a dificuldade. É preciso conhecer bem todos os dados do problema para avaliar o mérito da solução. Pois bem!

EU — Pois bem, é preciso que vos confesse que, nesse domínio, as coisas mais fáceis me embaraçam.

ELE — Escutai (diz-me, dando-me um tapinha no ombro, pois é muito familiar). Escutai e admirai. Mandou confeccionar uma máscara parecida com o ministro. Pede emprestada ao camareiro a toga volumosa. Cobre o rosto com a máscara, veste a toga, chama o cão, acaricia-o, dá-lhe um biscoito. Depois, subitamente, muda de decoração. Já não é mais o ministro. É Bouret que chama o cão e o chicoteia. Em menos de dois ou três dias, com o exercício ininterrupto de manhã à noite, o cão sabe fugir de Bouret, fiscal de impostos, para os braços de Bouret, ministro das Finanças.²⁷ Mas sou muito bom. Sois profano e não mereceis ser informado a respeito dos milagres que se operam ao vosso lado.

EU — Apesar disso, peço-vos: e o livro, os archotes?

ELE — Não, não. Dirigi-vos às pedras e elas vos contarão essas coisas. Aproveitai a circunstância que nos aproximou para conhecer coisas que só eu sei.

EU — Tendes razão.

ELE — Emprestar a toga e a peruca; tinha-me esquecido da peruca do ministro! Fazer uma máscara! O que mais me tonteou foi a tal máscara! E, assim, esse homem goza da mais alta consideração e possui milhões. Há muita cruz de São Luís²⁸ que não tem o que comer. Então, por que correr atrás da cruz, com o risco de se estropiar, em vez de procurar uma posição sem perigo e cheia de recompensas? Isto sim, é subir na vida! Tais modelos são desencorajadores, fazem a gente apiedar-se de si próprio e

entediar-se. A máscara! A máscara! Daria meus dedos para ter inventado a máscara!

EU — Com vosso entusiasmo pelas belas coisas e com vosso gênio tão fértil, será que não haveis inventado alguma coisa?

ELE — Perdão. Por exemplo, a atitude admirativa da espinha contorcida de que vos falei — considero-a minha, embora possa ser-me contestada por invejosos. Creio que já fora empregada antes, mas quem descobriu como era cômoda para rir por trás do impertinente que se admirava? Tenho mais de cem maneiras de encetar a sedução de uma moça, ao lado de sua mãe, sem que esta se aperceba, e sou mesmo capaz de torná-la cúmplice. Mal havia entrado na carreira e já desprezava as maneiras vulgares de passar um bilhete amoroso; tenho dez meios para fazê-lo ser arrancado de mim, e entre esses meios gabo-me de ter inventado alguns novos. Possuo especialmente o talento para encorajar um rapaz tímido; fiz triunfarem alguns que não tinham espírito nem porte. Se tais coisas fossem escritas, creio que me atribuiriam algum gênio.

EU — Dar-vos-iam uma honra bastante singular.

ELE — Não duvido.

EU — Em vosso lugar, lançaria tais coisas no papel. Seria uma pena que se perdessem.

ELE — É verdade, mas não suspeitais como faço pouco caso de métodos e preceitos. Aquele que precisa de um protocolo nunca irá longe. Os gênios lêem pouco, praticam muito e se fazem por si próprios. Vede César, Turenne, Vauban, a Marquesa de Tencin, seu irmão, o cardeal, o secretário deste, o Abade Troublot. E Bouret? Quem deu lições a Bouret? Ninguém. A natureza forma os homens raros. Acreditais que a estória da máscara e do cachorro esteja escrita nalgum lugar?

EU — Mas, em vossas horas perdidas, quando a angústia de vosso estômago vazio ou a fadiga de vosso estômago sobrecarregado afastam o sono...

ELE — Pensarei nisto. É melhor escrever grandes coisas do que executar pequenas. Então a calma se eleva, a imaginação se aquece, se inflama, se expande, enquanto, permanecendo junto à pequena Hus, se retrai espantada com os aplausos que o público tolo se obstina em prodigalizar a essa dengosa Dangeville, tão rasteira ao representar, andando toda curvada sobre o palco; que tem o vezo de olhar insistentemente nos olhos daqueles com quem fala mas que representa por trás do pano; que toma suas próprias caretas por finura e seu trotezinho por graça; a essa Clairon mais magra, mais espalhafatosa, mais estudada, mais engomada do que se poderia supor. A platéia imbecil arrebenta-se em aplausos sem perceber que somos²⁹ o pelotão das artes recreativas. É verdade que o pelotão engorda dia a dia, mas que importa? E nem percebe que temos a pele mais bela, os olhos mais lindos, o bico mais bonito, poucas entranhas, é verdade, um andar não muito leve, mas que também não é tão desajeitado como se diz. Mas, em troca, não há uma que nos vença nos sentimentos.

EU — Como podeis dizer tais coisas? É ironia ou verdade?

ELE — O mal é que esse diabo do sentimento fica todo para dentro, não escapa uma faísca para fora. Mas eu que vos falo, eu sei, eu sei bem que ela o tem. Se não é exatamente isso, é qualquer coisa parecida. É preciso ver, quando nos dá na telha, como tratamos os criados, como as camareiras são sopapeadas, como damos pontapés nas sisas³⁰ desde que nos falem com o devido respeito. Escutai o que vos digo, é um diabrete, cheio de sentimento e de dignidade... Esta, agora, vos deixou completamente desnorteado, não?

EU — Confesso que não consigo distinguir até onde vão vossa boa-fé e vossa maldade. Sou um homem simples. Tende, pois, a bondade de não usar meias palavras. Falai francamente e deixai vossa arte para lá.

ELE — Ora, estas coisas que dizemos sobre a Dangeville ou sobre a Clairon são apenas nosso jeito de engambelar a pequena Hus. Não percebestes como entremeamos certas palavras para que um ouvinte como vós logo perceba o que realmente queremos dizer? Consinto que me tomeis por um sabujo, mas não por um tonto, pois só um tonto ou um homem perdido de amores poderia falar a sério dizendo tais impertinências.

EU — Mas como se decide dizê-las?

ELE — É claro que não é de repente. Chega-se aí bem devagarinho. *Ingenii largitur venter.*³¹

EU — É preciso estar morto de fome.

ELE — É possível. No entanto, por mais fortes que sejam minhas palavras, crede, aqueles a quem são dirigidas estão mais acostumados a ouvi-las do que nós a arriscá-las.

EU — Então, há alguém que tenha a coragem de ter a vossa opinião?

ELE — Alguém? Que quereis dizer com isto? É o sentimento e a linguagem de toda a sociedade.

EU — Neste caso, entre vós, aqueles que não forem grandes sabujos só poderão ser grandes tontos.

ELE — Tontos? Aqueles? Pois eu vos juro que há um só e é justamente aquele que nos festeja para que o iludamos.

EU — Mas como se deixar iludir tão grosseiramente? Porque, afinal, a superioridade dos talentos da Dangeville e da Clairon é coisa decidida.

ELE — Engolimos em grandes sorvos uma mentira que nos

lisonjeia; bebemos gota a gota uma verdade que nos amargura. Além disso, assumo um ar tão compenetrado, tão verdadeiro...

EU — Entretanto, penso que de vez em quando deveis pecar contra os princípios da arte e que por descuido deixais escapar algumas dessas verdades amargas que ferem, pois, a despeito do papel miserável, abjeto, vil, abominável que fazeis, creio que no fundo tendes a alma delicada.

ELE — Eu? De jeito nenhum! O diabo que me carregue se eu souber o que sou no fundo. Em geral, tenho o espírito transparente como cristal e franco como o vime:³² nunca falso, por pouco que me interesse ser verdadeiro, nunca verdadeiro, por pouco que me interesse ser falso. Digo as coisas que me vêm. Se sensatas, tanto melhor. Se impertinentes, ninguém liga. Uso plenamente minha franqueza. Em toda a minha vida nunca pensei antes de falar, nem falando, nem depois de ter falado. E assim não ofendo ninguém.

EU — Porém, foi o que fizestes quando vivíeis com aquela gente honesta, tão bondosa convosco.

ELE — Que quereis? Foi uma desgraça, um mau momento, como há muitos na vida. A felicidade é sempre curta. Eu estava muito bem, não podia durar. Como sabeis, vivemos³³ na mais numerosa e seleta companhia. Nossa casa é uma verdadeira escola de humanidade, uma renovação da hospitalidade antiga, Um poeta cai? Lá estamos nós para apanhá-lo e recolhê-lo. Primeiro tivemos Palissot,³⁴ depois de sua *Zara*; mais tarde veio Bret,³⁵ depois do seu *Falsos Generosos*; todos os músicos decadentes, todos os autores não lidos, todas as atrizes e atores vaiados, um monte de pobres envergonhados, súcia de parasitas que encabeço, bravo chefe de uma tímida tropa. Sou eu que os exorto a comer na primeira vez que vêm. Sou eu que peço bebida

para eles. Ocupam tão pouco lugar! Alguns jovens esfarrapados que não sabem onde cair mortos, mas que têm uma bela estampa; outros, celerados que bajulam o patrão e o adormecem, para ir, depois dele, bolinar a patroa. Parecemos alegres, mas no fundo vivemos de mau humor e com muito apetite. Nem os lobos são mais famintos, nem os tigres, mais cruéis. Somos vorazes como lobos depois de um longo inverno. Como tigres, dilaceramos tudo que triunfa. Algumas vezes os arruaceiros Bertin, Monsague e Vilmorien se reúnem em algazarra — aí, sim, é que há um belo fuzuê no viveiro. Quanto bicho triste, frenético, daninho e encolerizado! Só se ouvem os nomes de Buffon, Duclos, Montesquieu, Rousseau, Voltaire, D'Alembert, Diderot. E Deus sabe acompanhados de que epítetos! Só terá espírito quem for idiota como nós. O plano da comédia *Os Filósofos*³⁶ foi concebido aí. A cena do mexeriqueiro ³⁷ foi fornecida por mim, inspirada na *Teologia à Moda do Fuso e da Roca*.³⁸ Não fostes poupado, como, aliás, nenhum dos outros.

EU — Melhor. Talvez me honrem mais do que mereço. Sentir-me-ia humilhado se aqueles que falam mal de tanta gente boa resolvessem falar bem de mim.

ELE — Somos muitos e é preciso que cada um pague sua cota. Depois do sacrifício dos grandes animais imolaremos os outros.

EU — Insultar a ciência e a virtude para viver. Como se paga caro o pão...

ELE — Já vos disse, somos inconstantes. Injuriamos todo mundo, mas não afligimos ninguém. Algumas vezes temos entre nós o pesado abade D'Olivet, o gordo abade Leblanc, o hipócrita Batteux. O gordo só fica zangado antes de comer. Depois do café, joga-se numa poltrona, os pés apoiados no batente da lareira,

adormece como um papagaio no poleiro. Se a algararra se torna violenta, boceja, estira os braços, esfrega os olhos e diz: “— Ora, ora. O que é que há? — Trata-se de saber se Piron³⁹ tem mais espírito do que Voltaire. — Entendamo-nos. Falais de espírito e não de gosto? Porque, em questão de gosto, Piron nunca se engana. — Nunca? — Nunca.” E aí embarcamos numa dissertação sobre o gosto. Nessa hora o patrão faz um gesto, pois em matéria de gosto jacta-se de ter a última palavra. “O gosto... o gosto é uma coisa...” Juro que não sei que coisa dizia que era. Aliás, nem ele sabia.

Algumas vezes temos o amigo Robbé. Regala-nos com seus contos cínicos, com os milagres dos convulsionários de que foi testemunha ocular, com alguns cantos de seu poema sobre um assunto que conhece a fundo. Odeio seus versos, mas gosto de ouvi-lo recitá-los: tem o ar de um energúmeno.⁴⁰ Todos gritam à sua roda: “Isto sim é que é poeta!” Cá entre nós, sua poesia é uma barulheira, vozerio bárbaro dos habitantes da Torre de Babel.

Também vem ver-nos um pobre simplório, de ar rasteiro e besta, mas espirituoso como um demônio e mais malicioso do que um macaco velho. É um desses sujeitos que provocam gracejos e escárnio e que foram feitos por Deus para corrigir as pessoas que julgam pela cara e cujo espelho deveria ensinar-lhes que é tão fácil ser um homem de espírito com cara de trouxa como esconder um trouxa sob uma cara espirituosa. Imolar um bom homem para a diversão dos outros é uma fraqueza bem comum. Sempre chamamos o nosso simplório. É uma peça que pregamos nos recém-chegados e não vi um único que não tivesse caído nela.

Várias vezes surpreendi-me com a justeza das observações desse louco sobre os homens e os caracteres. E dei-lhe mostras de meu espanto.

ELE — É que se tira partido da má companhia tanto quanto da libertinagem. A perda dos preconceitos reembolsa a perda da inocência. A gente aprende a conhecer bem os perversos porque em sua sociedade o vício se exhibe sem máscaras. Além disso, já li um bocado.

EU — O que lestes?

ELE — Li, leio e releio incessantemente Teofrasto, La Bruyère e Molière.

EU — São livros excelentes.

ELE — São melhores do que se pensa, mas quem sabe lê-los?

EU — Todo mundo, conforme a capacidade de seu espírito.

ELE — Quase ninguém. Sabereis dizer o que se procura neles?

EU — Diversão e instrução.

ELE — Mas que instrução? Este é o ponto.

EU — O conhecimento de seus deveres, o amor da virtude e o ódio do vício.

ELE — De minha parte, aprendo tudo o que se deve fazer e tudo o que não se deve dizer. Quando leio *O Avaro*, digo a mim mesmo: “Sê avarento, se quiseres, mas cuida-te para não falares como ele”. Quando leio *Tartufo*, digo a mim mesmo: “Sê hipócrita, se quiseres, mas não fales como ele. Conserva os vícios que te forem úteis, mas não tenhas nem o tom nem a aparência deles, porque senão te tornarás ridículo”. Para garantir o tom e aparência é preciso conhecê-los. Ora, foram excelentemente pintados por esses autores. Sou eu e permaneço o que sou, mas ajo e falo como convém. Não sou desses que desprezam os moralistas. Aproveita-se muito com eles, sobretudo com aqueles que puseram a moral em ação. O vício fere os homens só de quando em quando. Os sinais aparentes do vício os ferem da

manhã à noite. Talvez fosse preferível ser um insolente do que ter sua fisionomia. O insolente de caráter só insulta de tempos em tempos. O insolente de fisionomia insulta sempre. Ademais, não imagineis que eu seja o único leitor de minha espécie. Meu mérito exclusivo consiste em ter feito por sistema, por justeza de espírito, por uma visão razoável e verdadeira, aquilo que a maioria faz por instinto. Por isso as leituras que fazem não os tornam melhores do que eu; permanecem sempre ridículos a despeito deles próprios, enquanto eu o sou somente quando quero e, então, deixo-os muito aquém de mim, pois a arte que me ensina a fugir do ridículo em certas ocasiões é a mesma que, noutras, me ensina a contraí-lo com superioridade. Nesses momentos, lembro-me de tudo que os outros disseram, de tudo que li e acrescento o que sai de meu próprio cabedal, que nesse gênero é surpreendentemente fecundo.

EU — Fizestes bem revelando-me esses mistérios, senão julgaria que havíeis caído em contradição.

ELE — Não caio nunca, e por uma simples questão de proporção, pois, para uma vez que se deve evitar o ridículo, felizmente há cem outras em que é preciso lançar-se nele. Junto aos grandes não há melhor papel do que o de um louco. Durante muito tempo houve o título de louco do rei. Que eu saiba, nunca houve o de sábio do rei. Sou o louco de Bertin e de muitos outros, o vosso talvez, neste momento. Ou quem sabe se vós sois o meu? Aquele que fosse sábio não teria um louco; portanto, o que tem um louco não é sábio. Ora, se não é sábio talvez seja louco, e talvez, se fosse rei, o louco de seu louco. Além disso, lembrai-vos de que, num assunto tão controvertido como o dos costumes, nada há que seja absoluta, essencial e geralmente verdadeiro ou falso, mas que se deve ser aquilo que o interesse deseja que sejamos: bom ou mau, sábio ou louco, decente ou ridículo,

honesto ou vicioso. Se, por acaso, a virtude tivesse conduzido à fortuna, eu teria sido virtuoso ou simulado a virtude como um outro qualquer. Quiseram-me ridículo, assim me fiz. Quanto aos vícios; a despesa ficou por conta da natureza. Quando digo vicioso, digo-o apenas para falar vossa língua, pois, se viéssemos a nos explicar, poderia ocorrer que chamásseis vício o que chamo virtude, e virtude o que chamo vício.⁴¹

Temos também em nosso grupo os autores da Ópera Cômica, seus atores e atrizes, e freqüentemente seus empresários, Corbi e Moerre. É gente de recursos e provida de méritos superiores.

E me esquecia dos grandes críticos literários e toda a súcia de jornalistas — *Os Pequenos Cartazes*, *O Ano Literário*, *O Censor Hebdomadário*.

EU — *O Ano Literário? O Observador Literário?* Não pode ser! Detestam-se!

ELE — E verdade, mas os mendigos se reconciliam quando comem na mesma gamela. Maldito *Observador Literário*, tomara que o diabo o carregue junto com suas folhas! É esse padreco cachorro, avarento, fedorento e usurário, a causa do meu desastre. Ontem apareceu pela primeira vez em nosso horizonte. Chegou naquela hora em que saímos da toca — na hora do jantar. Quando o tempo está ruim, feliz daquele de nós que tem algum vintém no bolso para pagar um fiacre. Feliz daquele que pode caçoar de seu confrade que chega de manhã enlameado até a espinha e molhado até os ossos e volta para casa à noite no mesmo estado. Houve um, já não me lembro qual, que teve uma briga violenta com um saboiano que se pusera à nossa porta. Tinham uma conta-corrente; o credor queria que o devedor a liquidasse, mas este não tinha recursos e, contudo, não podia

entrar porque o outro lhe barrava a porta. Serve-se, fazem-se as honras da mesa ao abade, colocado na cabeceira. Entro. Vejo-o. “Como, abade? Presidis?” — digo-lhe. “Hoje está ótimo, mas amanhã descereis um prato, depois de amanhã mais um e assim, de prato em prato, tanto à direita quanto à esquerda, até o lugar que ocupei uma vez antes de vós, Fréion uma vez depois de mim, Palissot uma vez após Dorat, até que permanecereis estacionado ao meu lado, pobre traste como vós, que ‘siedo sempre come un maestoso cazzo fra duoi coglioni’.”⁴² O abade, que é um bom sujeito e que leva tudo por bem, põe-se a rir. A senhorita, compenetrada da verdade de minha observação e da justeza da comparação, desata a rir. Todos que estão sentados à direita e à esquerda do abade e que por causa dele haviam baixado de posto põem-se a rir. Todo mundo ri, menos o patrão, que se zanga e me diz coisas que não teriam a menor importância, se estivéssemos sozinhos. “— Rameau, sois um impertinente. — Bem o sei. É por isso que me recebeis. — Um patife. — Como outro qualquer. — Um mendigo. — Estaria aqui se não o fosse? — Eu vos expulsarei. — Depois do jantar irei por minha própria conta. — Assim vos aconselho.” Jantamos. Não perco uma garfada. Depois de ter comido e bebido regaladamente já que as coisas não poderiam melhorar nem piorar e Messer Gaster ⁴³ teria feito o mesmo (é uma personagem que nunca me agastou), tomo minha decisão e disponho-me a ir embora. Havia empenhado minha palavra na frente de muita gente e precisava mantê-la. Passo um tempão a rodar pelo apartamento procurando minha bengala e meu chapéu onde não estão, esperando sempre que o patrão transborde numa nova torrente de injúrias, que alguém interfira e que nos acomodemos à custa de tanta briga. Viro e mexo, pois não tenho peso no coração. O patrão, porém, está mais sombrio que o Apoio

de Homero quando arremessava seus dardos contra o exército grego — o gorro ainda mais enfiado do que de costume, passeando de cá para lá, de mão no queixo. A senhorita se aproxima de mim: “— Mas, senhorita, o que há de extraordinário? Fui diferente do que costumo ser? — Quero que ele saia. — Sairei, não fiz asneira. — Perdoai; convida-se o senhor abade e... — Asneira fez ele convidando o abade e recebendo a mim e a outros biltres como eu... — Vamos, meu pequeno Rameau. Vamos. É preciso pedir perdão ao senhor abade. — Não tenho o que fazer com seu perdão. — Vamos, vamos, assim tudo se acalmará...” Toma-me pela mão, arrasta-me até a poltrona do abade. Estendo os braços, contemplo o abade com cara de admiração, pois quem já pediu perdão a um abade? “Abade”, digo-lhe, “tudo isso é bastante ridículo, não é mesmo?” E logo me ponho a rir e o abade também. Eis-me desculpado deste lado. Mas ainda é preciso abordar o outro e o que tenho a lhe dizer já é uma outra conversa. Não me lembro direito como foi que inventei minha desculpa. “Senhor, aqui está o louco... — Há muito que me aborrece, não quero mais ouvir falar. — Estais desolado. — Sim, muito desolado. — Isso não acontecerá mais. — O primeiro patife que...” Não sei se está num desses dias de mau humor, nos quais a senhorita teme se aproximar dele e só ousa tocá-lo com luvas de veludo, ou se ouve mal o que lhe digo, ou se me exprimo mal: foi pior a emenda do que o soneto. Que diabo! Então não me conhece? Não sabe que sou como criança e que de vez em quando deixo escapar tudo por baixo? E depois creio, Deus me perdoe, que não teria um momento de sossego. Gastariam um pagode de aço de tanto puxar o cordel, da manhã à noite, da noite à manhã. É preciso que eu os desentedie, é a condição, mas é preciso que me divirta algumas vezes. No meio dessa embrulhada, um pensamento funesto passou-me pela

cabeça. Um pensamento que me encheu de arrogância, orgulho e insolência. Pensei que não poderiam passar sem mim, que era um homem indispensável.

EU — Sim, creio que lhes sois muito útil, mas que eles vos são ainda mais. Não vos será fácil encontrar uma outra casa tão boa, enquanto eles encontrarão cem loucos para um que lhes falte.

ELE — Cem loucos como eu? Senhor filósofo, não sou tão comum. Encontrarão cem loucos rasteiros. A tolice é mais difícil do que a virtude ou o talento. Sou raro em minha espécie; sim, muito raro. Que fazem, agora que não me têm? Entediam-se como cães. Sou um saco inesgotável de impertinências. A cada instante eu tinha uma saída que os fazia rir até as lágrimas. Para eles, eu era o Hospício inteiro.

EU — Também tínheis cama, mesa, roupa, sapatos e gorjeta mensal.

ELE — Eis o lado bom, o lucro. Mas, e as tarefas? Delas nada dizeis. Se havia rumor de uma nova peça, fosse qual fosse o tempo, era preciso fuçar em todos os sótãos de Paris até encontrar o autor; arranjar a leitura da obra e insinuar habilmente que havia um papel que poderia ser maravilhosamente representado por alguém de minhas relações. “— E por quem, fazei o favor? — Por quem? Bela pergunta! Pela graça, gentileza e fineza! — Quereis dizer, a senhorita Dangeville? Por acaso a conheceis? — Sim, um pouco, mas não se trata dela. — De quem, então?” Eu dizia o nome baixinho. “— Ela?! — Sim, ela”, repetia um pouco envergonhado, pois algumas vezes tenho pudor, e quando o nome era pronunciado precisava-se ver a cara do poeta encompridando, ou, então, sua explosão de riso. Entretanto, bom grado, mau grado, era preciso que eu levasse o homem para jantar, e ele,

temeroso de empenhar-se, carranqueava, agradecia. Era preciso ver como eu era tratado se mal sucedido em minha negociação: era um rústico, um tolo, um bronco, um imprestável que não valia o copo de vinho que me davam para beber. Era ainda pior quando a peça chegava a ser representada, pois, em meio às vaias de um público que julga bem, digam o que disserem, era preciso intrepidamente fazer com que ouvissem meu aplauso, os estalidos de minhas mãos solitárias, atrair os olhares para mim, roubar à atriz os assobios, e ouvir cochicharem do meu lado: “É um criado disfarçado daquele que dorme com ela. Afinal, o sem-vergonha não vai ficar quieto?” Ignora-se o que possa levar a isso; crê-se que é a inépcia, quando é um motivo que desculpa tudo.

EU — Até a infração das leis civis.

ELE — Por fim, acabei conhecido e dizia-se: “Ora, é Rameau”. Meu recurso era lançar algumas palavras irônicas que salvassem do ridículo meu aplauso solitário e mal interpretado. Deveis admitir que é preciso um forte interesse para desafiar assim o público reunido, e que cada uma dessas estopadas valia mais do que uma moedinha.

EU — Divíeis fazer com que vos dessem mão forte.

ELE — Também acontecia e eu tirava bom proveito. Antes de ir ao lugar do suplício entupia a memória com os trechos brilhantes onde era preciso dar o tom. Se por acaso me esquecesse ou me enganasse, na volta tremia. Não podeis imaginar o rebuliço! E, depois, havia em casa uma matilha de cães para cuidar. É bem verdade que estupidamente eu me impusera essa tarefa. E gatos cuja superintendência eu exercia. Ficava todo contente se Micou me favorecia com uma unhada que rasgava meu punho ou dilacerava minha mão. Criquele está sujeita a cólicas — sou eu que esfrego sua barriga. Antigamente a senhorita sofria de gases,

hoje são os nervos. Não falo de outras indisposições leves de que não se tem acanhamento em minha frente. Aliás, nunca pretendi constranger alguém. Li, não sei onde, que um príncipe cognominado o Grande às vezes passava horas debruçado sobre o encosto da privada de sua amante. Com os familiares a gente fica à vontade e nesses dias eu era o mais íntimo de todos. Sou o apóstolo da familiaridade e do desembaraço. Eu lhes dava o exemplo sem que se formalizassem — bastava que me soltassem. Esbocei o padrão. A senhorita começa a tornar-se enfadonha. É preciso ouvir as belas estórias que o pessoal inventa a seu respeito.

EU — E participais disso?

ELE — Por que não?

EU — Porque é indecente ridicularizar seus benfeitores.

ELE — Mas não é ainda pior usar as benfeitorias para aviltar o protegido?

EU — Mas, se o protegido não fosse vil por si próprio, o protetor não teria essa autoridade.

ELE — Mas, se as personagens não fossem ridículas por si próprias, não se inventariam boas estórias a seu respeito. E, depois, que culpa tenho eu se foram traídos e achincalhados desde que se acanhalharam? Quando se decide viver com gente de minha laia e se tem senso comum deve-se esperar muitas negruras. Quando nos recebem já não sabem que somos almas interesseiras, vis e pérfidas? Se nos conhecem, vai tudo muito bem. Há um pacto tácito que nos beneficiará e cedo ou tarde devolveremos com um mal o bem que nos tiverem feito. Não é um pacto deste que subsiste entre um homem e seu macaco ou seu papagaio? Brun grita em altos brados que Palissot escreveu copias contra ele. Palissot deve tê-las escrito e a culpa é de Brun.

Poinsinet grita em altos brados que Palissot jogou em suas costas as cópias que fizera contra Brun. Palissot deve ter jogado nas costas de Poinsinet as cópias que fizera contra Brun e a culpa é de Poinsinet. O pequeno Abade Rey grita em altos brados que seu amigo Palissot surrupiou-lhe a amante a quem o apresentara: ora, não se deve introduzir um Palissot em casa de uma amante, a menos que se tenha decidido perdê-la. Palissot cumpriu seu dever e a culpa é do Abade Rey. O livreiro David grita em altos brados que seu associado Palissot dormiu ou quis dormir com sua mulher. Que Palissot tenha ou não dormido com a mulher do livreiro, o que é difícil de decidir, pois a mulher deve ter negado o que acontecera e Palissot deve ter sugerido o que não acontecera. Seja lá como for, Palissot executou seu papel e a culpa é de David e sua mulher. Que Helvetius grite em altos brados que Palissot o coloca em cena como um homem desonesto, depois de ter-lhe emprestado dinheiro para cuidar da saúde, vestir-se e nutrir-se, é esperar do homem mais do que prometia. Como esperar outra coisa de um homem enxovalhado por todo tipo de infâmia; que como passatempo levou um amigo a abjurar a religião; que se apossa dos bens de seus associados; que não tem fé, nem lei, nem sentimento; que anda de déu em déu por fás e nefas; que conta os dias por suas perversidades; que numa peça colocou a si próprio como personagem, exibindo-se como o mais perigoso dos malandros, numa impudência inédita, sem exemplo no passado, no presente e no porvir? Não, a culpa não é de Palissot, mas de Helvetius. Se se leva um jovem provinciano ao viveiro de Versalhes, e tolamente resolve passar a mão por dentro das grades da jaula do tigre ou da pantera, deixando o braço na goela do bicho feroz, de quem é a culpa? Tudo isto está escrito no pacto tácito, e pior para aquele que o ignora ou esquece. Por esse pacto

universal e sagrado eu poderia justificar muita gente acusada de malevolência, quando deveríamos acusar a nós próprios de idiotice! Sim, gorda condessa, é nossa culpa reunir à vossa volta gente que os de vossa posição chamam de insignificantes;⁴⁴ é nossa culpa se os espécimes vos fazem vilanias e vos obrigam a fazê-las também, expondo-vos ao ressentimento das pessoas honestas. Estas fazem o que devem e os espécimes também e é vossa culpa se os acolheis. Se Bertinhus⁴⁵ e sua amante vivessem pacatamente, se a honestidade de seus caracteres os tivesse feito relacionar-se com gente honesta, se tivessem chamado à sua volta homens de talento, conhecidos na sociedade por sua virtude, se tivessem reservado uma pequena companhia bem esclarecida e escolhido as horas de distração que roubariam à doce convivência amorosa, onde se falariam no silêncio do retiro, acreditaríeis que se inventariam boas ou más histórias sobre eles? O que lhes aconteceu? O que mereceram. Foram punidos por sua imprudência. E a Providência destinou-nos desde toda a eternidade para justicarmos os Bertin de hoje, como destinar nossos sobrinhos para justicarem os Monsauges e os Bertin por vir. Mas, enquanto executamos seus justos decretos sobre a idiotice, vós, que nos descreveis como somos, executais seus justos decretos sobre nós. O que pensaríeis de nós se, com nossos costumes vergonhosos, pretendêssemos gozar da consideração pública? Que insensatos somos! E serão sábios aqueles que esperam procedimentos honestos de gente nascida viciosa, de caráter vil e baixo? Tudo tem seu preço verdadeiro neste mundo.⁴⁶ Há dois procuradores gerais à vossa porta: um castiga os delitos contra a sociedade; o outro é a própria natureza, que conhece todos os vícios que a lei não alcança. Entregais-vos à orgia com mulheres — ficareis hidrópico. Sois devasso — ficareis

tuberculoso. Abris vossas portas aos bisbilhoteiros e viveis com eles — sereis traído, zombado e desprezado. O mais fácil é resignar-se à eqüidade desse julgamento e dizer a si próprio: bem feito. Dar a volta por cima, emendar-se ou permanecer o que se é, mas sob as condições acima.

EU — Tendes razão.

ELE — Voltando ao assunto das estórias desagradáveis. Não inventei nenhuma. Sou um sim-simples leva-e-traz. Dizem que há alguns dias houve um rebuliço dos infernos; todas as campanhas dispararam, havia gritos entrecortados e abafados de um homem se asfixiando: “Socorro, socorro; sufoco, morro...” Os gritos partiam do apartamento do patrão. Chega-se, socorre-se o homem. Nossa gorda criatura, desvairada, fora de si, cega, como acontece nessas horas, continuava a pressioná-lo com seu movimento, elevava-se sobre as duas mãos e deixava cair sobre as sisas um peso de duzentas a trezentas libras, excitada pelo furor provocado pelo prazer. Foi um custo tirá-la de cima do coitado. Que raios de fantasia há de ter um martelinho metendo-se sob uma pesada bigorna?

EU — Sois obsceno. Mudemos de conversa. Desde que começamos a prostrar, tenho uma pergunta na ponta da língua.

ELE — E por que a segurastes tanto?

EU — Temia uma indiscrição.

ELE — Depois do que acabo de vos revelar, ignoro que segredo poderia ter para vós.

EU — Não duvidais de qual possa ser meu julgamento sobre vosso caráter?

ELE — De jeito nenhum. Aos vossos olhos sou um ser muito abjeto, muito desprezível — algumas vezes vejo-me assim, mas raramente. Na maioria das vezes felicito-me de meus vícios em vez

de censurar-me por eles. Sois mais constante em vosso desprezo.

EU — É verdade. Mas por que exhibir-me toda vossa torpeza?

ELE — Primeiro, porque conheceis um bocado dela; segundo, porque conseqüentemente via mais lucro do que perda contando-vos o resto.

EU — Como? Não entendi.

ELE — Se há um gênero onde é importante ser sublime, este gênero é o mal. Cospe-se num pequeno gatuno, mas não é possível recusar uma certa consideração por um grande criminoso: sua coragem espanta, sua atrocidade arrepia. Estima-se muito a coerência do caráter.

EU — Mas não possuis ainda essa estimável coerência do caráter. De vez em quando noto que vossos princípios vacilam. Não se tem certeza de que vossa maldade provenha da natureza ou do estudo, nem de que este vos tenha levado tão longe quanto possível.

ELE — Concordo, mas fiz o melhor que pude. Não tive a modéstia de reconhecer que há outros superiores a mim? Não vos falei de Bouret com profunda admiração? A meu ver, Bouret é o maior homem do mundo.

EU — Mas, imediatamente depois de Bouret, sois vós?

ELE — Não.

EU — Então é Palissot?

ELE — Palissot, mas não sozinho.

EU — E quem pode ser digno de ocupar o segundo lugar junto com ele?

ELE — O renegado de Avignon.

EU — Nunca ouvi falar de um renegado de Avignon, mas deve ser um homem espantoso.

ELE — Se é.

EU — A história das grandes personagens sempre me interessou.

ELE — Acredito. O tal renegado vivia em casa de um desses bons e honestos descendentes de Abraão, prometidos ao pai dos crentes em número igual ao das estrelas.

EU — Em casa de um judeu?

ELE — Em casa de um judeu, em quem despertara inicialmente a comiseração, depois a benevolência e por fim a mais completa confiança. Assim acontece sempre: contamos tanto com nossas benfeitorias, que raramente escondemos nosso segredo àquele que cumulos com nossas bondades. Como impedir que haja ingratos, se expomos o homem à tentação de sê-lo impunemente? Reflexão justa que nosso judeu não fez. Confiou, então, ao renegado que em sã consciência não podia comer carne de porco. Vereis o partido que um espírito fecundo soube tirar dessa confissão. Passaram-se alguns meses, durante os quais o renegado redobrou o apego do judeu. Quando acreditou que este já estivesse bem impressionado, bem cativado, bem convencido de que com seus cuidados adquirira um amigo melhor do que qualquer outro em todas as tribos de Israel... Admirai a circunspecção do homem! Não se apressa, deixa o fruto amadurecer antes de sacudir o galho — muito ardor teria posto a perder o projeto. Geralmente a grandeza de caráter resulta do equilíbrio natural de várias qualidades opostas.

EU — Ei! Deixai para lá vossas reflexões e continuai vossa estória.

ELE — Não é possível. Há dias em que é preciso que eu reflita. É uma doença cujo curso não deve ser impedido. Onde estava?

EU — Na intimidade bem estabelecida entre o judeu e o

renegado.

ELE — Então, a fruta ficou madura... Mas não me escutais? No que pensais?

EU — Nas vossas mudanças de tom. Ora alto, ora baixo.

ELE — Como o tom de um homem vicioso poderia ser uno?

Uma noite, chega à casa do amigo, com ar assustado, a voz entrecortada, o rosto pálido como a morte, trêmulo da cabeça aos pés. “— Que tendes? — Estamos perdidos. — Perdidos? Como? — Perdidos, repito, perdidos e sem salvação. — Explicai-vos... — Um momento, deixai-me recompor-me do susto. — Vamos, tranquilizai-vos.” Em vez disso, o judeu deveria ter-lhe dito: “És um velhaco rematado, não sei o que tens a contar-me, mas sei que és um velhaco rematado. Bancas o aterrorizado”.

EU — E por que deveria falar-lhe assim?

ELE — Porque era um falso e se excedia — está bem claro para mim. E basta de interrupções. “Estamos perdidos, perdidos sem salvação.” Então não percebeis a afetação destes “perdidos” repetidos? “Um traidor acusou-nos à Santa Inquisição: vós, como judeu, eu, como renegado, como infame renegado.” E o traidor nem enrubesceu usando expressões tão odiosas. É preciso mais do que coragem para chamar-se pelo próprio nome. Não podeis imaginar como custa chegar a isso.

EU — Não, certamente. Mas, e o infame renegado?

ELE — É falso, mas sua falsidade é hábil. O judeu se assusta, arranca as barbas, rola pelo chão, vê os esbirros à porta, vê-se enfarpelado num sambenito, vê seu auto-da-fé preparado. “— Meu amigo, meu terno amigo, meu único amigo, que fazer? — Que fazer? Mostrar-se, fingir grande segurança, conduzir-se como de hábito. O procedimento desse tribunal é secreto, mas lento. É preciso usar seus prazos para vender tudo. Alugarei um barco ou

mandarei um terceiro alugar; sim, um terceiro será melhor; colocaremos ali vossa fortuna, pois é esta que querem, e iremos juntos procurar sob um outro céu a liberdade para servir nosso Deus e seguir em segurança a lei de Abraão e de nossa consciência. Na situação perigosa em que nos achamos, o mais importante é não cometer imprudências.” Dito e feito. O barco é alugado, provido com víveres e marinheiros. A fortuna do judeu vai para bordo. Amanhã, ao alvorecer, soltarão as velas. Podem cear alegremente e dormir com segurança: amanhã escaparão dos perseguidores. Durante a noite, o renegado se levanta, tira a carteira, a bolsa e as jóias do judeu, mete-se a bordo e lá se vai. E pensais que é tudo? Bom, vejo que não percebeis o alcance da trama. Quando me contaram a estória, adivinhei aquilo que agora calei a fim de avaliar vossa sagacidade. Ainda bem que sois um homem honesto, caso contrário serieis um pobre vagabundo. Até aqui o renegado é apenas um malandro desprezível com quem nenhum de nós quer parecer-se. O sublime em sua maldade está em ter sido o próprio delator de seu bom amigo israelita, aprisionado pela Santa Inquisição ao despertar, e que dias depois virou um belo fogo de artifício. Foi assim que o renegado se tornou o tranqüilo possuidor da fortuna do descendente maldito daqueles que crucificaram Nosso Senhor.

EU — Não sei o que me horroriza mais: se a perfídia de vosso renegado ou o tom em que falais dele.

ELE — Mas era o que eu vos dizia! A atrocidade da ação vos arrasta para além do desprezo e é a razão de minha sinceridade. Quis que conhecêsseis quanto me sobressaio em minha arte, arrancar-vos a confissão de que sou pelo menos original em meu aviltamento, obrigar-vos a colocar-me na linhagem dos grandes infames e gritar: *Vivat Mascarillus, fourbum imperator!* Vamos,

alegria, meu caro senhor filósofo! Coro! *Vivat Mascarillus, fourbum imperator!* ⁴⁷

E começa um canto em fuga muito curioso. Ora a melodia é grave e cheia de majestade, ora leve e folgazã. Num momento imita o baixo, num outro o tenor. Com o braço e o pescoço espichados indica-me os sustenidos. Executa e compõe por si próprio um canto de triunfo. Sem dúvida, entende mais de boa música do que de bons costumes.

Quanto a mim, não sabia se deveria ficar ou fugir, rir ou irar-me. Fiquei. Tinha o propósito de desviar a conversa para algum assunto que expulsasse o horror que invadia minha alma. Começava a suportar com dificuldade a presença de um homem que discutia uma ação horrível, uma prevaricação execrável como um especialista em pintura ou poesia examina as belezas de uma obra de gosto, ou como um moralista ou historiador releva e ilumina uma ação heróica. Tornei-me sombrio malgrado eu próprio. Percebeu e disse-me:

ELE — Que tendes? Estais mal?

EU — Um pouco, mas passará.

ELE — Tendes o ar inquieto de um homem atormentado por alguma idéia desagradável.

EU — É isso.

Por um instante permanecemos em silêncio, enquanto passeia assobiando e cantando. Para trazê-lo de volta ao seu talento ⁴⁸, digo-lhe:

EU — Que fazeis no momento?

ELE — Nada.

EU — É fatigante.

ELE — Como se já não fosse suficientemente idiota, ainda fui ouvir a música de Douni e de nossos outros jovens fazedores. Isto

acabou comigo.

EU — Aprovais, então, esse gênero?

ELE — Sem dúvida.

EU — E encontrais beleza nesses novos cantos?

ELE — Se encontro? Raios me partam! Como é declamado! que verdade! que expressão!

EU — O modelo de toda arte imitativa encontra-se na natureza. Qual o modelo de um músico quando compõe um canto?

ELE — Por que não começar mais de cima? O que é o canto?

EU — Confessarei que a questão está acima de minhas forças. Somos todos assim: temos na memória somente palavras que cremos compreender por seu uso freqüente e por sua aplicação correta; mas no espírito há somente noções vagas. Quando pronuncio o termo *canto*, não tenho uma noção mais clara do que vós e os de vossa laia ao pronunciardes os termos *reputação*, *censura*, *honra*, *vício*, *virtude*, *pudor*, *decência*, *vergonha*, *ridículo*.

ELE — Por meio da voz ou do instrumento, o canto é uma imitação sonora de ruídos físicos e dos acentos da paixão inventada pela arte ou inspirada pela natureza, conforme vos agrade⁴⁹. E vede que, mudando aqui e acolá o que for preciso, tem-se a definição conveniente da pintura, da eloquência, da escultura e da poesia. Voltando à vossa questão. Qual o modelo do músico ou do canto? A declamação, se o modelo for um vivente ou um pensante. O ruído, se inanimado. A declamação deve ser considerada como uma linha e o canto como uma outra que serpenteia sobre a primeira. Quanto mais forte e verdadeira a declamação tanto mais o canto que a ela se conforma cortá-la-á em numerosos pontos e será mais verdadeiro. Quanto mais

verdadeiro o canto, mais belo. Foi o que sentiram muito bem nossos jovens músicos. Quando se ouve “Sou um pobre diabo”, crê-se reconhecer o lamento de um avaro. Se não cantasse, falaria no mesmo tom à terra quando lhe confia seu ouro e lhe diz: “Ó terra, recebe meu tesouro”. E a menina que sente o coração palpitante, enrubescida e perturbada, suplicando ao seu senhor que a deixe partir, poderia exprimir-se de outro modo? Há nessas obras todo tipo de caracteres, uma variedade infinita de declamações. É sublime, sou eu que vos digo. Ide, ide ouvir o trecho em que o rapaz, sentindo-se morrer, grita: “Vai-se meu coração”. Escutai o canto, escutai a sinfonia e depois me direis qual a diferença entre as verdadeiras vozes de um moribundo e a forma desse canto. Vereis se a linha da melodia não coincide inteiramente com a da declamação. Não vos falo do compasso, também uma das condições do canto. Atenho-me à expressão, e nada mais evidente do que a seguinte passagem que li em algum lugar: *Musicis seminarium accentus* — a música é a sementeira da melodia. Por aí podeis julgar a dificuldade e a importância de saber compor um bom recitativo. Não há uma bela ária que não permita um belo recitativo, e nenhum recitativo de que um homem hábil não consiga tirar uma bela ária. Não quero assegurar que quem recita bem cantará bem, mas ficaria surpreso se quem canta bem não souber recitar bem. Podeis crer, tudo que vos disse é verdadeiro.

EU — Não pediria outra coisa, mas há um pequeno inconveniente.

ELE — Qual?

EU — Se essa música for sublime, então a do divino Lúlio, a de Campra, Destouches, Mouret, a do querido tio devem ser um pouco rasteiras.⁵⁰

ELE — (Chegando perto de meu ouvido.) Não gostaria de ser ouvido, pois há muita gente que me conhece. Mas é mesmo. Não que eu me preocupe com o caro tio, visto que me custa caro. É uma pedra. Poderia ver-me de língua de fora que não me daria um copo de água. Mas, faça quantas oitavas ou sétimas quiser, faça “la la la ra, tra tralalalá” quanto quiser, numa balbúrdia dos diabos; nunca será aceito por aqueles que começam a entender do riscado e que não tomam ruído por música. Dever-se-ia proibir com uma ordem policial que qualquer pessoa, de qualquer posição ou condição social, cantasse o *Stabat* de Pergolese. Palavra, esses malditos palhaços, com suas *Serva Amante*, *Tracollo*, nos deram um rude pontapé na bunda. Outrora, um *Tancredo*, uma *Isséia*, uma *Europa Galante*, as *Índias*, *Castor*, *Talentos Líricos* ficavam cinco ou seis meses nos teatros. *Arrnida* teve representações infindáveis.⁵¹ Atualmente uns caem sobre os outros como um castelo de cartas. Rebel e Francoeur⁵² deitam azeite na fogueira. Dizem que está tudo perdido, que estão arruinados e que, se a canalha de saltimbancos for tolerada por mais tempo, a música nacional levará a breca, restando à Academia Real do beco-sem-saída⁵³ o trabalho de fechar as portas. Há alguma verdade nisso. As velhas perucas que há trinta ou quarenta anos baixam aí todas as sextas-feiras não se divertem mais — entediam-se e bocejam sem saber por quê. Mesmo que perguntassem, não saberiam responder. Ah! se me perguntassem... A predição de Douni cumprir-se-á. Do jeito que a coisa vai, quero morrer se em quatro ou cinco anos ainda houver um gato pingado no célebre beco. Os coitados renunciaram às suas próprias sinfonias para executar as italianas. Pensaram que poderiam entregar os ouvidos a ela sem conseqüências para sua música vocal, como se a sinfonia não estivesse para o canto (com um pouco de libertinagem inspirada

pela extensão do instrumento e mobilidade dos dedos) como o canto está para a declamação real. Como se o violino não fosse o imitador do cantor, que um dia, quando o difícil substituir o belo, se tornará o imitador do violino.⁵⁴ O primeiro que executou Locatelli foi o apóstolo da nova música. Vão cantar noutra freguesia! Vão dizer isso a quem quiserem, mas não a mim! Irão acostumar-nos pelo canto, voz e instrumentos com a imitação dos tons da paixão ou dos fenômenos da natureza, objetos da música, e, no entanto, conservaremos nosso gosto pelos vãos, lances, glórias, triunfos, vitórias? Ora, vão ver se estou na esquina! Imaginaram que chorariam nas cenas de tragédia e ririam nas de comédia musicada; que trariam aos ouvidos as inflexões de furor, ódio, ciúme, das verdadeiras queixas de amor, as ironias e as graças do teatro italiano e francês, e no entanto permaneceriam admiradores de *Ragonda* e *Platéia*.⁵⁵ Eu vos respondo, seus palermas, que os coitados que imaginaram essa salada musical logo sentiriam com que facilidade, com que flexibilidade e doçura a harmonia, a prosódia, as elipses e inversões da língua italiana se prestam à arte, ao movimento, à expressão, às voltas do canto e ao valor dos sons. E, assim, os coitados continuariam a ignorar como a sua é rígida, surda, pesada, pedante e monótona. Claro! Claro! Persuadiram-se de que, depois de haver misturado suas lágrimas com o pranto de uma mãe desolada com a morte do filho, ou tremido com a ordem de assassinato ditada por um tirano, não se entediariam com sua própria *féerie*, sua insípida mitologia, seus pequenos madrigais adocicados que assinalam mais a miséria da arte que os aceita do que o mau gosto do poeta que os compõe. Pobres coitados, não é possível. O verdadeiro, o bom e o belo têm seus direitos. Podemos contestá-los, mas, por fim, passamos a admirá-los. O que não estiver cunhado nesses metais

pode ser admirado durante um certo tempo, mas depois acabamos bocejando. Bocejai, meus caros senhores! Bocejai sem cerimônia! À vontade! O império da natureza e de minha trindade, contra a qual as portas do inferno não prevalecerão jamais, firma-se suavemente — o verdadeiro, o Pai que engendra o bom, o Filho, donde procede o belo, o Espírito Santo. O deus estrangeiro coloca-se humildemente ao lado do ídolo do país. Fortifica-se pouco a pouco. Um belo dia, dá uma cotovelada em seu companheiro e, catapum!, lá vai o ídolo abaixo. Parece que foi assim que os jesuítas implantaram o cristianismo na China e nas Índias. E os jansenistas podem esbravejar à vontade: em minha opinião, esse método, que atinge o alvo sem alarde, sem derramamento de sangue, sem mártires e sem arrancar um fio de cabelo, é o melhor.

EU — O que dizeis chega a ser razoável.

ELE — Razoável? Ótimo! O diabo que me carregue se me empenhei nisso. Vou dizendo como me dá na telha. Sou como os músicos do teco na ocasião em que meu tio apareceu. Acerto na mosca porque o filho de um carvoeiro sempre falará melhor de seu ofício do que uma academia inteira ou todos os Duhamel do mundo... ⁵⁶

E novamente começou a passear, esgoelando-se numa ária de *A Ilha dos Loucos*, e depois numa de *O Pintor Amoroso por seu Modelo*, e noutra de *O Marechal Ferrant*. De vez em quando grita levantando as mãos e os olhos para o céu: “Macacos me mordam! Então isso é bonito? Como alguém pode carregar um par de orelhas na cabeça e ainda perguntar se é bonito?” Entra em transe e começa a cantar em voz baixa. Eleva o tom à medida que se apaixona. Gesticula, careteia, contorce o corpo. Digo para mim mesmo: “Perde a cabeça outra vez. Uma nova cena está a caminho”. Com efeito, lá vai ele num novo lance dramático: “Sou

um pobre miserável... Monsenhor, monsenhor, deixai me partir... Ó terra, recebe meu ouro, conserva bem o meu tesouro... Minh'alma, minh'alma, minha vida! Ó terra!... Lá vem o amiguinho, lá vem o amiguinho... *Aspettare e non venire... A Zerbina penserete... Sempre in contrasti con te si sta...*” Junta e embaralha trinta árias italianas, francesas, trágicas, cômicas, de todo tipo. Ora a voz de baixo descendo até os infernos, ora esganiçando como um falsete, rasga o alto das árias, imitando as diferentes personagens cantoras pelo andar, porte e gesto — sucessivamente furioso, abrandado, imperioso, gozador. Agora uma moça que chora — imita todos os dengos. Depois, vira padre, rei, tirano. Ameaça, comanda, transporta-se. Agora é escravo e obedece. Apazigua-se, desola-se, queixa-se, ri. Nunca desafina. Não perde o tom, o compasso, o sentido das palavras e o caráter da ária. Todos os empurradores de pauzinhos deixam os tabuleiros e o rodeiam. As janelas do café ficam lotadas com os passantes que param por causa do barulho. Estouram de rir. O teto parece vir abaixo. Mas ele não percebe coisa alguma. Continua presa de uma alienação profunda, de um entusiasmo tão próximo da loucura, que não é certo que volte a si e que talvez seja preciso jogá-lo numa carruagem e levá-lo direto para o hospício. Cantando um fragmento das *Lamentações* de Ioumelli, repete os mais belos trechos com precisão, verdade e calor incríveis. Rega com uma torrente de lágrimas o belo recitativo onde o profeta pinta a desolação de Jerusalém. A emoção ganha a sala; todos choram. Há tudo na voz e na fisionomia de Rameau: a delicadeza do canto, a força da expressão e a dor. Insiste nos trechos em que o músico se revela mestre. Deixa a parte de canto pela dos instrumentos e volta subitamente à primeira, entrelaçando-as para conservar a ligação e a unidade do todo.

Apossa-se de nossas almas, deixando-as suspensas na situação mais estranha que já vivi... Admiro-o? Sim, eu o admiro! Estou cheio de piedade? Sim, estou cheio de piedade. E, no entanto, um certo ridículo mescla-se nesses sentimentos desnaturando-os.

Mas também vós haveríeis de morrer de rir ao vê-lo remedar os diferentes instrumentos. Bochechas cheias e estufadas, som rouco e sombrio: são as trompas e os fagotes. Som explosivo e anasalado: eis os oboés. A voz se precipita numa incrível rapidez: são os instrumentos de corda com seus sons bem aproximados. Assobia: são os flautins. Arrulha: são as flautas. Gritando, cantando, saltando como um condenado, representa sozinho os dançarinos, as dançarinas, os cantores, as cantoras, toda a orquestra, um teatro lírico inteiro, dividindo-se em vinte e três papéis diferentes. Corre, pára como um iluminado, os olhos faiscantes, a boca espumante. Faz um calor infernal e o suor, acompanhando as rugas da testa e descendo por suas faces, mistura-se com o pó de seus cabelos, jorra e sulca a gola de seu casaco. O que não faz? Chora, ri, suspira, olha enternecido, tranqüilo ou furioso. É uma mulher que se esvai de dor; um desgraçado abandonado ao desespero; um templo que se ergue; pássaros silentes à hora do crepúsculo; águas murmurejantes a escoar num lugar solitário e fresco ou a despencar torrencialmente do alto duma montanha; um temporal, uma tempestade, queixume dos que vão perecer mesclado ao assobio dos ventos e ao estrondo do trovão; a noite com suas trevas, a sombra e o silêncio, pois o próprio silêncio pode ser descrito pelos sons. Sua cabeça está longe dali, perdida. Esgotado de fadiga, como um homem que sai de um sono profundo ou de um longo devaneio, permanece imóvel, estúpido, surpreso. Olha à volta como um homem que se extraviou e procura reconhecer onde se acha.

Espera o retorno das forças e dos espíritos. Maquinalmente enxuga o rosto. Como alguém que ao despertar visse seu leito rodeado de muita gente, num total esquecimento ou numa profunda ignorância do que teria feito, exclama: “Ora, senhores! O que há? Por que os risos e a surpresa? O que há?” Em seguida, acrescenta: “Eis o que se deve chamar de música e de músico! Entretanto, senhores, não se devem desprezar certos trechos de Lúlio. Desafio quem julgue fazer melhor e sem mudar as palavras a cena ‘Ah! eu te esperarei’. Também não se devem desprezar certos trechos de Campra, as árias para violino de meu tio, bem como suas gavotas, entradas de soldados, padres, sacrificadores... ‘Pálidos archotes, noite mais tenebrosa do que as trevas... Deus do Tártaro, Deus do Esquecimento...’” Emposta a voz, sustenta os sons — os vizinhos metem-se nas janelas e nós metemos os dedos nos ouvidos. Acrescenta: “Para isto é mister pulmão, um grande órgão, um volume de ar. Mas ontem assim, hoje assado. Vão-se os anéis e também os dedos.⁵⁷ Ainda não sabem o que devem pôr em música e, conseqüentemente, o que convém ao músico. A poesia lírica ainda está para nascer. Mas conseguirão. De tanto ouvir Pergolese, Saxon, Terradoglias, Trasetta e outros,⁵⁸ e de tanto ler Metastas⁵⁹, terão que conseguir”.

EU — Como? Quinault, La Motte, Fontenelle não compreenderam nada? ⁶⁰

ELE — Não, no tocante ao estilo novo. Não há seis versos seguidos em seus poemas encantadores que possam ser musicados. São sentenças engenhosas, madrigais leves, ternos e delicados, mas, para avaliar como são incapazes de ajudar nossa arte, basta mandar recitar um deles, mesmo o mais violento como o de Demóstenes — vereis como são frios, lânguidos e monótonos. Neles não há o que sirva como modelo para o canto. Preferia ter

que musicar as *Máximas* de La Rochefoucauld ou os *Pensamentos* de Pascal. O grito animal da paixão deve ditar a linha que nos convém. É preciso que as expressões fiquem prensadas umas nas outras; que seu sentido fique cortado, suspenso; que a frase seja curta; que o músico possa dispor do todo e de cada parte, omitir uma palavra ou repeti-la, acrescentar uma que falte, virá-la e revirá-la como um pólipó, sem destruí-la. Tudo isso dificulta a poesia lírica francesa quando comparada com a de línguas que por si próprias já apresentam todas essas vantagens... “Bárbaro, cruel, crava teu punhal em meu seio. Eis-me aqui, pronta para receber o golpe fatal. Crava. Ousa... Ah! enlanguêço, morro... Um fogo secreto se acende em meus sentidos... Cruel amor, que queres de mim?... Deixa-me a doce paz que desfrutei... Devolve-me a razão...” É preciso que as paixões sejam fortes. A ternura do músico e do poeta lírico deve ser extrema. Quase sempre a ária é a peroração da cena. Precisamos de exclamações, interjeições, suspensões, interrupções, afirmações, negações. Chamamos, invocamos, gritamos, gememos, choramos, rimos francamente. Nada de espírito, nada de epigramas ou de bonitos pensamentos. Estão longe da simplicidade da natureza. Não acrediteis que o jogo e as declamações dos atores no teatro possam servir-nos de modelo. Puf! Precisamos de algo mais enérgico, menos amaneirado e mais verdadeiro. Quanto mais a língua for monótona e menos enfática, tanto mais necessitaremos de discursos simples e das vozes comuns da paixão. O grito do animal ou do homem apaixonado dão à língua o que não possui por si própria.

Enquanto me fala assim, a multidão que nos rodeava, não entendendo ou não se interessando, afastou-se. A criança como o homem, o homem como a criança preferem divertir-se a instruir-se. Cada um retorna ao seu jogo e permanecemos sozinhos em

nosso canto. Sentado numa banquetta, a cabeça apoiada na parede, os braços caídos e os olhos fechados, diz-me: “Não sei o que tenho. Quando cheguei estava fresco e disposto, agora estou moído, alquebrado como se tivesse andado dez léguas. Fiquei assim de repente”.

EU — Quereis refrescar-vos?

ELE — Com prazer. Sinto-me rouco. Faltam-me forças. Sofro um pouco do peito. Acontece-me todos os dias sem que eu saiba por quê.

EU — Que desejais?

ELE — O que vos agradar. Não sou difícil. A indigência ensinou-me a adaptar-me.

Servem-nos cerveja, limonada. Enche um copázio que esvazia duas ou três vezes seguidas. Depois, como um homem reanimado, tosse fortemente, sacode-se, retoma:

Em vossa opinião, senhor filósofo, não é uma estranha esquisitice que um estranho, um italiano, um Douni, nos venha ensinar como realçar nossa música, submeter nosso canto a todos os movimentos, compassos, intervalos e declamações, sem ferir a prosódia? E, no entanto, não era um bicho-de-sete-cabeças. Qualquer um que tivesse escutado um mendigo pedindo esmola, um homem no transporte da cólera, uma mulher ciumenta e furiosa, um amante desesperado, um bajulador, sim, um bajulador adocicando o tom, arrastando as sílabas com voz melosa, em uma palavra, uma paixão, não importa qual, desde que por sua energia pudesse servir de modelo para o músico, qualquer um, repito, teria percebido duas coisas: primeiro, que as sílabas breves e longas não têm duração fixa, e não há sequer uma relação determinada entre suas durações; segundo, que a paixão dispõe a prosódia como lhe agradar, executando os maiores

intervalos. Aquele que grita do fundo de sua dor: “Ah! desgraçado que sou!” eleva a sílaba da exclamação para o tom mais alto e agudo e abaixa as outras para os tons mais baixos e graves, fazendo uma oitava ou até mesmo um intervalo maior, dando a cada som a quantidade que convém ao volteio da melodia, sem magoar o ouvido, sem que a sílaba longa e a breve tenham conservado o comprimento que possuem num discurso tranqüilo. Quanto chão pisamos desde que citávamos como prodígios de declamação musical os parênteses da *Armida*: “O vencedor de Renaud (se alguém pode sê-lo)”, o “Obedecemos sem vacilar” das *índias Galantes*! Hoje em dia estes prodígios nos fazem dar de ombros com piedade. No ritmo em que a arte avança, não sei onde chegará. Esperando, bebamos um trago.

Bebe dois ou três sem saber o que está fazendo. Puxo a garrafa antes que se embebede como se esgotou antes: sem perceber. Digo-lhe então:

EU — Como é possível que com um tato tão fino, uma sensibilidade tão aguçada para as belezas da arte musical sejais tão cego para as belas coisas da moral, tão insensível aos encantos da virtude?

ELE — Aparentemente porque parece haver para elas um sentido que não tenho, uma fibra que não me foi dada ou que é tão frouxa que não adianta beliscá-la porque não vibra. Ou talvez porque tenha vivido sempre entre bons músicos e má gente, e, assim, meu ouvido tornou-se muito fino e meu coração, surdo. E depois parece que a raça também conta. O mesmo sangue corre nas veias de meu pai e de meu tio. A molécula paterna deve ter sido dura e obtusa e esta maldita primeira molécula deve ter sido assimilada por todo o resto.

EU — Amais vosso filho?

ELE — Se amo o selvagenzinho? Sou louco por ele.

EU — Não deveríeis ocupar-vos seriamente de interromper o efeito da maldita molécula paterna sobre ele?

ELE — Trabalharia inutilmente, creio.⁶¹ Se estiver destinado a ser um homem de bem, não o prejudicarei. Mas, se a molécula quisesse que fosse um pulha como o pai, os esforços para torná-lo um homem de bem ser-lhe-iam altamente prejudiciais: a educação, atravessando incessantemente o caminho da molécula, faria com que fosse atraído por duas forças contrárias e estaria sempre cambaleando no caminho da vida, como muitos que vejo coxeando no bem e no mal; é o que chamamos de insignificante⁶² — o pior dos epítetos porque marca a mediocridade e o último grau do desprezo. Um grande patife é um grande patife, e não um insignificante. Antes que a molécula paterna retomasse a dianteira e o levasse à perfeita abjeção, como a minha, precisaria de um tempo infinito, perderia seus mais belos anos. Nada faço no momento. Deixo-o crescer. Examino-o. Já é glutão, astuto, trapaceiro, preguiçoso e mentiroso. Quem sai aos seus não degenera. Creio que suas qualidades são hereditárias.

EU — E o fareis músico para que a semelhança seja completa?

ELE — Músico! Músico! Algumas vezes olho para ele e rangendo os dentes digo-lhe: “Se souberes uma nota, torcerei teu pescoço”.

EU — E por que, fazei o favor?

ELE — Porque não leva a nada.

EU — Leva a tudo.

ELE — Sim, quando nos sobressaímos, mas quem poderá garantir ao filho que excederá os outros? Pode-se apostar dez mil contra um como seria um mísero arranhador de cordas, como eu.

Sabeis que talvez seja mais fácil fazer de uma criança um grande rei do que um grande violino?

EU — Tenho a impressão de que num povo sem moral, corrompido pelo deboche e pelo luxo, os talentos agradáveis, mesmo mediócrs, lançam um homem no caminho da fortuna. Eu, que vos falo, ouvi a seguinte conversa entre um protetor insignificante e um protegido insignificante. Este fora encaminhado ao primeiro como um homem obsequioso que pudesse servi-lo: “— Senhor, que sabeis? — Conheço um pouco de matemática. — Pois bem, senhor, mostrai a matemática. Depois de vos enlameardes durante dez ou doze anos pelas ruas de Paris, devereis ter trezentas ou quatrocentas libras de renda. — Estudei leis e sou versado em direito. — Se Puffendorf e Grotius ⁶³ voltassem ao mundo, morreriam de fome em cima de uma fronteira. — Conheço bem história e geografia. — Se houvesse pais interessados na educação de seus filhos, vossa fortuna estaria garantida. Mas não há. — Sou bom músico. — Ora, por que não mo dissestes antes? E tenho uma filha para vos mostrar a vantagem que se pode tirar deste talento. Vinde todos os dias das sete e meia às nove horas da noite, lecionareis para ela e eu vos darei vinte e cinco luíses por ano. Almoçareis, jantareis, ceareis conosco. O resto de vosso dia vos pertencerá e dispois dele como vos aprouver.”

ELE — Que aconteceu com o homem?

EU — Se tivesse sido sensato, teria feito fortuna, única coisa que tendes em mira.

ELE — Sem dúvida. Ouro, ouro. O ouro é tudo, e o resto, sem ouro, nada. Em vez de rechear-lhe a cabeça com belas máximas que precisaria esquecer se não quisesse ser mendigo, quando possuo uma moeda de ouro (o que é raro) planto-me diante dele,

tiro a moeda do bolso e mostro-lha com admiração. Levanto os olhos para o céu, beijo a moeda, e, para que compreenda bem a importância da moeda sagrada, gaguejo e aponto com o dedo todas as belas coisas que pode adquirir com ela. Depois, coloco a moeda no bolso, passeio orgulhosamente, levanto a aba de meu casaco, dou um tapinha no bolso — e assim mostro-lhe que a segurança que vê em mim nasce da moeda que ali está.

EU — Não poderia ser melhor. Contudo, se acontecesse que, estando profundamente compenetrado do valor da moeda, um dia...

ELE — Entendo. E preciso fechar os olhos. Não há princípio moral sem um inconveniente. No pior dos casos, será um mau quarto de hora e tudo estará terminado.

EU — Apesar dessa visão sensata e corajosa, continuo achando que o melhor seria que se tornasse músico. Não conheço meio mais rápido para se aproximar dos grandes, servir aos vícios deles e tirar proveito para os seus próprios.

ELE — É verdade, mas tenho projetos para um sucesso mais rápido e seguro. Ah! se fosse moça! Mas como não se faz o que se quer, deve-se pegar o que vier e tirar o melhor partido. E a primeira coisa há de ser a de não dar a educação da Lacedemônia a uma criança que viverá em Paris. Se os pais fossem menos bestas não fariam isto, considerando que seriam responsáveis pela infelicidade de seus filhos se o fizessem. Se Pária é má, a culpa não é minha, mas dos costumes de minha nação. Fale quem quiser, o que quero é que meu filho seja feliz ou, o que dá no mesmo, que seja honrado, rico e poderoso. Conheço mal e mal as vias mais fáceis para atingir este alvo, e ensinar-lhas-ei quando chegar a hora e a vez. Se vós, sábios, me condenardes, a multidão e o sucesso me absolverão. Haverá ouro, sou eu quem vo-lo diz. Se

houver bastante, nada lhe faltará, nem mesmo vossa estima e vosso respeito.

EU — Poderíeis estar enganado.

ELE — Ou dispensá-lo-á, como muitos outros.

Havia em suas palavras muita coisa que pensamos, que dirige nossa conduta, mas que calamos. Na verdade, esta é a diferença mais notável entre meu homem e a maioria de nossa vizinhança. Confessava seus vícios, que são dos outros também, mas não era hipócrita. Não era mais nem menos abominável do que os outros, somente mais franco, mais conseqüente e por vezes mais profundo em sua depravação. Eu estremecia pensando no que seria seu filho com tal mestre. É certo que, com idéias pedagógicas tão rigorosamente calcadas sobre nossos costumes, o menino iria longe, a menos que fosse prematuramente detido no caminho.

ELE — Oh! não temais. O ponto importante e difícil que deve preocupar realmente o pai não é dar ao seu filho vícios que o enriqueçam, ridículos que o tornem precioso para os grandes. Isto todos fazem, se não sistematicamente como eu, pelo menos pelo estudo e pelo exemplo. O ponto fundamental é ensinar-lhe a justa medida, a arte de esquivar-se da vergonha, da desonra e das leis. É preciso saber situar, preparar e salvar as dissonâncias na harmonia social. Nada mais sem graça do que uma seqüência de acordes perfeitos. É preciso algo espicaçante que separe o feixe e disperse os raios.

EU — Muito bem. Com esta comparação retornamos dos costumes à música, de que me afastei a contragosto. Estou grato, pois, sem querer ofender-vos, prefiro o músico ao moralista.

ELE — Entretanto, sou subalterno em música e grande em moral.

EU — Duvido, mas, mesmo que assim fosse, sou um homem direito e vossos princípios não são os meus.

ELE — Pior para vós. Ah! se eu tivesse vossos talentos!

EU — Deixemos meus talentos e voltemos aos vossos.

ELE — Se soubesse exprimir-me como vós! Mas tenho um diacho de chilreio extravagante, metade estilo da gente da alta roda e da gente das letras, metade da gente do mercado.

EU — Falo mal. Só sei dizer a verdade, o que nem sempre é um sucesso, como sabeis.

ELE — Mas não é para dizer a verdade que ambiciono vosso talento. Pelo contrário, é para dizer bem a mentira. Se soubesse escrever, engalanar os livros, tornear primorosamente uma boa epístola dedicatória, embriagar um tolo com seu mérito, insinuar-me junto às mulheres!

EU — Sabeis fazer tudo isso mil vezes melhor do que eu. Não seria digno sequer de ser vosso aluno.

ELE — Quantas qualidades perdidas cujo preço ignorais!

EU — Colho o que semeio.

ELE — Se assim fosse não usáreis este casaco grosseiro, este paletó de estaménha, estas meias de lã, estes sapatos grossos, esta peruca antiquada.

EU — Concordo. É preciso ser muito desastrado quando não se é rico e se permite tudo para vir a sê-lo. Mas é que há gente como eu que não encara a riqueza como a coisa mais preciosa do mundo; gente extravagante.

ELE — Muito extravagante. Não se nasce desse jeito. Inventasse, pois não está na natureza.

EU — Do homem?

ELE — Do homem. Tudo que vive, sem excetuar o homem, procura seu bem-estar às expensas de quem o possuir. Estou

certo de que, se deixasse vir um selvagenzinho sem nada lhe dizer, ele bem gostaria de estar ricamente vestido, esplendidamente nutrido, querido pelos homens, amado pelas mulheres, e reunir para si todas as felicidades da vida.⁶⁴

EU — Se o pequeno selvagem estivesse abandonado a si próprio, conservando toda a sua imbecilidade e reunindo o pouco de razão da criança de berço à violência das paixões do homem de trinta anos, torceria o pescoço de seu pai e dormiria com sua mãe.⁶⁵

ELE — O que prova a necessidade de uma boa educação. E quem o contesta? E que é uma boa educação, senão aquela que conduz a todos os gozos sem perigo e sem inconveniente?

EU — Pouco importa que eu não seja de vossa opinião, mas guardemos-nos de explicar-nos.

ELE — Por quê?

EU — Porque temo que só concordemos em aparência e que se entrarmos na discussão dos perigos e inconvenientes a evitar não nos entenderemos mais.⁶⁶

ELE — E que mal há nisso?

EU — Deixemos esse assunto, repito. Não conseguiria vos ensinar o que sei sobre a questão, e não conseguiríeis instruir-me mais facilmente naquilo que ignoro e que sabeis sobre música. Caro Rameau, falemos de música, e dizei-me como não haveis feito nada que preste tendo a facilidade de sentir, reter e executar os mais belos trechos dos grandes mestres, com o entusiasmo que vos inspiram e que transmitis aos outros.

Em vez de me responder, meneia a cabeça e erguendo o dedo para o céu acrescenta: “E o astro? E o astro? A natureza sorriu ao fazer Leo, Vinci, Pergolese, Douni. Tomou um ar imponente e grave formando o caro tio Rameau, que será chamado durante

uma dezena de anos o grande Rameau, e de quem em breve não se falará mais. Quando modelou seu sobrinho, careteou, careteou outra vez, e ainda mais uma vez. (Ao dizer isto faz todo tipo de caretas com o rosto: desprezo, ironia, desdenho; parece modelar um pedaço de massa nas mãos, sorrindo com as formas ridículas que lhe dá. Terminando, joga longe o boneco heteróclito e diz:) Assim me fez e lançou-me ao lado de outros bonecos, uns de pança proeminente e pregueada, pescoço curto, olhos fora das órbitas, apopléticos; outros, de pescoço torto; outros ainda, secos, olho vivo, nariz adunco. Todos começaram a rir quando me viram, e eu botei as mãos nas cadeiras esborrachando-me de rir ao vê-los, pois os trouxas e os loucos se divertem uns com os outros. Procuram-se. Atraem-se.

Se ao chegar não tivesse encontrado já pronto o provérbio que diz que ‘o dinheiro dos trouxas é patrimônio dos sabidos’, eu o teria inventado. Percebi que a natureza pusera o meu dote na bolsa dos bonecos e inventei mil maneiras para readquiri-lo”.

EU — Conheço os meios; já me dissestes quais são e admirei-os muito. Mas, com tantos recursos, por que não tentar uma bela obra?

ELE — Esta proposta é a mesma que um homem da alta roda fez ao Abade Le Blanc. Este dizia: “A Marquesa de Pompadour toma-me pelas mãos, leva-me até a soleira da Academia, tira as mãos, caio e quebro as duas pernas...” O outro respondeu: “Ora, abade, é preciso levantar-se e arrebentar a porta com uma cabeçada”. O abade replicou: “Foi o que tentei. Sabeis o que me aconteceu? Fiquei com um galo na testa”.

Depois da estorieta, meu homem começa a andar cabisbaixo, ar pensativo e abatido. Suspira, chora, desola-se, ergue as mãos e os olhos, esmurra a cabeça com os punhos quase quebrando a

testa ou os dedos, e acrescenta: “Parece que aí dentro há alguma coisa, mas, por mais que esmurre e sacuda, não sai nada”. Recomeça a sacudir a cabeça e esmurrar ainda mais a testa, dizendo: “Ou não há ninguém, ou não quer responder”.

Um momento depois recupera o ar altaneiro, levanta a cabeça, põe a mão direita sobre o coração, anda e diz: “Sinto, sim, sinto”. Arremeda um homem que se irrita, se indigna, se entenece, comanda, suplica e de improviso discursa com cólera, comiseração, ódio, amor. Esboça os caracteres passionais com fineza e verdade surpreendentes. E depois acrescenta: “É isto, creio. Lá vem. Isto sim é encontrar um parteiro⁶⁷ que sabe estimular, precipitar as dores e fazer a criança sair. Quando a sós comigo mesmo, pego da pena e decido escrever. Rôo as unhas, esfrego a testa. Adeus, atenciosamente subscrevo-me vosso humilde servidor... lá se foi a inspiração. O deus está ausente. Pensei que tivesse gênio; porém, no final da linha, leio que sou um palerma. Mas a coisa muda de figura quando se trata de sentir, de elevar-se, pensar e pintar com cores fortes, freqüentando gente da laia daquela que é preciso ver para poder viver, ouvindo e fazendo mexericos: “— Hoje o bulevar estava encantador. Ouvistes a marmotinha? Representa divinamente. O senhor fulano estava com uma parelha de cavalos cinzentos bamboleantes que era uma beleza. A bela senhora cicrana já começa a ficar passadona, tem cabimento usar aquele penteado aos quarenta e cinco anos? A jovem beltrana está coberta de diamantes que nada lhe custaram. — Que-reis dizer que lhe custaram... caro? — Mas não! — Onde a vistes? — N’O *Filho de Arlequim Perdido e Reencontrado*. — A cena do desespero foi representada como nunca. O Polichinelo da Feira tem goela, mas nenhuma sagacidade, nenhum sentimento. A senhora fulana deu à luz gêmeos; cada pai ficará com um...”

Acreditais que estas coisinhas ditas e reditas, ouvidas todos os dias, aquecem e conduzem a grandes coisas?

EU — Não. Seria preferível trancar-se no sótão, passar a pão e água e buscar-se a si mesmo.⁶⁸

ELE — Talvez, mas não tenho coragem. E depois, sacrificar a felicidade por um sucesso incerto? E o nome que carrego? Rameau! Chamar-se Rameau! É um estorvo. Os talentos não se transmitem como a nobreza, que é transmissível e cuja celebridade aumenta passando do avô ao pai, do pai ao filho, do filho ao neto, sem que o antepassado outorgue qualquer mérito ao descendente. A velha cepa se ramifica num enorme caule de idiotas, mas que importa? Com o talento é diferente. Para ser mais renomado do que o pai é preciso ser mais hábil do que ele. É preciso herdar sua fibra. Não a herdei, mas o punho readquiriu destreza, o arco desliza e a panela está cheia — se não é a glória, pelo menos é a sopa.

EU — Em vosso lugar não acharia que é fato consumado. Tentaria.

ELE — E pensais que não tentei? Não tinha ainda quinze anos e já me dizia: “Que fazes, Rameau? Sonhas? E com quê? Que gostarias de fazer, algo que provocasse a admiração do universo? Pois bem. Basta soprar e agitar os dedos”. Mas falar é fácil, fazer é que são elas. Anos depois repeti a proposta de minha infância, e repito ainda, mas permaneço em torno da estátua de Memnã.

EU — Que quereis dizer com isso?

ELE — O óbvio, parece-me. Em torno da estátua de Memnã havia inúmeras outras igualmente banhadas pelos raios do sol, mas somente a dele ressoava.⁶⁹ Um poeta? Voltaire. Quem mais? Voltaire. E o terceiro? Voltaire. E o quarto? Voltaire. Um músico? Rinaldo de Cápua, Hasse, Pergolese, Alberti, Tartini, Locatelli,

Terradoglias, meu tio, o pequeno Douni, com sua cara tão inexpressiva, sua sensibilidade tão aguçada, e, raios me partam, capaz de canto e expressão. O resto, em torno desses poucos Memnãos, puras orelhas cravadas numa estaca. E, assim, somos mendigos, tão mendigos que chega a ser uma bênção. Ah! senhor filósofo, a miséria é uma coisa terrível. Vejo-a acorada, a bocarra escancarada para receber algumas gotas de água que escapam do tonel das Danaídas. Não sei se aguça o espírito do filósofo, mas esfria terrivelmente a cabeça do poeta. Canto mal por baixo deste tonel. E o pior é que a gente ainda deve dar-se por feliz se puder ficar embaixo dele. Eu estava e não soube continuar. Já fiz essa besteira numa outra ocasião. Viajei pela Boêmia, Alemanha, Suíça, Holanda, Flandres, por ceca e meca.

EU — Sob o tonel furado?

ELE — Sob o tonel furado. Havia um judeu opulento e perdulário que gostava de minha música e de minhas loucuras. Musicava como Deus manda. Bancava o louco. Nada me faltava. O judeu era um homem que conhecia sua lei e a observava rigidamente, às vezes com o amigo, às vezes com o estranho. Fez um mau negócio. Foi muito divertido e é preciso que vos conte. Havia em Utrecht uma prostituta encantadora. Foi tentado pela cristã. Enviou-lhe um empregadinho com uma letra de câmbio bem gorda. A esquisita criatura recusou a oferta. O judeu ficou desesperado. O empregadinho lhe disse: “Por que tanta aflição? Quereis dormir com uma bela mulher?

Nada mais fácil. Podeis até mesmo dormir com uma ainda mais bela do que a que perseguis: a minha. Cedo-a pelo mesmo preço”. Dito e feito. O empregadinho guarda a letra de câmbio e o judeu dorme com sua mulher. O vencimento da letra chega. O judeu deixa que vá ao protesto e declara que é falsa. Processo. O

judeu dizia: “Nunca o homenzinho dirá como obteve a letra e não vou pagá-la”. Na audiência, ele próprio interroga o empregadinho: “— De quem obtivestes a letra? — De vós. — Por dinheiro emprestado? — Não; mas o caso não é este. Sou o possuidor, foi assinada por vós e ireis saldá-la. — Não a assinei. — Quereis dizer que sou um falsário? — Vós, ou um outro de quem sois agente. — Sou um poltrão, mas sois um patife. Se me pressionardes direi tudo. Ficarei desonrado, mas estareis perdido...” O judeu não deu ouvidos à ameaça, o empregadinho contou tudo na sessão seguinte. Ambos foram repreendidos, o judeu foi condenado a pagar a letra e o dinheiro foi enviado a uma instituição de assistência aos pobres. Então separei-me dele e voltei para cá. Que fazer? Definhar na miséria ou fazer alguma coisa? Milhares de projetos atravessavam-me a cabeça. Uma hora, iria partir no dia seguinte com uma companhia provinciana, tão ruim para o teatro como para a orquestra. Noutra hora, pensava pintar um desses cartazes que se penduram nas encruzilhadas onde teria berrado a plenos pulmões: “Eis a cidade onde nasceu; ei-lo despedindo-se de seu pai boticário, chegando à capital à procura da casa de seu tio; ei-lo ajoelhado diante do tio que o expulsa; ei-lo com um judeu, etc, etc”. No dia seguinte levantava-me disposto a me associar aos cantores de rua; não seria o pior a fazer: iríamos fazer serenata à janela do caro tio que se torceria de raiva. Tomei outra decisão.

Detém-se, passando sucessivamente da atitude de um homem que segura um violino, apertando as cordas com os braços, à de um pobre-diabo extenuado de fadiga, sem forças, as pernas vacilantes, prestes a expirar se não lhe jogarem um bocado de pão. Designava sua profunda carência com um gesto do dedo voltado para a boca entreaberta. Acrescenta: “É óbvio. Jogavam-

me restos. Éramos quatro famintos a brigar por eles. E depois vinde pensar grandiosamente, vinde fazer belas coisas no meio de tanto desamparo”.

EU — É difícil.

ELE — De escorregão em escorregão vim cair aqui. Estava como peixe na água. Mas saí. De agora em diante terei que dar um nó nas tripas e voltar à gesticulação do dedo na boca aberta. Nada é estável neste mundo. Hoje no topo da roda, amanhã embaixo. Somos dirigidos pelas malditas circunstâncias, e mal dirigidos.

Depois, bebendo num trago o fundo da garrafa, dirige-se ao vizinho: “— Senhor, por caridade, uma pitadinha.⁷⁰ Tendes aí uma bela caixa. Não sois músico? — Não. — Melhor para vós, pois são uns pobres trastes lamentáveis. A sina me fez um, enquanto há em Montmartre, talvez em um moinho, um moleiro, um criado de moleiro que só ouvirá o ruído da catraca e que poderia ter encontrado os mais belos cantos. Rameau! Para o moinho, para o moinho! É lá o teu lugar.

EU — Qualquer que seja a ocupação de um homem, a natureza destinou-o a ela.

ELE — Mas comete lapsos estranhos. Quanto a mim, não me sinto alçado a essas alturas onde tudo se confunde, o homem que poda árvores com tesouras, a lagarta que rói folhas, e de onde se vêem dois insetos diferentes cada um cumprindo seu dever.⁷¹ Empoleirai-vos no epiciclo de Mercúrio, se vos convier, e, assim como Reaumur distribuiu a classe das moscas em costureiras, agrimensoras e ceifeiras, imitando-o, podeis distribuir a espécie humana em marceneiros, carpinteiros, corredores, dançarinos, cantores. É vosso ofício. Não me intrometo. Estou neste mundo e aqui fico. Mas, se está na natureza ter apetite (pois é sempre ao apetite que volto, à sensação que está sempre presente em mim),

não acho que seja uma boa ordem aquela onde não se tem sempre o que comer. Que diabo de economia! Homens que regurgitam tudo, enquanto outros, dotados de um estômago tão inoportuno quanto o deles, não têm o que pôr entre os dentes. O pior é a postura constrangida que a necessidade nos força a assumir. O homem necessitado não caminha como um outro — salta, rasteja, se arrasta, se contorce, passa a vida a tomar e executar posições.⁷²

EU — Que são posições?

ELE — Perguntai a Noverre.⁷³ O mundo oferece coisa melhor do que aquilo que sua arte pode imitar.

EU — Estais também, para servir-me de vossa expressão, ou de Montaigne, “empoleirado no epiciclo de Mercúrio” fazendo considerações sobre as pantomimas do gênero humano.

ELE — Não, não. Sou muito pesado para elevar-me tão alto. Deixo aos palermas a viagem pelo nevoeiro. Sou terra-a-terra. Olho à minha volta, tomo minhas posições, divirto-me com as dos outros. Sou um excelente pantomimista, como ireis julgar.

Começo a rir, remeda o admirador, o suplicante, o complacente. Põe o pé direito para a frente e o esquerdo para trás, dobra as costas, ergue a cabeça, o olhar como se estivesse preso sobre outros olhos, a boca entreaberta, o braço estendido para algum objeto. Espera uma ordem. Recebe-a e parte como um corisco; volta, cumpriu e presta contas. Está atento a tudo. Apanha o que cai; coloca um travesseiro ou um tamborete sob os pés; segura um pires; aproxima uma cadeira; abre uma porta; fecha uma janela; puxa uma cortina; observa o patrão e a patroa, fica imóvel, braços pendurados, pernas paralelas; escuta, procura ler nos rostos e acrescenta: “Aí está minha pantomima, mais ou menos como a dos bajuladores, dos cortesãos, dos criados e dos

mendigos”.

As loucuras deste homem, os contos do Abade Galiani, as extravagâncias de Rabelais muitas vezes me fizeram meditar profundamente.⁷⁴ São três armazéns onde pude prover-me de máscaras ridículas que coloco sobre os rostos das mais graves personagens. Vejo Pantalón num prelado, um sátiro num presidente, um suíno num cenobita, uma avestruz num ministro, uma gansa em seu primeiro-oficial.

EU — Mas pela vossa conta há muitos patifes no mundo e não conheço um que saiba alguns passos de vossa dança.

ELE — Tendes razão. Em um reino somente o soberano anda. O resto só faz posições.

EU — O soberano? ⁷⁵ Ainda há algo a dizer. Acreditaís que quando em vez não encontra ao seu lado um pezinho, uma trancinha ou um narizinho que não o levem a fazer um pouco de pantomima? Todo aquele que precisa de outrem é indigente e faz posições. O rei faz posições diante de sua amante e de Deus — dá seu passo de pantomima. O ministro dança como cortesão, bajulador, criado ou patife diante do rei. A massa de ambiciosos, diante do ministro, dança vossos passos de mil modos, um mais vil do que o outro. O abade de categoria, em peitilho rendado e manto longo, diante do depositário da folha de pagamento, pelo menos uma vez por semana. Palavra, o que chamais pantomima dos mendigos é a grande ciranda da terra. Cada um tem sua pequena Hus e seu Bertin.

ELE — Isso me consola.

Mas, enquanto eu falava, ele rolava de rir arremedando as posições das personagens que eu ia citando. Por exemplo, para o abadezinho, punha o chapéu sob o braço, segurava o breviário com a mão esquerda e com a direita levantava a cauda do manto.

Avançava com a cabeça meio jogada sobre o ombro, olhos baixos, imitando tão perfeitamente o hipócrita, que acreditei ver o autor das *Refutações* diante do bispo de Orléans. Para os adutores e ambiciosos, rastejava. Era Bouret diante do tesoureiro-geral.

EU — Soberbamente executado. Há, porém, um ser que não precisa da pantomima — o filósofo, que nada tem e nada pede.

ELE — E onde está esse animal? Se nada tem, sofre; se nada pede, nada obterá e sofrerá sempre.

EU — Não. Diógenes zombava das carências.

ELE — Mas é preciso vestir-se.

EU — Não. Andava completamente nu.

ELE — Às vezes fazia frio em Atenas.

EU — Menos do que aqui.

ELE — Comia-se lá.

EU — Sem dúvida.

ELE — Às expensas de quem?

EU — Da natureza. A quem se dirige o selvagem? À terra, aos animais, aos peixes, às árvores, às ervas, às raízes, aos regatos.

ELE — Mesa ruim.

EU — Grande.

ELE — Mal servida.

EU — Contudo, é dela que se tira para cobrir as nossas.

ELE — Mas deveis convir que a habilidade de nossos cozinheiros, confeitadores, vendedores de assados, quituteiros põe um pouco de seu. Com a dieta austera de vosso Diógenes não deveria ter órgãos muito indóceis.

EU — Estais enganado. Outrora, o hábito do cínico era nosso hábito monástico com a mesma virtude. Os cínicos eram os carmelitas e franciscanos de Atenas.

ELE — Agora vos peguei. Diógenes também dançou a

pantomima, se não diante de Péricles, pelo menos diante de Laís e de Frinéia.

EU — Enganais-vos ainda. Os outros compravam caro a cortesã que se entregava a ele por prazer.

ELE — E se a cortesã estivesse ocupada e o cínico apertado?

EU — Entrava em seu tonel e passava sem ela.

ELE — E me aconselhaiis imitá-lo?

EU — Quero morrer se isto não for preferível a rastejar, aviltar-se e prostituir-se.

ELE — Mas preciso de boa cama, boa mesa, roupa quente no inverno, roupa fresca no verão, repouso, dinheiro e muitas outras coisas. Portanto, prefiro devê-los à benevolência do que adquiri-los pelo trabalho.⁷⁶

EU — É que sois preguiçoso, glutão, frouxo, e tendes uma alma enlameada.

ELE — Creio que eu próprio vo-lo disse.

EU — Sem dúvida, na vida todas as coisas têm um preço. Mas ignorais o do sacrifício que fazeis para obtê-las. Dançais, dançastes e continuareis a dançar a pantomima vil.

ELE — É verdade. Mas custou-me pouco e agora já não me custa mais. Por isso faria mal assumindo um outro jeito que me penalizaria e que não poderia conservar. Mas, pelo que acabais de dizer, vejo que minha pobre mulherzinha era uma espécie de filósofa. Tinha coragem como um leão. Algumas vezes faltava-nos pão e não tínhamos níquel. Vendêramos todos os trapos, jogava-me na cama e quebrava a cabeça tentando descobrir alguém que nos emprestasse uns miúdos (que não lhe devolveríamos, claro). Ela, alegre como um passarinho, punha-se ao cravo e cantava. Tinha a goela dum rouxinol. É uma pena que não a tenhais ouvido. Quando eu participava de algum concerto, levava-a

comigo e pelo caminho lhe dizia: “Vamos, senhora, fazei-vos admirar, exhibi vosso talento e vossos encantos, arrebatadi, perturbadi”. Chegávamos. Arrebatava e perturbava. Ai de mim. Perdi-a, pobrezinha. Além de talento, que boquinha! Que dentes! Uma fieira de pérolas. Que olhos! E os pés? A pele, as faces, as tetas, as pernas de corça, coxas e nádegas para um escultor. Cedo ou tarde teria pelo menos o chefe das finanças. Que andar! Que bunda! Bom Deus, que bunda!

E lá vai ele: começa a imitar o andar da sua mulher. Passinhos miúdos, cabeça solta, brinca com um leque, requebra o traseiro. Era a mais ridícula e divertida caricatura de mulher provocante.

Depois, retomando a seqüência de seu discurso, acrescenta:

Eu a levava a toda parte: às Tulherias, ao Palais-Royal, aos bulevares. Era impossível que ficasse comigo. Quando, pela manhã, atravessava a rua, sem peruca, numa baeta curta e transparente, teríeis parado para vê-la e poderíeis abraçá-la com quatro dedos sem apertá-la. Os que a seguiam, apressavam o passo vendo-a trotar com seus pezinhos, medindo sua bundona, cuja forma era modelada pela saia leve. Ela os deixava chegar, depois dardejava sobre eles seus olhos negros e detinham-se imediatamente. É que o anverso da moeda não destoava do reverso. Ai de mim! Perdi-a, e minhas esperanças de fortuna foram-se com ela. Eu só a apanhara para isso. Confiei-lhe meus projetos e era muito perspicaz para perceber quanto valiam e muito ajuizada para desaprová-los.

Soluça e chora, dizendo: “Não, nunca me consolarei. Desde então tomei o hábito e o solidéu”.

EU — De dor?

ELE — Se quereis. Mas, na verdade, para ter minha escudela

sobre a cabeça... Que horas são? Preciso ir à Ópera.

EU — O que estão levando?

ELE — Dauvergne. Há belas coisas em sua música. Pena que não tenha sido o primeiro a dizê-las. Entre os mortos há sempre alguns que entristecem os vivos. Que quereis? *Quisque suos patimur manes* ⁷⁷. São cinco e meia. Ouça os sinos que tocam as vésperas do Abade Canaye e as minhas. Adeus, senhor filósofo. Não é verdade que sou sempre o mesmo?

EU — Sim, desgraçadamente.

ELE — Que essa desgraça dure pelo menos quarenta anos. Ri melhor quem ri por último.

Notas

¹ “Sátira Segunda” Porque o *Sobrinho de Rameau* é uma seqüência da “Sátira Primeira” *Sobre os Caracteres e as Palavras Caráter, Profissão, etc*, opúsculo escrito por Diderot em 1775.

² “Aquele que nasceu presa da hostilidade de Vertumno sob todas as suas formas.” Vertumno preside a mudança das estações. Portanto: o homem que passa incessantemente de um excesso a outro.

³ Jean-Philippe Rameau (1683-1764), autor de vários tratados sobre a teoria musical, revolucionou a música francesa e começou a ser célebre por volta de 1733. Foi alvo de muitas críticas, feitas sobretudo pelo grupo dos Filósofos, mais ou menos em 1760. Por essa ocasião reinava a Querela dos Bufões, quando o gosto pela música italiana marginalizava o maior representante da música francesa. Esta querela aparecerá no decorrer do diálogo do Filósofo com o Sobrinho.

⁴ Jean-Baptiste Lulli, músico e compositor nascido em Florença, favorecido por Luís XIV, considerado o criador da ópera. Compôs também bailados para as peças de Molière.

⁵ Célebre atriz e a melhor intérprete de Voltaire. Era muito elogiada por Diderot; aliás, no decorrer do diálogo, seu elogio será feito pelo Filósofo.

⁶ Títulos das tragédias de Racine.

⁷ Peça de Voltaire.

⁸ Se os fatos estão submetidos a uma ordem necessária, não podem estar submetidos a juízos de valor.

⁹ *Maomé* é uma peça de Voltaire. Mapéoux foi a reforma do Parlamento feita por Mapeou. A reforma foi bastante impopular, mas Voltaire a elogiou.

¹⁰ Bertin d’Antilly, tesoureiro das sisas, e Adelaide-Louise-Pauline Hus, atriz da Comédia Francesa. A desgraça de que o Sobrinho se lamenta, e que contará

minuciosamente mais adiante, é sua expulsão da casa de Bertin-Hus.

¹¹ Ó precioso excremento!

¹² Crianças dos orfanatos que eram alugadas para acompanhar enterros — as pompas fúnebres.

¹³ Lemierre e Arnauld — célebres atrizes da Ópera.

¹⁴ Amigo de Diderot que pesquisava cores para pintura em esmalte.

¹⁵ Ator da Comédia Francesa que sobressaía em todos os papéis que tentava.

¹⁶ Atriz de tragédia da Comédia Francesa que improvisava seus maiores lances.

¹⁷ Bailarino da Ópera, professor de dança do rei.

¹⁸ Principal descoberta técnica do tio Rameau. É um sistema harmônico que consiste em tomar como baixo racional a nota fundamental de cada acorde.

¹⁹ Deschamps e Guimard: bailarinas da Ópera. Os credores obrigaram Deschamps a vender até o mobiliário para pagá-los.

²⁰ No texto francês: “tours du bâton”, procedimentos para se apropriar habilmente dos bens de alguém quando se está a seu serviço.

²¹ Parasitas que rodeavam o coletor de impostos Vilmorien. Era genro de Bouret, de quem o Sobrinho falará mais adiante.

²² Os Calas foram perseguidos por fanáticos. Entre Voltaire autor trágico e Voltaire defensor das vítimas do fanatismo, o Filósofo prefere o segundo.

²³ Obras pornográficas. A primeira é um romance e a segunda, uma série de ilustrações para os sonetos de Aretino, feitas pelo pintor Carrache.

²⁴ Lamber o cu da Senhorita Hus.

²⁵ Figurinha oriental cuja cabeça balança graças a uma mola colocada no lugar do pescoço.

²⁶ Tesoureiro-geral da Casa Real, administrador dos Correios e chefe do pessoal do Ministério da Fazenda. O *Livro da Felicidade* era um caderno de cinquenta páginas e em todas elas estava escrita somente a seguinte frase: “O rei visitou Bouret”. Quanto aos archotes, trata-se de uma recepção feita ao rei numa de suas visitas: ao longo do caminho havia a cada vinte passos um homem segurando uma tocha. A estória do cachorrinho será narrada a seguir pelo Sobrinho.

²⁷ Bouret é um precursor de Pavlov!

²⁸ Ordem real e militar, estabelecida por Luís XIV a fim de recompensar os oficiais católicos de terra e mar.

²⁹ Nesse trecho, a primeira pessoa do plural refere-se à Senhorita Hus avaliando o público que aplaude suas rivais e comparando-se a elas.

³⁰ Bertin.

³¹ O ventre instiga o espírito — citação do satírico latino Pérsio.

³² Sincero e sem dissimulação, como o vime que não tem nós.

³³ Inicia-se a descrição da casa Bertin-Hus.

³⁴ Poeta inimigo do grupo dos Filósofos. Trata-se da tragédia *Zarès*, que foi um fracasso completo.

³⁵ Bret, também inimigo dos Filósofos, teve sua peça vaiada.

³⁶ Comédia de Palissot, atacando principalmente Diderot e Rousseau.

³⁷ É a sexta cena do terceiro ato. O Senhor Propício apresenta as últimas obras literárias e ridiculariza as principais obras de Diderot.

³⁸ *La Femme Docteur ou la Théologie Janséniste Tombée en Quenouille*. Peça antijansenista que também contava com um mexeriqueiro.

³⁹ Poeta que rivalizava com Voltaire em ironia. Parece que este temia o rival. Os freqüentadores da casa de Bertin estão a favor de Piron, pois Voltaire pertence ao grupo dos Filósofos. Todos os nomes que Diderot vem enumerando (Palissot, Fréron, Robbê, Le Blanc, D'Olivet, Batteux, Vilmorien, Monsague, Bret, Bertin, Hus e demais freqüentadores da casa são inimigos dos Filósofos, desencadeando inúmeras polêmicas e injuriando a *Encyclopédie*).

⁴⁰ Em sentido religioso: endemoninhado.

⁴¹ Esta é a fala principal do Sobrinho, síntese de tudo o que já disse e de tudo o que irá dizer. Trata-se da total subversão dos valores e da demolição do racionalismo. Não é sem motivo que na *Fenomenologia do Espírito* Hegel toma esta obra de Diderot como a verdade da consciência iluminista. A Razão em crise, na impossibilidade de explicar o mundo, vê como única alternativa a admissão da Não-Razão, isto é, da loucura. Mas a loucura é uma alternativa porque não compromete a Razão, pois é o que está *aquém* da Razão. E é por isso que o louco é o Sobrinho e não o Filósofo.

⁴² Sempre teso como um majestoso caralho entre dois colhões.

⁴³ Personagem de Rabelais no *Pantagruel*. Significa “senhor ventre”.

⁴⁴ “Espèces”, no texto. É um neologismo que surge no século XVIII. Mais adiante, o Sobrinho definirá um “espèce”. Trata-se de um termo que reforça uma injúria. Refere-se a uma pessoa que não pode ser claramente definida porque ela própria nunca assume uma posição ou atitude claramente definidas, sendo por isso mesmo desprezível.

⁴⁵ Bertin e Hus.

⁴⁶ Esta fala é um contraponto à do “louco do louco”. O Sobrinho parece admitir agora um mínimo de racionalidade governando o mundo — a lei da sociedade e a lei da natureza. Singularmente, ambas são apresentadas em termos de “preço”; mais ainda, em termos de “preço verdadeiro”.

⁴⁷ Molière, *L'Etourdi*, II, 8, v. 794. Não se trata de latim propriamente, mas do francês latinizado, pois o termo *fourbum* seria o genitivo plural do termo *fourbus*, *fourbi*, que não existe em latim. Em *francês*, *fourbe*, dissimulado, manhoso e trapaceiro. Em latim, *fur*, *furis* é ladrão, mas oposto a *latro*, *latronis* porque o primeiro rouba às escondidas, enquanto o segundo assalta. Mascarillus, Mascárido, mascarado. O termo “máscara” vem do latim vulgar, *masca*, mas não existe no latim erudito. A tradução seria: “Viva Mascárido, imperador dos trapaceiros”. O Sobrinho termina, portanto, identificando a vilania com a trapaça, isto é, com um jogo no interior do “pacto universal”.

⁴⁸ Tem início uma discussão sobre a arte que irá até o fim do diálogo. A discussão colocará tanto problemas gerais da arte quanto a questão historicamente determinada da música francesa confrontada com a música italiana no século XVIII na França (a Querela dos Bufões-Ópera Bufa).

⁴⁹ Arte ou natureza, isto é, técnica ou natureza, artifício ou natureza. O Sobrinho deixa aberta uma alternativa que é tema de discussão durante todo o século XVIII e que já prepara a filosofia kantiana. Trata-se do tema da antropologia nascente (e que se desenvolve também na discussão política), da possibilidade ou impossibilidade para estabelecer os limites entre o mundo natural e o mundo humano. Aparentemente, a noção de imitação colocada pelo Sobrinho repete a definição aristotélica da arte como imitação da natureza. Entretanto, o Sobrinho afirma que se trata de uma *invenção* ou de uma *inspiração*. A fórmula aristotélica, pelo menos em sua interpretação escolástica, não está presente aí. É importante notar que o Sobrinho estende a definição para todas as *belas-artes*. O adjetivo *belas* marca a diferença entre aquilo que hoje chamamos arte (belas-artes) e técnica (arte; do grego *techne*), e neste sentido compreende-se aquilo que poderia parecer um paradoxo, ou seja, dizer que a arte é inventada pela arte. O que o Sobrinho diz é que as belas-artes podem ter sido

inventadas pela técnica ou inspiradas pela natureza.

⁵⁰ A escola francesa.

⁵¹ São as óperas e bailados da escola francesa.

⁵² Diretores da Ópera.

⁵³ Até 1763 o prédio da Ópera ficava no Palais-Royal, no fundo do beco Cour d'Orry.

⁵⁴ O Sobrinho parece optar pela música inspirada pela natureza, visto que o violino imita a voz.

⁵⁵ Escola francesa — *Les Amours de Ragonde*, de Mouret; *Platée ou Junon Jalouse*, de Rameau.

⁵⁶ Duhamel, membro da Academia de Ciências, autor de uma *Arte do Carvoeiro*.

⁵⁷ No texto francês: “Mais d’avant peu, serviteur à l’Assomption; le carême et les rois sont passés” — “Mas há pouco, servidor da Assunção; a quaresma e o dia de Reis já passaram”. A expressão significa que aquilo a que se servia não vale mais. No caso, a música francesa vai sair de moda como as festas do calendário religioso se sucedem sem deixar vestígios umas nas outras.

⁵⁸ A escola italiana.

⁵⁹ Poeta italiano que compôs dramas musicais.

⁶⁰ Autores franceses de libretos para ópera.

⁶¹ A natureza é uma seqüência ordenada e necessária de causas e efeitos, de modo que não é possível interferir e transformar seu curso. O mecanicismo é o pano de fundo da afirmação do Sobrinho, que repete o mesmo que o filósofo dissera anteriormente — cf. nota n.º 8.

⁶² O Sobrinho explica o neologismo “espèces”.

⁶³ Teóricos do Direito; século XVII. O Filósofo se refere aos tratados sobre Direito Internacional que ambos escreveram.

⁶⁴ O estado de natureza, se for definido como busca do prazer e fuga da dor, não difere do estado de sociedade. O Sobrinho amplia a tese colocando como prazer em geral aquilo que é prazer historicamente determinado.

⁶⁵ O Filósofo opõe o estado de natureza ao estado de sociedade, o reino das forças cegas e o reino da moralidade. O estado de natureza é anterior à proibição do incesto.

⁶⁶ Até o fim o Filósofo recusará as teses do Sobrinho, embora vacile o tempo todo. É que, se as aceitar, aceitará também a falência da Razão. A posição defensiva do Filósofo é mais nítida logo a seguir: o Sobrinho deverá falar de música e somente de música. No entanto, por que o Sobrinho é um “miserável arranhador de cordas”? A causa estará situada não na natureza, mas no mundo social. Mais adiante, o Sobrinho dirá que a natureza comete lapsos estranhos. É o mundo social que deixa o Filósofo confuso e vacilante diante do que diz o Sobrinho.

⁶⁷ Referência à maiêutica (parto) socrática. Sócrates dizia-se “parteiro das almas”, como sua mãe fora “parteira dos corpos”. O Sobrinho, depois de esmurrar a cabeça, nega que o parto das almas seja feito pelo intelecto — é a posição do Filósofo. E, ao colocar a mão no peito, afirma que o parto das almas se faz pelos sentimentos e pela imaginação.

⁶⁸ O adágio socrático: “Conhece-te a ti mesmo”.

⁶⁹ A estátua de Memnã em Tebas, no Egito, tinha a fama de emitir sons harmoniosos ao nascer do sol.

⁷⁰ De rapé.

⁷¹ O olhar objetivo do Filósofo que iguala tudo sob a lei natural. A ordem natural não é boa nem má. Mas não é a ela que o Sobrinho se refere e sim à ordem social, aquela

“onde não se tem sempre o que comer”.

⁷² Linguagem do bailado. As diferentes maneiras de pousar os pés um com relação ao outro. Há no bailado clássico cinco posições. O Sobrinho faz um trocadilho: a posição social se exprime na posição dos pés.

⁷³ Bailarino francês. O Sobrinho afirma que há no mundo mais posições do que as cinco do bailado.

⁷⁴ Novamente o Filósofo titubeia. Parece que o mundo social é explicado melhor pelo Sobrinho do que pelo olhar objetivo de quem se planta no epiciclo de Mercúrio.

⁷⁵ O Filósofo parece ceder à argumentação do Sobrinho. Logo, porém, ver-se-á a diferença. Na “ciranda da terra”, como dirá o Filósofo, há alguém que não entra.

⁷⁶ A radicalidade do Sobrinho é total. Sua crítica do mundo social não está dirigida contra a nobreza e o clero, como seria de se esperar às vésperas da Revolução Francesa. Está voltada para o Terceiro Estado, portanto para a burguesia que fará a Revolução! O Sobrinho recusa o adágio calvinista, lema burguês: “Mente desocupada, oficina do diabo”. E o Filósofo o acusa de preguiçoso.

⁷⁷ Virgílio, *Eneida*, VI, v. 743. “Cada um de nós suporta seus mortos.”

DIÁLOGO ENTRE D'ALEMBERT E DIDEROT¹

Tradução e notas de **J. Guinsburg**

¹ O *Diálogo*, o *Sonho de D'Alembert* e a *Continuação do Diálogo* pertencem ao que de mais imaginativo produziu a especulação filosófica de Diderot. Só foram publicados em 1830, mas datam de 1769. O fato se deve, provavelmente, menos à irritação da Srta. de l'Espinasse, que exigiu por meio de D'Alembert a destruição dos originais, do que ao filósofo mesmo, atemorizado com a própria ousadia.

D’ALEMBERT. — Confesso que um Ser que existe em alguma parte e que não corresponde a nenhum ponto do espaço, um Ser que é inextenso e que ocupa extensão, que é totalmente inteiro sob cada parte dessa extensão, que difere essencialmente da matéria e que lhe está unido, que a segue e que a move sem mover-se, que atua sobre ela e sofre todas as suas vicissitudes, um Ser do qual não tenho a menor idéia, um Ser de uma natureza tão contraditória, é difícil de admitir. Mas outras obscuridades esperam a quem o rejeite; pois afinal essa sensibilidade pela qual vós o substituíis, se for uma qualidade geral e essencial da matéria, a pedra deverá senti-la.²

DIDEROT. — Por que não?

D’ALEMBERT. — Isso é difícil de crer.

DIDEROT. — Sim, para quem se ponha a cortá-la, talhá-la, triturá-la e não a ouça gritar.

D’ALEMBERT. — Gostaria que me dissésseis que diferença estabeleceis entre o homem e a estátua, entre o mármore e a carne.

DIDEROT. — Muito pouca. Da carne se faz mármore e do mármore, carne.

D’ALEMBERT. — Mas um não é outro.

DIDEROT. — Assim como o que denominais força viva não é força morta.

D’ALEMBERT. — Não vos entendo.

DIDEROT. — Vou explicar-me. O transporte de um corpo de um lugar para outro não é o movimento, é apenas o efeito. O

movimento está, igualmente, quer no corpo transferido, quer no corpo imóvel.

D'ALEMBERT. — Essa maneira de ver é nova.

DIDEROT. — Nem por isso é menos verdadeira. Retirai o obstáculo que se opõe ao transporte local do corpo imóvel, e ele será transferido. Suprimi por súbita rarefação o ar que envolve aquele enorme tronco de carvalho, e a água nele contida, entrando de repente em expansão, o dispersará em cem mil lascas. Digo outro tanto de vosso próprio corpo.

D'ALEMBERT. — Seja. Mas que relação há entre o movimento e a sensibilidade? Por acaso reconheceríeis uma sensibilidade ativa e uma sensibilidade inerte, assim como há uma força viva e uma força morta? Uma força viva que se manifesta pela translação e uma força morta que se manifesta pela pressão; uma sensibilidade ativa que se caracteriza por certas ações notáveis no animal e talvez na planta; e uma sensibilidade inerte cuja existência nos seria assegurada pela passagem ao estado de sensibilidade ativa.

DIDEROT. — Muito bem. Vós o dissestes.

D'ALEMBERT. — Assim a estátua tem apenas uma sensibilidade inerte; e o homem, o animal, e a própria planta, talvez, são dotados de uma sensibilidade ativa.

DIDEROT. — Existe sem dúvida essa diferença entre o bloco de mármore e o tecido de carne; mas compreendeis muito bem que não é a única.

D'ALEMBERT. — Seguramente. Qualquer que seja a semelhança existente entre a forma exterior do homem e da estátua, não há nenhuma relação entre a organização interna de ambos. O cinzel do mais hábil estatuário não produz sequer uma epiderme. Mas há um processo muito simples para fazer passar

uma força morta ao estado de força viva; é uma experiência que se repete debaixo de nossos olhos cem vezes por dia; ao passo que não vejo bem como se faz passar um corpo do estado de sensibilidade inerte ao estado de sensibilidade ativa.

DIDEROT. — É que não quereis vê-lo. Trata-se de um fenômeno tão comum.

D’ALEMBERT. — E esse fenômeno tão comum, qual é, por favor?

DIDEROT. — Vou dizer-vos, já que desejais passar pela vergonha. Isso ocorre todas as vezes que comeis.

D’ALEMBERT. — Todas as vezes que eu como!

DIDEROT. — Sim; pois, ao comer, o que fazeis? Levantais os obstáculos que se antepunham à sensibilidade ativa do alimento. Vós o assimilais³ a vós próprio; vós o converteis em carne; vós o animalizais; vós o tornais sensível; e o que executais com um alimento, eu executaria quando me aprouvesse com o mármore.

D’ALEMBERT. — Como assim?

DIDEROT. — Como? Torná-lo-ia comestível.

D’ALEMBERT. — Tornar o mármore comestível não me parece fácil.

DIDEROT. — É meu problema indicar-vos o processo. Tomo a estátua que vedes, meto-a num almofariz, e com fortes golpes de pilão...

D’ALEMBERT. — Devagar, por favor: é a obra-prima de Falconet ⁴. Ainda se fosse uma peça de Huez ⁵ ou de um outro...

DIDEROT. — Isso não faz mal algum a Falconet; a estátua está paga, e Falconet faz pouco caso da consideração presente e nenhum da consideração futura.

D’ALEMBERT. — Vamos, pulverizai-a então.

DIDEROT. — Quando o bloco de mármore estiver reduzido a

pó impalpável, misturo esse pó ao humo ou terra vegetal; eu os amasso bem um com o outro; rego a mistura, deixo-a putrefazendo-se um ano, dois, um século, o tempo não importa. Quando o todo estiver transformado em uma matéria quase homogênea, em humo, sabeis o que faço?

D'ALEMBERT. — Estou certo que não comeis numo.

DIDEROT. — Não, mas há um meio de união, de apropriação, entre o humo e eu, um *latus*, como vos diria o químico.

D'ALEMBERT. — E esse *latus* é a planta?

DIDEROT. — Muito bem. Semeio nele ervilhas, favas, couves e outras plantas leguminosas. As plantas se nutrem da terra e eu me nutro das plantas.

D'ALEMBERT. — Verdadeira ou falsa, gosto dessa passagem do mármore, ao humo, do humo ao reino vegetal e do reino vegetal ao reino animal, à carne.⁶

DIDEROT. — Faço pois da carne ou da alma, como diz minha filha, matéria ativamente sensível; e se não resolvo o problema que me Propusestes, pelo menos me aproximo muito; pois me confessareis que bem maior é a distância de um pedaço de mármore a um ser que sente, do que de um ser que sente a um ser que pensa.

D'ALEMBERT. — Reconheço. Com tudo isso o ser sensível não é ainda o ser pensante.

DIDEROT. — Antes de dar um passo à frente, permiti que eu vos conte a história de um dos maiores geômetras da Europa. O que era a princípio esse ser maravilhoso? Nada.

D'ALEMBERT. — Como nada! De nada, nada se faz.

DIDEROT. — Tomais as palavras muito ao pé da letra. Quero dizer que antes que a mãe dele, a bela e celerada cônica Tencin, atingisse a idade púbere, antes que o militar La Touche fosse

adolescente, as moléculas que deviam formar os primeiros rudimentos de meu geômetra estavam dispersas nas jovens e frágeis máquinas de um e de outro, filtraram-se com a linfa, circularam com o sangue, até que se apresentassem aos reservatórios destinados à sua coligação, os testículos do pai e da mãe.⁷ Eis formado esse germe raro; ei-lo, como é a opinião comum, conduzido pelas trompas de Falópio⁸ à matriz; ei-lo agarrado à matriz por um longo pedículo; ei-lo, crescendo sucessivamente e avançando para o estado de feto; eis chegado o momento de sua saída da obscura prisão; ei-lo nascido, exposto sobre os degraus de Saint-Jean-Le-Rond, que lhe deu seu nome; retirado dos Enjeitados; aferrado à mama da boa vidraceira, Sra. Rousseau; aleitado, tornado grande de corpo e de espírito, literato, mecânico, geômetra. Como se produziu isso? Comendo, e por outras operações puramente mecânicas. Eis em quatro palavras a fórmula geral: Comei, digeri, destilai *in vasi licito, et fiat homo secundum artem*.⁹ E aquele que expusesse à Academia¹⁰ o progresso da formação de um homem ou de um animal não empregaria senão agentes materiais cujos efeitos sucessivos seriam um ser inerte, um ser sensível, um ser pensante, um ser que resolve o problema da precessão dos equinócios, um ser sublime, um ser maravilhoso, um ser que envelhece, que enfraquece, que morre, dissolvido e restituído à terra vegetal.

D'ALEMBERT. — Não acreditais portanto nos germes preexistentes?

DIDEROT. — Não.

D'ALEMBERT. — Ah! que prazer que me dais!

DIDEROT. — Isso é contra a experiência e a razão: contra a experiência, que procuraria inutilmente esses germes no ovo e na maior parte dos animais antes de certa idade; contra a razão, que

nos ensina que a divisibilidade da matéria tem um termo na natureza, embora não tenha nenhum no entendimento, e que repugna conceber um elefante todo formado num átomo e neste átomo um outro elefante todo formado, e assim sucessivamente, até o infinito.

D'ALEMBERT. — Mas sem esses germes preexistentes, não se concebe a geração primeira dos animais.

DIDEROT. — Se a questão da prioridade do ovo sobre a galinha ou da galinha sobre o ovo vos embaraça, é porque supondes que os animais foram originariamente o que são agora.¹¹ Que loucura! Não sabemos o que foram assim como não sabemos o que se tornarão. O vermezinho imperceptível que se agita na lama encaminha-se talvez para o estado de grande animal; o animal enorme, que nos apavora por sua grandeza, encaminha-se talvez para o estado de vermezinho, é talvez uma produção particular momentânea deste planeta.

D'ALEMBERT. — Como foi que dissestes isso?

DIDEROT. — Eu vos dizia... Mas isso vai nos afastar de nossa primeira discussão.

D'ALEMBERT. — O que é que tem? Voltaremos a ela ou então não voltaremos.

DIDEROT. — Permitiríeis que eu me antecipe no tempo em alguns milhares de anos?

D'ALEMBERT. — Por que não? O tempo nada é para a natureza.

DIDEROT. — Consentis pois que eu extinga o nosso Sol?

D'ALEMBERT. — Tanto mais de bom grado quanto não será o primeiro que se extinguiu.

DIDEROT. — Extinto o Sol, o que acontecerá? As plantas perecerão, os animais perecerão, e eis a Terra solitária e muda.

Reacendei esse astro, e no mesmo instante restabeleceis a causa necessária de uma infinidade de gerações novas entre as quais eu não ousaria assegurar que no decurso dos séculos nossas plantas, nossos animais de hoje se reproduzirão ou não se reproduzirão.

D'ALEMBERT. — E por que os mesmos elementos espersos, vindo a reunir-se, não proporcionariam os mesmos resultados?

DIDEROT. — E que tudo se mantém na natureza, e quem supõe um novo fenômeno ou faz voltar um instante passado recria um novo mundo.

D'ALEMBERT. — É o que um pensador profundo não poderia negar. Mas para voltar ao homem, uma vez que a ordem geral quis que ele existisse, lembrai-vos que foi na passagem do ser sensível ao ser pensante que vós me deixastes.

DIDEROT. — Lembro-me disso.

D'ALEMBERT. — Francamente, sentir-me-ia muito grato se me tirásseis dali. Estou com um pouco de pressa de continuar pensando.

DIDEROT. — Ainda que eu não conseguisse fazê-lo, o que resultaria daí contra um encadeamento de fatos incontestável?

D'ALEMBERT. — Nada, exceto que ficaríamos aí detidos simplesmente.

DIDEROT. — E, para ir mais longe, nos seria permitido inventar um agente contraditório em seus atributos, uma palavra destituída de sentido, ininteligível?¹²

D'ALEMBERT. — Não.

DIDEROT. — Poderíeis dizer-me o que é a existência de um ser sensível, em relação a si próprio?

D'ALEMBERT. — É a consciência de ter sido ele, desde o primeiro instante de sua reflexão até o momento presente.

DIDEROT. — E no que se baseia essa consciência?

D'ALEMBERT. — Na memória de suas ações.

DIDEROT. — E sem essa memória?

D'ALEMBERT. — Sem essa memória ele não teria nada de si,¹³ pois, sentindo a sua existência apenas no momento da impressão, não teria história alguma de sua vida. Sua vida seria uma seqüência interrompida de sensações que nada ligaria.

DIDEROT. — Muito bem. E o que é a memória? De onde nasce?

D'ALEMBERT. — De uma certa organização que cresce, enfraquece e se perde às vezes inteiramente.

DIDEROT. — Se, portanto, um ser que sente e que possui essa organização peculiar à memória, liga as impressões que recebe, forma por essa ligação uma história, que é a de sua vida, e adquire consciência de si, ele nega, afirma, conclui e pensa.

D'ALEMBERT. — Assim me parece; resta-me apenas uma dificuldade.

DIDEROT. — Vós vos enganais; restam-vos muitas outras.

D'ALEMBERT. — Mas uma principal; pois se me afigura que só podemos pensar numa única coisa ao mesmo tempo, e que, para formar, não digo essas enormes cadeias de raciocínios que abrangem em seu circuito milhares de idéias, mas uma simples proposição, dir-se-ia que é preciso ter presente ao menos duas coisas, o objeto que parece permanecer sob o olhar do entendimento, enquanto este se ocupa da qualidade que afirmará ou negará naquele.

DIDEROT. — Também penso assim; o que me levou às vezes a comparar as fibras de nossos órgãos a cordas vibrantes sensíveis. A corda vibrante sensível oscila, ressoa por muito tempo ainda, depois de ser dedilhada. É essa oscilação, essa espécie de ressonância necessária que mantém o objeto presente, enquanto o

entendimento se ocupa da qualidade que lhe convém. Mas as cordas vibrantes gozam ainda de outra propriedade, é a de fazer outras fremir, e é assim que uma primeira idéia chama a segunda; as duas, uma terceira; todas as três, uma quarta, e assim sucessivamente, sem que possamos fixar o limite das idéias, despertadas, encadeadas, no filósofo que medita ou se ouve no silêncio e na obscuridade. Esse instrumento dá saltos surpreendentes, e uma idéia desperta fará às vezes fremir uma harmônica que dele se encontra a um intervalo incompreensível. Se o fenômeno ocorre entre as cordas sonoras, inertes e separadas, como não haverá de produzir-se entre os pontos vivos e ligados, entre as fibras contínuas e sensíveis?

D'ALEMBERT. — Se isso não for verdadeiro, é pelo menos muito engenhoso. Mas estaríamos tentados a crer que tombais imperceptivelmente no inconveniente que pretendeis evitar.

DIDEROT. — Qual?

D'ALEMBERT. — Pretendeis atacar a distinção das duas substâncias.¹⁴

DIDEROT. — Não o escondo.

D'ALEMBERT. — E se quiserdes olhar a coisa de perto, fazeis do entendimento do filósofo um ser distinto do instrumento, uma espécie de músico que presta ouvido às cordas vibrantes, e que se pronuncia sobre sua consonância ou dissonância.¹⁵

DIDEROT. — Pode ser que eu tenha dado motivo a essa objeção, que talvez não vos ocorreria opor se tivésseis considerado a diferença entre o instrumento filósofo e o instrumento cravo. O instrumento filósofo é sensível; é ao mesmo tempo o músico e o instrumento. Como sensível, tem a consciência momentânea do som que produz; como animal, tem dele memória. Esta faculdade orgânica, ligando os sons nele próprio, produz e aí conserva a

melodia. Suponde sensibilidade e memória no cravo, e dissei-me se este não repetirá por si próprio as árias que teríeis executado em suas teclas. Nós somos instrumentos dotados de sensibilidade e de memória. Nossos sentidos são outras tantas teclas dedilhadas pela natureza que nos rodeia, e que se dedilham amiúde elas próprias; eis, a meu ver, tudo o que se passa num cravo organizado como vós e eu. Há uma impressão cuja causa está dentro ou fora do instrumento, uma sensação que nasce da referida impressão, uma sensação que dura; pois é impossível imaginar que ela se produza e que se extinga em um instante indivisível; uma outra impressão que lhe sucede, e cuja causa está similantemente dentro ou fora do animal; uma segunda sensação e vozes que as designam por sons naturais ou convencionais.

D'ALEMBERT. — Entendo. Assim, pois, se esse cravo sensível e animado fosse ainda dotado da faculdade de se nutrir e de se reproduzir, viveria e engendraria por si mesmo, ou com sua fêmea, cravinhos vivos e ressoantes.

DIDEROT. — Sem dúvida. Em vossa opinião, que outra coisa é isso se não um tentilhão, um rouxinol, um músico, um homem? E que outra diferença encontráis entre o canário e a serineta? Vedes este ovo? É com ele que se derrubam todas as escolas de Teologia e todos os templos da Terra. O que é este ovo? Certa massa insensível, antes que o germe seja nele introduzido; e depois que o germe é introduzido, o que é ainda? Certa massa insensível, pois o germe não passa, por sua vez, de um fluido inerte e grosseiro. Como passará essa massa a outra organização, à sensibilidade, à vida? Pelo calor. Quem produzirá o calor? O movimento. Quais serão os efeitos sucessivos do movimento? Em vez de me responder, sentai-vos e acompanhemo-los com os olhos de momento a momento. Primeiro é um ponto que oscila, um filete

que se estende e que se colora; carne que se forma; um bico, pontas de asas, olhos, patas que aparecem; certa matéria amarelada que se divide e produz intestinos; é um animal. Este animal se move, se agita, grita; ouço seus gritos através da casca; ele se cobre de penugem; ele vê. O peso da cabeça, que oscila, leva incessantemente seu bico de encontro à parede interna de sua prisão; ei-la quebrada; ele sai dela, anda, voa, se irrita, foge, aproxima-se, sofre, ama, deseja, goza; tem todas as vossas afecções; todas as vossas ações, ele as executa. Pretendereis vós, com Descartes, que se trata de uma pura máquina imitativa? Mas as criancinhas hão de zombar de vós, e os filósofos hão de vos replicar que, se esta é uma máquina, vós sois outra. Se confessais que, entre o animal e vós há diferença apenas na organização, demonstrareis senso e razão, estareis de boa fé; mas concluir-se-á contra vós que, com certa matéria inerte, disposta de uma certa maneira, impregnada de uma outra matéria inerte, do calor e de movimento, obtêm-se sensibilidade, vida, memória, consciência, paixões, pensamento. Só vos resta um destes dois partidos a tomar: imaginar na massa inerte do ovo um elemento escondido que esperava o seu desenvolvimento a fim de manifestar a presença, ou supor que esse elemento imperceptível aí se insinuou através da casca, num instante determinado do desenvolvimento. Mas o que é esse elemento? Ocupava espaço, ou não ocupava espaço algum? Como veio ele, ou será que escapou, sem se mover? Onde estava? O que fazia ali ou alhures? Foi criado no instante da necessidade? Existia? Aguardava um domicílio? Homogêneo, era material, heterogêneo, não se concebe nem sua inércia antes do desenvolvimento, nem sua energia no animal desenvolvido. Escutai-vos e tereis piedade de vós mesmo; sentireis que, para não admitir uma suposição simples que explica tudo, a sensibilidade,

propriedade geral da matéria, ou produto da organização, renunciais ao senso comum, e vos precipitais em um abismo de mistérios, contradições e absurdos.

D'ALEMBERT. — Uma suposição! Isso vos apraz dizer. Mas se fosse uma qualidade essencialmente incompatível com a matéria?

DIDEROT. — E de onde sabeis que a sensibilidade é essencialmente incompatível com a matéria, vós que não conheceis a essência do que quer que seja, nem da matéria, nem da sensibilidade? Acaso compreendeis melhor a natureza do movimento, sua existência num corpo, e sua comunicação de um corpo a outro?

D'ALEMBERT. — Sem conceber a natureza da sensibilidade, nem a da matéria, vejo que a sensibilidade é uma qualidade simples, una, indivisível e incompatível com um sujeito ou suposto divisível.

DIDEROT. — Galimatias metafísico-teológico. Como? Então não vedes que todas as qualidades, todas as formas sensíveis de que a matéria está revestida, são essencialmente indivisíveis? Não há nem mais nem menos impenetrabilidade. Há a metade de um corpo redondo, mas não há a metade da redondeza; há mais ou menos movimento, porém não há mais nem menos movimento; não há metade, um terço, um quarto de uma cabeça, de uma orelha, de um dedo, assim como não há metade, um terço, um quarto de um pensamento. Se no universo não há uma molécula que se assemelhe a outra, em uma molécula, um ponto que se assemelhe a outro ponto, convinde que o átomo mesmo é dotado de uma qualidade, de uma forma indivisível; convinde que a divisão é incompatível com as essências das formas, pois ela as destrói. Sede físico, e convinde com a produção de um efeito quando o vedes produzido, embora não possais explicar a ligação

da causa com o efeito. Sede lógico, e não substituais uma causa que existe e que explica tudo por outra causa que não se concebe, cuja ligação com o efeito se concebe ainda menos, que engendra uma multidão infinita de dificuldades e que não resolve nenhuma.

D'ALEMBERT. — Mas se eu desisto dessa causa?

DIDEROT. — Não há senão uma substância no universo, no homem, no animal. A serineta é de madeira, o homem é de carne. O canário é de carne, o músico é de uma carne diversamente organizada; mas ambos têm uma mesma origem, uma mesma formação, as mesmas funções e o mesmo fim.

D'ALEMBERT. — E como se estabelece a convenção dos sons entre os vossos dois cravos?

DIDEROT. — Um animal, sendo um instrumento sensível perfeitamente semelhante a um outro, dotado da mesma conformação, montado com as mesmas cordas, dedilhado da mesma maneira pela alegria, pela dor, pela fome, pela sede, pela eólica, pela admiração, pelo terror, é impossível que no pólo ou sob o equador emita sons diferentes. Por isso encontrareis quase as mesmas interjeições em todas as línguas mortas e vivas. Cumpre tirar da precisão e da proximidade a origem dos sons convencionais. O instrumento sensível, ou o animal, verificou que, emitindo determinado som, seguia-se determinado efeito fora dele, que outros instrumentos sensíveis parecidos com ele ou outros animais semelhantes se aproximavam, se afastavam, pediam, ofereciam, feriam, acariciavam, e tais efeitos se ligaram em sua memória e na dos outros à formação desses sons; e notai que não há no comércio dos homens senão ruídos e ações. E para dar a meu sistema toda sua força, notai ainda que está sujeito à mesma dificuldade insuperável proposta por Berkeley¹⁶ contra a existência dos corpos. Há um momento de delírio em que o cravo

sensível pensou que era o único cravo existente no mundo e que toda a harmonia do universo se passava nele.

D'ALEMBERT. — Há muita coisa a dizer a respeito.

DIDEROT. — Isso é verdade.

D'ALEMBERT. — Por exemplo, não se concebe bem, segundo vosso sistema, como formamos silogismos, nem como tiramos conseqüências.

DIDEROT. — É que nós não as tiramos de modo algum: elas são todas tiradas pela natureza. Nós apenas enunciamos fenômenos conjuntos, cuja ligação é necessária ou contingente, fenômenos que nos são conhecidos pela experiência: necessários em matemática, em física e outras ciências rigorosas; contingentes em moral, em política e outras ciências conjecturais.

D'ALEMBERT. — Será que a ligação dos fenômenos é menos necessária num caso do que em outro?

DIDEROT. — Não; mas a causa sofreu demasiadas vicissitudes particulares que nos escapam, para que possamos contar infalivelmente com o efeito subsequente. A certeza que temos de que um homem violento se irritará com uma injúria, não é a mesma que aquela de que um corpo que bate em outro menor pô-lo-á em movimento.

D'ALEMBERT. — E a analogia?

DIDEROT. — A analogia, nos casos mais complicados, não passa de uma regra de três que se executa no instrumento sensível. Se determinado fenômeno conhecido na natureza é seguido de um outro fenômeno conhecido na natureza, qual será o quarto fenômeno conseqüente a um terceiro, ou dado pela natureza, ou imaginado à imitação da natureza? Se a lança de um guerreiro comum mede dez pés de comprimento, quanto medirá a lança de Ajax? Se posso atirar uma pedra de quatro libras,

Diomedes¹⁷ deve remover um bloco de rochas. As pernadas dos deuses e os saltos de seus cavalos estarão na relação imaginada dos deuses com o homem. É uma quarta corda harmônica e proporcional a três outras de que o animal espera a ressonância que se produz sempre nele mesmo, mas que nem sempre se produz na natureza. Pouco importa ao poeta, mas nem por isso é menos verdadeira. É outra coisa para o filósofo; cumpre que ele interrogue em seguida a natureza que, dando-lhe muitas vezes um fenômeno totalmente diferente daquele que presumira, leva-o a perceber então que a analogia o seduziu.

D'ALEMBERT. — Adeus, meu amigo, boa noite e bom sono.¹⁸

DIDEROT. — Estais gracejando; mas sonhareis sobre vosso travesseiro com este diálogo, e se ele não assumir consistência, tanto pior para vós, pois sereis forçado a adotar hipóteses do contrário ridículas.

D'ALEMBERT. — Estais enganado; cético me deitarei, cético me levantarei.

DIDEROT. — Cético! Será que alguém é cético?

D'ALEMBERT. — Esta, agora? Não ireis me afirmar que não sou cético? E quem o sabe melhor do que eu?

DIDEROT. — Esperai um momento.

D'ALEMBERT. — Aviai-vos, pois tenho pressa de dormir.

DIDEROT. — Serei breve. Acreditais que haja uma única questão discutida a respeito da qual um homem permaneça com uma igual e rigorosa medida de razão pró e contra?

D'ALEMBERT. — Não, seria o asno de Buridã.¹⁹

DIDEROT. — Neste caso, não há nenhum cético, dado que, à exceção das questões de matemática, que não comportam a menor incerteza, há pró e contra em todas as outras. A balança nunca é, pois, igual, sendo impossível que não penda para o lado que

julgamos mais verossímil.

D’ALEMBERT. — Mas eu vejo de manhã a verossimilhança à minha direita e, à tarde, à minha esquerda.

DIDEROT. — Isso significa que sois dogmático pró, de manhã, e dogmático contra, à tarde.

D’ALEMBERT. — E, à noite, quando me lembro dessa circunstância tão rápida de meus julgamentos, não creio em nenhum deles, nem no da manhã, nem no da tarde.

DIDEROT. — Isso significa que não vos lembrais mais da preponderância das duas opiniões entre as quais oscilastes; que tal preponderância vos parece ligeira demais para assentar um sentimento fixo, e que adotais o alvitre de não vos ocupardes de temas tão problemáticos, de abandonar sua discussão a outros e de não mais disputar a seu respeito.

D’ALEMBERT. — É possível.

DIDEROT. — Mas, se alguém vos chamasse de lado e, interrogando-vos amistosamente, vos perguntasse, em sua consciência, em qual dos dois lados deparais menos dificuldades, de boa fé, ficaríeis constrangido de responder e faríeis o papel do asno de Buridã?

D’ALEMBERT. — Creio que não.

DIDEROT. — Escutai, meu amigo, se pensardes bem, verificareis que, em tudo, nosso verdadeiro sentimento não é aquele no qual jamais vacilamos; mas aquele ao qual mais habitualmente retornamos.

D’ALEMBERT. — Creio que tendes razão.

DIDEROT. — E eu também. Boa noite, meu amigo, e *memento quia pulvis es, et in pulverem reverteris*.²⁰

D’ALEMBERT. — Isso é triste.

DIDEROT. — É necessário. Concedei ao homem, não digo a

imortalidade, mas somente o duplo de sua duração, e vereis o que acontecerá.

D’ALEMBERT. — E o que quereis vós que aconteça? Mas o que tenho eu com isso? Que aconteça o que acontecer. Eu quero é dormir, boa noite.

Notas

² Utilização típica do método analógico de Diderot, a passagem ao limite.

³ A importância do processo de assimilação já é salientada por La Mettrie no *Homem-máquina*.

⁴ Escultor francês (1716-1791), amigo de Diderot, que o recomendou a Catarina II.

⁵ Escultor medíocre (1728-1793).

⁶ A “cadeia dos seres” é uma das idéias-forças da época.

⁷ A história de D’Alembert é contada aqui sem rebuço, o qual certamente não deve ter gostado da franqueza. Com efeito, o célebre geômetra era filho ilegítimo do Cavaleiro Destouches e da Marquesa de Tencin. Quanto à expressão “testículos femininos”, era assim que se chamava então o que hoje sabemos ser o ovário.

⁸ G. Falópio (1523-1562), anatomista italiano, que estudou as trompas do mesmo nome.

⁹ *In vasi licito, et fiat homo secundum artem*: “no recipiente licito, e o homem se fez como manda a arte”.

¹⁰ Academia das Ciências.

¹¹ Concepção evolucionista e transformista, tal como já se delineava na *Carta sobre os Cegos*.

¹² A ciência não pode estear-se em um ser ou agente tão contraditório, como já foi salientado no começo do *Diálogo*. A polêmica de Diderot com D’Alembert visa o deísmo em geral.

¹³ Assimilação da memória à consciência.

¹⁴ Há uma tendência monista nos materialistas do século XVIII, os quais se colocam em geral contra a tradição cartesiana ou teológica.

¹⁵ O problema é aqui, como não poderia deixar de ser, o de estabelecer a ponte entre sensibilidade e intelecto. Pois, como se efetua a passagem entre ambos?

¹⁶ Diderot manifesta-se mais uma vez contra o idealismo de Berkeley; cf. *Carta sobre os Cegos*.

¹⁷ Rei de Argos e, como Ajax, herói da guerra de Tróia.

¹⁸ Anúncio de *O Sonho de D’Alembert*.

¹⁹ Argumento que ilustra a situação de quem, colocado entre dois fogos, vacila.

²⁰ Lembra-te de que és pó e ao pó voltarás.

O SONHO DE D'ALEMBERT

Tradução e notas de **J. Guinsburg**

INTERLOCUTORES:

D'Alembert, Senhorita de l'Espinasse,¹

o médico Bordeu ²

BORDEU. — Então, o que há de novo? Ele está doente?

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — É o que receio; passou uma noite das mais agitadas.

BORDEU. — Está acordado?

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Ainda não.

BORDEU. — *(Depois de se aproximar do leito de D'Alembert e lhe apalpar o pulso e a pele.)* — Não há de ser nada.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Credes mesmo?

BORDEU. — Respondo por isso. O pulso está bom... um pouco fraco... a pele umedecida... a respiração fácil.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Não é preciso lhe fazer nada?

BORDEU. — Nada.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Tanto melhor, pois detesta os remédios.

BORDEU. — E eu também. O que foi que ele comeu à ceia?

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Não quis provar nada. Não sei onde passou o serão, mas voltou preocupado.

BORDEU. — Trata-se de um pequeno movimento febril sem nenhuma consequência.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Voltando para casa, pegou seu robe e seu barrete de dormir, e atirou-se na sua poltrona, onde adormeceu.

BORDEU. — O sono é bom em toda parte, mas seria melhor na cama.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Ele se zangou com Antoine, que lhe dizia isso; foi preciso sacudi-lo cerca de meia hora para fazê-lo deitar-se.

BORDEU. — É o que me sucede todos os dias, embora eu me sinta bem de saúde.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Quando deitado, em vez de repousar, como é de seu costume, pois dorme qual uma criança, começou a virar-se e a revirar-se, a esticar os braços, a afastar as cobertas e a falar alto.

BORDEU. — E o que dizia? Coisas de geometria?

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Não; aquilo tinha toda a aparência de delírio. Era, ao começar, um galimatias de cordas vibrantes e fibras sensíveis. Aquilo me pareceu tão louco que, resolvida a não desampará-lo durante a noite e não sabendo o que fazer, aproximei uma mesinha ao pé de seu leito, e me pus a escrever tudo quanto pude apanhar de seu pesadelo.

BORDEU. — Boa idéia, que é bem de vosso feitio. E pode-se ver isso?

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Sem dificuldade; mas quero morrer, se compreenderdes algo.

BORDEU. — Talvez.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Doutor, estais pronto?

BORDEU. — Sim.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Escutai. “Um ponto vivo... Não, estou enganado. Nada a princípio, depois um ponto vivo... A este ponto vivo é aplicado outro, depois outro; e por semelhantes aplicações sucessivas resulta um ser uno. pois eu sou realmente uno, eu não poderia duvidar disso... (Dizendo isso, ele se apalpava

por toda parte.) Mas como se terá feito essa unidade? (Ah!, meu amigo, disse-lhe eu, que vos importa? Dormi... Ele se calou. Após um momento de silêncio, recomeçou como se dirigisse a palavra a alguém.) Olhai, filósofo, vejo realmente um agregado, um tecido de pequenos seres sensíveis, mas um animal!... um todo!, um sistema uno, com consciência de sua unidade!³ Não vejo, não, não o vejo...” Doutor, entendeis algo disso?

BORDEU. — Às mil maravilhas!

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Sois bem feliz... “Minha dificuldade provém talvez de uma falsa idéia.”

BORDEU. — Sois vós quem estais falando?

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Não, é o sonhador.

Vou prosseguir... Ele acrescentou, apostrofando-se a si mesmo:

“Meu amigo D'Alembert, tomai cuidado, supondes apenas contigüidade onde há continuidade... Sim, ele é bastante esperto para me dizer isso... E a formação dessa continuidade? Ela quase não o atrapalhará... Como uma gota de mercúrio se funde em outra gota de mercúrio, uma molécula sensível e viva se funde em outra molécula sensível e viva... A princípio havia duas gotas, após o contato não há mais do que uma. Antes da assimilação, havia duas moléculas, após a assimilação não há mais do que uma... A sensibilidade torna-se comum à massa comum... Com efeito, por que não?... Eu distinguirei pelo pensamento, sobre o comprimento da fibra animal, tantas partes quantas me aprouver, mas a fibra será contínua, una... sim, una... O contato de duas moléculas homogêneas, perfeitamente homogêneas, forma a continuidade... e trata-se da união, da coesão, da combinação, da identidade mais completa que se possa imaginar... Sim, filósofo, se tais moléculas forem elementares e simples; mas se forem agregados, se foram

compostos?... A combinação nem por isso deixará de efetuar-se, e, em consequência, a identidade, a continuidade... Além disso, a ação e a reação habituais... É certo que o contato de duas moléculas vivas é uma coisa completamente diferente do que a contigüidade de duas massas inertes... Adiante, adiante; poder-se-ia talvez chicanar-vos; mas não é isso que me preocupa; jamais procuro apenas criticar... Entretanto, voltemos ao assunto. Um fio de ouro muito puro, lembro-me disso, é uma das comparações que ele me apresentou; uma rede homogênea, entre cujas moléculas outras se interpõem e formam talvez outra rede homogênea, um tecido de matéria sensível, um contato que assimila, sensibilidade ativa aqui, inerte ali, que se comunica como o movimento, sem contar, como ele disse muito bem, que deve haver no caso diferença entre o contato de duas moléculas sensíveis e o contato de duas moléculas que não o sejam; e essa diferença, qual pode ser?... Uma ação e uma reação habituais... essa ação e reação com um caráter particular... Tudo concorre portanto para produzir uma espécie de unidade, que existe apenas no animal... Por Deus, se isso não é verdade, parece muito...” Estais rindo, doutor; encontrais algum sentido nisso?

BORDEU. — Muito.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Ele não está portanto louco?

BORDEU. — De maneira nenhuma.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Após tal preâmbulo, começou a gritar: “Senhorita de l'Espinasse! Senhorita de l'Espinasse! — O que desejais? — Já vistes alguma vez um enxame de abelhas escapar de sua colmeia?... O mundo, ou a massa geral da matéria, é a colmeia... Já as vistes formar na ponta do galho de uma árvore um longo cacho de pequenos animais alados, todos aferrados uns aos outros pelas patas? Esse cacho é um ser. um indivíduo, um

animal qualquer... Mas tais cachos deveriam assemelhar-se todos... Sim, se ele não admitisse senão uma única matéria homogênea... Já os vistes? — Sim, já os vi. — Já os vistes? — Sim, meu amigo, eu vos disse que sim. — Se uma dessas abelhas resolve picar de uma maneira qualquer a abelha à qual está aterrada, o que julgais que acontece? Dizei, então... — Não sei de nada. — Dizei ainda assim... Vós ignorais, portanto, mas o filósofo não ignora. Se algum dia o virdes, e vós o vereis ou não o vereis, pois ele me prometeu, ele vos dirá que a outra picará a seguir, que no cacho à qual está aferrada, o que julgais que acontece? Dizei, então... — Não sei de nada. — Dizei ainda assim... Vós ignorais, portanto, mas o filósofo não ignora. Se algum dia o virdes, e vós o vereis ou não o vereis, pois ele me prometeu, ele vos dirá que aquela picará a seguinte, que no cacho todo se excitarão tantas sensações quantos animaizinhos há; que o conjunto se agitará, se mexerá, mudará de situação e de forma; que se elevarão ruídos, pequenos gritos, e que aquele que nunca tivesse visto um cacho assim dispor-se, sentir-se-ia tentado a tomá-lo por um animal de quinhentas ou seiscentas cabeças e de mil ou mil e duzentas asas...” E então, doutor?

BORDEU. — E então sabeis que esse sonho é muito belo, e que procedestes muito bem em escrevê-lo.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Estais também sonhando?

BORDEU. — Tão pouco que eu me comprometeria quase a dizer-vos a continuação.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Eu vos desafio.

BORDEU. — Vós me desafiais?

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Sim.

BORDEU. — E se eu descobri-la?

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Se a descobirdes, prometo-

vos... prometo-vos considerar-vos o maior louco existente no mundo.

BORDEU. — Olhai para vosso papel e escutai-me: O homem que tomasse semelhante cacho por um animal enganar-se-ia; mas senhorita, presumo que ele continuou a dirigir-vos a palavra. Quereis que ele julgue mais sadiamente? Quereis transformar o cacho de abelhas em um só e único animal? Amolecei as patas pelas quais elas se seguram; de contíguas que eram, tornai-as contínuas. Entre o novo estado do cacho e o anterior, há certamente acentuada diferença; e qual há de ser essa diferença se não que agora ele é um todo, um animal uno, e que antes era apenas uma reunião de animais?... Todos os nossos órgãos...

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Todos os nossos órgãos!

BORDEU. — Para quem exerce a medicina e efetua algumas observações...

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — E depois?

BORDEU. — E depois? Não passam de animais distintos que a lei da continuidade mantém numa simpatia, numa unidade, numa identidade gerais.

BORDEU. — Duvidar-se-ia. É tudo?

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Oh! não, não chegastes ao fim. Após vosso despautério ou o dele, ele me disse: “Senhorita? — Meu amigo. — Aproximai-vos... mais... mais... Desejaria propor-vos uma coisa. — O que é? — Olhai esse cacho, ei-lo, vós o supondes realmente ali, ali; façamos uma experiência. — Qual? — Tomai vossa tesoura; ela corta bem? — Admiravelmente. — Aproximai-vos devagar, muito devagar, e separai-me essas abelhas, mas cuidai de não as dividir pela metade do corpo, cortai exatamente no lugar em que elas se assimilaram pelas patas. Não temais nada, haveis de feri-las um pouco, mas não haveis de

matá-las... Muito bem, sois destra qual uma fada... Vede como saem voando cada uma de seu lado? Elas saem voando uma a uma, duas a duas, três a três. Quantas há! Se nem me compreendestes... vós me compreendestes bem? — Muito bem. — Suponde agora... suponde...” Por Deus, doutor, eu entendia tão pouco o que estava escrevendo; ele falava tão baixinho, essa passagem de minha anotação encontra-se tão borrada, que não consigo lê-la.

BORDEU. — Eu a completarei, se quizerdes.

SENHORITA DE L’ESPINASSE. — Se puderdes.

BORDEU. — Nada mais fácil. Suponde essas abelhas tão pequenas, tão pequenas que sua organização escapasse sempre ao gume grosseiro de vossa tesoura: levaríeis a divisão tão longe quanto vos aprouvesse, sem matar nenhuma; e esse todo, formado de abelhas imperceptíveis, será um verdadeiro pólipó que só vos seria dado destruir esmagando-o. A diferença entre o cacho de abelhas contínuas e o cacho de abelhas contíguas é precisamente a que se estabelece entre animais ordinários, tais como nós, os peixes, e os vermes, as serpentes e os animais poliposos; notai que toda essa teoria sofre algumas modificações. *(Neste ponto, a Senhorita de l’Espinasse se levanta subitamente e vai puxar o cordão da sineta.)* Devagar, devagar, senhorita, senão ireis despertá-lo, e ele precisa de repouso.

SENHORITA DE L’ESPINASSE. — Não pensei nisso, tão perplexa estou. *(Para o criado que entra.)* Quem de vós esteve em casa do doutor?

O CRIADO. — Eu, senhorita.

SENHORITA DE L’ESPINASSE. — Faz muito tempo?

O CRIADO. — Não faz uma hora que voltei.

SENHORITA DE L’ESPINASSE. — Nada levastes para lá?

O CRIADO. — Nada.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Papel nenhum?

O CRIADO. — Nenhum.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Então está bem, ide... Estou pasmada. Escutai, doutor, suspeitei que um deles vos tivesse comunicado minhas garatujas.

BORDEU. — Asseguro-vos que não houve nada disso.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Agora que conheço vosso talento, vós me sereis de grande auxílio na sociedade. O pesadelo dele não ficou nisso.

BORDEU. — Tanto melhor.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Nada vedes aí de deplorável?

BORDEU. — Absolutamente nada.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Ele prosseguiu... “Pois bem, filósofo, Concebeis portanto pólipos de toda espécie, inclusive pólipos humanos?... Mas a natureza não os oferece.”

BORDEU. — Ele não sabia das duas meninas que estavam presas uma à outra pela cabeça, pelos ombros, pelas costas, pelas nádegas e pelas coxas, que viveram assim ligadas até a idade de vinte anos, e que morreram com um intervalo de alguns minutos. O que disse ele em seguida?

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Desatinos que só se ouvem nos asilos de loucos. Disse: “Isso passou ou isso virá. Além do mais, quem sabe qual o estado das coisas nos outros planetas?”

BORDEU. — Talvez não seja necessário ir tão longe.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — “Em Júpiter ou em Saturno, pólipos humanos! Os machos resolvendo-se em machos, as fêmeas em fêmeas, isso é engraçado...” (Aí, pôs-se a dar gargalhadas assustadoras.)

“O homem resolvendo-se em uma infinidade de homens

atômicos, que são encerrados entre folhas de papel como ovos de insetos, que tecem seus casulos, que permanecem um certo tempo em crisálidas, que furam seus casulos e que escapam como borboletas, uma sociedade de homens formada, uma província inteira povoada com os restos de um só, isso é realmente agradável de imaginar...” (Depois as gargalhadas recomeçaram.) “Se o homem se resolve algures em uma infinidade de homens animálculos, deve haver aí menos repugnância em morrer; a perda de um homem é aí tão facilmente reparada, que deve causar pouco pesar.”

BORDEU. — Esta extravagante suposição é quase a história real de todas as espécies de animais subsistentes e vindouras. Se o homem não se resolve em uma infinidade de homens, ele se resolve, pelo menos, em uma infinidade de animálculos, cujas metamorfoses e cuja organização futura e derradeira é impossível prever. Quem sabe se não é o viveiro de uma segunda geração de seres, separados desta por um intervalo incompreensível de séculos e desenvolvimentos sucessivos?

SENHORITA DE L’ESPINASSE. — O que resmungais aí baixinho, doutor?

BORDEU. — Nada, nada, estava sonhando por minha vez. Senhorita, continuai a ler.

SENHORITA DE L’ESPINASSE. — “Considerando bem as coisas, no entanto, prefiro nossa maneira de repovoar, acrescentou... Filósofo, vós que sabeis o que se passa ali ou alhures, dizei-me, a dissolução de diferentes partes não produz homens de diferentes caracteres? O cérebro, o coração, o peito, os pés, as mãos, os testículos... Oh! como isso simplifica a moral... Um homem nascido, uma mulher procedente...” (Doutor, permitireis que eu passe adiante...) “Um quarto quente, atapetado de pequenos

cartuchos e sobre cada um dos cartuchos uma etiqueta: guerreiros, magistrados, filósofos, poetas, cartucho de cortesãs, cartucho de devassas, cartucho de reis.”

BORDEU. — Isso é bem divertido e bem extravagante. É o que se chama sonhar, e uma visão que me conduz a alguns fenômenos bastante singulares.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — A seguir, pôs-se a resmungar não sei o que a respeito de grãos, de pedaços de carne submetidos à maceração na água, de diferentes raças de animais sucessivos, que via nascer e passar. Imitara com a mão direita o tubo de um microscópio, e com a esquerda, creio, o orifício de um vaso. Olhava o vaso através desse tubo, e dizia: “Que Voltaire graceje a respeito quanto quiser, mas o Anguillard⁴ tem razão; creio em meus olhos; eu os vejo: quantos há! como vão! como vêm! como se remexem!...” O vaso em que percebia tantas gerações momentâneas, ele o comparava ao universo; via em uma gota de água a história do mundo. Essa idéia parecia-lhe grande; afigurava-se-lhe inteiramente conforme à boa filosofia, que estuda os grandes corpos nos pequenos. Dizia: “Na gota de água de Needham, tudo se executa e se passa num piscar de olhos. No mundo, o mesmo fenômeno dura um pouco mais; mas o que é a nossa duração comparada à eternidade dos tempos? Menos que a gota que peguei com a ponta de uma agulha, comparada ao espaço ilimitado que me rodeia. Seqüência indefinida de animálculos no átomo que fermenta, a mesma seqüência indefinida de animálculos no outro átomo que se chama Terra. Quem conhece as raças de animais que nos precederam? Quem conhece as raças de animais que sucederão às nossas? Tudo muda, tudo passa, só o todo permanece. O mundo começa e acaba incessantemente, está a cada instante no início e no fim;

nunca houve outro e nunca haverá outro.

“Neste imenso oceano de matéria, não existe molécula que se assemelhe a outra molécula, molécula que se assemelhe a si própria por um instante: *Rerum novus nascitur ordo*,⁵ eis sua inscrição eterna....” Depois ajuntou, suspirando: “ó vaidade de nossos pensamentos! ó pobreza da glória e de nossos trabalhos! Ó miséria! Ó pequenez de nossas concepções! Não há nada sólido exceto beber, comer, viver, amar e dormir... Senhorita de l’Espinasse, onde estais? — Aqui estou”. — Então seu rosto tomou cor. Quis apalpar-lhe o pulso, mas não sei onde escondeu a mão. Parecia experimentar uma convulsão. Sua boca entreabriu-se, sua respiração era apressada; soltou um profundo suspiro, depois um suspiro mais fraco e mais profundo ainda; virou a cabeça no travesseiro e adormeceu. Eu o observava com atenção, estava toda comovida sem saber por que, o coração me batia, e não era de medo. Ao cabo de alguns momentos, vi um ligeiro sorriso errar sobre seus lábios. Murmurava bem baixinho: “Em um planeta onde os homens se multiplicassem à maneira de peixes, onde a ova de um homem estivesse comprimida sobre a ova de uma mulher... Eu sentiria menos pesar... Cumpre não perder nada do que pode ter utilidade. Senhorita, se isso pudesse ser recolhido, encerrado num frasco e enviado de manhã cedo a Needham...”

Doutor, e vós não denominais isso desatino?

BORDEU. — Perto de vós, certamente.

SENHORITA DE l’ESPINASSE. — Perto de mim, longe de mim, é a mesma coisa, e vós não sabeis o que estais dizendo. Eu esperava que o resto da noite fosse tranqüilo.

BORDEU. — Isso produz comumente semelhante efeito.

SENHORITA DE l’ESPINASSE. — De modo algum; pelas duas horas da madrugada ele voltou à sua gota de água, que chamava

um mi... cro...

BORDEU. — Um microcosmo.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — É a palavra que usou. Admirava a sagacidade dos antigos filósofos. Dizia ou levava seu filósofo a dizer, não sei qual dos dois: “Se Epicuro,⁶ quando assegurava que a terra continha os germes de tudo, e que a espécie animal era produto da fermentação, se propusesse a mostrar uma imagem em ponto pequeno do que se fizera em ponto grande na origem dos tempos, o que iriam responder-lhe?... E vós tendes diante de vossos olhos tal imagem, e ela não vos ensina nada... Quem sabe se a fermentação e seus produtos se esgotaram? Quem sabe em que instante da sucessão dessas gerações animais nós nos encontramos? Quem sabe se esse bípede deformado, que mede apenas alguns pés de altura, que mesmo na vizinhança do pólo se chama homem, e que não tardaria a perder esse nome deformando-se um pouco mais, não é a imagem de uma espécie que passa? Quem sabe se não acontece o mesmo com todas as espécies de animais? Quem sabe se tudo não tende a reduzir-se a um grande sedimento inerte e imóvel? Quem sabe qual será a duração dessa inércia? Quem sabe que raça nova pode resultar de novo de um conglomerado tão grande de pontos sensíveis e vivos? Por que não um só animal? O que era o elefante na sua origem? Talvez o animal enorme tal como ele nos parece, talvez um átomo, pois ambos são igualmente possíveis, não supondo senão o movimento e as propriedades diversas da matéria... O elefante, essa massa enorme, organizada, o produto súbito da fermentação! Por que não? A relação desse grande quadrúpede com sua matriz primeira é menor que a do vermezinho com a molécula de farinha que o produz; mas o vermezinho não passa de um vermezinho... Isso quer dizer que a pequenez que vos subtrai sua organização

tira-lhe o maravilhoso... O prodígio é a vida, é a sensibilidade; e esse prodígio não é mais um... Depois que vi a matéria inerte passar ao estado sensível, nada mais deve me espantar. Que comparação de um pequeno número de elementos, postos em fermentação na concha de minha mão, com esse reservatório imenso de elementos diversos esparsos nas entranhas da terra, em sua superfície, no seio dos mares, na vaga dos ares!... Entretanto, visto que as mesmas causas subsistem, por que cessaram os efeitos? Por que não vemos mais o touro perfurar o solo com o chifre, apoiar as patas contra o solo e esforçar-se para desprender daí o corpo pesado?... Deixai passar a raça atual de animais subsistentes; deixai o grande sedimento inerte atuar alguns milhões de séculos. Talvez seja preciso, para renovar as espécies, dez vezes mais tempo do que é concedido à sua duração. Esperai, e não vos apresseis em pronunciar-vos sobre o grande trabalho da natureza. Tendes dois grandes fenômenos, a passagem do estado de inércia ao estado de sensibilidade, e as gerações espontâneas; que vos sejam suficientes: tirai deles justas conseqüências, e numa ordem de coisas onde não há grande nem pequeno, nem duradouro, nem passageiro absolutos, acautelai-vos contra o sofisma do efêmero...”⁷ Doutor, o que é o sofisma do efêmero?

BORDEU. — É o de um ser passageiro que crê na imortalidade das coisas.

SENHORITA DE L’ESPINASSE. — A rosa de Fontenelle⁸ que dizia que ninguém, na memória de rosa, vira morrer um jardineiro?

BORDEU. — Precisamente; isto é leve e profundo.

SENHORITA DE L’ESPINASSE. — Por que é que vossos filósofos não se exprimem com a mesma graça? Assim os entenderíamos.

BORDEU. — Francamente, não sei se esse tom frívolo convém

aos temas graves.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — O que chamais vós de tema grave?

BORDEU. — Ora, a sensibilidade geral, a formação do ser sensível, sua unidade, a origem dos animais, sua duração, e todas as questões relativas a isso.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — De minha parte, chamo isso de loucuras com as quais permito sonhar quando se dorme, mas com as quais um homem de bom senso acordado nunca se ocupará.

BORDEU. — E por que assim, se vos apraz?

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — É que umas são tão claras que é inútil procurar a razão, outras tão obscuras que não se vê absolutamente nada, e todas são da mais perfeita inutilidade.

BORDEU. — Julgais, senhorita, que seja indiferente negar ou admitir uma inteligência suprema?

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Não.

BORDEU. — Julgais que se possa tomar posição sobre a inteligência suprema, sem saber o que se há de fazer com a matéria e suas propriedades, com a distinção das duas substâncias, com a natureza do homem e a produção dos animais?

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Não.

BORDEU. — Tais questões não são portanto tão ociosas quanto pretendíeis.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Mas o que me adianta sua importância, se eu não poderia esclarecê-las?

BORDEU. — E como podereis esclarecê-las, se não as examinais? Mas poderia eu perguntar-vos quais vos parecem tão claras que o seu exame se vos afigure supérfluo?

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — As de minha unidade, de meu

eu, por exemplo. Por Deus! parece-me que não é preciso tagarelar tanto para saber que eu sou eu, que sempre fui eu, e que jamais serei outra.

BORDEU. — Sem dúvida o fato é claro, mas a razão do fato não o é de modo algum, sobretudo na hipótese daqueles que admitem apenas uma substância e que explicam a formação do homem ou do animal em geral pela sucessiva aposição de muitas moléculas sensíveis. Cada molécula sensível tinha seu eu antes da aplicação; mas como é que o perdeu, e como é que de todas essas perdas resulta a consciência de um todo?

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Parece-me que basta o contato. É uma experiência que fiz centenas de vezes... Mas esperai... É preciso que eu vá verificar o que se passa entre aquelas cortinas... Ele dorme... Quando coloco a minha mão sobre a minha coxa, sei muito bem a princípio que minha mão não é minha coxa, mas algum tempo depois, quando o calor é igual em ambas, deixo de distingui-las; os limites das duas partes se confundem e elas constituem uma só coisa.

BORDEU. — Sim, até que alguém pique uma ou outra; então a distinção renasce. Há portanto em vós algo que não ignora se é vossa mão ou vossa coxa que foi picada, e esse algo não é vosso pé, não é sequer vossa mão picada é ela que sofre, mas é outra coisa que o sabe e que não sofre.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Mas eu creio que é minha cabeça.

BORDEU. — A vossa cabeça toda?

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Não, escutai, doutor, vou explicar-me por uma comparação, as comparações são quase toda a razão das mulheres e dos poetas. Imaginai uma aranha...

D'ALEMBERT. — Quem está aí?... Sois vós, senhorita de

l'Espinasse?

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Quietos... Quietos... (*A Senhorita de l'Espinasse e o doutor guardam silêncio por algum tempo, em seguida a Senhorita de l'Espinasse diz em voz baixa:*) — Creio que adormeceu de novo.

BORDEU. — Não, parece-me que ouço algo.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Tendes razão, será que recomeçou a sonhar?

BORDEU. — Ouçamos.

D'ALEMBERT. — Por que sou assim? Foi preciso que eu fosse assim... Aqui, sim, mas alhures? No pólo? Mas sob a linha do equador? Mas em Saturno?... Se uma distância de algumas mil léguas muda minha espécie, o que não fará o intervalo de alguns milhares de diâmetros terrestres?... E se tudo é um fluxo geral, como o espetáculo do universo me mostra em toda parte, o que não produzirão aqui e alhures a duração e as vicissitudes de alguns milhões de séculos? Quem sabe o que é o ser pensante e sensível em Saturno?... Mas existem em Saturno sentimento e pensamento?... Por que não?... O ser sensível e pensante em Saturno teria mais sentido do que tenho?... Se for assim, ah! como é infeliz o saturnino!... Mais sentidos, mais necessidades.

BORDEU. — Ele tem razão; os órgãos produzem as necessidades, e reciprocamente as necessidades produzem os órgãos.⁹

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Doutor, delirais também?

BORDEU. — Por que não? Vi dois cotos tornarem-se com o tempo dois braços.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Mentis.

BORDEU. — É verdade; mas, à falta de dois braços, que faltavam, vi duas omoplatas se alongarem, moverem-se em pinça e

tornaram-se dois cotos.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Que loucura!

BORDEU. — É fato. Suponde uma longa série de gerações manetas, suponde esforços contínuos, e vereis os dois lados dessa pinça se estenderem, se estenderem cada vez mais, se cruzarem sobre as costas, voltarem para a frente, talvez se digitarem nas extremidades, e reconstituírem braços e mãos. A conformação original se altera ou se aperfeiçoa pela necessidade e pelas funções habituais. Andamos tão pouco, trabalhamos tão pouco e pensamos tanto, que não desespero que o homem acabe sendo apenas uma cabeça.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Uma cabeça! Uma cabeça! É muito pouco; espero que a galanteria desenfreada... Vós me suscitais idéias bem ridículas.

BORDEU. — Quieta.

D'ALEMBERT. — Sou portanto assim, porque foi preciso que eu fosse assim. Mudai o todo, vós me mudareis necessariamente; mas o todo muda sem cessar... O homem não é senão um efeito comum, o monstro apenas um efeito raro; ambos são igualmente naturais, igualmente necessários, e encontram-se igualmente na ordem universal e geral... E o que há de espantoso nisso?... Todos os seres circulam uns nos outros, por conseguinte todas as espécies... tudo está em um fluxo perpétuo... Todo animal é mais ou menos homem; todo mineral é mais ou menos planta; toda planta é mais ou menos animal. Não há nada de preciso na natureza... A fita do Padre Castel...¹⁰ Sim, Padre Castel, é vossa fita e é apenas isso. Toda coisa é mais ou menos uma coisa qualquer mais ou menos terra, mais ou menos água, mais ou menos ar, mais ou menos fogo; mais ou menos de um reino ou de um outro... portanto, nada é da essência de um ser particular...

Não, sem dúvida, posto que não há nenhuma qualidade de que algum ser não seja participante... e que é a relação mais ou menos grande dessa qualidade que nos leva a atribuí-la a um ser com exclusão de um outro... E vós falais de indivíduos, pobres filósofos! Deixai de lado vossos indivíduos; respondei-me. Há na natureza um átomo rigorosamente similar a outro átomo?... Não... Não convindes que tudo depende da natureza e que é impossível que haja um vazio na cadeia? O que pretendeis pois dizer com vossos indivíduos? Não os há, absolutamente, não os há... Existe apenas um único e grande indivíduo, é o todo.¹¹ Neste todo, como numa máquina, num animal qualquer, há uma parte que chamareis assim ou de outro modo; mas quando concedeis o nome de indivíduo a essa parte do todo, é por um conceito tão falso quanto se, numa ave, atribuísseis o nome de indivíduo à asa, a uma pena da asa... E vós falais de essências, pobres filósofos! Deixai de lado vossas essências. Vede a massa geral, ou se, para abrangê-la, tendes imaginação demasiado estreita, vede vossa origem primeira e vosso fim derradeiro... Ó Arquitas!¹² vós que medistes o globo, o que sois? Um pouco de cinzas... O que é um ser?... A soma de um certo número de tendências... Acaso posso ser outra coisa além de uma tendência?... Não, vou a um termo... E as espécies?... As espécies não passam de tendências com um termo comum que lhes é próprio... E a vida?... A vida, uma série de ações e reações. Vivo, ajo e reajo em massa... Morto, ajo e reajo em moléculas... Nunca morro, portanto?... Não, sem dúvida, não morro neste sentido, nem eu, nem quem quer que seja... Nascer, viver e passar é mudar de formas... E que importa uma forma ou outra? Cada forma tem a ventura e a desventura que lhe é peculiar. Desde o elefante até o pulgão... desde o pulgão até a molécula sensível e viva, a origem de tudo, não há um ponto da

natureza inteira que não sofra ou que não goze.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Ele não diz mais nada.

BORDEU. — Não; ele efetuou um excuro bastante belo. Eis bem alta filosofia; neste momento, apenas sistemática, creio que quanto mais os conhecimentos do homem progredirem, mais ela se comprovará.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — E nós, onde estávamos?

BORDEU. — Por minha fé, não me lembro mais; ele me recordou tantos fenômenos, enquanto eu o ouvia!

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Esperai, esperai... eu estava na minha aranha.

BORDEU. — Sim, sim.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Doutor, aproximai-vos. Imaginai uma aranha no centro de sua teia. Abalai um fio, e vereis o animal alertado acudir. Pois bem! E se os fios que o inseto tira de seus intestinos, e aí os recolhe quando lhe apraz, fizessem parte sensível dele próprio?...

BORDEU. — Eu vos entendo. Imaginais em vós, algures, em um recanto de vossa cabeça, aquele, por exemplo, que se chama as meninges, um ou vários pontos onde se relacionam todas as sensações excitadas ao longo dos fios.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — É isso.

BORDEU. — Vossa idéia não poderia ser mais justa; mas não vedes que é quase a mesma que a de um certo cacho de abelhas?

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Ah! isso é verdade; eu fazia prosa sem o saber.¹³

BORDEU. — E prosa da muito boa, como vereis. Quem conhece o homem apenas sob a forma em que ele se nos apresenta ao nascer, não tem a menor idéia dele. Sua cabeça, seus pés, suas mãos, todos seus membros, todas suas vísceras,

todos seus órgãos, seu nariz, seus olhos, suas orelhas, seu coração, seus pulmões, seus intestinos, seus músculos, seus ossos, seus nervos, suas membranas são, a bem dizer, apenas os desenvolvimentos grosseiros de uma rede que se forma, cresce, se estende e lança uma multidão de fios imperceptíveis.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — É a minha teia; e o ponto originário de todos esses fios é a minha aranha.

BORDEU. — Muito bem.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Onde estão os fios? Onde está colocada a aranha.

BORDEU. — Os fios estão em toda parte; não há ponto à superfície de vosso corpo ao qual não cheguem; e a aranha está aninhada em uma parte de vossa cabeça que eu vos nomeei, as meninges, à qual não se poderia quase tocar sem entorpecer toda a máquina.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Mas se um átomo faz oscilar um dos fios da teia da aranha, ela recebe o alarma, ela se inquieta, ela foge ou acorre. No centro, é instruída de tudo o que se passa em qualquer ponto que seja do imenso apartamento que atapetou. Por que é que eu não sei o que se passa no meu, isto é, o mundo, já que sou um novelo de pontos sensíveis, já que tudo me preme e eu premo tudo?

BORDEU. — É que as impressões se debilitam devido à distância de onde partem.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Quando desferimos o mais ligeiro golpe na extremidade de uma longa viga, eu ouço a pancada, se meu ouvido está aplicado à outra extremidade. Tocasse esta viga com uma ponta a Terra e com a outra, Sírío, o mesmo efeito se produziria. Por que então, sendo tudo ligado, contíguo, isto é, sendo a viga existente e real, não ouço o que se

passa no espaço imenso que me envolve, sobretudo se lhe presto ouvido?

BORDEU. — E quem vos disse que não ouvís mais ou menos? Mas vem de tão longe, a impressão é tão fraca, tão cruzada no caminho; estais tão rodeada e ensurdecida por ruídos tão violentos e tão diversos; é que entre Saturno e vós só há corpos contíguos, ao passo que deveria haver continuidade.¹⁴

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — É realmente pena.

BORDEU. — É verdade, pois serieis Deus. Por vossa identidade com todos os seres da natureza, saberíeis tudo o que se faz; por vossa memória, saberíeis tudo que nela se fez.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — E o que se fará?

BORDEU. — Formaríeis sobre o futuro conjecturas verossímeis, porém sujeitas a erro. É precisamente como se procurásseis adivinhar o que vai se passar dentro de vós, na ponta de vosso pé ou de vossa mão.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — E quem vos afirmou que esse mundo também não tem suas meninges, ou que em algum recanto do espaço não reside uma grande ou pequena aranha cujos fios se estendem a tudo?

BORDEU. — Ninguém, e menos ainda que ela não existiu ou que não existirá.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Como essa espécie de Deus...

BORDEU. — O único que se concebe...

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Poderia ter existido, ou surgir e passar?

BORDEU. — Sem dúvida, mas, sendo matéria no universo, porção do universo, sujeito a vicissitudes, envelheceria, morreria.¹⁵

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Mais eis na verdade outra

extravagância que me ocorre.

BORDEU. — Dispensó-vos de enunciá-la, sei qual é.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Vejamos, qual é?

BORDEU. — Vedes a inteligência unida a porções de matéria muito enérgicas, bem como a possibilidade de toda sorte de prodígios imagináveis. Outros pensaram como vós.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Vós adivinhastes o que eu pensava e nem por isso eu vos aprecio mais. Cumpre que tenhais um maravilhoso pendor para a loucura.

BORDEU. — Concordo. Mas o que tem essa idéia de assustadora? Seria uma epidemia de bons e maus gênios; as leis mais constantes da natureza seriam interrompidas por agentes naturais; nossa física geral tornar-se-ia com isso mais difícil, mas não haveria de modo algum milagres.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Na verdade, é preciso ser muito circunspecto sobre o que se afirma e sobre o que se nega.

BORDEU. — Vamos, quem vos contasse um fenómeno desse gênero teria o ar de um grande mentiroso. Mas deixemos aí todos esses seres imaginários, sem excetuar vossa aranha de redes infinitas; retornemos ao que é vosso e à sua formação.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Aceito.

D'ALEMBERT. — Senhorita, estais com alguém: quem é que está aí conversando convosco?

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — É o doutor.

D'ALEMBERT. — Bom dia, doutor: o que fazeis aqui tão cedo?

BORDEU. — Haveis de sabê-lo: dormi.

D'ALEMBERT. — Por Deus, bem que necessito. Não creio ter passado outra noite tão agitada como esta. Não ireis embora sem que eu já esteja levantado.

BORDEU. — Não. Aposto, senhorita, que acreditastes que,

tendo sido na idade de doze anos uma mulher menor da metade, na idade de quatro anos ainda uma mulher menor da metade, no feto uma mulherzinha, nos testículos de vossa mãe uma mulherzinha muito pequena, pensastes que sempre fostes uma mulher sob a forma que tendes agora, de modo que os únicos acréscimos sucessivos que adquiristes estabeleceram toda a diferença entre vós na vossa origem e vós tal qual estais aqui.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Concorde com isso.

BORDEU. — Nada entretanto é mais falso do que semelhante¹⁶ idéia. Primeiro não éreis nada. Fostes, no começo, um ponto imperceptível, formado de moléculas menores, dispersas no sangue, a linfa de vosso pai ou de vossa mãe; este ponto tornou-se um fio delgado, depois um feixe de fios. Até aí, não há o menor vestígio dessa forma agradável que tendes: vossos olhos, esses belos olhos, assemelhavam-se tão pouco a olhos quanto a extremidade de uma raiz de anêmona se assemelha a uma anêmona. Cada uma das fibras do feixe de fios se transformou, pela simples nutrição e por sua conformação, em um órgão particular: isto pondo-se de parte os órgãos nos quais as fibras se metamorfoseiam e aos quais dão origem. O feixe é um sistema puramente sensível; se persistisse sob tal forma, seria suscetível de todas as impressões relativas à sensibilidade pura, como o frio, o calor, o doce, o rude. Estas impressões sucessivas, variadas entre si, e variadas cada uma em sua intensidade, talvez produzissem aí a memória, a consciência de si, uma razão muito restrita. Mas essa sensibilidade pura e simples, esse tato, diversifica-se pelos órgãos emanados de cada uma das fibras; uma fibra, formando a orelha, engendra uma espécie de tato que denominamos ruídos ou som; outra, formando o palato, engendra uma segunda espécie de tato que denominamos sabor; uma

terceira, formando o nariz e o atapetando, engendra uma terceira espécie de tato que denominamos odor; uma quarta, formando o olho, engendra uma quarta espécie de tato que denominamos cor.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Mas, se bem vos compreendi, os que negam a possibilidade de um sexto sentido, um verdadeiro hermafrodita, são desatinados. Quem é que lhes garantiu que a natureza não poderia formar um feixe com uma fibra singular que daria origem a um órgão que nos é desconhecido?

BORDEU. — Ou com as duas fibras que caracterizam os dois sexos? Tendes razão; é um prazer conversar convosco; compreendeis não só o que vos dizem, mas ainda tirais daí conseqüências de uma justeza que espanta.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Doutor, vós me encorajais.

BORDEU. — Não, por Deus. digo o que penso.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Percebo bem o emprego de algumas das fibras do feixe; mas as outras, o que acontece com elas?

BORDEU. — E credes que outra além de vós sonharia em fazer semelhante pergunta?

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Certamente.

BORDEU. — Não sois vaidosa. O resto das fibras vai formar tantas espécies de tato quanta diversidade há entre os órgãos e as partes do corpo.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — E como se chamam? Nunca ouvi falar dela.

BORDEU. — Elas não têm nome.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — E por quê?

BORDEU. — E que não há tanta diferença entre as sensações excitadas por meio delas quanto entre as sensações excitadas por meio dos outros órgãos.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Pensais seriamente que o pé, a mão, as coxas, o ventre, o estômago, o peito, o pulmão e o coração têm suas sensações particulares?

BORDEU. — É o que penso. Se ousasse, eu vos perguntaria se dentre as sensações que não se nomeiam...

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Eu vos entendo. Não. Aquela é única em sua espécie, e é pena. Mas que razão apresentais para essa multiplicidade de sensações mais dolorosas do que agradáveis com as quais vos apraz nos gratificar?

BORDEU. — A razão? É que as discernimos em grande parte. Se essa infinita diversidade do tato não existisse, saber-se-ia que se experimenta prazer ou dor, mas não se saberia relacioná-los. Haveria mister do auxílio da vista. Não seria mais uma questão de sensação, mas uma questão de experiência e de observação.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Quando eu dissesse que tenho dor no dedo, se me indagassem por que é que assevero que está no dedo a minha dor, cumpriria que eu respondesse não que eu o sinto, mas que sinto dor e vejo que meu dedo está dolorido.

BORDEU. — É isso. Vinde que eu vos abraçarei.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — De bom grado.

D'ALEMBERT. — Doutor, abraçais a senhorita, fazeis muito bem.

BORDEU. — Pensei muito nisso e me pareceu que a direção e o lugar do abalo não bastariam para determinar julgamento tão súbito sobre a origem do feixe.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Nada sei.

BORDEU. — Vossa dúvida me apraz. É tão comum tomar qualidades naturais por hábitos adquiridos e quase tão velhos como nós.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — E reciprocamente.

BORDEU. — Seja como for, vedes que em uma questão onde se trata da formação primeira do animal, é atacá-la tarde demais quando se fixa o olhar e as reflexões no animal formado; que é preciso remontar a seus primeiros rudimentos, e que vem a propósito despojar-vos de vossa organização atual e retornar por um instante lá onde éreis apenas uma substância mole, informe, filamentosa, vermicular, mais análoga ao bulbo e à raiz de uma planta do que a um animal.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Se fosse de uso andar completamente nua pelas ruas, eu não seria nem a primeira nem a última a me conformar. Assim, fazei de mim tudo o que vos aprouver, desde que me instruais. Vós me dissestes que cada fibra do feixe formava um órgão particular; e qual a prova de que é assim?

BORDEU. — Efetuai pelo pensamento o que a natureza às vezes efetua; mutilai o feixe de uma de suas fibras; por exemplo, da fibra que formará os olhos; o que julgais vós que há de suceder?

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — O animal não disporá de olhos, talvez.

BORDEU. — Ou disporá de um só situado no centro da fronte.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Será um ciclope.

BORDEU. — Um ciclope.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — O ciclope, portanto, poderia não ser realmente um ser fabuloso.

BORDEU. — Tão pouco fabuloso, que vos exibirei um quando quiserdes.¹⁷

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — E quem sabe qual a causa dessa diversidade?

BORDEU. — Aquele que dissecou o monstro e não encontrou

nele senão um filete óptico. Efetuai pelo pensamento o que a natureza efetua às vezes. Suprimi uma outra fibra do feixe, a fibra que deve formar o nariz, e o animal ficará sem nariz. Suprimi a fibra que deve constituir a orelha, e o animal ficará sem orelhas, ou terá apenas uma, e o anatomista não encontrará na dissecção nem os filetes olfativos, nem os filetes auditivos, ou só encontrará um deles. Continuai na supressão das fibras, e o animal ficará sem cabeça, sem pés, sem mãos; sua duração será curta, porém terá vivido.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — E há exemplos disso?

BORDEU. — Certamente. Não é só. Dobrai algumas das fibras do feixe, e o animal contará duas cabeças, quatro olhos, quatro orelhas, três testículos, três pés, quatro braços, seis dedos em cada mão. Desarrumai as fibras do feixe, e os órgãos serão deslocados: a cabeça ocupará o meio do peito, os pulmões ficarão à esquerda, o coração à direita. Colai juntas duas fibras, e os órgãos se confundirão; os braços se prenderão ao corpo, as coxas, as pernas e os pés se reunirão, e tereis todas as espécies de monstros imagináveis.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Parece-me, porém, que uma máquina tão complicada como o animal, máquina que nasce de um ponto, de um fluido agitado, quiçá de dois fluidos misturados ao acaso, pois quase nada se sabe então sobre o que se faz; máquina que progride para sua perfeição através de uma infinidade de desenvolvimentos sucessivos; máquina cuja formação regular ou irregular depende de um pacote de fios delgados, finos e flexíveis, de uma espécie de meada onde a menor fibra não pode ser quebrada, rompida, deslocada, faltante, sem conseqüências deploráveis para o todo, deveria enlaçar-se, embaraçar-se ainda mais freqüentemente no lugar de sua for-

mação do que os meus fios de seda em minha dobadoura.

BORDEU. — Pelo que sofre disso muito mais do que se pensa. A gente não dissecar o suficiente, e as idéias sobre a sua formação acham-se muito longe da verdade.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Há exemplos notáveis dessas deformidades originais,¹⁸ além dos corcundas e dos coxos, cujo estado malfadado poder-se-ia atribuir a algum vício hereditário?

BORDEU. — Há um sem-número, e ainda recentemente morreu na Charité¹⁹ de Paris, com a idade de vinte e cinco anos, em consequência de uma fluxão de peito, um carpinteiro nascido em Troyes, chamado Jean-Baptiste Macé, que tinha as vísceras interiores do peito e do abdômen numa situação invertida, o coração à direita precisamente como vós o tendes à esquerda; o fígado à esquerda; o estômago, o baço, o pâncreas, no hipocôndrio direito; a veia porta no fígado do lado esquerdo, quando o seu lugar é no fígado do lado direito; a mesma transposição no comprido canal dos intestinos; os rins, acostados um ao outro sobre as vértebras dos lombos, imitavam uma ferradura. E que venham depois disso nos falar de causas finais!

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Isso é singular.

BORDEU. — Se Jean-Baptiste Macé fosse casado e tivesse filhos...

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Pois bem, doutor, esses filhos...

BORDEU. — Obedecerão à conformação geral; mas algum filho de seus filhos, ao cabo de uma centena de anos, pois essas irregularidades fazem saltos, voltará à conformação bizarra de seu antepassado.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — E de onde provêm tais saltos?

BORDEU. — Quem é que sabe? Para fazer um filho, é preciso estar a dois, como sabeis. Talvez um dos agentes repare o vício do

outro, e a rede defeituosa renasça apenas no momento em que o descendente da raça monstruosa predominar, e der a lei à formação da rede. O feixe de fios constitui a diferença original e a primeira de todas as espécies de animais. As variedades do feixe de uma espécie produzem todas as variedades monstruosas desta espécie. *(Após um longo silêncio, a Senhorita de l'Espinasse sai de seu devaneio e tira o doutor do seu com a seguinte indagação:)*

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Ocorre-me uma idéia bastante louca.

BORDEU. — Qual?

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — O homem não é talvez senão o monstro da mulher, ou a mulher o monstro do homem.

BORDEU. — Essa idéia ocorrer-vos-ia ainda mais depressa se soubésseis que a mulher tem todas as partes do homem, e que a única diferença existente é a de uma bolsa pendente para fora, ou de uma bolsa virada para dentro; que um feto feminino se assemelha, a ponto de enganar, a um feto masculino; que a parte que ocasiona o erro se encolhe no feto feminino à medida que a bolsa interior se estende; que ela nunca se oblitera a ponto de perder sua forma primitiva; que ela guarda sua forma em miniatura; que é suscetível dos mesmos movimentos; que é também o móvel da voluptuosidade; que dispõe de sua glândula, de seu prepúcio, e que se nota em sua extremidade um ponto que parece ter sido o orifício de um canal urinário que se fechou; que há no homem, do ânus até o escroto, um intervalo denominado perineu, e do escroto até a extremidade do pênis, uma costura que parece ser a repetição de uma vulva alinhavada; que as mulheres que têm o clitóris excessivo possuem barba; que os eunucos não a possuem absolutamente, que suas coxas se fortificam, suas nádegas se alargam, que seus joelhos se arredondam e que,

perdendo a organização característica de um sexo, parecem voltar à conformação característica do outro. Aqueles, dentre os árabes, que a equitação habitual castrou, perdem a barba, adquirem voz aguda, vestem-se como mulheres, se colocam entre elas nos carros, se acocoram para urinar e afetam seus costumes e práticas... Mas eis-nos bem longe de nosso objeto. Retornemos ao nosso feixe de filamentos animados e vivos.

D'ALEMBERT. — Creio que estais dizendo sujeiras à Senhorita de l'Espinasse.

BORDEU. — Quando se fala de ciência, cumpre servir-se dos termos técnicos.

D'ALEMBERT. — Tendes razão; então perdem o cortejo de idéias acessórias que os tornariam indecorosos. Continuai, doutor. Dizíeis, portanto, à senhorita que a matriz não é mais do que um escroto virado de fora para dentro, movimento no qual os testículos foram jogados fora da bolsa que os encerrava, e dispersos à direita e à esquerda na cavidade do corpo; que o clitóris é um membro viril em miniatura; que este membro viril feminino vai diminuindo sempre, à medida que a matriz ou o escroto virado se estendem e que...

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Sim, sim, calai-vos, e não vos metais em nossos assuntos.

BORDEU. — Como vedes, senhorita, na questão de nossas sensações em geral, que não passam todas de um tato diversificado, é preciso deixar de lado as formas sucessivas que a rede assume, e reter apenas a rede.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Cada fio da rede sensível pode ser ferido ou afagado em todo o seu comprimento. O prazer ou a dor estão aqui ou ali, num lugar ou noutro de qualquer das longas patas de minha aranha, pois retorno sempre à minha aranha;

porque é a aranha que se encontra na origem comum de todas as patas e que relaciona a este ou àquele ponto a dor ou o prazer sem experimentá-los.

BORDEU. — Porque é a relação constante, invariável, de todas as impressões com esta origem comum que constitui a unidade do animal.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Porque é a memória de todas essas impressões sucessivas que constitui para cada animal a história de sua vida e de seu eu.

BORDEU. — E porque é a memória e a comparação que decorrem necessariamente de todas essas impressões que fazem o pensamento e o raciocínio.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — E onde é feita esta comparação?

BORDEU. — Na origem da rede.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — E a rede?

BORDEU. — Não tem, na sua origem, nenhum sentido que lhe seja próprio: não vê nada, não ouve nada, não sofre nada. É produzida, nutrida; emana de uma substância mole, insensível, inerte, que lhe serve de travesseiro e na qual se assenta, escuta, julga e pronuncia.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Ela não sofre nada.

BORDEU. — Não: a mais ligeira impressão suspende sua audiência, e o animal cai no estado de morte. Sustai a impressão, ela volta às suas funções, e o animal renasce.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — E de onde o sabeis? Acaso já se fez alguma ocasião renascer e morrer um homem à vontade?

BORDEU. — Sim.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — E como é possível?

BORDEU. — Eu vos direi; é um fato curioso. La Peyronie,²⁰ que conhecestes talvez, foi chamado a atender um paciente que

recebera violenta pancada na cabeça. O doente sentia aí pulsações. O cirurgião não duvidou que o abscesso no cérebro estivesse formado e que não houvesse um momento a perder. Imediatamente rapa o doente e o trepana. A ponta do instrumento incide precisamente no centro do abscesso. O pus estava formado; ele esvazia o pus; limpa o abscesso com uma seringa. Quando enfia a injeção no abscesso, o paciente fecha os olhos; seus membros ficam sem ação, sem movimento, sem o menor sinal de vida; quando suspende a injeção e alivia a origem do feixe do peso e da pressão do fluido injetado, o paciente reabre os olhos, mexe-se, fala, sente, renasce e vive.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Isso é singular; e o paciente curou-se?

BORDEU. — Curou-se; e, quando ficou curado, refletiu, pensou, raciocinou, apresentou o mesmo espírito, o mesmo bom senso, a mesma penetração, com boa porção a menos de seu cérebro.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Esse juiz é um ser bem extraordinário.

BORDEU. — Ele também se engana às vezes; está sujeito às prevenções de hábito: sente-se dor em um membro que não mais se possui. A gente o engana quando quer: cruzai dois de vossos dedos um sobre o outro, tocai numa pequena bola e ele declarará que são duas.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — É que ele é como todos os juizes do mundo e necessita da experiência, sem o que tomará a sensação do gelo pela do fogo.

BORDEU. — Ele faz coisa bem diferente: concede um volume quase infinito ao indivíduo, ou se concentra quase em um ponto.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Não vos entendo.

BORDEU. — O que é que circunscreve vossa extensão real, a verdadeira esfera de vossa sensibilidade?

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Minha vista e meu tato.

BORDEU. — De dia; mas, à noite, nas trevas, quando sonhais sobretudo com algo abstrato, e de dia mesmo, quando vosso espírito está ocupado?

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Nada. Eu existo como num ponto; cesso quase de ser matéria, sinto somente meu pensamento; não há mais lugar, nem movimento, nem corpo, nem espaço para mim: o universo, para mim, está aniquilado e eu sou nula para ele.

BORDEU. — Eis o derradeiro termo da concentração de vossa existência; mas sua dilatação ideal pode ser ilimitada. Quando o verdadeiro limite de vossa sensibilidade é transposto, seja ao vos aproximar dele, seja ao vos condensar em vós mesma, seja ao vos estender para fora, não mais se sabe o que isso pode tornar-se.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Doutor, tendes razão. Muitas vezes pareceu-me em sonho...

BORDEU. — E aos doentes em um ataque de gota...

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Que eu me tornava imensa.

BORDEU. — Que o pé deles tocava no dossel do leito.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Que meus braços e minhas pernas se alongavam ao infinito, que o resto de meu corpo assumia um volume proporcional; que o Encélado da fábula não era senão um pigmeu; que a Anfitrite de Ovídio, cujos longos braços iam formar uma cintura imensa da Terra, não passava de anã em comparação comigo, e que eu escalava o céu, e que enlaçava os dois hemisférios.

BORDEU. — Muito bem. E eu conheci uma mulher em quem o fenômeno se operava em sentido contrário.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — O quê! Ela diminuía gradualmente, reentrando em si mesma?

BORDEU. — A ponto de sentir-se tão miúda quanto uma agulha: via, ouvia, raciocinava, julgava; tinha um terror mortal de perder-se; tremia à aproximação dos mínimos objetos; não ousava mexer-se do lugar.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Eis um sonho bem singular, bastante desagradável, bastante incômodo.

BORDEU. — Ela não sonhava nada; era um dos acidentes da cessação do corrimento periódico.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — E permanecia por muito tempo nessa diminuta, imperceptível forma de mulherzinha?

BORDEU. — Uma hora, duas, em seguida voltava sucessivamente ao seu volume natural.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — E a razão dessas estranhas sensações?

BORDEU. — No estado natural e tranqüilo, as fibras do feixe possuem certa tensão, um tom,²¹ uma energia habitual que circunscreve a extensão real ou imaginária do corpo. Digo real ou imaginária, pois essa tensão, esse tom, essa energia, sendo variáveis, nosso corpo não é sempre de um mesmo volume.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Assim, tanto no físico quanto no moral, estamos expostos a nos crer maiores do que somos?

BORDEU. — O frio nos encurta, o calor nos dilata, e determinado indivíduo pode julgar-se a vida toda menor ou maior do que é realmente. Se acontece à massa do feixe entrar em violento eretismo, aos feixes ficar em ereção, à multidão infinita de suas extremidades se arremeter para além de seus limites costumeiros, então a cabeça, os pés, os outros membros, todos os pontos da superfície do corpo serão conduzidos a uma distância

imensa, e o indivíduo sentir-se-á gigantesco. Ocorrerá o fenômeno contrário se a insensibilidade, a apatia, a inércia ganhar a extremidade das fibras e encaminhar-se pouco a pouco para a origem do feixe.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Compreendo que semelhante expansão não se poderia medir, e compreendo, ainda, que semelhante insensibilidade, apatia, inércia, da extremidade das fibras, semelhante entorpecimento, depois de efetuar certo progresso, possa fixar-se, deter-se...

BORDEU. — Como aconteceu a La Condamine:²² então o indivíduo sente como que balões debaixo dos pés.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Ele existe para além do termo de sua sensibilidade e, se estivesse envolvido dessa apatia em todos os sentidos, oferecer-nos-ia um homenzinho vivo sob um homem morto.

BORDEU. — Concluí daí que o animal, que na origem não era senão um ponto, não sabe ainda se é realmente alguma coisa a mais. Mas voltemos.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Aonde?

BORDEU. — Aonde? Ao trepanado de La Peyronie... Eis realmente, julgo, o que me pedistes, o exemplo de um homem que viveu e morreu alternativamente... Mas há coisa melhor...

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — O que é que pode ser?

BORDEU. — A fábula de Castor e Pólux²³ realizada; duas crianças nas quais a vida de uma era imediatamente seguida pela morte da outra, e a vida desta seguida imediatamente pela morte da primeira.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Oh! que boa petta! E isso durou muito tempo?

BORDEU. — A duração dessa existência foi de dois dias que

elas partilharam entre si igualmente e em repetidas vezes, de modo que cada uma teve, de sua parte, um dia de vida e um dia de morte.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Temo, doutor, que abusais um pouco de minha credulidade. Tomai cuidado, se me enganardes uma vez, nunca mais acreditarei em vós.

BORDEU. — Ledes às vezes a *Gazette de France*?

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Nunca, embora seja a obra-prima de dois homens de espírito.²⁴

BORDEU. — Obtende emprestado o exemplar do dia 4 deste mês de setembro, e vereis que em Rabastens, diocese de Alby, duas meninas nasceram dorso contra dorso, unidas pelas últimas vértebras lombares, pelas nádegas e pela região hipogástrica. Não se podia manter uma em pé sem que a outra ficasse de cabeça para baixo. Deitadas, elas se olhavam; suas coxas estavam curvadas entre seus troncos e suas pernas levantadas; perto do meio da linha circular comum que as prendia por seus hipogastros, discernia-se o sexo delas, e entre a coxa direita de uma que correspondia à coxa esquerda da irmã, numa cavidade havia um pequeno ânus pelo qual se escoava o mecônio.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Eis uma espécie bastante estranha.

BORDEU. — Elas tomaram o leite que lhes foi dado em colher. Viveram doze horas, como já vos disse, caindo uma em desfalecimento quando a outra saía dele e a outra morta, enquanto uma vivia. O primeiro desfalecimento de uma e a primeira vida da outra foi de quatro horas; os desfalecimentos e os retornos alternativos à vida que se sucederam foram menos longos; elas expiraram no mesmo instante. Notou-se que seus umbigos efetuavam também um movimento alternado de saída e

entrada; ele entrava na que desfalecia e saía na que voltava à vida.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — E que dizeis vós dessas alternativas de vida e morte?

BORDEU. — Talvez nada que valha a pena; mas como cada qual vê tudo através das lunetas de seu sistema, e como não pretendo fazer exceção à regra, digo que é o fenómeno do trepanado de La Peyronie duplicado em dois seres conjuntos; que as redes das duas crianças se haviam de tal modo misturado que agiam e reagiam uma sobre a outra; quando a origem da rede de uma prevalecia, arrastava a rede da outra que desfalecia no mesmo instante; sucedia o contrário, se era a rede desta que dominava o sistema comum. No trepanado de La Peyronie, a pressão se efetuava de alto para baixo pelo peso de um fluido; nas duas gêmeas de Rabastens, ela se efetuava de baixo para cima pela tração de um certo número de fios da rede: conjectura apoiada pela entrada e saída alternativa dos umbigos, saída naquela que retornava à vida e entrada naquela que morria.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — E eis duas almas ligadas.

BORDEU. — Um animal com o princípio de dois sentidos e de duas consciências.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Não tendo entretanto no mesmo momento senão o desfrute de uma só; mas quem sabe o que aconteceria se esse animal houvesse vivido?

BORDEU. — Que sorte de correspondência a experiência de todos os momentos da vida, o mais forte dos hábitos que se possa imaginar, iria estabelecer entre esses dois cérebros?

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Sentidos duplos, memória dupla, imaginação dupla, aplicação dupla, a metade de um ser que observa, lê, medita, enquanto sua outra metade repousa: esta metade retomando as mesmas funções, quando a companheira

está cansada; a vida dupla de um ser duplo.

BORDEU. — Isso é possível? E a natureza, levando com o tempo a tudo o que é possível, formará algum estranho composto.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Como seríamos pobres em comparação com semelhante ser!

BORDEU. — E por quê? Existem já tantas incertezas, contradições, loucuras num entendimento simples, que não sei mais no que isso daria com um entendimento duplo... Mas são dez e meia, e ouço do arrabalde até aqui um doente que me chama.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — E haveria realmente perigo para ele se deixásseis de visitá-lo?

BORDEU. — Menos talvez do que visitando-o. Se a natureza não realiza a tarefa sem mim, teremos muita dificuldade em realizá-la juntos e com certeza não poderei realizá-la sem ela.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Permanecei, pois.

D'ALEMBERT. — Doutor, uma palavra ainda e eu vos envio a vosso paciente. Através de todas as vicissitudes que padecei no curso de minha existência, não possuindo talvez presentemente uma só das moléculas que trazia ao nascer, como continuei sendo eu para os outros e para mim?

BORDEU. — Vós no-lo dissestes sonhando.

D'ALEMBERT. — Será que sonhei?

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — A noite toda, e se assemelhava de tal modo ao delírio, que mandei chamar o doutor esta manhã.

D'ALEMBERT. — E isso por causa das patas de aranha que se agitavam por si mesmas, que mantinham alerta a aranha e faziam falar o animal. E o animal, o que dizia?

BORDEU. — Que era através da memória que ele era ele para os outros e para si próprio; e eu acrescentaria, através da lentidão das vicissitudes. Se tivésseis passado num piscar de olho da

juventude à decrepitude, serieis jogado no mundo como no primeiro momento de vosso nascimento; não serieis mais vós mesmo, nem para os outros nem para vós, para os outros que não seriam absolutamente eles para vós. Todas as relações seriam aniquiladas; toda a história de vossa vida para mim, toda a história da minha para vós, ficariam baralhadas. Como poderíeis saber que este homem, curvado sobre uma bengala, e cujos olhos se extinguiram, que se arrasta com dificuldade, mais diferente ainda de si mesmo por dentro do que fora, era o mesmo que na véspera andava tão ligeiramente, removia fardos tão pesados, podia entregar-se às meditações mais profundas, aos exercícios mais doces e aos mais violentos? Vós não entenderíeis vossas próprias obras, vós não vos reconheceríeis a vós próprio, não reconheceríeis ninguém, ninguém vos reconheceria; a cena toda do mundo mudaria. Pensai que houve menos diferença ainda entre vós ao nascer e quando jovem, do que haveria entre vós jovem e vós subitamente tornado decrépito. Pensai que, embora vosso nascimento esteja ligado à vossa juventude por uma série de sensações ininterruptas, os três primeiros anos de vossa existência jamais foram a história de vossa vida. O que seria pois, para vós, o tempo de vossa juventude, que nada ligaria ao momento de vossa decrepitude? D'Alembert decrépito não contaria com a mínima lembrança de D'Alembert jovem.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — No cacho de abelhas, não haveria uma só que tivesse tido tempo de adquirir o espírito do corpo.

D'ALEMBERT. — O que dizeis aí?

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Digo que o espírito monástico se conserva porque o mosteiro se refaz pouco a pouco, e quando entra um novo monge, encontra uma centena de velhos que o

arrastam a pensar e a sentir como eles. Uma abelha vai embora, sucede-lhe no cacho outra que logo se põe a par.

D'ALEMBERT. — Ide, delirais com vossos monges, vossas abelhas, vosso cacho e vosso convento.

BORDEU. — Nem tanto quanto poderíeis acreditar. Se não há senão uma consciência no animal, há uma infinidade de vontades; cada órgão possui a sua.

D'ALEMBERT. — Como foi que dissestes?

BORDEU. — Disse que o estômago quer alimentos, que o palato não os quer de modo algum, e que a diferença entre o palato e o estômago com o animal inteiro é que o animal sabe o que quer e o estômago e o palato querem sem o saber; é que o estômago ou o palato são, um para o outro, quase como o homem e o bruto. As abelhas perdem suas consciências e retêm seus apetites ou vontades. A fibra é um animal simples, o homem é um animal composto; mas guardemos esse texto para outra vez.²⁵ É preciso um acontecimento bem menor que a decrepitude para tirar ao homem a consciência do eu. Um moribundo recebe os sacramentos com profunda piedade; confessa suas faltas; pede perdão à mulher, abraça os filhos; chama os amigos; fala a seu médico; dá ordens aos domésticos; dita as últimas vontades; põe em dia seus negócios, e tudo isso com o juízo mais sã, com a mais completa presença de espírito; ele sara, está convalescente e não tem a menor idéia do que fez ou disse durante a moléstia. Este intervalo, às vezes muito longo, desapareceu de sua vida. Há mesmo exemplos de pessoas que retomaram a conversação ou a ação que o súbito ataque do mal interrompera.

D'ALEMBERT. — Lembro-me que, em um exercício público, um mestre-escola pedante, todo inflado de seu saber, foi metido, como se diz, no saco, por um capuchinho que menosprezara. Ele,

metido no chinelo! E por quem? Por um capuchinho! E sobre qual questão? Sobre o futuro contingente! Sobre a ciência média que ele meditara a vida toda! E em que circunstância? Diante de numerosa assembléia! Diante dos alunos! Ei-lo com a honra perdida! Sua cabeça trabalha tão bem sobre essas idéias que ele cai em uma letargia que o priva de todos os conhecimentos que adquirira.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Mas foi uma felicidade.

D'ALEMBERT. — Por Deus, tendes razão. O bom senso restou-lhe; mas esqueceu tudo. Ensinar-lhe a falar e ler, e morreu quando começava a soletrar passavelmente. Esse homem não era absolutamente um inepto; atribuíam-lhe mesmo certa eloqüência.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Já que o doutor ouviu vossa história, é preciso que ouça também a minha. Um moço de dezoito a vinte anos, cujo nome não me recordo...

BORDEU. — É um Sr. de Schullemborg de Winterthour ²⁶; não tinha mais do que quinze a dezesseis anos.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Esse jovem sofreu uma queda na qual recebeu violenta comoção na cabeça.

BORDEU. — O que chamais violenta comoção? Caiu do alto de um celeiro; teve a cabeça quebrada e ficou seis semanas inconsciente.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Seja como for, sabeis qual foi a consequência do acidente? A mesma que a de vosso mestre-escola: esqueceu tudo o que sabia; voltou à primeira idade; teve uma segunda infância e esta durou. Era tímido e pusilânime; divertia-se com brinquedinhos. Se procedia mal e lhe ralhavam, ia esconder-se num canto; pedia para satisfazer suas necessidades naturais. Ensinar-lhe a ler e a escrever; mas eu esquecia de vos contar que houve mister ensinar-lhe de novo a andar. Voltou a ser

homem e homem hábil, e deixou uma obra de história natural.

BORDEU. — São gravuras, as pranchas do Sr. Zulyer sobre os insetos, segundo o sistema de Lineu.²⁷ Eu conhecia o fato; ele chegou ao Cantão de Zurique, na Suíça, e há numerosos exemplos parecidos. Desarrumai a origem do feixe e mudareis o animal; parece que este reside aí por inteiro, ora dominando as ramificações, ora dominado por elas.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — E o animal encontra-se sob o despotismo ou sob a anarquia.

BORDEU. — Sob o despotismo, é muito bem expresso. A origem do feixe comanda, e todo o resto obedece. O animal é senhor de si, *mentis compos*.²⁸

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Sob a anarquia, onde todos os filetes da rede se encontram sublevados contra o chefe, e onde não há mais autoridade suprema.

BORDEU. — Muito bem. Nos grandes acessos de paixão, nos delírios, nos perigos iminentes, se o amo leva todas as forças de seus súditos para um ponto, o animal mais fraco mostra uma força incrível.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Nos vapores, espécie de anarquia que nos é tão particular.

BORDEU. — É a imagem de uma administração fraca, onde cada um puxa para si a autoridade do amo. Não conheço senão um meio de cura; é difícil, porém seguro; é que a origem da rede sensível, esta parte que constitui o eu, possa ser de um impulso violento para recobrar sua autoridade.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — E que acontece?

BORDEU. — Acontece-lhe que a recobra de fato, ou que o animal perece. Se me restasse tempo, contar-vos-ia a respeito dois fatos singulares.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Mas, doutor, a hora de vossa visita passou e vosso doente não mais vos espera.

BORDEU. — Só se deve vir aqui quando não se tem mais nada a fazer, pois não se consegue sair.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Eis uma baforada de humor inteiramente honesto; mas vossas histórias?

BORDEU. — Por hoje ireis contentar-vos com esta: Uma mulher caiu, em consequência de um parto, no mais assustador estado vaporoso; eram lágrimas e risos involuntários, sufocações, convulsões, inchaços de garganta, silêncio soturno, gritos agudos, tudo o que há de pior: a coisa durou vários anos. Ela amava apaixonadamente e julgou perceber que seu amado, fatigado da moléstia dela, começava a afastar-se; então resolveu sarar ou perecer. Estabeleceu-se nela uma guerra civil na qual ora o amo prevalecia, ora os súditos. Se acontecia que a ação dos fios da rede fosse igual à reação de sua origem, ela tombava como morta; transportavam-na ao leito, onde permanecia horas a fio sem movimento e quase sem vida; outras vezes sofria apenas lassidões, uma fraqueza geral, uma extinção que parecia ser final. Ela persistiu seis meses nesse estado de luta. A revolta começava sempre pelos filetes; sentia quando chegava. Ao primeiro sintoma, a mulher levantava-se, corria e entregava-se a exercícios dos mais violentos; subia, descia as escadas; serrava madeira, cavava a terra. O órgão de sua vontade, a origem do feixe se retesava; ela dizia a si mesma: vencer ou morrer. Após um número infinito de vitórias e derrotas, o chefe permaneceu senhor, e os súditos tornaram-se tão submissos que, embora esta mulher experimentasse toda espécie de penas domésticas, embora padecesse de diferentes moléstias, nunca mais teve problema de vapores.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Isso é maravilhoso, mas não creio que no caso eu procederia tão bem.

BORDEU. — É que vos amariéis realmente se amásseis e que vós sois firme.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Entendo. Somos firmes se, por hábito ou por organização, a origem do feixe domina os filetes; fracos, ao contrário, se ela é dominada por eles.

BORDEU. — Há muitas outras conseqüências a tirar daí.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Mas contaí primeiro vossa outra história e depois haveis de tirá-las.

BORDEU. — Uma jovem mulher caíra em alguns desvios. Decidiu um dia fechar a porta ao prazer. Ei-la só, ei-la melancólica e vaporosa. Mandou chamar-me. Aconselhei-a a vestir roupa de camponesa e cavar a terra o dia inteiro, dormir sobre a palha e viver de pão seco. O regime não lhe agradou. Viajai então, disse-lhe. Ela fez o giro da Europa e recobrou a saúde nas grandes estradas.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Não era o que tínheis a dizer; não importa, vamos às vossas conseqüências.

BORDEU. — Isso nunca mais terminaria.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Tanto melhor. Dizei ainda assim.

BORDEU. — Não tenho coragem.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — E por quê?

BORDEU. — É que na marcha em que vamos, afluímos tudo e não aprofundamos nada.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Que importa? Não estamos compondo, mas conversando.

BORDEU. — Por exemplo, se a origem do feixe chama todas as forças a si, se o sistema inteiro se move por assim dizer ao revés,

como creio que acontece no homem que medita profundamente, no fanático que vê os céus abertos, no selvagem que canta em meio das chamas, no êxtase, na alienação voluntária ou involuntária...

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — E daí?

BORDEU. — Daí, o animal se torna impassível, existe apenas em um ponto. Não vi o padre de Calame, de que fala Santo Agostinho,²⁹ que se alienava a ponto de não mais sentir brasas ardentes; não vi no quadro os selvagens que sorriem a seus inimigos, que os insultam e lhes sugerem tormentos mais refinados do que aqueles a que são submetidos; não vi no circo os gladiadores que se lembravam, expirando, da graça e das lições da ginástica; mas creio em todos esses fatos, porque vi, mas vi com meus próprios olhos, um esforço tão extraordinário quanto qualquer desses outros.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Doutor, contai-me. Sou como as crianças, adoro os fatos maravilhosos e, quando honram a espécie humana, raramente me sucede contestar-lhes a verdade.

BORDEU. — Havia numa pequena aldeia da Champanha, Langres,³⁰ um bom cura, chamado le ou de Moni, muito compenetrado, muito imbuído da verdade da religião. Acometido de cálculo, era preciso talhá-lo. O dia é marcado, o cirurgião, seus assistentes e eu vamos à casa dele; o cura nos recebe com um ar sereno, despe-se, deita-se, queremos amarrá-lo; ele recusa; “colocai-me apenas”, diz, “como convém”; nós o colocamos. Então pede um grande crucifixo que se encontrava ao pé da cama; damos-lho, o bom cura aperta-o entre os braços, cola-lhe a boca. Operamos, ele permanece imóvel, não lhe escapam nem lágrimas nem suspiros, e fico liberto da pedra que ele ignorava.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Isso é belo; e duvidai, depois

disso, que aquele a quem quebravam os ossos do peito com pedregulhos não viu os céus abertos.

BORDEU. — Sabeis o que é dor de ouvidos?

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Não.

BORDEU. — Tanto melhor para vós. É a mais cruel de todas as dores.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Mais que a dor de dentes que conheço infelizmente?

BORDEU. — Sem comparação. Um filósofo entre vossos amigos³¹ estava sendo atormentado com esta dor havia quinze dias, quando certa manhã disse à esposa: Não me sinto com bastante coragem para enfrentar o dia... Pensou que seu único recurso era enganar artificialmente a dor. Pouco a pouco, absorveu-se tanto numa questão de metafísica ou de geometria que esqueceu o ouvido. Serviram-lhe de comer e ele comeu sem o perceber; chegou à hora de dormir sem sofrer. A horrível dor só voltou a dominá-lo quando cessou a contensão de espírito, mas foi com um furor inusitado, seja porque de fato a fadiga irritasse a dor, seja porque a fraqueza a tornasse mais insuportável.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Ao sair desse estado, deve-se ficar realmente exausto; é o que acontece às vezes àquele homem que ali está.

BORDEU. — É perigoso, que tome cuidado com isso.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Não paro de lhe dizer, mas ele não faz caso.

BORDEU. — Não é mais ele quem manda, é sua vida, terá de perecer por isso.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Essa sentença me causa medo.

BORDEU. — O que provam esse esgotamento, esse cansaço? Que as fibras do feixe não permaneceram ociosas e que há em

todo o sistema uma tensão violenta dirigida para um centro comum.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Se semelhante tensão ou tendência violenta perdurar, se ela se tornar habitual?

BORDEU. — É um tique da origem do feixe; o animal está louco, e louco quase sem remédio.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — E por quê?

BORDEU. — É que, no tique da origem, não sucede o mesmo que no de uma das fibras. A cabeça pode muito bem comandar os pés, mas não o pé à cabeça; a origem a uma das fibras, mas nunca a fibra à origem.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — E qual a diferença, por favor? Com efeito, por que não penso em toda parte? É uma questão que me deveria ter ocorrido mais cedo.

BORDEU. — É que a consciência reside apenas em um lugar.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Isso é fácil dizer.

BORDEU. — É que ela só pode residir em um lugar, no centro comum de todas as sensações, lá onde está a memória, lá onde se fazem as comparações. Cada fibra é suscetível apenas de um determinado número de impressões, de sensações sucessivas, isoladas, sem memória. A origem é suscetível de todas, é seu registro, guarda sua memória ou uma sensação contínua, e o animal é levado desde a primeira formação a se lhe referir, a fixar-se nela por inteiro, a existir aí.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — E se meu dedo pudesse ter memória?

BORDEU. — Vosso dedo pensaria.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — O que é pois a memória?

BORDEU. — A propriedade do centro, o sentido específico da origem da rede, como a vista é a propriedade do olho: e não é mais

espantoso que a memória não esteja no olho, quanto não o é que a vista não esteja na orelha.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Doutor, eludis minhas perguntas mais do que as satisfazeis.

BORDEU. — Não eludo nada, digo-vos o que sei, e saberia mais, se a organização da origem me fosse tão bem conhecida como a de suas fibras, se dispusesse da mesma facilidade de observá-la. Mas se sou fraco quanto aos fenômenos particulares, em compensação, triunfo quanto aos fenômenos gerais.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — E esses fenômenos gerais, quais são?

BORDEU. — A razão, o juízo, a imaginação, a loucura, a imbecilidade, a ferocidade, o instinto.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Entendo. Todas essas qualidades não passam de conseqüências da relação, original ou contraída pelo hábito, da origem do feixe com as suas ramificações.

BORDEU. — Muito bem. O princípio, ou o tronco, é demasiado vigoroso em relação aos ramos? Daí os poetas, os artistas, as pessoas de imaginação, os homens pusilânimes, os entusiastas, os loucos. Demasiado fraco? Daí o que chamamos os brutos, os animais ferozes. O sistema inteiro frouxo, mole, sem energia? Daí os imbecis. O sistema inteiro enérgico, bem concorde, bem ordenado? Daí os bons pensadores, os filósofos, os sábios.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — E conforme o ramo tirânico que predomina, o instinto que se diversifica nos animais, o gênio que se diversifica nos homens; o cão tem olfato, o peixe audição, a águia vista, D'Alembert é geômetra, Vaucanson é inventor de máquinas,³² Grétry³³ músico, Voltaire poeta; efeitos variados de uma fibra do feixe mais vigorosos em si do que qualquer outro e

do que a fibra semelhante nos seres de sua espécie.

BORDEU. — E os hábitos que subjugam; o velho que ama as mulheres e Voltaire que ainda produz tragédias. (*Neste ponto, o doutor põe-se a sonhar e a Senhorita de l'Espinasse diz-lhe:*)

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Doutor, estais sonhando.

BORDEU. — É verdade.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Em que sonhais?

BORDEU. — A propósito de Voltaire.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — E então?

BORDEU. — Sonho com a maneira com que se fazem os grandes homens.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — E como se fazem eles?

BORDEU. — Como a sensibilidade...

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — A sensibilidade?

BORDEU. — Ou a extrema mobilidade de certos filetes do feixe, que é a qualidade dominante dos seres medíocres.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Ah! doutor, que blasfêmia.

BORDEU. — Eu já esperava isso. Mas o que é um ser sensível? Um ser abandonado à discrição do diafragma.³⁴ Uma palavra tocante feriu o ouvido, um fenômeno singular feriu o olho, e eis de repente o tumulto interno que se ergue, todas as fibras do feixe que se agitam, o frêmito que se espalha, o horror que se apodera, as lágrimas que correm, os suspiros que sufocam, a voz que se interrompe, a origem do feixe que não sabe o que ele se torna; não há mais sangue-frio, nem razão, nem julgamento, nem instinto, nem recurso.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Eu me reconheço.

BORDEU. — O grande homem, se por infelicidade recebeu essa disposição natural, ocupar-se-á sem trégua em enfraquecê-la, em dominá-la, em tornar-se senhor de seus movimentos e em

conservar para a origem do feixe todo o seu império. Então ele se dominará em meio dos maiores perigos, julgará friamente, mas sãmente. Nada do que pode servir a suas concepções e concorrer a seu alvo lhe escapará; dificilmente espantar-se-á; terá quarenta e cinco anos; será grande rei, grande político, grande artista e, sobretudo, grande comediante, grande filósofo, grande poeta, grande músico, grande médico; reinará sobre si mesmo e sobre tudo o que o cerca. Não temerá a morte, medo, como disse sublimemente o estóico, que é uma alça que o robusto segura para levar o fraco a toda parte onde lhe apraz; ele terá quebrado a alça e ter-se-á ao mesmo tempo liberto de todas as tiranias do mundo. Os seres sensíveis ou os loucos se acham no palco, ele está na platéia;³⁵ ele é o sábio.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Deus me guarde da sociedade desse sábio.

BORDEU. — É por não haverdes trabalhado a fim de se lhe assemelhar que tereis alternadamente penas e prazeres violentos, que passareis a vida a rir e a chorar, e que nunca sereis mais do que uma criança.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Eu me conformo a tanto.

BORDEU. — E esperais ser mais feliz assim?

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Não sei nada.

BORDEU. — Senhorita, esta qualidade tão apreciada, que não nos conduz a nada de grande, não se exerce quase nunca fortemente sem dor, ou fracamente sem aborrecimento; ou se boceja, ou se está ébrio. Vós vos prestais sem medida à sensação de uma música deliciosa; vós vos deixais arrastar pelo encanto de uma cena patética; vosso diafragma se fecha, o prazer passou e não vos resta senão uma sufocação, que dura todo o sarau.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Mas se não posso desfrutar da

música sublime, nem da cena tocante, a não ser com essa condição?

BORDEU. — Erro. Eu também sei desfrutar, sei admirar e jamais sofro, a não ser de cólica. Tenho prazer puro; minha censura é muito mais severa, meu elogio mais lisonjeiro e mais refletido. Será que existe a má tragédia para almas tão móveis como a vossa? Quantas vezes não enrubesceste, na leitura, devido aos transportes que experimentastes no espetáculo, e reciprocamente?

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Isso me acontece.

BORDEU. — Não é pois ao ser sensível como vós, mas ao ser tranqüilo e frio como eu que compete dizer: isto é verdadeiro, isto é bom, isto é belo... Fortaleçamos a origem da rede, é tudo o que de melhor temos a fazer. Sabeis que há risco de vida?

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — De vida! doutor, isso é grave.

BORDEU. — Sim, de vida. Não há pessoa que não tenha tido alguma vez desgosto. Um só acontecimento basta para dar essa sensação involuntária e habitual; então, apesar das distrações, da variedade dos divertimentos, dos conselhos dos amigos, de seus próprios esforços, as fibras levam obstinadamente abalos funestos à origem do feixe; o infeliz em vão se debate, o espetáculo do universo se enegrece para ele; caminha com um cortejo de idéias lúgubres que não o largam, e ele acaba por livrar-se de si mesmo.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Doutor, estais me dando medo.

D'ALEMBERT. — *(De pé, em robe de chambre e em gorro de dormir.)* E do sono, doutor, o que dizeis? E uma boa coisa.

BORDEU. — O sono, o estado em que, seja por cansaço, seja por hábito, a rede toda se relaxa e permanece imóvel; em que, como na doença, cada filete da rede se agita, se move, transmite à origem comum uma multidão de sensações amiúde disparatadas,

descosidas, perturbadas; outras vezes tão ligadas, tão contínuas, tão bem ordenadas que o homem desperto não teria mais razão, nem mais eloquência, nem mais imaginação; às vezes tão violentas, tão vivas, que o homem desperto fica na incerteza quanto à realidade da coisa...

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Pois bem, e o sono?

BORDEU. — É um estado do animal em que não há mais conjunto: todo concerto, toda subordinação cessa. O amo é abandonado à discrição dos seus vassalos e à energia desenfreada de sua própria atividade. O fio óptico agitou-se? A origem da rede vê; ouve, se é o fio auditivo que a solicita. A ação e a reação são as únicas coisas que subsistem entre eles; é uma consequência da propriedade central, da lei de continuidade e do hábito. Se a ação começa pela fibra voluptosa, que a natureza destinou ao prazer do amor e à propagação da espécie, a imagem desperta do objeto amado será o efeito da reação na origem do feixe. Se tal imagem, ao contrário, desperta primeiro na origem do feixe, a tensão da fibra voluptosa, a efervescência e a efusão do fluido seminal serão as seqüências da reação.

D'ALEMBERT. — Assim há o sonho ascendente e o sonho descendente. Tive um deles esta noite: quanto ao caminho que tomou, ignoro.

BORDEU. — Na vigília, a rede obedece às impressões do objeto exterior. No sono, é do exercício de sua própria sensibilidade que emana tudo quanto se passa nela. Não há distração alguma no sonho; daí sua vivacidade: é quase sempre a consequência de um eretismo, um acesso passageiro de moléstia. A origem do feixe é nele alternadamente ativa e passiva de uma infinidade de maneiras: daí sua desordem. Os conceitos encontram-se nele às vezes tão ligados, tão distintos, quanto no

animal exposto ao espetáculo da natureza. Ele é apenas o quadro desse espetáculo reexcitado: daí sua verdade, daí a impossibilidade de discerni-lo do estado de vigília, não há nenhuma probabilidade de um desses estados mais do que de outro; nenhum meio de reconhecer o erro senão a experiência.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — E a experiência é possível sempre?

BORDEU. — Não.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Se o sonho me oferecer o espetáculo de um amigo que perdi, e mo oferecer tão verdadeiro como se esse amigo existisse; se ele me falar e eu o ouvir; se eu o tocar e se ele der a impressão de solidez às minhas mãos; se, ao meu despertar, eu tiver a alma plena de ternura e dor, e meus olhos inundados de lágrimas; se meus braços forem ainda levados para o lugar onde ele me apareceu, quem me responderá que eu não o vi, ouvi e toquei realmente?

BORDEU. — Sua ausência. Mas, se é impossível discernir a vigília do sono, quem é que apreciará sua duração? Tranquilo, é um intervalo asfixiado entre o momento de deitar-se e o de levantar-se: perturbado, dura às vezes anos. No primeiro caso, pelo menos, a consciência do eu cessa inteiramente. Um sonho que nunca alguém teve e que nunca terá, me direis vós?

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Sim, é que somos um outro.

D'ALEMBERT. — E no segundo caso, não só temos consciência do eu, mas ainda a de sua vontade e de sua liberdade. O que é essa liberdade, o que é essa vontade do homem que sonha?

BORDEU. — O que é? É a mesma que a do homem que vela: o último impulso do desejo e da aversão, o último resultado de tudo quanto se foi desde o nascimento até o momento em que se está: e eu desafio o espírito mais sutil a perceber aí a menor diferença.

D'ALEMBERT. — Vós o credes?

BORDEU. — E sois vós quem me propondes semelhante pergunta! Vós que, entregue a especulações profundas, passastes dois terços de vossa vida a sonhar de olhos abertos e a agir sem querer; sim, sem querer, bem menos que em vossos sonhos. Em vosso sonho comandais, ordenais, sois obedecido; ficais descontente ou satisfeito, experimentais contradição, deparais obstáculos, vós vos irritais, amais, odiais, censurais, ides, vindes. No decurso de vossas meditações, mal vossos olhos se abriam de manhã quando, presa novamente da idéia que vos preocupara na véspera, vós haveis vos vestido, sentado à vossa mesa, meditado, traçado figuras, seguido os cálculos, almoçado, retomado vossas combinações e às vezes deixado a mesa para verificá-las; vós haveis falado a outrem, dado ordens à vossa criada, ceado, vós haveis vos deitado, adormecido sem ter praticado o menor ato de vontade. Não fostes senão um ponto; agistes mas não quisestes. Será que se quer, por si? A vontade nasce sempre de algum motivo interior ou exterior, de alguma impressão presente, de alguma reminiscência do passado, de alguma paixão, de algum projeto no futuro. Depois disso, dir-vos-ei sobre a liberdade apenas uma palavra, é que a derradeira de nossas ações é o efeito necessário de uma causa una: nós, muito complicada, porém una.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Necessário?

BORDEU. — Sem dúvida. Tentai conceber a produção de outra ação, supondo que o ser atuante seja o mesmo.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Ele tem razão. Uma vez que eu ajo assim, aquele que pode agir de outro modo não é mais eu; e assegurar que no momento em que faço ou digo uma coisa, posso dizer ou fazer outra, é assegurar que eu sou eu e que eu sou um outro. Mas, doutor, e o vício e a virtude?³⁶ A virtude, esta palavra

tão santa em todas as línguas, esta idéia tão sagrada em todas as nações!

BORDEU. — Cumpre transformá-la na de beneficência, e seu oposto na de maleficência. A gente nasce afortunada ou desafortunadamente; somos irresistivelmente arrastados pela torrente geral que conduz um à glória e outro à ignomínia.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — E a auto-estima, e a vergonha e o remorso?

BORDEU. — Puerilidade fundada na ignorância e na vaidade de um ser que se imputa a si próprio o mérito ou o demérito de um instante necessário.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — E as recompensas e os castigos?

BORDEU. — São meios de corrigir o ser modificável que se denomina mau, e encorajar o que se denomina bom.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — E essa doutrina toda nada tem de perigoso?

BORDEU. — Ela é verdadeira ou falsa?

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Creio que é verdadeira.

BORDEU. — Isto quer dizer que pensais que a mentira tem suas vantagens, e a verdade seus inconvenientes.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Assim penso.

BORDEU. — E eu também: mas as vantagens da mentira são momentâneas, e as da verdade são eternas; mas as conseqüências vergonhosas da verdade, quando ela as têm, passam depressa, e as da mentira só terminam com esta. Examinai os efeitos da mentira na cabeça do homem, e seus efeitos na conduta dele; em sua cabeça, ou a mentira ligou-se mais ou menos à verdade, e a cabeça é falsa; ou o homem está bem e conseqüentemente ligado à mentira, e a cabeça é errônea. Ora, que conduta podeis esperar de uma cabeça ou inconseqüente em seus raciocínios, ou

conseqüente em seus erros?

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — O último desses vícios, menos desprezível, é talvez mais de temer que o primeiro.

D'ALEMBERT. — Muito bem: eis portanto tudo reduzido a sensibilidade, a memória, a movimentos orgânicos; isso me convém bastante. Mas a imaginação? Mas as abstrações?

BORDEU. — A imaginação...

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Um momento, doutor: recapitulemos. Segundo vossos princípios, parece-me que, por uma série de operações puramente mecânicas, eu reduziria o primeiro gênio da Terra a certa massa de carne não organizada, à qual se deixaria apenas a sensibilidade do momento, e que se reconduziria esta massa informe do estado de estupidez mais profunda que se possa imaginar à condição do homem de gênio. Um dos dois fenômenos consistiria em mutilar a meada primitiva de um certo número de suas fibras, e a enredar bem o resto; e o fenômeno inverso em restituir à meada as fibras que foram separadas, e em abandonar o todo a um feliz desenvolvimento. Exemplo: tiro de Newton as duas fibras auditivas, e não há mais sensações de som; as fibras olfativas, e não há mais sensações de odores; as fibras ópticas, e não há mais sensações de cores; as fibras palatinas, e não há mais sensações de sabores; suprimo ou baralho as outras, e adeus a organização do cérebro, a memória, o julgamento, os desejos, as aversões, as paixões, a vontade, a consciência do eu, e eis uma certa massa informe que conservou apenas a vida e a sensibilidade.

BORDEU. — Duas qualidades quase idênticas; a vida é do agregado, a sensibilidade é do elemento.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Retomo esta massa e lhe restituo as fibras olfativas, ela fareja; as fibras auditivas, ela ouve;

as fibras ópticas, ela vê; as fibras palatinas, ela saboreia. Desenredando o resto da meada, permito às outras fibras que se desenvolvam, e vejo renascer a memória, as comparações, o juízo, a razão, os desejos, as aversões, as paixões, a aptidão natural, o talento, e volto a achar o meu homem de gênio, e isso sem a mediação de nenhum agente heterogêneo e ininteligível.

BORDEU. — Muito bem: ficai nisso, o resto não passa de galimatias... Mas as abstrações? Mas a imaginação? A imaginação é a memória das formas e das cores. O espetáculo de uma cena, de um objeto, monta necessariamente o instrumento sensível de uma certa maneira; ele se remonta ou por si mesmo, ou é remontado por alguma causa estranha. Então freme por dentro ou ressoa por fora; recorda em silêncio as impressões que recebeu, ou as faz prorromper por meio de sons convencionados.

D'ALEMBERT. — Mas seu relato exagera, omite circunstâncias, junta outras, desfigura o fato ou o embeleza, e os instrumentos sensíveis adjacentes concebem impressões que são realmente as do instrumento que ressoa, mas não as da coisa que se passou.

BORDEU. — É verdade, o relato é histórico ou poético.

D'ALEMBERT. — Mas como se introduziu essa poesia ou essa mentira no relato?

BORDEU. — Pelas idéias que se despertam umas às outras, e elas se despertam porque sempre estiveram ligadas. Se tomastes a liberdade de comparar o animal a um cravo, me permitireis de fato comparar o relato do poeta ao canto.

D'ALAMBERT. — Isso é justo.

BORDEU. — Há em todo canto uma gama. Esta gama possui seus intervalos; cada uma de suas cordas possui seus harmônicos, e os harmônicos têm os seus. Foi assim que se

introduziram modulações de passagem na melodia, que o canto se enriqueceu e se estendeu. O fato é um motivo dado que cada músico sente à sua maneira.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — E por que embrulhar a questão com esse estilo figurado? Eu diria que, tendo cada um seus olhos, cada um vê e relata diversamente. Eu diria que cada idéia desperta outras, e que, conforme o temperamento ou o caráter de cada um, nós nos atemos às idéias que representam o fato rigorosamente, ou introduzimos nele as idéias despertadas, eu diria que entre essas idéias, há escolha; eu diria... que só esse tema tratado a fundo forneceria um livro.

D'ALEMBERT. — Tendes razão; o que não me impedirá de perguntar ao doutor se está realmente persuadido de que uma forma, que não se assemelhasse a nada, nunca se engendraria na imaginação, e não se produziria de modo algum no relato.

BORDEU. — Assim creio. Todo o delírio dessa faculdade se reduz ao talento desses charlatães que, de vários animais despedaçados, compõem um outro, bizarro, que jamais se viu na natureza.

D'ALEMBERT. — E as abstrações?

BORDEU. — Não existem; o que existe são reticências habituais, elipses que tornam as proposições mais gerais e a linguagem mais rápida e mais cômoda. São os signos da linguagem que deram origem às ciências abstratas. Uma qualidade comum a várias ações engendrou as palavras vício e virtude; uma qualidade comum a vários seres engendrou as palavras feiúra e beleza. Alguém disse um homem, um cavalo, dois animais; em seguida, alguém disse um, dois, três, e toda a ciência dos números nasceu. Ninguém tem idéia de uma palavra abstrata. Notaram-se em todos os corpos três dimensões, o

comprimento, a largura e a profundidade; tratou-se de cada uma dessas dimensões, e daí todas as ciências matemáticas. Toda abstração não é senão um signo vazio de idéia. Excluir-se a idéia separando-se o signo do objeto físico, e é só ligando de novo o signo ao objeto físico que a ciência volta a ser uma ciência de idéias; daí a necessidade, tão freqüente na conversação, nas obras, de chegar a exemplos. Quando, após uma longa combinação de signos, pedis um exemplo, não exigis de quem fala outra coisa exceto que dê corpo, forma, realidade, idéia ao rumor sucessivo de seus acentos, aplicando a isso sensações experimentadas.

D'ALEMBERT. — A coisa está bem clara para vós, senhorita?

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Não extremamente, mas o doutor vai explicar-se.

BORDEU. — É o que vos apraz dizer. Não que não haja talvez algo a retificar e muito a acrescentar ao que expus; mas são onze e meia, e tenho ao meio-dia uma consulta no Marais.³⁷

D'ALEMBERT. — A linguagem mais rápida e mais cômoda! Doutor, será que a gente se ouve? Será que a gente é ouvido?

BORDEU. — Quase todas as conversações são contas feitas... Não sei mais onde está minha bengala... Não há a seu respeito nenhuma idéia presente no espírito... E meu chapéu... E pela simples razão de que nenhum homem se parece particularmente com outro, nós nunca ouvimos precisamente, nunca somos precisamente ouvidos; há mais ou menos em tudo: nosso discurso está sempre aquém ou além da sensação. Percebe-se bem a diversidade em alguns juízos, porém há mil outras vezes em que não se percebe, e em que felizmente não se poderia perceber... Adeus, adeus.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Uma palavra ainda, por favor.

BORDEU. — Falai, pois, mas depressa.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Ainda vos lembrais daqueles saltos de que me falastes?

BORDEU. — Sim.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Credes que os tolos e as pessoas de espírito tenham desses saltos em suas raças?

BORDEU. — Por que não?

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Tanto melhor para os nossos pósteros; talvez se reproduza um Henrique IV.

BORDEU. — Talvez já se tenha reproduzido.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Doutor, deveríeis vir almoçar conosco.

BORDEU. — Farei o possível, não prometo; vós me prendeis quando venho.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Esperar-vos-emos até as duas horas.

BORDEU. — Aceito.

Notas

¹ Julie de l'Espinasse (1732-1776), com quem D'Alembert teve uma ligação sentimental, e em cujo salão se reuniam os enciclopedistas.

² Médico e colaborador da *Encyclopédie*, Théophile Bordeu (1722-1776) gozou de grande notoriedade por suas pesquisas e sua ação profissional.

³ Diderot parece adivinhar aqui, nestas mônadas quase leibnizianas, a teoria celular. Contudo, segundo Paul Vernière (Diderot, *Oeuvres Philosophiques*, pág. 288, n. 2), ele a deve a Maupertuis, cujo *Essai sur la formation des corps organisés* “pressentia a organização celular dos seres vivos e admitia que as moléculas sensíveis, agregando-se para formar o animal, perdiam consciência de sua individualidade para adquirir uma consciência coletiva”.

⁴ *Anguille* — enguia. Apelido dado por Voltaire a John Tuberville Needham (1713-1781), padre e naturalista inglês, que acreditava na possibilidade de as enguias se desenvolverem, sem uma ação externa, na farinha fermentada, bem como na geração espontânea em geral.

⁵ *Rerum novus nascitur ordo*: “Uma nova ordem de coisas nasce”.

⁶ O materialismo antigo, e sobretudo Epicuro através de Lucrécio, é uma influência constante no pensamento de Diderot.

⁷ Cf. *Carta sobre os Cegos*.

⁸ Escritor francês (1657-1757), autor do apreciado *Entretien sur la pluralité des mondes*, onde figura o apólogo das rosas, acima mencionado.

⁹ Não se trata da clara antecipação da célebre fórmula lamarckiana, segundo a qual a função faz o órgão? Se a plena consciência da concepção acima é discutível, para muitos comentadores, a intuição não o é. Cabe observar, porém, que a partir de Buffon e sobretudo Maupertuis, o transformismo está na ordem do dia.

¹⁰ Jesuíta, que foi amigo de Diderot e que inventou um “cravo ocular” onde, por meio de fitas multicores, os matizes visavam a figurar as notas. Como se vê, um “instrumento” simbolista por excelência, não sendo de estranhar o interesse que Baudelaire lhe dedicou.

¹¹ Recusa do atomismo mecanicista, e concepção — a partir da monadologia leibniziana ou da unidade natureza-divindade imanente — de um materialismo vitalista.

¹² Filósofo, matemático e físico grego do IV século a.C. Referência a uma ode de Horácio (*Odes*, I, 28).

¹³ Locução extraída do *Burguês Gentil-Homem*, de Molière, e que se tornou corrente em francês, para significar: acertar sem querer.

¹⁴ Objeção à plenitude cartesiana, a partir de Newton.

¹⁵ Seria preciso então um criador do Criador. Argumento que as primeiras objeções ao Deus de Spinoza já invocavam.

¹⁶ Crítica à concepção de uma pré-formação ovariana das gerações.

¹⁷ Referência a uma criança do sexo feminino, nascida em 1776, que viveu apenas um dia.

¹⁸ Os problemas de teratologia interessaram vivamente o século XVIII, sobretudo do ponto de vista genético, e suscitaram vivas discussões entre os pesquisadores.

¹⁹ Hospital criado por Maria de Médicis.

²⁰ Primeiro cirurgião de Luís XV (1678-1747).

²¹ No sentido de tónus.

²² Célebre matemático e viajante francês (1701-1774), que se viu atingido de surdez e paralisia parcial.

²³ Os Dioscuros, filhos de Zeus e Leda.

²⁴ Jean-Baptiste Suard e François Arnaud, que obtiveram a concessão de *La Gazette de France*, periódico fundado em 1631 e publicado até 1914.

²⁵ A este respeito, pergunta P. Vernière (*op. cit.*, pág. 343, n. 1): “Guarda-lo-á para os *Elementos de Fisiologia*, onde desenvolve abundantemente o tema da independência relativa dos órgãos?”

²⁶ Gravador suíço que se salientou como ilustrador de diferentes obras de entomologia, geografia e história.

²⁷ Naturalista sueco (1707-1778), autor do célebre sistema binário ainda em uso na história natural.

²⁸ Senhor do intelecto.

²⁹ *A Cidade de Deus*, XX, 8.

³⁰ Cidade natal de Diderot.

³¹ O filósofo em questão é o próprio Diderot.

³² Jacques Vaucanson (1709-1782), criador de autômatos que foram a maravilha da época.

³³ Compositor francês (1741-1813), com temas e entonações bastante a gosto do sentimentalismo do autor de *O Pai de Família*.

³⁴ Bordeu encontrava na ação deste, ou do estômago, um segundo centro de atividade, ao lado do cérebro. Diderot volta ao tema no *Paradoxo*.

³⁵ Trata-se de um dos *leitmotiv* do *Paradoxo sobre o Comediante*, onde é desenvolvida a análise da relação entre sensibilidade e intelecto na arte do ator.

³⁶ Qual a relação entre necessidade e liberdade, quais os efeitos do determinismo sobre a moral? São perguntas de supremo interesse para reformadores dos costumes, como Diderot.

³⁷ Velho bairro parisiense.

CONTINUAÇÃO DO DIÁLOGO

Tradução e notas de **J. Guinsburg**

INTERLOCUTORES:

Senhorita de l'Espinasse e Bordeu

Perto das duas horas, o doutor volta. D'Alembert foi almoçar fora, e o doutor se encontra a sós com a Senhorita de l'Espinasse. A mesa é servida. Os dois falam de coisas indiferentes até a sobremesa; mas, quando os criados são dispensados, a Senhorita de l'Espinasse diz ao doutor:

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Vamos, doutor, bebei uma taça de Málaga, e em seguida me respondereis a uma pergunta que me passou cem vezes pela cabeça, e que só ousaria propor a vós.

BORDEU. — Esse Málaga é excelente... E vossa pergunta?

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — O que pensais da mistura das espécies?

BORDEU. — Por minha fé, a pergunta também é boa. Penso que os homens atribuíram muita importância ao ato da geração, e que foi com razão; mas estou descontente com suas leis tanto civis como religiosas.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — E o que achais para censurá-lhes?

BORDEU. — Que foram feitas sem eqüidade, sem objetivo e sem nenhum respeito para com a natureza das coisas e a utilidade pública.

SENHORITA DE l'ESPINASSE. — Tentai explicar-vos.

BORDEU. — É meu desígnio... Mas esperai... *(Olha para o*

relógio.) Disponho ainda de uma boa hora para vos dar; serei rápido, e isso nos bastará. Estamos sós, não sois hipócrita e não ireis imaginar que pretendo faltar com o respeito que vos devo; e, qualquer que seja o julgamento que fizerdes de minhas idéias, espero, de meu lado, que nada haveis de concluir contra a honestidade de meus costumes.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Com toda certeza, mas vosso início me inspira cuidados.

BORDEU. — Nesse caso, mudemos de assunto.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Não, não: ide adiante. Um de vossos amigos que nos procurava maridos, a mim e a minhas duas irmãs, dava um silfo à mais nova, um grande anjo de anunciação à mais velha, e a mim um discípulo de Diógenes; ele conhecia muito bem todas as três. Entretanto, devagar, doutor, um pouco devagar.

BORDEAU. — Isso nem é preciso recomendar, na medida em que o assunto e o meu estado comportam.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Isso não vos custará muito... Mas aí está vosso café... tomai vosso café.

BORDEU— (*Após tomar o café.*) Vossa pergunta é de física, de moral e de poética.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — De poética!

BORDEU. — Sem dúvida; a arte de criar seres que não existem, à imitação dos que existem, é verdadeira poesia. Desta vez, em lugar de Hipócrates, permitireis pois que eu cite Horácio. Este poeta, ou autor, diz algures: *Omne tulit punctum, qui miscuit utile dulci*;¹ o mérito supremo é o de ter reunido o útil ao agradável. A perfeição consiste em conciliar esses dois pontos. A ação agradável e útil deve ocupar o primeiro lugar na ordem estética; não podemos recusar o segundo ao útil; o terceiro caberá

ao agradável; e relegaremos ao grau ínfimo aquele que não produz prazer nem proveito.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Até aí posso compartilhar de vossa opinião sem enrubescer. Onde nos levará isso?

BORDEU. — Ireis ver: senhorita, poderíeis informar-me que proveito e que prazer a castidade e a continência rigorosas produzem, seja ao indivíduo que as pratica, seja à sociedade?

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Por Deus, nenhum.

BORDEU. — Logo, a despeito dos magníficos elogios que o fanatismo lhes prodigalizou, a despeito das leis civis que as protegem, nós as excluiremos do catálogo das virtudes, e conviremos que nada há de tão pueril, de tão ridículo, de tão absurdo, de tão nocivo, de tão desprezível, nada há de pior, à exceção do mal positivo, do que essas duas raras qualidades...

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Pode-se conceder isso.

BORDEU. — Tomai cuidado, eu vos previno, logo mais haveis de recuar.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Nós jamais recuamos.

BORDEU. — E as ações solitárias?

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — E então?

BORDEU. — Então, elas produzem pelo menos prazer ao indivíduo, e nosso princípio é falso, ou...

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — O que, doutor!...

BORDEU. — Sim, senhorita, sim, e pela razão de que são também indiferentes, de que não são também estéreis. É uma necessidade, e mesmo que não fôssemos a tanto solicitados pela necessidade, é sempre algo doce. Desejo que as pessoas fiquem bem de saúde, desejo-o absolutamente, compreendeis? Censuro todo excesso, mas em um estado de sociedade tal como o nosso, há cem considerações razoáveis contra uma, sem contar o

temperamento e as conseqüências funestas de uma continência rigorosa sobretudo para as pessoas jovens; a pouca fortuna, o temor entre os homens de um arrependimento agudo e entre as mulheres o da desonra, que reduzem uma infeliz criatura que perece de langor e enfado, um pobre-diabo que não sabe a quem se dirigir, a aviar-se à maneira do cínico. Catão, que dizia a um moço que estava a ponto de entrar em casa de uma cortesã: “Coragem, meu filho...”,² far-lhe-ia a mesma consideração hoje em dia? Se o surpreendesse ao contrário, só, em flagrante delito, não acrescentaria: isso é melhor do que corromper a mulher de outrem, ou do que expor a honra e a saúde?... Pois que! pelo fato de as circunstâncias me privarem da maior ventura que se possa imaginar, a de confundir meus sentidos com os sentidos, minha embriaguez com a embriaguez, minha alma com a alma de uma companheira que meu coração escolhesse, e de me reproduzir nela e com ela; pelo fato de não poder consagrar minha ação com o selo da utilidade, eu me vedaria um instante necessário e delicioso! Fazemo-nos sangrar na pletora; e que importa a natureza do humor superabundante, e sua cor, e a maneira de se livrar dele? Ele é tão supérfluo em uma dessas indisposições quanto na outra; e se, rebombeado de seus reservatórios, distribuído por toda a máquina, ele se escoar por uma outra via mais longa, mais penosa e perigosa, ficará menos perdido? A natureza não suporta nada de inútil; e como hei de ser culpado por ajudá-la, quando pede meu auxílio pelos sintomas menos equívocos possíveis? Não a provoquemos nunca, mas prestemos-lhe a mão na oportunidade, não vejo na recusa e na ociosidade senão tolice e prazer falhado. Vivei sóbrio, dir-me-ão, extenuai-vos

SENHORITA DE L’ESPINASSE. — Eis uma doutrina que não é boa

para se pregar às crianças.

BORDEU. — Nem aos outros. Entretanto, vós me permitireis uma suposição? Tendes uma filha recatada, muito recatada, inocente, muito inocente; está na idade em que o temperamento se desenvolve. Sua cabeça se perturba, a natureza não a socorre de modo algum: vós me chamais. Percebo de pronto que todos os sintonias que vos atemorizam nascem da superabundância e da retenção do fluido seminal; eu vos advirto que ela está ameaçada de uma loucura que é fácil prevenir, e que às vezes é impossível curar; eu vos indico o remédio. Que fazeis?

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Para dizer a verdade, creio... mas esse caso nunca acontece...

BORDEU. — Não vos enganeis; não é raro e seria freqüente, se a licença dos costumes não o obviasse... Seja como for, seria calcar aos pés toda decência, atrair sobre si as suspeitas mais odiosas, e cometer um crime de lesa-sociedade divulgar tais princípios. Estais devaneando.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Sim, eu me abalançava a perguntar-vos se alguma vez chegastes a precisar fazer semelhante confiança às mães.

BORDEU. — Seguramente.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — E que alvitre adotaram essas mães?

BORDEU. — Todas, sem exceção, o bom alvitre, o sensato... Eu não tiraria, na rua, o meu chapéu ao homem suspeito de praticar minha doutrina; bastar-me-ia que o chamassem de infame. Mas estamos conversando sem testemunhas e sem conseqüências; e eu vos direi de minha filosofia o que Diógenes inteiramente nu dizia ao jovem e pudico ateniense contra o qual ele se preparava para lutar: “Meu filho, nada temas, não sou tão

malvado como aquele ali”.

SENHORITA DE L’ESPINASSE. — Doutor, vejo aonde quereis chegar, e aposto...

BORDEU. — Não aposteis, ganharíeis. Sim, senhorita, é minha opinião.

SENHORITA DE L’ESPINASSE. — Como! quer a gente se encerre na muralha da própria espécie, quer a gente saia?

BORDEU. — É verdade.

SENHORITA DE L’ESPINASSE. — Sois monstruoso.

BORDEU. — Não sou eu, é ou a natureza ou a sociedade. Ouvi, senhorita, não fico impressionado com palavras, e me explico tanto mais livremente quanto sou limpo e quanto a pureza de meus costumes não deixa azo de nenhum lado. Eu vos perguntaria pois, de duas ações igualmente restritas à voluptuosidade, que só podem produzir prazer sem utilidade, mas das quais uma o proporciona apenas a quem a comete e a outra o partilha com um ser similar masculino ou feminino, pois o sexo, no caso, nem tampouco o emprego do sexo nada altera, em favor de qual o senso comum se pronunciaria?

SENHORITA DE L’ESPINASSE. — Essas questões são muito sublimes para mim.

BORDEU. — Ah! depois de ter sido um homem durante quatro minutos, eis que retomais vossa coifa e vossos saiotes, e voltais a ser mulher. Está certo? Pois bem! cumpre tratar-vos como tal... A coisa está decidida... Não se diz mais palavra de Madame du Barry...³ Como vedes, tudo se arruma; julgava-se que a corte ia ficar transtornada. O amo procedeu como homem sensato. *Omne tulit punctum*,⁴ guardou a mulher que lhe dá gosto, e o ministro que lhe é útil... Mas vós não me escutais... Onde estais?

SENHORITA DE L’ESPINASSE. — Estou nessas combinações que

se me afiguram todas contra a natureza.

BORDEU. — Tudo o que existe não pode ser nem contra a natureza, nem fora da natureza; não excetuo sequer a castidade e a continência voluntárias, que seriam os primeiros dos crimes contra a natureza, se se pudesse pecar contra a natureza, e os primeiros dos crimes contra as leis sociais de um país onde fossem pesadas as ações em outra balança que não a do fanatismo e do preconceito.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Volto a vossos malditos silogismos, e não vejo neles qualquer meio-termo, é preciso ou tudo negar ou tudo aceitar... Mas vede, doutor, é mais honesto e mais curto saltar por cima do lamaçal e retornar à minha primeira pergunta: que pensais da mistura das espécies?

BORDEU. — Nada há a saltar para isso; estávamos nela. Vossa pergunta é de física ou de moral?

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — De física, de física.

BORDEU. — Tanto melhor; a questão de moral caminhava à frente, e vós a concluís. Assim, pois...

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — De acordo... sem dúvida é uma preliminar, mas eu gostaria... que separásseis a causa do efeito. Deixemos a causa vil de lado.

BORDEU. — É ordenar-me que comece pelo fim; mas já que o quereis, dir-vos-ei que, graças à nossa pusilanimidade, às nossas repugnâncias, às nossas leis, aos nossos preconceitos, há pouquíssimas experiências feitas;⁵ que se ignoram quais seriam as cópulas inteiramente infrutuosas; os casos em que o útil se reuniria ao agradável; que sorte de espécies se poderia esperar de tentativas variadas e seguidas; se os faunos são reais ou fabulosos; se não se multiplicariam de cem maneiras diversas as raças dos mulos, e se as que conhecemos são verdadeiramente

estéreis. Mas um fato singular, que uma infinidade de pessoas instruídas vos atestará como verídico, e que é falso, é que viram no pátio das criações do arquiduque⁶ infame coelho que servia de galo a uma vintena de galinhas infames, as quais se conformavam com o fato; acrescentarão que viram frangos cobertos de pêlos e originários dessas bestialidades. Acreditai que essa gente foi objeto de zombaria.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Mas o que entendeis por tentativas seguidas?

BORDEU. — Entendendo que a circulação dos seres é gradual, que as assimilações dos seres precisam ser preparadas, e que, para lograr êxito nessa espécie de experiência, cumpriria atacá-las de longe e trabalhar primeiro para aproximar os animais por um regime análogo.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Dificilmente se obrigará um homem a pastar.

BORDEU. — Mas não a tomar com freqüência leite de cabra, e se levará facilmente a cabra a nutrir-se de pão. Escolhi a cabra por considerações que me são particulares.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — E quais são essas considerações?

BORDEU. — Sois bem ousada! É que... é que tiraríamos dela uma raça vigorosa, inteligente, infatigável e veloz, da qual fariamos excelentes domésticos.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Muito bem, doutor. Parece-me que já enxergo, atrás da viatura de vossas duquesas, cinco ou seis grandes e insolentes caprípedes, e isso me rejubila.

BORDEU. — É que não mais degradaríamos nossos irmãos, sujeitando-os a funções indignas deles e de nós.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Ainda melhor.

BORDEU. — E que não reduziríamos mais o homem em nossas colônias à condição de besta de carga.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Não percais tempo, doutor, lançai-vos à tarefa, e fazei-vos caprípedes.

BORDEU. — E vós o permitireis sem escrúpulo?

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Mas, detende-vos, ocorre-me algo; vossos caprípedes seriam desenfreados dissolutos.

BORDEU. — Eu não vos garanti que fossem muito morais.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Não haverá mais segurança para as mulheres honestas, eles se multiplicarão sem fim, com o tempo será preciso matá-los a pancada ou obedecer-lhes. Não os quero mais, não os quero mais. Mantende-vos sossegado.

BORDEU. — *(Indo-se embora.)* E a questão do batismo deles?

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Armaria um belo charivari na Sorbonne.

BORDEU. — Vistes no Jardim do Rei, sob uma jaula de vidro, um orangotango com o ar de um São João que prega no deserto?

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Sim, eu o vi.

BORDEU. — O Cardeal de Polignac⁷ lhe dizia um dia: “Fala, que eu te batizo”.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Adeus então, doutor; não nos abandoneis por séculos, como costumais proceder, e pensai às vezes que eu vos amo até a loucura. Se alguém soubesse os horrores que me contastes?

BORDEU. — Estou certo de que haveis de calá-los.

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Não vos fieis nisso, eu só ouço pelo prazer de repetir. Mas uma palavra ainda, e em minha vida jamais voltarei ao assunto.

BORDEU. — O que é?

SENHORITA DE L'ESPINASSE. — Esses gostos abomináveis, de

onde provêm eles?

BORDEU. — Em toda parte, de uma pobreza de organização das pessoas jovens, e da corrupção da cabeça nos velhos; da atração pela beleza em Atenas, da falta de mulheres em Roma, do medo da varíola em Paris. Adeus, adeus.

Notas

¹ *Arte Poética*, v. 343: Quem mistura o útil ao agradável obtém todos os votos.

² V. Horácio, *Sátiras*, 1-2, v. 31 e ss.

³ A favorita de Luís XV não fazia mistério de sua antipatia ao ministro Choiseul, ao qual o texto faz referência abaixo.

⁴ Cf. supra, nota 1.

⁵ Eram poucas as experiências de hibridação feitas até então.

⁶ Carlos Alexandre de Lorena, irmão do Imperador Francisco I, que se dedicara a pesquisas de ciências naturais e fundou a Academia de Ciências de Bruxelas.

⁷ Escritor e diplomata (1661-1741), cartesiano zeloso.

SUPLEMENTO À VIAGEM DE BOUGAINVILLE¹ OU DIÁLOGO ENTRE A E B

SOBRE O INCONVENIENTE DE ATRIBUIR IDÉIAS MORAIS A CERTAS AÇÕES FÍSICAS QUE NÃO AS COMPORTAM

Tradução e notas de **J. Guinsburg**

¹ Louis-Antoine de Bougainville (1729-1814), matemático, advogado, militar, serviu como diplomata em Londres e acompanhou Montcalm ao Canadá. Posteriormente, ingressou na marinha, obtendo autorização para fundar uma colônia nas ilhas Falkland. Entre 1766 e 1769, empreendeu a viagem que o celebrou e que o levou ao Taiti. O relato dessa exploração, sob o título de *Viagem em Torno do Mundo*, foi publicado em 1771, alcançando grande êxito. Bougainville, que participou ainda da Guerra da Independência americana, foi membro do Instituto de França, e Napoleão o fez senador e conde.

O *Suplemento* foi escrito no ano seguinte ao do aparecimento da *Viagem*, mas só foi impresso em 1796. Nesta encantadora e maliciosa apologia do estado natural, poder-se-ia ver um produto da escola rousseauiana, da teoria do bom selvagem, se tomada em si mesma. Mas, vista à luz de um pensamento que inclui, por exemplo, o *Ensaio sobre os Reinados de Cláudio e Nero*, onde são enaltecidos benefícios da civilização, surge como um elemento, um pólo, de uma dialética do homem, que colhe na análise paradoxal as componentes de seu processamento.

*At quanto meliora monet, pugnantiæque istis,
Dives opis Natura suae, tu si modo recte
Dispensare velis, ac non fugienda petendis
Immiscere! Tuo vitio rerumne labores,
Nil referre putas?*

“Ah! quão melhores, quão opostos a tais princípios
são os avisos da natureza, bastante rica em seu próprio fundo,
se apenas quiseses bem dispensar os seus recursos
e não misturar junto o que se deve fugir e o que se deve procurar.
Crês que seja indiferente que sofras por tua culpa ou pela culpa das coisas?”

(Horácio, *Sát.*, liv. I, sát. 11. v. 73 e ss.)

I

Julgamento da Viagem de Bougainville

A. — Esta soberba abóbada estrelada, sob a qual retornamos ontem, e que nos parecia garantir um belo dia, não nos manteve a palavra.

B. — Como sabeis disso?

A. — O nevoeiro é tão espesso que nos rouba a visão das árvores vizinhas.

B. — É verdade. Mas se esse nevoeiro, que permanece na parte inferior da atmosfera apenas porque ela está suficientemente carregada de umidade, tornar a descer sobre a terra?

A. — Mas se, ao contrário, atravessar a esponja, elevar-se e ganhar a região superior onde o ar é menos denso, e pode, como dizem os químicos, não estar saturado?

B. — É preciso esperar.

A. — Entrementes, o que fazeis?

B. — Leio.

A. — Ainda essa viagem de Bougainville?

B. — Ainda.

A. — Não entendo esse homem. O estudo das matemáticas, que supõe uma vida sedentária, preencheu o tempo de seus jovens anos; e eis que passa subitamente de uma condição meditativa e retirada ao mister ativo, penoso, errante e dissipado de viajante.

B. — De modo algum. Se o navio é apenas uma casa

flutuante, e se considerais o navegador que atravessa espaços imensos, encerrado e imóvel num recinto bastante estreito, vós o vereis dando a volta do globo sobre uma tábua, como vós e eu damos a volta do universo sobre vosso assoalho.

A. — Outra extravagância aparente é a contradição entre o caráter do homem e de sua empresa. Bougainville tem o gosto dos divertimentos da sociedade; ama as mulheres,² os espetáculos, os repastos delicados; presta-se ao turbilhão do mundo com tão boa graça quanto às inconstâncias do elemento sobre o qual foi balouçado. É amável e jovial: é um verdadeiro francês lastrado, de um bordo, de um tratado de cálculo diferencial e integral, e de outro, de uma viagem à volta do globo.

B. — Ele procede como todo mundo: dissipa-se depois de aplicar-se, e aplica-se depois de dissipar-se.

A. — Que pensais de sua *Viagem*?

B. — Do que posso julgar de uma leitura assaz superficial, citaria a vantagem de três pontos principais: melhor conhecimento de nosso velho domicílio e de seus habitantes; mais segurança nos mares que ele percorreu de sonda na mão, e mais correção em nossos mapas geográficos. Bougainville partiu com as luzes necessárias e as qualidades próprias a seus intentos: filosofia, coragem e veracidade; um golpe de vista rápido que apreende as coisas e abrevia o tempo das observações; circumspecção, paciência; o desejo de ver, de esclarecer-se e de instruir-se; a ciência do cálculo, das mecânicas, da geometria, da astronomia; e uma tintura suficiente de história natural.

A. — E seu estilo?

B. — Sem afetação; o tom da coisa, simplicidade e clareza, sobretudo quando se possui a linguagem dos marinheiros.

A. — Seu curso foi longo?

B. — Tracei-o sobre este globo.³ Estais vendo esta linha de pontos vermelhos?

A. — Que parte de Nantes?

B. — E corre até o estreito de Magalhães, entra no oceano Pacífico, serpenteia entre essas ilhas que formam o imenso arquipélago que se estende das Filipinas à Nova Holanda, roça Madagáscar e o cabo da Boa Esperança, prolonga-se até o Atlântico, segue as costas da África, e une uma de suas extremidades àquela de onde o navegador embarcou.

A. — E ele sofreu muito?

B. — Todo navegador expõe-se, e aceita expor-se aos perigos do ar, do fogo, da terra e da água: mas que, após errar meses inteiros entre o mar e o céu, entre a morte e a vida; após ser fustigado por tempestades, ameaçado de perecer por naufrágio, por doença, por falta de água e de pão, um infortunado venha, com a embarcação destrozada, cair, expirando de fadiga e de miséria, aos pés de um monstro de bronze que lhe recusa ou o faz esperar impiedosamente os socorros mais urgentes, é uma dureza...⁴

A. — Um crime digno de castigo.

B. — Uma dessas calamidades com a qual o viajante não contou.

A. — E não devia contar. Eu acreditava que as potências européias só enviassem, para comandantes em suas possessões ultramarinas, almas honestas, homens benfazejos, indivíduos cheios de humanidade, e capazes de compadecer-se...

B. — É bem o que as preocupa!

A. — Há coisas singulares nessa viagem de Bougainville.

B. — Muitas.

A. — Não assegura ele que os animais selvagens se

aproximam do homem, e que os pássaros vêm pousar nele,⁵ quando ignoram o perigo de semelhante familiaridade?

B. — Outros o disseram antes.

A. — Como explica ele a estada de certos animais em ilhas separadas de qualquer continente por intervalos aterradores de mar? Quem levou lá o lobo, a raposa, o cão, o cervo, a serpente?

B. — Ele não explica nada; atesta o fato.

A. — E vós, como o explicais?

B. — Quem conhece a história primitiva de nosso globo? Quantos espaços de terra, agora isolados, eram outrora contínuos? O único fenômeno, sobre o qual se poderia fazer alguma conjectura, é a direção da massa de água que os separou.

A. — Como assim?

B. — Pela forma geral dos arrancamentos.⁶ Qualquer dia nos divertiremos com essa pesquisa, se isso vos convier. Por enquanto, estais vendo esta ilha que chamam dos *Lanceiros*?⁷ À inspeção do lugar que ela ocupa no globo, não há quem não pergunte quem é que instalou aí homens? que comunicação os ligava outrora com o resto de sua espécie? o que acontecerá com eles quando se multiplicarem em um espaço que não conta mais do que uma légua de diâmetro?

A. — Eles se exterminam e se devoram; e daí talvez uma primeira época muito antiga e muito natural da antropofagia, insular de origem.

B. — Ou a multiplicação é nela limitada por alguma lei supersticiosa; a criança é esmagada no seio da mãe que é calcada aos pés de uma sacerdotisa.⁸

A. — Ou o homem degolado expira sob a adaga de um sacerdote; ou se recorre à castração dos machos...

B. — À infibulação das fêmeas; e daí tantas práticas de uma

crueldade necessária e extravagante, cuja causa se perdeu na noite dos tempos e que tortura os filósofos. Uma observação assaz constante é que as instituições sobrenaturais e divinas se fortalecem e se eternizam, transformando-se, com o tempo, em leis civis e nacionais; e que as instituições civis e nacionais se consagram, e degeneram em preceitos sobrenaturais e divinos.

A. — É uma das palingenias mais funestas.

B. — Um fio a mais que juntamos ao laço com que nos apertam.

A. — Não se encontrava ele no Paraguai no momento mesmo da expulsão dos jesuítas?⁹

B. — Sim.

A. — O que diz a respeito?

B. — Menos do que poderia dizer, mas o bastante para nos informar que esses cruéis espartanos de hábito negro procediam, com seus escravos índios, como os lacedemônios com os hilotas; condenaram-nos a um trabalho assíduo; bebiam-lhes o suor, não lhes deixaram nenhum direito de propriedade; mantinham-nos no embrutecimento da superstição; exigiam-lhes profunda veneração; caminhavam no meio deles de chicote na mão, e os açoitavam sem distinção de idade e de sexo. Um século mais, e a expulsão tornar-se-ia impossível, ou motivo de longa guerra entre os monges e o soberano, cuja autoridade eles haviam sacudido pouco a pouco.

A. — E esses patagões, a respeito dos quais o Doutor Maty e o acadêmico La Condamine fizeram tanto barulho?¹⁰

B. — São boas gentes que vêm a vós, e que vos abraçam gritando *Chaua*; fortes, vigorosos, quase não excedendo todavia a altura de cinco pés e cinco a seis polegadas; não apresentando nada de enorme, exceto a corpulência, a grossura da cabeça, e a espessura dos membros.

Nascido com o gosto do maravilhoso, que exagera tudo em redor de si, como deixaria o homem uma justa proporção aos objetos, quando tem, por assim dizer, de justificar o caminho que percorreu, e o trabalho a que se deu para ir vê-los de tão longe?

A. — E do selvagem, o que pensa dele?

B. — É, ao que parece, à defesa diária contra os animais, que o mesmo deve o caráter cruel que se lhe observa às vezes. É inocente e doce, em toda parte onde nada lhe perturba o repouso e a segurança. Toda guerra nasce da pretensão comum à mesma propriedade. O homem civilizado tem uma pretensão comum, com o homem civilizado, à posse de um campo de que ambos ocupam as duas extremidades; e esse campo converte-se em motivo de disputa entre eles.

A. — E o tigre tem uma pretensão comum, com o homem selvagem, à posse de uma floresta; e é a primeira das pretensões, e a causa da mais antiga das guerras... Vistes o taitiano que Bougainville prendeu a bordo e transportou a este país?

B. — Eu o vi; chamava-se Aoturu.¹¹ A primeira terra que avistou, ele a tomou pela pátria dos viajantes; seja porque o tivessem iludido sobre o comprimento da viagem; seja porque, enganado naturalmente pela pouca distância aparente das bordas do mar que habitava, no lugar onde o céu parece confinar com o horizonte, ignorasse a verdadeira extensão da Terra. O uso comum das mulheres estava tão bem estabelecido em seu espírito, que se atirou sobre a primeira européia que veio a seu encontro, e se dispunha seriamente a fazer-lhe a cortesia do Taiti. Aborrecia-se entre nós. Como o alfabeto taitiano não tem *b*, nem *c*, nem *d*, nem *f* nem *g*, nem *q*, nem *y*, nem *ç*, nem *z*, nunca conseguiu aprender a falar nossa língua, que oferecia a seus órgãos inflexíveis demasiadas articulações estranhas e sons novos, não cessava de

suspirar por seu país, e isso não me espanta. A viagem de Bougainville é a única que me deu gosto por um outro país que não o meu; até esta leitura, pensei que em parte alguma a gente estivesse tão bem como em casa; resultado que eu julgava igual para cada habitante da Terra; efeito natural da atração do solo; atração que se deve às comodidades de que gozamos e as quais não temos a mesma certeza de encontrar alhures.

A. — O quê! não achais o habitante de Paris tão convencido de que cresçam espigas na campanha de Roma, assim como nos campos da Beauce?¹²

B. — Por minha fé, não. Bougainville enviou de volta Aoturu, depois de providenciar as despesas e a segurança de seu regresso.¹³

A. — Ó Aoturu! como ficarás contente de rever teu pai, tua mãe, teus irmãos, tuas irmãs, tuas amantes, teus compatriotas, o que lhes dirás de nós?

B. — Poucas coisas, e em que eles não acreditarão.

A. — Por que poucas coisas?

B. — Porque compreendeu poucas, e porque não descobrirá em sua língua nenhum termo correspondente àquelas de que tem algumas idéias.

A. — E por que não acreditarão nele?

B. — Porque, comparando seus costumes aos nossos, preferirão tomar Aoturu por mentiroso, a nos supor tão loucos.

A. — Em verdade?

B. — Eu não duvido: a vida selvagem é tão simples, e nossas sociedades são máquinas tão complicadas! O taitiano está próximo da origem do mundo, e o europeu, da sua velhice. O intervalo que o separa de nós é maior que a distância entre a criança recém-nascida e o homem decrépito. Ele nada entende de

nossos usos, de nossas leis, ou então os vê somente como entraves disfarçados sob cem formas diversas; entraves capazes apenas de provocar a indignação e o desprezo de um ser em quem o sentimento da liberdade é o mais profundo dos sentimentos.

A. — É isso que traríeis na fábula do Taiti?

B. — Não é uma fábula; e não alimentaríeis a menor dúvida sobre a sinceridade de Bougainville, se conhecêsseis o suplemento de sua viagem.

A. — E onde se pode encontrar o mencionado suplemento?

B. — Ali, sobre a mesa.

A. — Acaso poderíeis confiá-lo a mim?

B. — Não, mas podemos percorrê-lo juntos, se quizerdes.

A. — Seguramente que sim. Eis o nevoeiro que torna a descer, e o azul do céu que começa a surgir. Parece que meu quinhão é o de errar convosco até nas menores coisas; devo ser bastante bom para perdoar-vos uma superioridade tão contínua.

B. — Tomai, tomai, lede: passai esse preâmbulo que não significa nada. e ide diretamente aos adeuses que um dos chefes da ilha deu aos nossos viajantes. Isso vos proporcionará alguma noção da eloquência daquela gente.

A. — Como é que Bougainville compreendeu tais adeuses pronunciados em uma língua que ignorava?

B. — Ireis sabê-lo. É um velho quem fala.

II

Os Adeuses do Ancião

Era pai de numerosa família.¹⁴ A chegada dos europeus, deixou cair olhares de desdém sobre eles, sem expressar espanto, nem medo, nem curiosidade. Abordaram-no; ele volveu-lhes as

costas, retirou-se para sua cabana. Seu silêncio e seu cuidado revelavam muito bem seu pensamento: gemia, no íntimo, sobre os belos dias de seu país, eclipsados. À partida de Bougainville, quando os habitantes acorriam em multidão à margem, agarravam-se ao vestuário dele, apertavam seus camaradas entre os braços, e choravam, o velho avançou com ar severo e disse:

“Chorai, infelizes taitianos! chorai; mas que seja pela chegada, e não pela partida desses homens ambiciosos e malvados: um dia, vós os conhecereis melhor. Um dia, voltarão, com o pedaço de madeira que vedes preso na cintura deste, em uma mão, e com o ferro que pende à ilharga daquele, em outra, para vos encadear, vos degolar, ou vos sujeitar às suas extravagâncias e a seus vícios; um dia servireis às ordens deles, tão corrompidos, tão vis, tão infelizes como eles. Mas eu me consolo; toco ao fim de minha carreira; e a calamidade que vos anuncio, eu não a verei. Ó taitianos! meus amigos! haveria um meio de escapardes a um funesto porvir; mas preferiria antes morrer a vô-lo aconselhar. Que eles se afastem, e que vivam”.

Depois, dirigindo-se a Bougainville, acrescentou: “E tu, chefe dos bandidos que te obedecem, afasta prontamente teu navio de nossa costa: nós somos inocentes, nós somos felizes; e tu só podes prejudicar nossa felicidade. Nós seguimos o puro instinto da natureza; e tu tentaste expungir de nossas almas seu caráter. Aqui tudo é de todos; e tu nos pregaste não sei que distinção entre o teu e o meu. Nossas filhas e nossas mulheres nos são comuns; tu partilhaste esse privilégio conosco; e tu vieste acender nelas furores desconhecidos. Elas se tornaram loucas em teus braços; e tu te tornaste feroz entre os delas. Elas começaram a odiar-se; vós vos degolastes por elas; e elas voltaram a nós manchadas de vosso sangue. Nós somos livres; e eis que tu fincaste em nosso solo o

título de nossa futura escravidão. Tu não és nem deus, nem demônio: quem és então, para fazer escravos? Oru! tu que entendes a língua desses homens aí, dize a todos nós, como disseste a mim, o que eles escreveram nesta lâmina de metal: ‘Este país é nosso.’¹⁵ Este país é teu! E por quê? Porque puseste o pé nele? Se um taitiano desembarcasse um dia em vossas costas, e se gravasse numa de vossas pedras ou na casca de uma de vossas árvores: ‘Este país é dos habitantes do Taiti’, o que acharias? Tu és o mais forte! E o que tem isso? Quando te tiraram uma das desprezíveis bagatelas de que tua embarcação está cheia, bradaste, te vingaste; e no mesmo instante projetaste, no fundo de teu coração, o roubo de todo um país. Tu não és escravo: prefererias a morte a sê-lo, e queres nos assujeitar. Crês portanto que o taitiano não sabe defender sua liberdade e morrer? Aquele de quem queres te apoderar como de um bruto, o taitiano, é teu irmão. Vós sois dois filhos da natureza; que direito tens tu sobre ele que ele não tenha sobre ti? Tu vieste; nós nos atiramos sobre tua pessoa? Pilhamos o teu navio? Nós te prendemos e te expusemos às flechas de nossos inimigos? Nós te associamos em nossos campos ao trabalho de nossos animais? Nós respeitamos nossa imagem em ti. Deixa-nos os nossos costumes; são mais sábios e mais honestos que os teus; nós não queremos trocar o que chamas nossa ignorância por tuas inúteis luzes. Tudo o que nos é necessário e bom, nós o possuímos. Somos nós dignos de desprezo, porque não soubemos criar para nós necessidades supérfluas? Quando temos fome, temos o que comer; quando temos frio, temos com que nos vestir. Tu entraste em nossas cabanas, o que faltava nelas, em tua opinião? Persegue até onde quiseses isso que denominas comodidades da vida; mas permite a seres sensatos que se detenham, quando não teriam a obter, da

continuação de seus penosos esforços, senão bens imaginários. Se nos persuades a transpor o estreito limite da necessidade, quando findaremos de trabalhar? Quando fruiremos? Nós tornamos a soma de nossas fadigas anuais e diárias menor possível, porque nada nos parece preferível ao repouso. Vai a teu país te agitar, te atormentar quanto quiseses; deixa-nos descansar: não nos metas na cabeça nem tuas necessidades factícias, nem tuas virtudes quiméricas. Observa esses homens; vê como são eretos, sadios e robustos.¹⁶ Observa essas mulheres; vê como são eretas, sadias, frescas e belas. Toma este arco, é o meu; chama em tua ajuda um, dois, três, quatro de teus camaradas, e tenta distendê-lo. Eu o distendo sozinho. Eu lavro a terra; escalo a montanha; atravesso a floresta; percorro uma légua da planície em menos de uma hora. Teus jovens companheiros tiveram dificuldade em me acompanhar; e eu tenho oitenta anos passados. Ai desta ilha! ai dos taitianos presentes, e de todos os taitianos vindouros, desde o dia em que tu nos visitaste! Nós não conhecíamos senão uma doença: aquela à qual o homem, o animal e a planta foram condenados, a velhice; e tu nos trouxeste outra: infectaste nosso sangue.¹⁷ Teremos talvez de exterminar com nossas próprias mãos nossas filhas, nossas mulheres, nossas crianças; os que se aproximaram de tuas mulheres; as que se aproximaram de teus homens. Nossos campos serão molhados com o sangue impuro que passou de tuas veias às nossas; ou nossos filhos, condenados a nutrir e a perpetuar o mal que passaste aos pais e às mães, e que transmitirão para sempre a seus descendentes. Infelizes! Tu serás culpado, ou das devastações que se seguirão às funestas carícias dos teus, ou dos assassinios que cometeremos para sustar-lhes o veneno. Tu falas de crime! tens idéia de outro crime maior do que o teu? Qual é entre os teus o castigo de quem mata o

vizinho? A morte pelo ferro. Qual é entre os teus o castigo do covarde que o envenena? A morte pelo fogo: compara teu crime a este último; e dize-nos, envenenador de nações, o suplício que mereces. Há apenas um momento, a jovem taitiana se abandonava aos transportes, aos abraços do jovem taitiano; esperava com impaciência que a mãe (autorizada pela idade núbil) lhe erguesse o véu e lhe pusesse a nu o colo. Ela sentia-se orgulhosa por excitar os desejos, e por atrair os olhares amorosos do desconhecido, de seus parentes, de seu irmão; aceitava sem terror e sem vergonha, em nossa presença, em meio de um círculo de inocentes taitianos, ao som das flautas, entre as danças, as carícias daquele que seu jovem coração e a voz secreta de seus sentidos lhe designavam. A idéia de crime e o perigo da moléstia entraram contigo entre nós. Nossos gozos, outrora tão doces, são acompanhados de remorsos e de horror. Esse homem negro, que está perto de ti, que me escuta, falou a nossos rapazes; não sei o que disse a nossas filhas; mas nossos rapazes hesitam; mas nossas filhas enrubescem. Embrenha-te, se quiseres, na floresta escura na companhia perversa de teus prazeres; mas concede aos bons e simples taitianos que se reproduzam sem pejo, à face do céu e à plena luz. Que sentimento mais honesto e mais grandioso poderias colocar no lugar daquele que nós lhes inspiramos, e que os anima? Eles pensam que o momento de enriquecer a nação e a família com um novo cidadão é chegado, e se glorificam com isso. Eles comem para viver e crescer; eles crescem para multiplicar-se, e não vêem nisso nem vício, nem vergonha. Escuta a série de tuas perversidades. Apenas te mostraste entre eles, e eles tornaram-se ladrões. Apenas desceste em nossa terra e ela fumegou de sangue. O taitiano que correu a teu encontro, que te acolheu, que te recebeu gritando: *Taio! amigo, amigo*, tu o mataste. E por que o

mataste? Porque ele fora seduzido pelo brilho de teus pequenos ovos de serpente. Ele te dava seus frutos; ele te oferecia sua mulher e sua filha; ele te cedia sua cabana: e tu o mataste por um punhado desses grãos, que ele apanhava sem te perguntar. E este povo? Ao fragor de tua arma mortífera, o terror se apoderou dele; e ele se refugiou na montanha.¹⁸ Mas crê que não tardaria descer; crê que num instante, sem mim, teríeis perecido todos. Ah! por que os aplaquei? Por que os contive? Por que os contendo ainda neste momento? Eu o ignoro; pois não mereces nenhum sentimento de piedade; pois tens uma alma feroz que não a experimenta nunca. Tu passeaste, tu e os teus, em nossa ilha; tu foste respeitado; tu desfrutaste de tudo; tu não deparaste em teu caminho nem barreira, nem recusa: convidavam-te; tu te assentavas; desdobravam à tua frente a abundância do país. Quiseste as nossas jovens? Exceto as que não dispõem ainda do privilégio de exhibir o rosto e o colo, as mães te apresentaram as outras totalmente nuas; eis-te possessor da tenra vítima do dever hospitaleiro; juncou-se, para ela e para ti, a terra de folhas e de flores; os músicos afinaram seus instrumentos; nada perturbou a doçura, nem estorvou a liberdade de tuas carícias, nem das delas. Cantou-se o hino, o hino que te exortava a ser homem, que exortava nossa filha a ser mulher, e mulher complacente e voluptuosa. Dançou-se em redor de teu leito; e foi ao sair dos braços dessa mulher, após ter provado sobre o seio dela a mais doce ebriedade, que lhe mataste o irmão, o amigo, o pai, talvez. Agiste pior ainda; observa por esse lado; vê esse contorno eriçado de flechas; essas armas que só haviam ameaçados nossos inimigos, vê como estão voltadas contra nossos próprios filhos: vê as desgraçadas companheiras de nossos prazeres; vê a tristeza delas; vê a dor de seus pais; vê o desespero de suas mães: é aí que

se acham condenadas a perecer ou por nossas mãos, ou pelo mal que lhes deste. Afasta-te, a menos que teus olhos cruéis se comprazam com espetáculos de morte: afasta-te; vai, e possam os mares culpados, que te pouparam em tua viagem, absorver-te. e nos vingar, engolindo-te antes de teu retorno! E vós, taitianos, reentrai em vossas cabanas, reentrai todos; e que estes indignos estrangeiros não ouçam à sua partida senão a onda que muge, e não vejam senão a espuma com que seu furor embranquece a margem deserta!”

Antes que terminasse, a multidão dos habitantes desapareceu: um vasto silêncio reinou em toda a extensão da ilha; e não se ouvia senão o silvo agudo dos ventos e o rumor surdo das águas em todo o comprimento da costa: dir-se-ia que o ar e o mar, sensíveis à voz do ancião, dispunham-se a obedecer-lhe.

B. — Pois bem, o que pensais disso?

A. — O discurso me parece veemente; mas através de não sei que de abrupto e selvagem, se me afigura reencontrar nele idéias e construções européias.

B. — Pensai, no entanto, que se trata de uma tradução do taitiano em espanhol, e do espanhol em francês. O velho fora, à noite, à casa desse Oru, por ele interpelado, e em cuja choupana o uso da língua espanhola conservara-se desde tempos imemoriais.¹⁹ Oru escreveu em espanhol a arenga do ancião, e Bougainville tinha uma cópia à mão, enquanto o taitiano a pronunciava.

A. — Não vejo muito bem, agora, por que Bougainville suprimiu esse fragmento; mas não é tudo; e minha curiosidade pelo resto não é ligeira.

B. — O que segue, quiçá, vos interessará menos.

A. — Não importa.

B. — É um colóquio do capelão da equipagem com um

habitante da ilha.

A. — Oru?

B. — Ele mesmo. Quando o navio de Bougainville acercou-se do Taiti, um número infinito de árvores escavadas foram lançadas às águas; num instante sua embarcação foi cercada; para qualquer lado que volvesse o olhar, via demonstrações de surpresa e benevolência. Jogavam-lhe provisões; estendiam-lhe os braços; agarravam-se às cordas; guindavam-se contra as pranchas; enchiam a chalupa; gritavam para a margem, de onde os gritos eram respondidos; os habitantes da ilha acorriam; ei-los todos em terra: apoderam-se dos homens da tripulação; partilham-nos; cada um conduz o seu à sua cabana: os homens seguravam-nos sobraçados pelo meio do corpo; as mulheres afagavam-lhes as faces com as mãos. Colocai-vos lá; sede testemunha, pelo pensamento, desse espetáculo de hospitalidade; e dizei-me como achais a espécie humana.

A. — Muito bela.

B. — Mas eu esqueceria talvez de vos falar de um acontecimento assaz singular. Essa cena de benevolência e humanidade foi perturbada de repente pelos gritos de um homem que pedia socorro; era o criado de um dos oficiais de Bougainville. Jovens taitianos tinham-se atirado sobre ele, haviam-no derrubado no chão, despido e dispunham-se a fazer-lhe a civilidade.

A. — O quê! esses povos tão simples, esses selvagens tão bons, tão honestos?...

B. — Vós vos enganais; o referido criado era mulher disfarçada de homem. Ignorada pela equipagem inteira, durante todo o decurso de uma longa travessia, os taitianos adivinharam-lhe o sexo ao primeiro relance. Nascera na Borgonha; chamava-se

Barré; nem feia, nem bonita, contava vinte e seis anos. Nunca saíra de seu povoado; e seu primeiro pensamento de viagem foi o de dar a volta do globo: ela mostrou sempre sabedoria e coragem.

A. — Essas frágeis máquinas encerram às vezes almas bem fortes.

III

Diálogo do Capelão e de Oru

B. — Na divisão que os taitianos fizeram da tripulação de Bougainville, o capelão ²⁰ veio a ser o quinhão de Oru. O capelão e o taitiano eram quase da mesma idade, trinta e cinco a trinta e seis anos. Oru possuía então apenas a mulher e três filhas chamadas Asto, Palli e Thia. Elas o despiram, lavaram-lhe o rosto, as mãos e os pés, e serviram-lhe uma refeição sadia e frugal. Quando estava a ponto de deitar-se, Oru, que se ausentara com a família, reapareceu, apresentou-lhe a mulher e as três filhas nuas,²¹ e disse-lhe:

— Ceaste, és jovem, tens saúde; se dormires só, dormirás mal; o homem precisa à noite de uma companheira a seu lado. Eis minha mulher, eis minhas filhas: escolhe a que te convém; mas se queres fazer-me um favor, darás preferência à mais jovem de minhas filhas, que não teve ainda filhos.

A mãe acrescentou: — Infelizmente! não devo me queixar disso; a pobre Thia! não é culpa dela.

O capelão respondeu que sua religião, sua condição, os bons costumes e a honestidade não lhe permitiam aceitar tais ofertas.

Oru replicou:

— Não sei o que é a coisa que chamas religião, mas só posso pensar mal dela, visto que te impede de apreciar um prazer

inocente, ao qual a natureza, a soberana senhora, nos convida a todos; de dar existência a um de teus semelhantes; de prestar um serviço que o pai, a mãe e os filhos te pedem; de te desobrigar para com um hospedeiro que te dispensou boa acolhida, e de enriquecer uma nação, aumentando-a com um indivíduo a mais. Não sei o que é a coisa que chamas condição; mas teu primeiro dever é de ser homem e ser grato. Não te proponho de modo algum que transportes a teu país os costumes de Oru; mas Oru, teu hóspede e teu amigo, te suplica que te prestes aos costumes do Taiti. Os costumes do Taiti são melhores ou piores do que os vossos? É uma questão fácil de decidir. A terra onde nasceste tem mais homens do que pode nutrir? Neste caso. teus costumes não são nem piores, nem melhores que os nossos. Pode ela nutrir mais do que tem? Então nossos costumes são melhores do que os teus. Quanto à honestidade que me objetas, eu te compreendo; confesso que estou errado; e te peço por isso perdão. Não exijo que prejudiques tua saúde; se estás fatigado, cumpre que descanses; mas espero que não continuarás a nos contristar. Eis a inquietação que espalhaste em todos esses rostos: temem que hajas notado neles quaisquer defeitos que atraíam teu desdém. Mas ainda que assim fosse, o prazer de honrar uma de minhas filhas, entre suas companheiras e suas irmãs, e de praticar uma boa ação, não te bastaria? Sê generoso!

CAPELÃO. — Não é isso: elas são todas as quatro igualmente belas; mas minha religião! minha condição!

ORU. — Elas me pertencem e eu tas ofereço: elas se pertencem, e elas se entregam a ti. Qualquer que seja a pureza de consciência que a coisa *religião*²² e a coisa *condição* te prescrevam, podes aceitá-las sem escrúpulos. Não abuso absolutamente de minha autoridade; e estejas seguro que conheço e que respeito os

direitos das pessoas.

Aqui, o sincero capelão concorda que a Providência nunca o expusera a tentação tão premente. Era jovem; debatia-se, atormentava-se; desviava os olhares das amáveis suplicantes; volvia-os sobre elas; alçava as mãos e os olhos ao céu. Thia, a mais jovem, abraçava-lhe os joelhos e dizia-lhe: — Estrangeiro, não aflijas meu pai, não aflijas minha mãe, não me aflijas! Honra-me na cabana e entre os meus; eleva-me ao grau de minhas irmãs, que zombam de mim. Asto, a mais velha, já tem três filhos; Palli, a segunda, tem dois, e Thia não tem nenhum! Estrangeiro, honesto estrangeiro, não me repilas! Torna-me mãe, faze-me um filho que um dia eu possa passear pela mão, ao meu lado, no Taiti; que se veja dentro de nove meses preso ao meu seio; do qual eu me sinta orgulhosa, e que faça parte de meu dote, quando eu passar da cabana de meu pai a outra. Serei talvez mais afortunada contigo do que com os nossos jovens taitianos. Se me concederes esse favor, nunca mais te esquecerei; eu te abençoarei por toda minha vida; escreverei teu nome em meu braço e no de teu filho; pronunciar-lo-emos incessantemente com alegria; e, quando deixares esta plaga, meus votos te acompanharão sobre os mares até que tenhas chegado a teu país.

O ingênuo capelão diz que ela lhe apertava as mãos, que fixava em seus olhos miradas tão expressivas e tão tocantes; que chorava; que o pai, a mãe e as irmãs se distanciaram; que ficou só com ela, e que dizendo, “Mas a minha religião, mas a minha condição”, viu-se no dia seguinte deitado ao lado daquela jovem, que o cumulava de carícias, e que convidara o pai, a mãe e as irmãs, quando se aproximaram do leito pela manhã, a juntar seu reconhecimento ao dela.

Asto e Palli, que se haviam afastado, voltaram com os pratos

do país, com bebidas e frutas: abraçavam a irmã e faziam votos por ela. Desjejuaram, todos juntos; em seguida Oru ficou só com o capelão e lhe disse:

— Vejo que minha filha está contente contigo; e eu te agradeço. Mas poderias informar-me o que vem a ser a palavra religião, que repetiste tantas vezes, e com tanta dor?

O capelão, depois de devanear por um momento, respondeu:

— Quem fez tua cabana e os utensílios que a mobiliam?

ORU. — Fui eu.

CAPELÃO. — Pois bem! nós cremos que este mundo e o que ele encerra foi obra de um obreiro.

ORU. — Ele tem portanto pés, mãos e cabeça?

CAPELÃO. — Não.

ORU. — Onde é que ele tem sua morada?

CAPELÃO. — Em toda parte.

ORU. — Aqui mesmo!

CAPELÃO. — Aqui.

ORU. — Nós nunca o vimos.

CAPELÃO. — Ele não é visto.

ORU. — Ai está um pai bastante indiferente! Deve ser velho; pois conta ao menos a idade de sua obra.

CAPELÃO. — Nunca envelhece; ele falou a nossos antepassados; deu-lhes leis; prescreveu-lhes a maneira segundo a qual queria ser honrado; ordenou-lhes certas ações, como boas; vedou-lhes outras, como más.

ORU. — Entendo; e uma dessas ações que ele lhes vedou como má é a de dormir com uma mulher e uma moça? Por que então criou dois sexos?

CAPELÃO. — Para se unirem; mas com certas condições requeridas, após certas cerimônias prévias, em consequência das

quais um homem pertence a uma mulher, e só pertence a ela; uma mulher pertence a um homem, e só pertence a ele.

ORU. — Para toda a vida?

CAPELÃO. — Para toda a vida.

ORU. — De modo que, se acontecesse a uma mulher dormir com outro além do marido, ou a um marido de dormir com outra além da mulher... mas isso nunca acontece, pois, uma vez que está presente, e que isso lhe desapraz, sabe como impedi-los.

CAPELÃO. — Não; ele os deixa fazer; e eles pecam contra a lei de Deus (pois é assim que chamamos o grande obreiro), contra a lei do país; e cometem um crime.

ORU. — Eu ficaria desolado em te ofender com meus discursos; mas se mo permitisses, eu te diria minha opinião.

CAPELÃO. — Fala.

ORU. — Esses preceitos singulares, eu os acho opostos à natureza e contrários à razão; feitos para multiplicar os crimes, para irritar a todo momento o velho obreiro, que fez tudo sem mãos, sem cabeça e sem instrumentos; que está em toda parte, e que não está à vista em parte alguma; que dura hoje e amanhã, e que não tem um dia a mais; que comanda e que não é obedecido; que pode impedir, e que não impede. Contrários à natureza, porque supõem que um ser pensante, sensível e livre, pode ser propriedade de um ser semelhante a ele. Em que estaria fundado tal direito? Não vês que confundiram, em teu país, a coisa que não tem sensibilidade, nem pensamento, nem desejo, nem vontade; que se larga, que se toma, que se guarda, que se troca sem que ela sofra e sem que ela se queixe, com a coisa que não se troca, que não se adquire de modo algum; que tem liberdade, vontade, desejo; que pode dar-se ou recusar-se por um momento; dar-se ou recusar-se para sempre; que se queixa e que sofre; e que não

poderia tornar-se um bem de troca, sem que seja esquecido o seu caráter e que se faça violência à natureza? Contrários à lei geral dos seres. Nada, com efeito, te parece mais insensato do que um preceito que proscree a mudança que está em nós; que ordena uma constância que não pode existir em nós, e viola a liberdade do macho e da fêmea, encadeando-os para sempre um ao outro; do que uma fidelidade, que limita o mais caprichoso dos gozos ao mesmo indivíduo; que um juramento de imutabilidade de dois seres de carne, à face de um céu que não é um só instante o mesmo, sob antros que ameaçam ruir; embaixo de uma rocha que despenca em pó; ao pé de uma árvore que se racha; sobre uma pedra que se abala? Creia-me, vós tornastes a condição do homem pior que a do animal. Não sei o que seja o teu grande obreiro: mas rejubilo-me por ele não ter falado a nossos pais, e não desejo que fale tampouco a nossos filhos; pois poderia por acaso dizer-lhes as mesmas tolices, e eles cometeriam talvez a de crer nele. Ontem, ao ceiar, conversaste conosco sobre magistrados e sacerdotes; não sei quais sejam as personagens que chamastes *magistrados* e *sacerdotes*, cuja autoridade regula vossa conduta; mas, dize-me, são eles senhores do bem e do mal? Podem eles fazer com que o que é justo seja injusto, e o que é injusto seja justo? Depende deles atribuir o bem a ações nocivas, e o mal a ações inocentes ou úteis? Tu não poderias pensá-lo, pois, desse modo, não haveria nem verdadeiro nem falso, nem bom nem mau, nem belo nem feio; a não ser aquilo que aprovesse a teu grande obreiro, a teus magistrados, a teus sacerdotes, declarar como tal; e, de um momento a outro, serias obrigado a mudar de idéias e de conduta. Um dia, dir-te-iam, de parte de um de teus três senhores: “mata”, e serias obrigado, em consciência, a matar; um outro dia: “rouba”, e serias forçado a roubar; ou: “não comas deste fruto”, e não

ousarias comê-lo; “proíbo-te este legume ou este animal”, e evitarias tocá-los. Não há bondade que não se possa te interditar; não há malvadeza que não se possa te ordenar, e ao que ficarias reduzido, se teus três senhores, pouco de acordo entre si, resolvessem permitir-te, ordenar-te e proibir-te a mesma coisa, como penso que acontece amiúde? Então, para agradar ao sacerdote, terás de indispor-te com o magistrado; para satisfazer o magistrado, terás de descontentar o grande obreiro; e para tornar-te agradável ao grande obreiro, terás de renunciar à natureza. E sabes o que resultará? Desprezarás todos os três, e não serás nem homem, nem cidadão, nem devoto; não serás nada; estarás mal com toda sorte de autoridade; mal contigo próprio; malvado, atormentado por teu coração, perseguido por teus senhores insensatos; e infeliz, como te vi ontem à noite, quando eu te apresentava minhas filhas e minha mulher e quando tu exclamavas: “Mas minha religião! Mas minha condição!” Queres saber, em todos os tempos e em todos os lugares, o que é bom e mau? Apega-te à natureza das coisas e das ações; a tuas relações com teu semelhante; à influência de tua conduta sobre tua utilidade particular e o bem geral. Estás delirando, se crês que haja algo, seja no alto, seja embaixo, no universo, que possa acrescentar ou subtrair às leis da natureza. Sua vontade eterna é que o bem seja preferido ao mal, e o bem geral ao bem particular. Ordenarás o contrário; mas não serás obedecido. Multiplicarás os malfeitores e os infelizes pelo temor, pelos castigos e pelos remorsos; depravarás as consciências; corromperás os espíritos; eles não saberão mais o que devem fazer ou evitar. Perturbados no estado de inocência, tranquilos na perversidade, terão perdido a estrela polar no seu caminho. Responde-me sinceramente: a despeito das ordens expressas de teus três legisladores, um jovem,

em teu país, não se deitará jamais, sem a permissão deles, com uma jovem?

CAPELÃO. — Eu mentiria se o assegurasse.

ORU. — A mulher, que jurou pertencer apenas a seu marido, não se entrega nunca a outrem?

CAPELÃO. — Nada é mais comum.

ORU. — Teus legisladores exercem rigor ou não o exercem: caso o exerçam, são feras que ferem a natureza; se não o exercem, são imbecis que expuseram ao menosprezo sua autoridade por uma proibição inútil.

CAPELÃO. — Os culpados, que escapam à severidade das leis, são castigados pela censura geral.

ORU. — Isso quer dizer que a justiça se exerce pela falta de senso comum de toda a nação; e que a loucura da opinião suplementa as leis.

CAPELÃO. — A filha desonrada não encontra mais marido.

ORU. — Desonrada! e por quê?

CAPELÃO. — A mulher infiel é mais ou menos desprezada.

ORU. — Desprezada! e por quê?

CAPELÃO. — O jovem é chamado covarde sedutor.

ORU. — Covarde! sedutor! e por quê?

CAPELÃO. — O pai, a mãe e a criança ficam desolados. O esposo volúvel é um libertino: o esposo traído partilha da vergonha de sua mulher.

ORU. — Que monstruoso tecido de extravagâncias me expões aí! E ainda não dizes tudo: pois tão logo nos permitimos dispor à vontade das idéias de justiça e de propriedade; de tirar ou dar um caráter arbitrário às coisas; de unir às ações ou separar delas o bem e o mal, sem consultar mais do que o capricho, a gente se censura, se acusa, se suspeita, se tiraniza, é invejoso, é ciumento,

se engana, se aflige, se esconde, se dissimula, se espia, se surpreende, briga, mente; as filhas iludem os pais; os maridos, as mulheres; as mulheres, os maridos; as moças, sim, não duvido, as moças sufocarão seus filhos; os pais desconfiados desdenharão e descuidarão dos seus; as mães separar-se-ão deles e abandoná-los-ão à mercê da sorte; e o crime e o deboche mostrar-se-ão sob todas as formas. Eu sei de tudo isso, como se tivesse vivido entre vós. Isso é assim, porque deve ser; e tua sociedade, cuja bela ordem vosso chefe vos gaba, não passará de uma corja de hipócritas, que calcam secretamente aos pés as leis; ou de infortunados, que são sozinhos os instrumentos dos próprios suplícios, em se lhes submetendo; ou de imbecis, em quem o preconceito asfixiou inteiramente a voz da natureza; ou de seres mal organizados, em que a natureza não reclama seus direitos.

CAPELÃO. — Assim parece. Mas vós não vos casais então?

ORU. — Nós nos casamos.

CAPELÃO. — O que é vosso casamento?

ORU. — O consentimento de habitar uma e mesma cabana e dormir no mesmo leito, enquanto nos sentimos bem com isso.

CAPELÃO. — E quando vos sentis mal?

ORU. — Nós nos separamos.

CAPELÃO. — O que sucede a vossos filhos?

ORU. — Oh! estrangeiro! Tua última pergunta acaba de me desvendar a profunda miséria de teu país. Sabe, meu amigo, que aqui o nascimento de uma criança é sempre uma felicidade, e sua morte um motivo de pesar e de lágrimas. Uma criança é um bem precioso, porque deve tornar-se um homem; por isso, dedicamos-lhe um desvelo inteiramente diverso ao das nossas plantas e dos nossos animais. Uma criança que nasce ocasiona alegria doméstica e pública: é um acréscimo de fortuna para a cabana e

de força para a nação; são braços e mãos a mais no Taiti; vemos nela um agricultor, um pescador, um caçador, um soldado, um esposo e um pai. Retornando da cabana do marido à dos pais, a mulher leva consigo os filhos que trouxera como dote: partilham-se os nascidos durante a coabitação; e compensam-se tanto quanto possível, os machos pelas fêmeas, de modo que resta a cada um número quase igual de moças e rapazes.

CAPELÃO. — Mas as crianças ficam muito tempo sob encargo antes de prestar serviço.

ORU. — Destinamos à sua manutenção e à subsistência dos velhos uma sexta parte de todos os frutos do país; esse tributo os segue em toda parte. Assim vêes que, quanto mais numerosa a família do taitiano, mais rica ela é.

CAPELÃO. — Uma sexta parte!

ORU. — Sim; é um meio seguro de encorajar a população, e interessar no respeito à velhice e à conservação dos filhos.

CAPELÃO. — Vossos esposos não se censuram às vezes?

ORU. — Muito freqüentemente; entretanto a duração mais curta de um casamento é de uma lua a outra.

CAPELÃO. — A menos que a mulher esteja grávida; então a coabitação é ao menos de nove meses?

ORU. — Estás enganado; a paternidade, como o tributo, segue a criança por toda parte.

CAPELÃO. — Tu me falaste de crianças que a mulher traz como dote ao marido.

ORU. — Certamente. Eis minha filha mais velha que é mãe de três filhos; eles se desenvolvem; são sadios; são belos; prometem ser fortes: quando lhe der na fantasia de casar-se, ela os levará consigo; são dela: seu marido os receberá com alegria, e a mulher lhe seria apenas mais agradável, se estivesse grávida de

um quarto filho.

CAPELÃO. — Filho dele?

ORU. — Dele, ou de outro. Quanto mais crianças nossas filhas têm, mais procuradas são; quanto mais vigorosos e fortes são os nossos rapazes, mais ricos são: por isso, assim como ficamos atentos para preservar as moças das aproximações do homem e os rapazes do comércio da mulher, antes da idade da fecundidade, do mesmo modo os exortamos a produzir, quando os rapazes são púberes e as filhas núbeis. Não podes acreditar na importância do serviço que terás prestado à minha filha Thia, se lhe engendraste uma criança. Sua mãe não mais lhe dirá a cada lua: “Mas Thia, o que estás pensando? não ficas grávida; tens dezenove anos; já deverias ter dois filhos e não tens nenhum. Quem se encarregará de ti? Se perdes assim teus jovens anos, que farás na velhice? Thia, debes ter algum defeito que afasta de ti os homens. Corrige-te, minha filha: em tua idade, eu já era três vezes mãe”.

CAPELÃO. — Que precauções tomais para conservar vossas filhas e vossos rapazes adolescentes?

ORU. — Este é o principal objeto da educação doméstica e o ponto mais importante dos costumes públicos. Nossos rapazes, até a idade de vinte e dois anos, dois ou três além da puberdade, permanecem cobertos de uma longa túnica, e com os rins cingidos por uma pequena cadeia. Antes de se tornarem núbeis, nossas filhas não ousariam sair sem um véu branco. Tirar a cadeia, levantar o véu, são faltas que raramente cometem, porque lhes ensinamos desde cedo as suas deploráveis conseqüências. Mas, no momento em que o macho adquiriu toda sua força, em que os sintomas viris apresentam continuidade e em que a efusão freqüente e a qualidade do liquido seminal nos traqüilizam; no

momento em que a jovem murcha, se entedia, sendo de maturidade apta a conceber desejos, a inspirá-los e a satisfazê-los com utilidade, o pai desprende a cadeia do filho e corta-lhe a unha do dedo médio da mão direita. A mãe levanta o véu da filha. Um pode solicitar uma mulher e ser por ela solicitado; outra, passear publicamente com o rosto descoberto e o colo nu, aceitar ou recusar as carícias de um homem. Indicam-se apenas, de antemão, ao rapaz as moças, e à moça, os rapazes, que devem preferir. E uma grande festa o dia da emancipação de uma moça ou de um rapaz. Se é moça, na véspera, os rapazes se reúnem em torno da cabana, e o ar ressoa a noite toda com o canto das vozes e com o som dos instrumentos. De dia, ela é conduzida pelo pai e pela mãe a um recinto, onde se dança e onde se faz exercício de salto, de luta e de corrida. Exibe-se o homem nu diante dela sob todas as faces e em todas as atitudes. Se se trata de rapaz, são as moças que fazem em sua presença as honras da festa e expõem a seus olhares a mulher nua, sem reserva e sem segredo. O resto da cerimônia termina num leito de folhas, como viste à tua descida entre nós. Ao cair do dia, a moça regressa à cabana dos pais, ou passa à cabana de quem escolheu e lá permanece tanto quanto lhe apraz.

CAPELÃO. — Assim, essa festa é ou não é um dia de casamento?

ORU. — Tu o disseste...

A. — O que vejo ali, à margem?

B. — É uma nota, onde o bom capelão diz que os preceitos dos pais sobre a escolha dos rapazes e das moças eram cheios de bom senso e de observações muito finas e muito úteis; mas que suprimiu tal catecismo; que se afiguraria, a pessoas tão corrompidas e tão superficiais como nós, de uma licença

imperdoável; acrescentando todavia que não foi sem pesar que cortara pormenores em que se poderia ver, primeiramente, até onde uma nação, que se ocupa incessantemente de um objeto importante, pode ser conduzida em suas pesquisas, sem os préstimos da física e da anatomia; em segundo lugar, a diferença das idéias sobre a beleza em uma região onde as formas são referidas ao prazer de um momento, e em um povo onde são apreciadas segundo uma utilidade mais constante. Lá, para ser bela, exige-se uma tez brilhante, uma grande fronte, grandes olhos, traços finos e delicados, um talhe ligeiro, boca pequena, mãos pequenas, pé pequeno... Aqui, quase nenhum desses elementos entra no cálculo. A mulher sobre a qual os olhares se fixam e que o desejo persegue é a que promete muitos filhos (a mulher do Cardeal de Ossat,²³) e que os promete ativos, inteligentes, corajosos, sadios e robustos. Não há quase nada em comum entre a Vênus de Atenas e a do Taiti; uma é Vênus galante e outra é Vênus fecunda. Uma taitiana dizia um dia com desprezo a outra mulher do país: “Tu és bela, mas geras crianças feias; eu sou feia mas gero belas crianças, e é a mim que os homens preferem”.

Após essa nota do capelão, Oru continua.²⁴

A. — Antes que ele retome seu discurso, tenho um pedido a fazer-vos, é o de me lembrar uma aventura ocorrida na Nova Inglaterra.

B. — Ei-la. Uma jovem, Miss Polly Baker, engravidou pela quinta vez e foi trazida perante o tribunal de justiça de Connecticut, perto de Boston. A lei condena todas as pessoas do sexo, que devam o título de mãe apenas à libertinagem, a uma multa, ou uma punição corporal quando não podem pagar a multa. Miss Polly, entrando na sala onde os juizes estavam

reunidos, dirigiu-lhes o seguinte discurso: “Permiti, senhores, que eu vos dirija algumas palavras. Sou uma desgraçada e pobre moça, não tenho meios de pagar advogados para que tomem minha defesa, e eu não vos reterei por muito tempo. Não pretendo que, na sentença que ides pronunciar, vós vos afasteis da lei; o que ousar esperar é que vos digneis a implorar para mim as bondades do governo e obter que me dispense da multa. É a quinta vez que compareço perante vós por causa da mesma questão; duas vezes paguei multas onerosas e duas vezes sofri punição pública e vergonhosa porque não me encontrava em condição de pagar. Isso pode estar conforme à lei, não o contesto absolutamente; mas há, às vezes, leis injustas, e elas são abrogadas; há também outras demasiado severas, e o poder legislador pode dispensar de sua execução. Ousar dizer que aquela que me condena é ao mesmo tempo injusta em si mesma e demasiado severa para comigo. Nunca ofendi ninguém no lugar onde vivo, e desafio meu inimigos, se é que tenho alguns, a provar que fiz o menor mal a um homem, a uma mulher, a uma criança. Permiti que eu esqueça por um momento que a lei existe e neste caso não concebo qual possa ser meu crime; pus cinco belas crianças no mundo, com o perigo de minha vida, eu as nutri com meu leite, eu as sustentei com meu trabalho; e teria feito mais por elas, se não tivesse pago multas que me tiraram os meios de fazê-lo. Constitui um crime aumentar os súditos de Sua Majestade em um país novo que carece de habitantes? Não roubei nenhum marido à mulher, nem desviei nenhum moço; jamais fui acusada desses procedimentos culpáveis, e se alguém se queixa de mim, é talvez apenas o ministro a quem não paguei direitos de casamento. Mas é minha culpa? Eu invoco vosso testemunho, senhores; vós me supondes certamente com bastante bom senso

para estardes persuadidos de que preferiria a honrada condição de esposa à vergonhosa condição em que vivi até agora. Sempre desejei e desejo ainda me casar, e não temo de modo algum dizer que eu teria a boa conduta, a indústria e a economia convenientes a uma esposa, assim como tenho a sua fecundidade. Desafio quem quer que seja a dizer que me recusei a aceitar essa condição. Dei meu consentimento à primeira e única proposição que me foi feita; eu era virgem ainda; tive a simplicidade de confiar minha honra a um homem que não tinha honra alguma; ele me fez meu primeiro filho e me abandonou. Esse homem, todos vós o conheceis: é atualmente magistrado como vós e senta-se ao vosso lado; eu esperava que aparecesse hoje no tribunal e interessasse vossa piedade em meu favor, em favor de uma infeliz que só o é por causa dele; então eu seria incapaz de expô-lo ao rubor da vergonha, lembrando o que se passou entre nós. Estou errada em me queixar hoje da injustiça das leis? A primeira causa de meus extravios, meu sedutor, foi elevado ao poder e às honras pelo mesmo governo que puniu minhas desgraças com o açoite e com a infâmia. Responder-me-ão que transgredi os preceitos da religião; se minha ofensa é contra Deus, deixai-lhe o cuidado de me punir; vós já me excluístes da comunhão da Igreja, isso não basta? Por que, ao suplício do inferno, que acreditais me esperar no outro mundo, juntaís o das multas e do açoite? Perdoai, senhores, tais reflexões; não sou teóloga, mas custa a crer que seja um grande crime meu o fato de ter dado à luz belas crianças que Deus dotou de almas imortais e que o adoram. Se fazeis leis que mudam a natureza das ações e as tornam crimes, fazei-as contra os celibatários cujo número aumenta todos os dias, que levam a sedução e o opróbrio às famílias, que enganam as donzelas como eu o fui, e que as forcem a viver no estado vergonhoso em que eu

vivo, no meio de uma sociedade que as repele e as despreza. São eles que perturbam a tranqüilidade pública; eis crimes que merecem, mais do que o meu, a animadversão das leis”.

Esse singular discurso produziu o efeito que Miss Baker esperava; seus juizes remiram-lhe a multa e a pena que a substituía. Seu sedutor, instruído do que se passara, sentiu remorsos de sua primeira conduta; quis repará-la, dois dias depois desposou Miss Baker, convertendo em mulher honesta aquela que cinco anos antes convertera em rapariga pública.

A. — E não se trata de um conto de nossa invenção?

B. — Não.

A. — Estou satisfeito.

B. — Não sei se o Abade Raynal²⁵ narra o fato e o discurso em sua *História do Comércio das Duas Índias*.

A. — Obra excelente e com um tom de tal modo diferente das anteriores que se suspeitou o abade de ter empregado nela mãos alheias.

B. — É uma injustiça.

A. — Ou uma maldade. Desmancham o louro que cingiu a cabeça de um grande homem e o desmancham tão bem que não lhe resta senão uma folha.

B. — Mas o tempo reúne as folhas esparsas e refaz a coroa.

A. — Mas o homem está morto; e sofreu com a injúria que recebeu de seus contemporâneos; e é insensível à reparação que obtém da posteridade.

IV

Continuação do Colóquio do Capelão com Oru

ORU. — Como é feliz o momento, para uma jovem e para

seus pais, em que sua gravidez é constatada! Ela se ergue; ela acorre; ela atira os braços em torno do pescoço de sua mãe e de seu pai; é com transportes de mútua alegria que ela lhes anuncia e que eles ficam sabendo do acontecimento. “Mamãe! Papai! Abraçai-me; estou grávida! — É realmente verdade? — Verdade mesmo. — E quem é o pai? — É fulano...”

CAPELÃO. — Como sabe ela o nome do pai da criança?

ORU. — Por que há de ignorá-lo? Acontece à duração de nossos amores o mesmo que à de nossos casamentos; é ao menos de uma lua à lua seguinte.

CAPELÃO. — E essa regra é escrupulosamente observada?

ORU. — Tu próprio vais julgar. Primeiro, o intervalo entre duas luas não é longo; mas quando dois pais têm bem fundada pretensão à formação de uma criança, esta não mais pertence à mãe.

CAPELÃO. — A quem pertence então?

ORU. — Àquele, dentre os dois, a quem lhe apraz dá-la; é todo o seu privilégio: e sendo uma criança por si mesma objeto de interesse e riqueza, compreendes que, entre nós, os libertinos sejam raros, e que os jovens rapazes se afastam deles.

CAPELÃO. — Também tendes, pois, vossos libertinos? Sinto-me à vontade.

ORU. — Temos mesmo mais do que uma espécie: mas tu me desvias de meu tema. Quando uma de nossas filhas está grávida, se o pai da criança é jovem e belo, bem feito, bravo, inteligente e laborioso, a esperança de que a criança herdará as virtudes do pai renova a alegria. Nossa menina só tem vergonha da má escolha. Deves conceber que preço atribuímos à saúde, à beleza, à força, à indústria, à coragem; deves conceber como, sem que nos imiscuamos, as prerrogativas do sangue devem eternizar-se entre

nós. Tu, que percorreste diversas regiões, dize-me se notaste em alguma tantos belos homens e belas mulheres como no Taiti! Contempla-me: como é que tu me achas? Pois bem! há dez mil homens aqui maiores e tão robustos; mas nenhum mais bravo do que eu; por isso as mães me designam muitas vezes às suas filhas.

CAPELÃO. — Mas, de todas essas crianças que podes ter gerado fora de tua cabana, quantas te cabem?

ORU. — A quarta, macho ou fêmea. Estabeleceu-se entre nós uma circulação de homens, de mulheres e de crianças, ou de braços de toda idade e de toda função, que é de uma importância muito superior à de vossos gêneros alimentícios, que não passam de produtos destes.

CAPELÃO. — Compreendo. O que são esses véus negros que deparei por vezes?

ORU. — O signo da esterilidade, vício de nascença, ou consequência da idade avançada. Aquela que larga esse véu e se mistura com os homens é uma libertina, aquele que levanta o véu e se aproxima da mulher estéril é um libertino.

CAPELÃO. — E os véus cinzentos?

ORU. — O signo da doença periódica. Aquela que larga esse véu e se mistura com os homens é uma libertina; aquele que o levanta e se aproxima da mulher doente é um libertino.

CAPELÃO. — Tendes castigos para semelhante libertinagem?

ORU. — Nenhum outro salvo a censura.

CAPELÃO. — O pai pode dormir com a filha, a mãe com o filho, o irmão com a irmã, o marido com a mulher de outro?

ORU. — Por que não?

CAPELÃO. — A fornicação ainda passa; mas o incesto, mas o adultério!

ORU. — O que queres dizer com as palavras, *fornicação, incesto e adultério*?

CAPELÃO. — São os crimes, crimes menores, por um dos quais se queima em meu país.

ORU. — Que se queime ou que não se queime em teu país, pouco me importa. Mas tu não acusarás os costumes da Europa pelos do Taiti, nem, por conseguinte, os costumes do Taiti pelos de teu país: precisamos de uma regra mais segura; e qual será a regra? Conheces outra além do bem geral e da utilidade particular? Agora, dize-me o que teu crime de *incesto* tem de contrário a esses dois fins de nossas ações? Tu te enganas, meu amigo, se acreditas que uma lei uma vez publicada, uma palavra ignominiosa inventada, um suplício decretado, tudo está dito. Responde-me, pois, o que entendes por *incesto*?

CAPELÃO. — Mas um *incesto*...

ORU. — Um *incesto*?... Há muito tempo que teu grande obreiro sem cabeça, sem mãos e sem instrumentos fez o mundo?

CAPELÃO. — Não.

ORU. — Criou toda a espécie humana ao mesmo tempo?

CAPELÃO. — Não. Criou somente um homem e uma mulher.

ORU. — Tiveram eles filhos?

CAPELÃO. — Certamente.

ORU. — Suponha que esses dois primeiros pais tivessem apenas filhas, e que a mãe houvesse morrido antes; ou que tivessem apenas rapazes, e que a mulher houvesse perdido o marido.

CAPELÃO. — Tu me confundes; mas por mais que digas, o *incesto* é um crime abominável, e falemos de outra coisa.

ORU. — Isso te apraz dizer; eu não me calo, de minha parte, enquanto não me disseres o que é o abominável crime do *incesto*.

CAPELÃO. — Pois bem! eu te concedo que talvez o *incesto* não fira em nada a natureza; mas não basta que ameace a constituição política? O que seria a segurança de um chefe e a tranqüilidade de um Estado, se toda uma nação composta de vários milhões de homens fosse reunida em torno de uns cinqüenta pais de família?

ORU. — O pior que pode acontecer é que, onde há somente uma grande sociedade, haveria cinqüenta pequenas, mais felicidade e um crime a menos.

CAPELÃO. — Creio entretanto que, mesmo aqui, um filho raramente dorme com a mãe.

ORU. — A menos que não tenha muito respeito por ela, e sinta uma ternura que o leve a esquecer a disparidade de idade, e a preferir a mulher de quarenta anos à moça de dezenove.

CAPELÃO. — E o comércio dos pais com as filhas?

ORU. — Tampouco é mais freqüente, a menos que a filha seja feia e pouco procurada. Se o pai a ama, dedica-se a preparar-lhe o dote em crianças.

CAPELÃO. — Isso me faz imaginar que a sorte das mulheres que a natureza desgraçou não deve ser feliz no Taiti.

ORU. — Isso me prova que não nutres elevada opinião quanto à generosidade de nossos jovens.

CAPELÃO. — Quanto às uniões de irmãos e irmãs, não duvido que sejam muito comuns.

ORU. — E muito aprovadas.

CAPELÃO. — Se bem te entendo, esta paixão, que produz tantos crimes e males em nossos países, seria aqui inteiramente inocente.

ORU. — Estrangeiro! Careces de julgamento e de memória: de julgamento, pois, em toda parte onde há proibição, é necessário

que nos sintamos tentados a praticar a coisa proibida e que a pratiquemos; de memória, porquanto não te lembras mais do que te disse. Temos velhas dissolutas, que saem à noite sem o véu negro, e recebem homens, quando nada pode resultar de seu contato; caso sejam reconhecidas ou surpreendidas, o exílio para o norte da ilha, ou a escravidão, é seu castigo; raparigas precoces, que levantam o véu branco sem o conhecimento dos pais (e reservamos para elas um lugar fechado na cabana); jovens, que depõem a cadeia antes do tempo prescrito pela natureza e pela lei (e repreendemos por isso seus pais); mulheres a quem o tempo da gravidez parece longo; mulheres e moças pouco escrupulosas na guarda do véu cinzento; mas, na realidade, não atribuímos grande importância a todas essas faltas; e tu não poderias acreditar o quanto a idéia de riqueza particular ou pública, unida em nossas cabeças à idéia de população, depura nossos costumes nesse ponto.

CAPELÃO. — A paixão de dois homens pela mesma mulher ou o amor de duas mulheres ou de duas moças pelo mesmo homem não ocasionam quaisquer desordens?

ORU. — Não vi ainda quatro exemplos disso: a escolha da mulher ou a do homem encerra tudo. A violência do homem seria falta grave; mas é preciso uma queixa pública, e é quase inaudito que uma moça ou mulher se tenham queixado. A única coisa que notei é que nossas mulheres sentem menos piedade pelos homens feios, que nossos moços a sentem menos pelas mulheres desgraçadas; e não estamos aborrecidos por isso.

CAPELÃO. — Não conheceis o ciúme, pelo que vejo; mas a ternura marital, o amor maternal, estes dois sentimentos tão poderosos e tão doces, se não são estranhos aqui, devem ser bastante fracos.

ORU. — Nós os compensamos com outro que é muito mais geral, enérgico e durável, o interesse. Põe a mão na consciência; deixa de lado essa fanfarronada de virtude, que está incessantemente nos lábios de teus camaradas, e que não reside no fundos de seus corações. Dize-me se, em qualquer país que seja, existe um pai que, não fosse a vergonha que o retém, não preferisse perder a filha, ou um marido que não preferisse perder a mulher a perder a fortuna e a abastança. Fica certo de que em toda parte onde o homem estiver interessado na conservação de seu semelhante assim como em seu leito, em sua saúde, em seu repouso, em sua cabana, em seus frutos, em seus campos, fará por ele tudo o que lhe for possível fazer. É aqui que o pranto embebe o parto de uma criança que sofre; é aqui que as mães são cuidadas na doença; é aqui que se preza a mulher fecunda, a filha núbil, o rapaz adolescente; é aqui que há quem se ocupe de sua instituição, porque conservá-los constitui sempre um acréscimo e perdê-los é sempre uma diminuição de fortuna.

CAPELÃO. — Temo realmente que este selvagem tenha razão. O miserável camponês de nossos países, que esfalfa a mulher para aliviar o seu cavalo, que deixa perecer seu filho sem auxílio, e chama o médico para o seu boi.

ORU. — Não compreendo bem o que acabas de dizer; mas, em teu regresso à tua pátria tão bem policiada, tenta introduzir nela esta mola; e então é que se sentirá lá o preço da criança que nasce, e a importância da população. Queres que eu te revele um segredo? Mas cuida para que não te escape. Vós chegastes: nós vos abandonamos nossas mulheres e nossas filhas, vós vos espantais com isso; vós nos testemunhais por isso uma gratidão que nos faz rir; vós nos agradeceis, quando nós assentamos sobre ti e sobre teus companheiros a mais forte de todas as imposições.

Nós não te pedimos nenhum dinheiro; não nos jogamos sobre tuas mercadorias, desprezamos teus gêneros: mas nossas mulheres e nossas filhas vieram espremer o sangue de tuas veias. Quando te afastares, deixar-nos-ás teus filhos: este tributo cobrado sobre tua pessoa, sobre tua própria substância, em teu parecer, não vale tanto como um outro? E se queres apreciar o seu valor, imagina que tenhas duzentas léguas de costas a correr, e que, a cada vinte milhas, te aplicam semelhante contribuição. Temos terras imensas incultas, faltam-nos braços; e foi o que te pedimos. Temos calamidades epidêmicas a reparar; e nós te empregamos em reparar o vazio que elas abriram. Temos inimigos vizinhos a combater, uma necessidade de soldados; e nós te solicitamos que no-os gerasses: o número de nossas mulheres e de nossas moças é demasiado grande em relação ao dos homens; e nós te associamos à nossa tarefa. Entre essas mulheres e essas moças, há aquelas das quais não pudemos obter filhos; e são as que expusemos aos vossos primeiros abraços. Precisamos pagar um foro em homens a um vizinho opressor; tu e teus camaradas é que no-lo custearão; e dentro de cinco ou seis anos, enviar-lhe-emos vossos filhos, se valerem menos do que os nossos. Mais robustos, mais são que vós, nós nos apercebemos de que nos superais em inteligência e, imediatamente, destinamos algumas de nossas mulheres e nossas moças mais belas a fim de recolher a semente de uma raça melhor que a nossa. É um ensaio que tentamos, e que poderá dar certo. Tiramos de ti e dos teus o único proveito que podíamos tirar: acredita-me que, por mais selvagens que sejamos, sabemos também calcular. Vai aonde quiseses; e encontrarás sempre o homem tão esperto quanto tu. Ele não te dará jamais exceto o que não lhe serve para nada, e te pedirá sempre o que lhe é útil. Se te apresentar um pedaço de ouro por um pedaço de

ferro, é que não faz nenhum caso do ouro, e que preza o ferro. Mas dize-me por que não estás vestido como os outros? Que significa esse longo casaco que te envolve da cabeça aos pés, e esse saco pontudo que deixas cair sobre tuas espáduas, ou que ergues sobre tuas orelhas?

CAPELÃO. — É que, tal como me vês, eu ingressei numa sociedade de homens que se chamam, em meu país, monges. O mais sagrado de seus votos é o de não se aproximar de nenhuma mulher, e não fazer filhos.

ORU. — O que fazes, então?

CAPELÃO. — Nada.

ORU. — E teu magistrado admite essa espécie de preguiça, a pior de todas?

CAPELÃO. — Faz mais do que isso; ele a respeita e a faz respeitar.

ORU. — Meu primeiro pensamento era que a natureza, algum acidente, ou uma arte cruel te privaram da faculdade de produzir teus semelhantes; e que, por piedade, preferiu-se deixar-te viver a matar-te. Mas, monge, minha filha me disse que és homem, e homem tão robusto quanto um taitiano, e que ela esperava que tuas carícias reiteradas não seriam infrutuosas. Só agora compreendi por que bradaste ontem à noite: “Mas minha religião! Mas minha condição!” Poderias informar-me do motivo do favor e do respeito que os magistrados te conferem?

CAPELÃO. — Eu o ignoro.

ORU. — Sabes ao menos por qual razão, sendo homem, te condenaste livremente a não sê-lo?

CAPELÃO. — Seria muito comprido e muito difícil explicar-te.

ORU. — E esse voto de esterilidade, o monge é-lhe realmente fiel?

CAPELÃO. — Não.

ORU. — Eu estava certo disso. Tendes também monges mulheres?

CAPELÃO. — Sim.

ORU. — Tão recatadas como os monges homens?

CAPELÃO. — Mais enclausuradas, elas secam de dor. perecem de tédio.

ORU. — E a injúria feita à natureza é vingada. Oh! miserável país! Se tudo aí é ordenado como o que me contaste, sois mais bárbaros que nós.

O bom capelão relata que passou o resto do dia percorrendo a ilha, visitando as cabanas, e que à noite, depois de cear, tendo o pai e a mãe lhe suplicado que dormisse com a segunda de suas filhas, Palli se apresentou no mesmo *déshabillé* que Thia, e que ele gritava muitas vezes durante a noite: “Mas minha religião!, mas minha condição!”, que na terceira noite foi agitado pelos mesmos remorsos com Asto, a mais velha, e que a quarta noite ele a concedeu por honestidade à mulher de seu anfitrião.

V

Continuação do Diálogo

A. — Considero esse capelão polido.

B. — E eu, muito mais os costumes dos taitianos, e o discurso de Oru.

A. — Embora um pouco modelado à européia.

B. — Não duvido.

— Aqui o bom capelão se queixa da brevidade de sua estada no Taiti, e da dificuldade de melhor conhecer os usos de um povo bastante sábio para se deter por si mesmo na mediocridade, ou

bastante feliz para habitar um clima cuja fertilidade lhe assegurava um longo entorpecimento, bastante ativo para pôr-se ao abrigo das necessidades absolutas da vida e bastante indolente para que sua inocência, seu repouso e sua felicidade não tivessem nada a temer de um progresso demasiado rápido de suas luzes. Nada estava mal aí pela opinião e pela lei, exceto o que estava mal por sua natureza. Os trabalhos e as colheitas faziam-se em comum. A acepção do termo *propriedade* era muito estreita; a paixão do amor, reduzida a simples apetite físico, não produzia nenhuma de nossas desordens. A ilha inteira oferecia a imagem de uma só família numerosa, em que cada cabana representava os diversos apartamentos de uma de nossas grandes mansões. Acabou por protestar que esses taitianos hão de estar sempre presentes em sua memória, que ficara tentado a jogar as vestimentas no navio e a passar o resto de seus dias em meio deles, e que temia arrepender-se mais de uma vez por não tê-lo feito.

A. — Apesar desse elogio, quais as conseqüências úteis a tirar dos costumes e das práticas estranhas de um povo não civilizado?

B. — Vejo que tão logo algumas causas físicas, tais, por exemplo, como a necessidade de vencer a ingratidão do solo, puseram em jogo a sagacidade do homem, o referido impulso o conduziu muito além do alvo, e que, passado o termo da necessidade, somos levados ao oceano sem limites das fantasias, de onde não mais nos safamos. Possa o feliz taitiano deter-se onde se encontra! Vejo que, exceto nesse recanto apartado de nosso globo, nunca houve costumes, e jamais os haverá talvez em parte alguma.

A. — O que entendeis pois por costumes?

B. — Entendo por isso a submissão geral²⁶ e a conduta conseqüente a leis boas ou más. Se as leis são boas, os costumes são bons; se as leis são más, os costumes são maus; se as leis, boas ou más, não são observadas, a pior condição de uma sociedade, não há quaisquer costumes. Ora, como quereis que leis sejam observadas quando elas se contradizem? Percorrei a história dos séculos e das nações, tanto antigas como modernas, e encontrareis os homens sujeitos a três códigos, o código da natureza, o código civil e o código religioso, e coagidos a infringir alternadamente os três códigos que nunca estiveram de acordo; daí decorre que não houve em nenhum país, como Oru adivinhou quanto ao nosso, nem homem, nem cidadão, nem religioso.

A. — De onde concluireis, sem dúvida, que, baseando a moral nas relações eternas, que subsistem entre os homens, a lei religiosa torna-se talvez supérflua; e que a lei civil deve ser apenas a enunciação da lei da natureza.

B. — E isso, sob pena de multiplicar os maus, em vez de produzir os bons.

A. — Ou que, se julgamos necessário conservar as três, cumpre que as duas últimas não sejam mais do que cópias rigorosas da primeira, que trazemos gravada no fundo de nossos corações, e que será sempre a mais forte.

B. — Isso não é exato. Não trazemos ao nascer senão uma similitude de organização com outros seres, as mesmas necessidades, a atração para os mesmos prazeres e uma aversão comum às mesmas penas: eis o que constitui o homem como ele é, e deve fundamentar a moral que lhe convém.

A. — Isso não é fácil.

B. — Isso é tão difícil, que eu acreditaria de bom grado o povo mais selvagem da Terra, o taitiano que se apegou

escrupulosamente à lei da natureza, mais próximo de uma boa legislação do que qualquer povo civilizado.

A. — Porque lhe é mais fácil desfazer-se de seu excesso de rusticidade, do que a nós voltar atrás e reformar nossos abusos.

B. — Sobretudo os que se referem à união do homem com a mulher.

A. — É possível. Mas comecemos pelo início. Interroguemos de boa fê a natureza, e vejamos sem parcialidade o que ela nos responderá sobre esse ponto.

B. — Concordo.

A. — O casamento está na natureza?

B. — Se entendeis por casamento a preferência que uma fêmea concede a um macho sobre todos os outros machos, ou a que um macho dá a uma fêmea sobre todas as outras fêmeas; preferência mútua, em consequência da qual se forma uma união mais ou menos durável, que perpetua a espécie pela reprodução dos indivíduos, o casamento está na natureza.

A. — Eu penso como vós; pois essa preferência se nota não só na espécie humana, mas ainda nas outras espécies de animais: testemunha-o o numeroso cortejo de machos que nos nossos campos perseguem a mesma fêmea na primavera, e dos quais um só obtém o título de marido. E a galanteria?

B. — Se entendeis por galanteria a variedade de meios enérgicos ou delicados que a paixão inspira, seja ao macho, seja à fêmea, para lograr a preferência que conduz ao mais doce, ao mais importante e ao mais geral dos gozos, a galanteria está na natureza.

A. — Penso como vós. Testemunha-o a diversidade de gentilezas praticadas pelo macho a fim de agradar à fêmea; pela fêmea, a fim de irritar a paixão e fixar o gosto do macho. E o

coquetismo?

B. — É uma mentira que consiste em simular uma paixão que não se sente, e em prometer uma preferência que não se concederá. O macho coquete zomba jogando com a fêmea; a fêmea coquete zomba jogando com o macho: jogo perverso que conduz às vezes às catástrofes mais funestas; manejo ridículo, em que o enganador e o enganado são igualmente castigados pela perda dos instantes mais preciosos de sua vida.

A. — Assim o coquetismo, segundo vós, não está na natureza?

B. — Eu não afirmei isso.

A. — E a constância?

B. — Não vos direi coisa melhor do que aquilo que Oru disse ao capelão. Pobre vaidade de duas crianças que se ignoram a si mesmas, e que a embriaguez de um instante cega sobre a instabilidade de tudo o que as circunda.

A. — E a fidelidade, esse fenómeno tão raro?

B. — Quase sempre a obstinação e o suplício do homem de bem e da mulher honesta, em nossos países; quimera, no Taiti.

A. — E o ciúme?

B. — Paixão de um animal indigente e avaro que teme falhar; sentimento injusto do homem; consequência de nossos falsos costumes, e de um direito de propriedade estendido sobre um objeto sensível, pensante, com vontade e livre.

A. — Assim, o ciúme, segundo vós, não está na natureza?

B. — Não é o que digo. Vícios e virtudes, tudo está igualmente na natureza.

A. — O ciúme é sombrio.

B. — Como o tirano, porque tem consciência disso.

A. — O pudor?

B. — Mas vós me induzís assim a um curso de moral galante. O homem não quer ser nem perturbado, nem distraído em seus gozos. Os do amor são seguidos de uma fraqueza que o abandonaria à mercê de seu inimigo. Eis tudo o que pode haver de natural no pudor: o resto é da instituição.

— O capelão nota, em um terceiro fragmento que eu não vos li, que o taitiano não cora dos movimentos involuntários que se excitam nele ao lado de sua mulher, em meio de suas filhas; e que elas são espectadoras do fato, às vezes emocionadas, nunca embaraçadas. Tão logo a mulher se tornou propriedade do homem, e o desfruto furtivo de uma rapariga foi considerado roubo, viu-se nascer os termos *pudor*, *moderação*, *decência*; virtudes e vícios imaginários; em uma palavra, quis-se erigir entre os dois sexos barreiras que os impedissem de se convidar reciprocamente à violação das leis que lhes foram impostas, e que produziram amiúde efeito contrário, aquecendo a imaginação e irritando os desejos. Quando vejo árvores plantadas em torno de nossos palácios, e uma vestimenta de pescoço que esconde e mostra parte do colo de uma mulher, parece-me reconhecer um retorno secreto à floresta, e um apelo à liberdade primeira de nossa antiga morada. O taitiano nos diria: Por que te escondes? De que tens vergonha? Praticas o mal, quando cedes ao impulso mais augusto da natureza? Homem, apresenta-te francamente, se agradas. Mulher, se este homem te convém, recebe-o com a mesma franqueza.

A. — Não vos zangueis. Se principiamos como homens civilizados, é raro que não findemos como o taitiano.

B. — Sim, mas essas preliminares de convenção consomem a metade da vida de um homem de gênio.

A. — Convenho; mas que importa, se o impulso pernicioso

do espírito humano, contra o qual bradastes há pouco, é com isso tanto mais arrefecido? Um filósofo de nossos dias, interrogado por que os homens faziam a corte às mulheres, e não as mulheres a corte aos homens, respondeu que era natural pedir a quem pode sempre conceder.

B. — Semelhante razão me pareceu sempre mais engenhosa do que sólida. A natureza, indecente se quereis, impele indistintamente um sexo para o outro: e, em um estado do homem bruto e selvagem, que se concebe, mas que não existe talvez em nenhuma parte...

A. — Nem mesmo no Taiti?

B. — Não... o intervalo que separaria um homem de uma mulher seria transposto pelo mais apaixonado. Se eles se esperam, se eles se esquivam, se eles se perseguem, se eles se evitam, se eles se atacam, se eles se defendem, é que a paixão, desigual em seus progressos, não se lhes aplica com a mesma força. Daí sobrevém que a volúpia se espalha, se consome e se extingue de um lado, quando começa apenas a elevar-se do outro, e que ambos permanecem tristes. Eis a imagem fiel do que se passaria entre dois seres jovens, livres e perfeitamente inocentes. Mas quando a mulher conheceu, pela experiência ou pela educação, as conseqüências mais ou menos cruéis de um momento doce, seu coração estremece à aproximação do homem. O coração do homem não estremece absolutamente; seus sentidos comandam, e ele obedece. Os sentidos da mulher se explicam, e ela receia escutá-los. Incumbe ao homem distraí-la de seu receio, inebriá-la e seduzi-la. O homem conserva todo seu impulso natural para a mulher; o impulso natural da mulher para o homem, diria um geômetra, está na razão composta da direta da paixão e da inversa do temor; razão que se complica com uma

multidão de elementos diversos em nossas sociedades; elementos que concorrem quase todos a aumentar a pusilanimidade de um sexo e a duração da perseguição do outro. É uma espécie de tática em que os recursos da defesa e os meios do ataque marcharam na mesma linha. Consagrou-se a resistência da mulher; atribuiu-se ignomínia à violência do homem; violência, que seria apenas ligeira injúria no Taiti, e que se torna crime em nossas cidades.

A. — Mas como é que aconteceu que um ato cujo alvo é tão solene, e ao qual a natureza nos convida pela atração mais poderosa; que o maior, o mais doce e o mais inocente dos prazeres viesse a converter-se na fonte mais fecunda de nossa depravação e de nossos males?

B. — Oru deu-o a entender dez vezes ao capelão: ouvi-o pois outra vez, e procurai retê-lo.

É pela tirania do homem, que converteu a posse da mulher em propriedade.

Pelos costumes e pelos usos, que sobrecarregaram de condições a união conjugal.

Pelas leis civis, que sujeitaram o casamento a uma infinidade de formalidades.

Pela natureza de nossa sociedade, onde a diversidade das fortunas e das posições instituiu conveniências e inconveniências.

Por uma contradição estranha e comum a todas as sociedades subsistentes, onde o nascimento de uma criança, sempre encarada como um acréscimo de riqueza pela nação, é muitas vezes e mais seguramente ainda um acréscimo de indigência na família.

Pelas velhas concepções políticas dos soberanos, que referiram tudo aos próprios interesses e à própria segurança.

Pelas instituições religiosas, que ligaram os nomes de vícios

e virtudes a ações que não eram suscetíveis de qualquer moralidade.

Como estamos longe da natureza e da felicidade! O império da natureza não pode ser destruído: em vão procurar-se-á contrariá-lo por meio de obstáculos, ele há de perdurar. Escrevei quanto vos aprouver sobre tábuas de bronze, para me servir das expressões do sábio Marco Aurélio, que a fricção voluptuosa de dois intestinos constitui crime, o coração do homem ficará comprimido entre a ameaça de vossa inscrição e a violência de seus pendores. Mas esse coração indócil não cessará de reclamar; e cem vezes, no curso da vida, vossos caracteres aterradores desaparecerão a nossos olhos. Gravai sobre o mármore: Tu não comerás nem do quebrantosso, nem do abutre;²⁷ tu não conhecerás senão tua mulher; tu não serás marido de tua irmã; mas não esqueceréis de aumentar os castigos à proporção da extravagância de vossas proibições; tornar-vos-eis ferozes, e não conseguireis de modo algum me desnaturar.

A. — Como o código das nações seria curto, se o conformassem rigorosamente ao da natureza! Quantos erros e vícios poupados ao homem!

B. — Quereis saber a história abreviada de quase toda nossa miséria? Ei-la. Existia um homem natural: introduziu-se dentro desse homem um homem artificial; e surgiu na caverna uma guerra civil que dura toda a vida. Ora o homem natural é o mais forte; ora é derrubado pelo homem moral e artificial; e, em um e outro caso, o triste monstro é dilacerado, atanzado, atormentado, estendido sobre a roda; sem cessar gemente, sem cessar infeliz, seja porque um falso entusiasmo de glória o arrebatava e o embriagava, seja porque uma falsa ignomínia o curva e o abate. Entretanto, há circunstâncias extremas que reconduzem o homem

à sua primitiva simplicidade.

A. — A miséria e a moléstia, dois grandes exorcistas.

B. — Vós os nomeastes. Com efeito, no que se convertem então todas essas virtudes convencionais? Na miséria, o homem não tem remorsos; e, na doença, a mulher não tem pudor.

A. — Já notei isso.

B. — Mas um outro fenômeno que tampouco vos terá escapado é que o retorno do homem artificial e moral acompanha passo a passo os progressos do estado de doença para o estado de convalescença e do estado de convalescença para o estado de saúde. O momento em que a enfermidade cessa é aquele em que a guerra intestina recomeça, e quase sempre com desvantagem para o intruso.

A. — É verdade. Eu mesmo verifiquei que o homem natural dispunha na convalescença de um vigor funesto ao homem artificial e moral. Mas, enfim, dissei-me, deve-se civilizar o homem, ou abandoná-lo a seu instinto?

B. — Preciso responder-vos claramente?

A. — Sem dúvida.

B. — Se vos propondes a ser seu tirano, civilizai-o; envenenai-o o melhor possível com uma moral contrária à natureza; suscitai-lhe entraves de toda espécie; atrapalhai seus movimentos com mil obstáculos; atribuí-lhe fantasmas que o atemorizem; eternizai a guerra na caverna, e que o homem natural permaneça aí sempre encadeado debaixo dos pés do homem moral. Quereis vê-lo feliz e livre? Não vos imiscuais em seus assuntos: bastantes incidentes imprevistos hão de conduzi-lo à luz e à depravação; e ficai para sempre convencido que não é por vós, mas por eles, que esses sábios legisladores vos petrificaram e amaneiraram como vós o sois. Invoco o testemunho de todas as

instituições políticas, civis e religiosas: examinai-as profundamente; e, ou me engano muito, ou vereis nelas a espécie humana dobrada de século em século ao jugo que um punhado de velhacos esperava impor-lhe. Desconfiai daquele que quer estabelecer a ordem. Ordenar é sempre tornar-se senhor dos outros, incomodando-os: e os calabreses são quase os únicos a quem a lisonja dos legisladores não logrou ainda iludir.

A. — E essa anarquia da Calábria vos agrada?

B. — Invoco sua experiência; e aposto que sua barbárie é menos viciosa que nossa urbanidade. Quantas pequenas malvadezas compensam aqui a atrocidade de alguns grandes crimes com os quais se fez tanto barulho! Considero os homens não civilizados uma multidão de molas dispersas e isoladas. Sem dúvida, se porventura algumas dessas molas viessem a chocar-se, uma ou outra ou ambas se quebrariam. Para obviar tal inconveniente, um indivíduo de sabedoria profunda e gênio sublime reuniu essas molas e compôs uma máquina, e nesta máquina, denominada sociedade, todas as molas foram tornadas atuantes, reagindo umas contra as outras, incessantemente fatigadas; e romperam-se mais em um dia, no estado de legislação, do que se romperam em um ano, na anarquia da natureza. Mas que estrépito! Que estrago! Que enorme destruição das pequenas molas, quando duas, três, quatro dessas enormes máquinas vieram a chocar-se com violência!

A. — Assim preferiríeis o estado de natureza bruta e selvagem?

B. — Por minha fé, não ousaria declará-lo: mas sei que se viu muitas vezes o homem das cidades despir-se e reentrar na floresta, e que nunca se viu o homem da floresta vestir-se e estabelecer-se na cidade.

A. — Amiúde me ocorreu ao pensamento que a soma dos bens e dos males era variável para cada indivíduo; mas que a ventura ou a desventura de uma espécie animal qualquer contava um limite que ela não podia franquear, e que nossos esforços nos proporcionavam talvez, como resultado final, tanto inconveniente quanta vantagem: de modo que nos teríamos de fato atormentado para aumentar os dois membros de uma equação, entre os quais subsistia eterna e necessária igualdade. Entretanto, não duvido que a vida média do homem civilizado seja mais longa que a vida média do homem selvagem.

B. — E se a duração de uma máquina não for uma justa medida de sua maior ou menor fadiga, o que concluireis daí?

A. — Vejo que, a somar tudo, vós vos inclinardes a crer os homens tanto menos malvados e infelizes quanto mais civilizados?

B. — Não percorri todas as regiões do universo; mas eu vos advirto somente que não encontrareis em parte alguma a condição de homem feliz exceto no Taiti, e em parte alguma suportável exceto num recanto da Europa. Lá, senhores desconfiados e ciosos de sua própria segurança incumbiram-se de mantê-lo no que chamais embrutecimento.

A. — Em Veneza, talvez?

B. — Por que não? Não negareis, pelo menos, que em parte alguma há menos luzes adquiridas, menos moral artificial, e menos vícios e virtudes quiméricas.

A. — Eu não esperava o elogio desse governo.

B. — Tampouco o faço. Indico-vos uma espécie de reparação da servidão, que todos os viajantes sentiram e preconizaram.

A. — Pobre reparação!

B. — Talvez. Os gregos proscreveram aquele que juntara uma corda à lira de Mercúrio.

A. — E essa proibição é uma sátira sangrenta de seus primeiros legisladores. A primeira corda é que se devia cortar.

B. — Vós me compreendestes. Em toda parte onde há uma lira, há cordas. Enquanto os apetites naturais forem sofisticados, contaí com mulheres maldosas.

A. — Como a Reymer.

B. — Com homens atrozes.

A. — Como Gardeil.

B. — E com infortunados a propósito de nada.

A. — Como Tanié, a Senhorita de La Chaux, o cavaleiro Desroches e a Senhora de La Carlière.²⁸

É certo que se procurariam inutilmente no Taiti exemplos da depravação dos dois primeiros, e da desventura dos três últimos. Que faremos então? Voltaremos à natureza? Submeter-nos-emos às leis?

B. — Falaremos contra as leis insensatas até que sejam reformadas; e, entrementes, nos submeteremos a elas. Aquele que, por sua autoridade privada, infringe uma lei má, autoriza a qualquer outro a infringir as boas. Há menos inconvenientes em ser louco entre loucos, do que ser sábio sozinho. Digamos a nós próprios, gritemos incessantemente que a vergonha, o castigo e a ignomínia foram atribuídos a ações inocentes em si mesmas; mas não as cometamos, porque a vergonha, o castigo e a ignomínia são os maiores de todos os males. Imitemos o bom capelão, monge em França, selvagem no Taiti.

A. — Tomar o hábito do país aonde se vai, e guardar o do país onde se está.

B. — E sobretudo ser honesto e sincero até o escrúpulo com os seres frágeis, que não podem fazer nossa felicidade, sem renunciar às vantagens mais preciosas de nossas sociedades. E

esse nevoeiro espesso, onde foi parar?

A. — Baixou.

B. — E se quisermos poderemos, ainda, depois do almoço, sair ou ficar?

A. — Isso dependerá, creio, um pouco mais das mulheres do que de nós.

B. — Sempre as mulheres! Não se poderia dar um passo sem encontrá-las atravessadas no caminho.

A. — E se lhes lêssemos o diálogo do capelão e de Oru?

B. — A vosso ver, o que diriam elas?

A. — Não tenho a menor idéia.

B. — E o que pensariam elas?

A. — Talvez o contrário do que diriam.

Notas

² Nos interlúdios de sua vida aventureira, Bougainville dedicava-se à aventura amorosa.

³ O roteiro indicado é o da própria *Viagem*, segundo o mapa geral estabelecido por Bougainville.

⁴ Há quem veja aí alusão à acolhida que, no Rio de Janeiro, o vice-rei, Conde da Cunha, teria dispensado a Bougainville. P. Vernière, entretanto, relaciona o fato com dificuldades encontradas nas Malvinas (*op. cit.*, pág. 458, n. 2).

⁵ Lembrança dos patos e das abetardas das ilhas Malvinas ou Falkland.

⁶ Idéia baseada na *Teoria da Terra*, de Buffon e, no texto, relacionada especificamente às ilhas Falkland.

⁷ Ilhota das Paumotu, descoberta por Bougainville, que lhe deu o nome de *Lanceiros*, por causa dos indígenas armados de lanças que o receberam ameaçadoramente.

⁸ Pormenor proveniente de Montesquieu (*Espírito das Leis*, livro XXII, cap. 16).

⁹ A expulsão dos jesuítas do Paraguai coincidiu com a passagem de Bougainville por Buenos Aires.

¹⁰ A lenda dos gigantes patagões data da viagem de Magalhães. Toda uma polêmica surgira a propósito entre o secretário da Royal Society de Londres, Maty (1718-1776), e o Abade Coyer.

¹¹ Durante um ano, a curiosidade parisiense pôde ocupar-se daquela *avis rara*, com o taitiano trazido por Bougainville.

¹² Planície da Bacia parisiense.

¹³ Bougainville providenciou efetivamente o retorno do taitiano que, no entanto, morreu de bexigas na viagem.

¹⁴ O explorador fala realmente de um ancião que recusou o contato com os brancos.

¹⁵ Bougainville, em nome de Luís XV, tomou posse da terra.

¹⁶ Os europeus admiraram de fato a formosura taitiana.

¹⁷ Ingleses e franceses atribuíram-se mutuamente a introdução, na ilha, de moléstias venéreas.

¹⁸ Um incidente com soldados determinou a fuga da população, brutal e tragicamente surpreendida.

¹⁹ O fato parece estar relacionado com a descoberta das Paumotu e do Taiti pelo lusitano Fernandes de Queiroz, no século XVI. Quanto à substituição do português pelo espanhol, ela resulta, ao que tudo indica, do puro arbítrio do autor.

²⁰ A *Viagem* nada registra de particular acerca do capelão, constando apenas o seu nome, que é La Vêze.

²¹ Bougainville menciona reiteradas vezes o costume em apreço.

²² O explorador, ao contrário do que pretende o filósofo, constata a existência entre os insulares de numerosos ritos e superstições religiosas.

²³ Arnaud d'Ossat (1537-1604), embaixador de Henrique IV em Roma e autor de reputadas *Cartas*.

²⁴ O trecho subsequente, até o ponto em que Oru retoma a palavra, é uma digressão que não figura em muitas edições do *Suplemento*, como é o caso, modernamente, da Pléiade. Todavia, resolvemos incluí-lo em nossa tradução, não só porque a edição crítica de P. Vernière (*op. cit*) o inclui no seu trabalho de estabelecimento de texto, mas como ilustração viva das preocupações que subjazem ao *Suplemento*. A anedota, que é invenção de Benjamin Franklin, foi narrada como fato real pelo Abade Raynal.

²⁵ Historiador e filósofo francês (1713-1796).

²⁶ Soa estranha esta passagem, num contexto como o do *Suplemento*, se não se levar em conta a dialética apontada acima, na pág. 93s. e se não se considerar que a eficácia da lei coerente é um dos fundamentos da teoria moral de Diderot.

²⁷ Prescrições alimentares do *Deuteronômio*, XIV, 13-14.

²⁸ Alusão a dois contos de Diderot: La Reymer e Tanié, Gardeil e a Senhorita de La Chaux aparecem em *Isto Não É um Conto*, enquanto Desroches e a Sr.^a de La Carlière são personagens na narrativa que foi intitulada *Sobre a Inconseqüência do Julgamento Público de Nossas Ações Particulares*.

PARADOXO SOBRE O COMEDIANTE

Tradução e notas de **J. Guinsburg**

¹ Das obras de Diderot, o *Paradoxo* é uma das que, sem dúvida, jamais perderão a sua atualidade. No confronto que estabelece entre a alma do comediante e a sua expressão, chega a uma teoria do ator que só encontra paralelo, por sua profundidade e amplitude, na que Stanislavski estabelecerá um século e meio depois. Contudo, o seu alcance pode ir muito além do plano teatral e estético. E muitos de seus comentadores vêem no *Paradoxo* um caso particular de uma teoria geral da sensibilidade, tal como ela é sugerida nas passagens onde Diderot amplia sua análise para o caso do homem de gênio em geral, etc, e no *Sonho de D'Alembert*, quando Bordeu diz: “Os seres sensíveis ou os loucos se acham no palco, ele [o grande homem] está na platéia” (cf. *O Sonho de D'Alembert*, pág. 118 e nota 35).

Essa coincidência entre os dois trabalhos não é só de uma mesma ordem de concepção, mas também de uma mesma época de elaboração, datando o *Paradoxo*, segundo P. Vernière (*Oeuvres Esthétiques*, pág. 295), de novembro de 1769, ou seja, dois meses após a composição de *O Sonho*. A obra passou por várias versões e só veio à luz postumamente, em 1830.

PRIMEIRO INTERLOCUTOR — Não falemos mais disso.

SEGUNDO INTERLOCUTOR — Por quê?

PRIMEIRO — Porque a obra é de vosso amigo.²

SEGUNDO — Que importa?

PRIMEIRO — Muito. De que vos serve ficar na alternativa de desprezar ou o seu talento, ou o meu julgamento, e depreciar a boa opinião que tendes dele ou a que tendes de mim?

SEGUNDO — Isso não sucederá; e mesmo que sucedesse, minha amizade pelos dois, baseada em qualidades mais essenciais, não seria atingida.

PRIMEIRO — Talvez.

SEGUNDO — Estou certo. Sabeis a quem vos assemelhaiis neste instante? A um autor de meu conhecimento que suplicava de joelhos a uma mulher à qual estava ligado que não assistisse à primeira representação de uma de suas peças.

PRIMEIRO — Vosso autor era modesto e prudente.

SEGUNDO — Temia que o sentimento terno que lhe dedicavam ficasse na dependência da apreciação que fosse feita de seu mérito literário.

PRIMEIRO — Isso seria possível.

SEGUNDO — Que um fracasso público o degradasse um pouco aos olhos de sua amada.

PRIMEIRO — Que, menos apreciado, fosse menos amado. E isso vos parece ridículo?

SEGUNDO — Foi assim que se julgou o fato. O camarote foi alugado e o autor logrou o maior êxito: só Deus sabe como foi

abraçado, festejado e acariciado.

PRIMEIRO — Sê-lo-ia muito mais se a peça fosse vaiada.

SEGUNDO — Não duvido.

PRIMEIRO — E eu persisto em minha opinião.

SEGUNDO — Persisti, consinto; mas lembrai-vos de que não sou mulher e que é preciso, se vos apraz, que vos expliqueis.

PRIMEIRO — Absolutamente?

SEGUNDO — Absolutamente.

PRIMEIRO — Ser-me-ia mais fácil calar-me do que disfarçar meu pensamento.

SEGUNDO — Acredito.

PRIMEIRO — Serei severo.

SEGUNDO — É o que meu amigo exigiria de vós.

PRIMEIRO — Pois bem, já que é mister vo-lo dizer, a obra dele, escrita em um estilo alambicado, obscuro, tortuoso, empolado, está cheia de idéias comuns. Ao sair desta leitura, um grande comediante não será melhor, e um ator medíocre não será menos ruim. Compete à natureza dar as qualidades da pessoa, a figura, a voz, o julgamento, a sutileza. Compete ao estudo dos grandes modelos, ao conhecimento do coração humano, à prática do mundo, ao trabalho assíduo, à experiência e ao hábito do teatro aperfeiçoar o dom da natureza. O comediante imitador pode chegar ao ponto de representar tudo passavelmente; nada haverá a louvar, nem a repreender em seu desempenho.

SEGUNDO — Ou haverá tudo a repreender.

PRIMEIRO — Como quiserdes. O comediante por natureza é amiúde detestável e às vezes excelente. Em qualquer gênero que seja, desconfiai da mediocridade constante. Qualquer que seja o rigor com que um estreante seja tratado, é fácil pressentir seus triunfos vindouros. As vaias sufocam apenas os ineptos. E como

formaria a natureza sem a arte um grande comediante, já que nada se passa exatamente no palco como na natureza, e que os poemas dramáticos são todos compostos segundo um certo sistema de princípios? E como seria um papel desempenhado da mesma maneira por dois atores diferentes, se no escritor mais claro, mais preciso, mais enérgico, as palavras não são e não podem ser senão signos aproximados de um pensamento, de um sentimento, de uma idéia; signos cujo valor o movimento, o gesto, o tom, a fisionomia, os olhos, a circunstância dada completam? Quando ouvís estas palavras:

... *O que faz aí vossa mão?*

— *Apalpo o vosso traje, o seu tecido é macio.*³

O que sabeis vós? Nada. Ponderai bem o que segue, e concebei como é freqüente e fácil que dois interlocutores, empregando as mesmas expressões, tenham pensado e dito coisas totalmente diversas. O exemplo que disso vos darei é uma espécie de prodígio; é a obra mesma de vosso amigo. Perguntai a um comediante francês qual a sua opinião a respeito, e este concordará que tudo nele é verdadeiro. Fazei a mesma pergunta a um comediante inglês, e ele vos jurará *by God* que não há sequer uma frase a mudar, e que é o puro evangelho da cena. Entretanto, como não há quase nada em comum entre a maneira de escrever a comédia e a tragédia na Inglaterra e a maneira por que se escrevem esses poemas em França, pois, segundo o modo de pensar mesmo de Garrick, quem sabe representar perfeitamente uma cena de Shakespeare não conhece o primeiro acento da declamação de uma cena de Racine; pois enlaçado pelos versos harmoniosos deste último, como por outras tantas serpentes cujos anéis lhe estreitam a cabeça, os pés, as mãos, as pernas e os braços, sua ação perderia com isso toda a liberdade:⁴ segue-se evidentemente

que o ator francês e o ator inglês, que concordam unanimemente quanto à verdade dos princípios de vosso autor, não se entendem, e que há na linguagem técnica do teatro uma latitude, um vago bastante considerável para que homens sensatos, de opiniões diametralmente opostas, creiam reconhecer aí a luz da evidência. E continuai mais do que nunca apegado à vossa máxima: *Não vos expliqueis nunca se quereis vos entender.*

SEGUNDO — Pensais que em toda obra, e sobretudo nesta, existem dois sentidos distintos, ambos encerrados sob os mesmos signos, um em Londres e outro em Paris?

PRIMEIRO — E que tais signos apresentam tão nitidamente esses dois sentidos que vosso amigo mesmo se enganou com eles, uma vez que, associando nomes de comediantes ingleses a nomes de comediantes franceses, aplicando-lhes os mesmos preceitos, e concedendo-lhes a mesma censura e os mesmos louvores, imaginou, sem dúvida, que aquilo que declarava quanto a uns era igualmente justo quanto a outros.

SEGUNDO — Mas, desse modo, nenhum outro autor teria cometido tantos verdadeiros contra-sensos.

PRIMEIRO — As mesmas palavras de que ele se serve enunciam uma coisa no *carrefour* de Bussy⁵ e coisa diferente em Drury Lane,⁶ devo confessá-lo com pesar; de resto, posso estar errado. Mas o ponto importante, sobre o qual temos opiniões inteiramente opostas vosso autor e eu, é a questão das qualidades principais de um grande comediante. Quanto a mim, quero que tenha muito discernimento; acho necessário que haja nesse homem um espectador frio e tranqüilo; exijo dele, por consequência, penetração e nenhuma sensibilidade, a arte de tudo imitar, ou, o que dá no mesmo, uma igual aptidão para toda espécie de caracteres e papéis.

SEGUNDO — Nenhuma sensibilidade!

PRIMEIRO — Nenhuma. Não coordenei ainda bem minhas razões, e me permitireis vo-las expor como elas me vierem, na desordem da própria obra de vosso amigo.

Se o comediante fosse sensível, sei-lhe-ia permitido, de boa fé, desempenhar duas vezes seguidas um mesmo papel com o mesmo calor e o mesmo êxito? Muito ardente na primeira representação, estaria esgotado e frio como mármore na terceira. Ao passo que imitador atento e discípulo atento da natureza, na primeira vez que se apresentar no palco sob o nome de Augusto, de Cina, de Orosmano, de Agamenon, de Maomé,⁷ copista rigoroso de si próprio ou de seus estudos, e observador contínuo de nossas sensações, sua interpretação, longe de enfraquecer-se, fortalecer-se-á com novas reflexões que terá recolhido; ele se exaltará ou se moderará, e vós ficareis com isso cada vez mais satisfeito. Se ele é ele quando representa, como deixará de ser ele? Se ele quer cessar de ser ele, como perceberá o ponto justo em que deve colocar-se e deter-se?

O que me confirma minha opinião é a desigualdade dos atores que representam com alma. Não espereis da parte deles nenhuma unidade; seu desempenho é alternadamente forte e fraco, quente e frio, trivial e sublime. Hão de falhar amanhã na passagem onde hoje primaram; em compensação, hão de primar naquela em que falharam na véspera. Ao passo que o comediante que representar com reflexão, com estudo da natureza humana, com imitação constante segundo algum modelo ideal, com imaginação, com memória, será um e o mesmo em todas as representações, sempre igualmente perfeito: tudo foi medido, combinado, apreendido, ordenado em sua cabeça; não há em sua declamação nem monotonia, nem dissonância. O ardor tem seu

progresso, seus ímpetos, suas remissões, seu começo, seu meio, seu extremo. São os mesmos acentos, as mesmas posições, os mesmos movimentos; se existe alguma diferença de uma representação a outra, é comumente em vantagem da última. Ele não será desigual: é um espelho sempre disposto a mostrar os objetos e a mostrá-los com a mesma precisão, a mesma força e a mesma verdade. Assim como o poeta, vai incessantemente abeberar-se no fundo inesgotável da natureza, enquanto que teria assistido bem cedo ao termo de sua própria riqueza.

Que desempenho mais perfeito que o da Mlle Clairon?⁸ Entretanto, segui-a, estudai-a, e ficareis convencido de que na sexta representação ela sabe de cor todos os pormenores de sua interpretação, assim como todas as palavras de seu papel. Sem dúvida, ela fez para si um modelo ao qual procurou de início conformar-se; sem dúvida, concebeu esse modelo da maneira mais elevada, mais grandiosa e a mais perfeita que lhe foi possível; mas tal modelo que tomou da história, ou que sua imaginação criou como grande fantasma, não é ela; se o modelo não a ultrapassasse em altitude, como seria fraca e reduzida sua ação! Quando, à força de trabalho, ela se aproximou dessa idéia o mais que pôde, tudo ficou terminado; manter-se firme nele é uma pura questão de exercício e de memória. Se presenciásseis seus estudos, quantas vezes lhe diríeis: *“É isso mesmo!...”* e quantas vezes ela vos responderia: *“Estais enganado!...”* É como De Quesnoy,⁹ a quem o amigo segurava pelo braço e gritava: *“Detende-vos!, o melhor é inimigo do bom: ides estragar tudo...”* “Vós enxergais o que eu fiz”, replicava o artista arquejante ao conhecedor maravilhado; “mas não enxergais o que eu tenho aí, e o que estou perseguindo.”

Não duvido de modo algum que Mlle Clairon padeça o tormento de Quesnoy em suas primeiras tentativas; mas passada

a luta, depois de elevar-se uma vez à altura de seu fantasma, ela se domina, ela se repete sem emoção. Como nos acontece às vezes no sonho,¹⁰ a cabeça toca-lhe nas nuvens, as mãos vão procurar os dois confins do horizonte; ela é a alma de um grande manequim que a envolve; seus ensaios o fixaram sobre ela. Negligentemente estendida numa espreguiçadeira, com os braços cruzados, os olhos fechados, imóvel, ela pode, seguindo seu sonho de memória, ouvir-se, ver-se, julgar-se e julgar as impressões que provocará. Nesse momento, é dupla: a pequena Clairon e a grande Agripina.

SEGUNDO — Nada, a convir convosco, assemelha-se tanto a um comediante na cena ou em seus estudos, quanto as crianças que, de noite, arremedam as almas do outro mundo nos cemitérios, erguendo acima de suas cabeças um grande lençol branco na ponta de uma vara, e lançando de baixo desse catafalco uma voz lúgubre que atemoriza os passantes.

PRIMEIRO — Tendes razão. Com Mlle Dusmenil¹¹ não acontece o mesmo que com Mlle Clairon. Ela sobe ao palco sem saber o que irá dizer; a metade do tempo, não sabe o que diz, mas chega um momento sublime. E por que diferiria o ator do poeta, do pintor, do orador e do músico? Não é no furor do primeiro jato que os traços característicos se apresentam, é em momentos tranqüilos e frios, em momentos totalmente inesperados. Não se sabe de onde semelhantes traços provêm; eles se parecem com a inspiração. É quando, suspensos entre a natureza e o esboço que fazem, esses gênios dirigem alternadamente um olhar atento a um e outro; as belezas de inspiração, os traços fortuitos que espalham em suas obras, e cuja súbita aparição a eles próprios espanta, são de um efeito e de um êxito assegurados de maneira bem diversa daquilo que jogaram nelas num repente. Cabe ao sangue-frio

temperar o delírio do entusiasmo.

Não é o homem violento que está fora de si que dispõe de nós; trata-se antes de uma vantagem reservada ao homem que se domina. Os grandes poetas dramáticos, sobretudo, são espectadores assíduos do que se passa em torno deles no mundo físico e no mundo moral.

SEGUNDO — Que são um só.

PRIMEIRO — Apreendem tudo que os impressiona; fazem coleções com isso. É dessas coleções formadas neles, sem que o saibam, que tantos fenômenos raros passam às suas obras. Os homens acalorados, violentos, sensíveis, encontram-se em cena; dão o espetáculo, mas não o desfrutam.¹² São eles que servem de modelo para o homem de gênio fazer sua cópia. Os grandes poetas, os grandes atores, e, talvez, em geral, todos os grandes imitadores da natureza, quaisquer que sejam, dotados de bela imaginação, de grande julgamento, de tato fino, de gosto muito seguro, são os menos sensíveis dos seres. São igualmente aptos a um número demasiado de coisas; acham-se demasiado ocupados em olhar, em reconhecer e em imitar, para que sejam vivamente afetados no íntimo deles próprios. Eu os vejo incessantemente com a pasta de desenho sobre os joelhos e o lápis na mão. .

Nós sentimos; eles observam, estudam e pintam. Posso dizê-lo? Por que não? A sensibilidade não é quase a qualidade de um grande gênio. Ela amará a justiça; mas exercerá essa virtude sem recolher sua doçura. Não é seu coração, mas sua cabeça que faz tudo. À menor circunstância imprevista, o homem sensível a perde; ele não será grande rei, nem grande ministro, nem grande capitão, nem grande advogado, nem grande médico. Enchei a sala de espetáculo desses chorões, mas não coloqueis nenhum deles no palco. Vede as mulheres; elas nos ultrapassam certamente, e

de muito longe, em sensibilidade; que diferença entre elas e nós nos instantes da paixão! Mas, assim como nos são superiores quando agem, do mesmo modo nos são inferiores quando imitam. A sensibilidade nunca se apresenta sem fraqueza de organização. A lágrima que escapa do homem verdadeiramente homem nos comove mais que todos os prantos de uma mulher. Na grande comédia, a comédia do mundo, aquela para a qual sempre torno, todas as almas quentes ocupam o teatro; todos os homens de gênio encontram-se na platéia. Os primeiros chamam-se loucos; os segundos, que se dedicam a lhes copiar as loucuras, chamam-se sábios. É o olho do sábio que capta o ridículo de tantas personagens diversas, que o pinta, e que vos faz rir, quer desses importunos originais, de que fostes vítima, quer de vós mesmo. É ele quem vos observava, e quem traçava a cópia cômica, quer do importuno, quer de vosso suplício.

Se essas verdades fossem demonstradas, os grandes comediantes não concordariam com elas; é o segredo deles. Os atores medíocres ou neófitos são feitos para rejeitá-las, e poder-se-ia dizer de alguns outros que eles acreditam sentir, como se disse do supersticioso, que ele acredita crer; e que sem a fé para este, e sem a sensibilidade para aquele, não há qualquer salvação.

Mas como? dirá alguém, estes acentos tão plangentes, tão dolorosos, que esta mãe arranca do fundo de suas entranhas, e com os quais as minhas são tão violentamente sacudidas, não é o sentimento atual que os produz, não é o desespero que os inspira? De modo algum; e a prova é que são medidos, que fazem parte de um sistema de declamação; que mais baixos ou mais agudos do que a vigésima parte de um quarto de tom, são falsos; que estão sujeitos a uma lei de unidade; que são, como na harmonia, preparados e preservados: que satisfazem todas as condições

requeridas apenas através de um longo estudo; que concorrem para a solução de um problema proposto; que, para ser levados ao ponto justo, foram ensaiados cem vezes e que, apesar desses freqüentes ensaios, ainda lhes falta algo; é que antes de dizer:

*Zaira, vós chorais*¹³

ou

*Vós compreendereis, minha filha*¹⁴

o ator escutou-se durante muito tempo a si mesmo; é que ele se escuta no momento em que vos perturba, e que todo seu talento consiste não em sentir, como supondes, mas em expressar tão escrupulosamente os sinais externos do sentimento, que vós vos enganais, a esse respeito. Os gritos de sua dor são notados em seu ouvido. Os gestos de seu desespero são decorados, foram preparados diante de um espelho. Ele conhece o momento exato em que há de tirar o lenço e em que as lágrimas hão de rolar; esperai-as a esta palavra, a esta sílaba, nem mais cedo nem mais tarde. Este tremor da voz, estas palavras suspensas, estes sons sufocados ou arrastados, este frêmito dos membros, esta vacilação dos joelhos, estes desfalecimentos, estes furores, pura imitação, lição recordada de antemão, trejeito patético, macaquice sublime de que só o ator guarda lembrança muito tempo depois de tê-la estudado, de que tinha consciência presente no momento em que a executava, e que lhe deixa, felizmente para o poeta, para o espectador e para ele, toda a liberdade de seu espírito, e que não lhe tira, assim como os outros exercícios, senão a força do corpo. O soco ou o coturno deposto, sua voz extinguiu-se, ele sente extrema fadiga, vai mudar de roupa branca ou deitar-se; mas não lhe resta nem perturbação, nem dor, nem melancolia, nem abatimento de alma. Sois vós quem leveis convosco todas essas impressões. O ator está cansado e vós, tristes; é que ele se agitou

sem nada sentir, e vós sentistes sem vos agitar. Se fosse de outro modo, a condição do comediante seria a mais desgraçada das condições; mas ele não é a personagem, ele a representa e a representa tão bem que vós a tomais como tal; a ilusão só existe para vós; ele sabe muito bem que ele não a é.

Quanto às sensibilidades diversas, que se concertam entre si para obter o maior efeito possível, que se afinam, que se enfraquecem, que se fortalecem, que se matizam para formar um todo que seja um só, isso me faz rir. Insisto portanto, e digo: “É a extrema sensibilidade que faz os atores medíocres: é a sensibilidade medíocre que faz a multidão dos maus atores; e é a falta absoluta de sensibilidade que prepara os atores sublimes”. As lágrimas do comediante lhe descem de seu cérebro; as do homem sensível lhe sobem do coração: são as entranhas que perturbam desmesuradamente a cabeça do homem sensível; é a cabeça do comediante que leva às vezes passageira perturbação às suas entranhas; ele chora como um padre incrédulo que prega a Paixão; como um sedutor aos joelhos de uma mulher que ele não ama, mas que deseja enganar; como um mendigo na rua ou à porta de uma igreja, que vos injuria quando desespera de vos comover; ou como uma cortesã que nada sente, mas que desmaia em vossos braços.

Jamais refletistes sobre a diferença entre as lágrimas provocadas por um acontecimento trágico e as lágrimas provocadas por um relato patético? Ouve-se contar uma bela coisa: pouco a pouco a cabeça se baralha, as entranhas se comovem e as lágrimas rolam. Ao contrário, à vista de um acidente trágico, o objeto, a sensação e o efeito se tocam; num instante, as entranhas se comovem, solta-se um grito, a cabeça se perde, e as lágrimas correm; estas vêm subitamente; as outras são

trazidas. Eis a vantagem de um lance teatral natural e verdadeiro em uma cena eloqüente, ele realiza bruscamente o que a cena faz esperar; mas sua ilusão é muito mais difícil de produzir; um incidente falso, mal representado, a destrói. Os acentos são melhor imitados que os movimentos, mas os movimentos impressionam mais violentamente. Eis o fundamento de uma lei para a qual não creio haver exceção, é a de solucionar por uma ação e não por um relato, sob pena de ser frio.

Pois bem, nada tendes a objetar-me? Eu vos ouço; procedeis a um relato em sociedade; vossas entranhas se comovem, vossa voz se entrecorta, chorais. Vós sentistes, dizeis, e sentistes muito vivamente. Convenho; mas vos preparastes para isso? Não. Faláveis em versos? Não. Entretanto, arrastastes, espantastes, tocastes, produzistes grande efeito. É verdade. Mas transportai ao teatro vosso tom familiar, vossa expressão simples, vosso porte doméstico, vosso gesto natural e vereis quão pobre e fraco sereis. Em vão derramareis lágrimas, sereis ridículo, as pessoas rirão. Não será uma tragédia, mas uma farsa trágica que representareis. Credes que as cenas de Corneille, de Racine, de Voltaire e mesmo de Shakespeare possam ser recitadas com vossa voz de conversação e com o tom que adotais ao canto de vossa lareira? Não mais do que a história do canto de vossa lareira com a ênfase e a abertura de boca do teatro.

SEGUNDO — É porque talvez Racine e Corneille, por grandes homens que fossem, nunca fizeram nada que valha.

PRIMEIRO — Que blasfêmia! Quem ousaria proferi-la? Quem ousaria aplaudi-la? As coisas familiares de Corneille não podem sequer ser ditas em tom familiar.

Mas uma experiência que, por certo, repetistes cem vezes, é que no fim de vosso relato, no meio da perturbação e da emoção

que lançastes em vosso pequeno auditório de salão, sobrevém uma nova personagem cuja curiosidade cumpre satisfazer. Vós não podeis mais fazê-lo, vossa alma está esgotada, não vos resta nem sensibilidade, nem calor, nem lágrimas. Por que não experimenta o ator a mesma prostração? É que há de fato diferença entre o interesse que assume um conto de pura invenção e o interesse que vos inspira o infortúnio de vosso vizinho. Sois Cina? Fostes alguma vez Cleópatra, Mérope, Agripina? Que vos importa essa gente? A Cleópatra, a Mérope, a Agripina, o Cina do teatro são mesmo personagens históricas? Não. São fantasmas imaginários da poesia; digo muito; são espectros do feitio particular deste ou daquele poeta. Deixai essa espécie de hipogrifos na cena com seus movimentos, seu comportamento e seus gritos; figurariam mal na história: provocariam gargalhadas em um círculo ou outra reunião da sociedade. As pessoas se perguntariam no ouvido: Será que está delirando? De onde vem esse Dom Quixote? Onde é que se fazem dessas histórias? Qual é o planeta em que se fala assim?

SEGUNDO — Mas por que não se revoltam no teatro?

PRIMEIRO — É que aí elas existem por convenção. É uma fórmula dada pelo velho Ésquilo; é um protocolo que data de três mil anos.

SEGUNDO — E esse protocolo vai durar ainda muito tempo?

PRIMEIRO — Eu o ignoro. Tudo o que sei é que nos afastamos dele à medida que nos aproximamos de nosso século e de nosso país.

Conheceis uma situação mais semelhante à de Agamenon, na primeira cena de *Ifigênia*, do que a situação de Henrique IV, quando, obsedado por terrores que eram mais do que fundados, dizia a seus familiares: “Eles me matarão, nada é mais certo; eles

me matarão...” Suponde que esse excelente homem, esse grande e infeliz monarca, atormentado à noite por tal pressentimento funesto, se levante e vá bater à porta de Sully, seu ministro e amigo; credes que houvesse um poeta bastante absurdo para levar Henrique a dizer:

Sim, é Henrique, é teu rei que te desperta.

Vem, reconhece a voz que chega a teu ouvido...

e levar Sully a responder:

Sois vós mesmo, senhor! Que importante necessidade

Vos fez preceder a aurora de tão longe?

Apenas uma fraca luz vos ilumina e me guia,

Vossos olhos só e os meus estão abertos! ¹⁵

SEGUNDO — Era talvez esta a verdadeira linguagem de Agamenon.

PRIMEIRO — Não mais do que a de Henrique IV. É a de Homero, é a de Racine, é a da poesia; e essa linguagem pomposa não pode ser empregada senão por seres desconhecidos, e falada por bocas poéticas com um tom poético.

Refleti um momento sobre o que se chama no teatro *ser verdadeiro*. Será mostrar as coisas como elas são na natureza? De forma nenhuma. O verdadeiro neste sentido seria apenas o comum. O que é pois o verdadeiro do palco? É a conformidade das ações, dos discursos, da figura, da voz, do movimento, do gesto, com um modelo ideal imaginado pelo poeta, e muitas vezes exagerado pelo comediante. Eis o maravilhoso. Esse modelo não influi somente no tom; modifica até o passo, até a postura. Daí vem que o comediante na rua ou na cena são dois personagens tão diferentes, que mal se consegue reconhecê-los. A primeira vez que vi Mlle Clairon em casa dela, exclamei com toda a

naturalidade: *“Ah! senhorita, eu vos julgava mais alta de uma cabeça inteira”*.

Uma mulher infeliz, e verdadeiramente infeliz, chora e não vos comove em nada: pior ainda, um traço ligeiro que a desfigura vos faz rir; é que um acento que lhe é próprio desentoa a vosso ouvido e vos fere; é que um movimento que lhe é habitual vos mostra essa dor ignóbil e enfadonha; é que as paixões exageradas são quase todas sujeitas a trejeitos que o artista sem gosto copia servilmente, mas que o grande artista evita. Nós queremos que, no acme dos tormentos, o homem guarde o caráter de homem, a dignidade de sua espécie. Qual é o efeito desse esforço heróico? Distrair da dor e temperá-la. Nós queremos que essa mulher caia com decência, com delicadeza, e que seu herói morra como o gladiador antigo, no meio da arena, com os aplausos do circo, com graça, com nobreza, numa atitude elegante e pitoresca. Quem é que satisfará nossa esperança? Será o atleta que a dor subjuga e que a sensibilidade descompõe? Ou o atleta academizado que se domina e pratica as lições da ginástica ao render o último suspiro? O gladiador antigo, como um grande comediante, e um grande comediante, assim como o gladiador antigo, não morrem como se morre no leito, mas são obrigados a nos representar uma outra morte para nos agradar, e o espectador delicado sentiria que a verdade nua, a ação despida de qualquer apresto, seria mesquinha e haveria de contrastar com a poesia do resto.

Não que a natureza não tenha seus momentos sublimes: mas penso que, se há alguém seguro de apreender e conservar sua sublimidade, é aquele que os tiver pressentido por imaginação ou por gênio, e que os representar com sangue-frio.

Entretanto, eu não negaria que não haja aí uma espécie de mobilidade de entranhas adquirida ou factícia; mas, se

perguntardes minha opinião, julgo-a quase tão perigosa quanto a sensibilidade natural. Ela deve conduzir pouco a pouco o ator à maneira e à monotonia. É um elemento contrário à diversidade das funções de um grande comediante; este é amiúde obrigado a despojar-se dela, e tal renúncia só é possível a uma cabeça de ferro. Contudo, mais valeria, para a facilidade e o êxito dos estudos, para a universalidade do talento e a perfeição do desempenho, se não precisasse cometer essa incompreensível distração de si para consigo, cuja extrema dificuldade, ao limitar cada comediante a um só papel, condena as companhias a serem muito numerosas, ou quase todas as peças a serem mal representadas, a menos que se inverta a ordem das coisas, e que as peças se façam para os atores, que, me parece, deveriam muito ao contrário ser feitos para as peças.

SEGUNDO — Mas se uma multidão de homens agrupados na rua por alguma catástrofe vem exhibir subitamente, e cada um à sua maneira, sua sensibilidade natural, sem se haver combinado, criarão um espetáculo maravilhoso, mil modelos precisos para a escultura, a pintura, a música e a poesia.

PRIMEIRO — É verdade. Mas esse espetáculo poderia comparar-se ao que resultaria de uma combinação bem concebida, dessa harmonia que o artista lhe infundiria quando o transportasse da praça à cena ou à tela? Se vós pretendeis que sim, qual é, pois, replicarei eu, essa tão gabada magia da arte, se se reduz a estragar o que a natureza bruta e um arranjo fortuito realizaram melhor do que ela? Negais que se embeleza a natureza? Nunca elogiastes uma mulher dizendo que era bela como uma *Virgem* de Rafael? À vista de uma bela paisagem, não exclamastes que era romanesca? Além disso, vós me falais de uma coisa real, e eu vos falo de uma imitação; vós me falais de um instante fugaz

da natureza, e eu vos falo de uma obra de arte, projetada, interligada, que tem seus progressos e sua duração. Tomai cada um desses atores, fazei variar a cena na rua como no teatro, e mostrai-me vossos personagens sucessivamente, isolados, dois a dois, três a três; abandonai-os a seus próprios movimentos; que sejam senhores absolutos de suas ações, e vereis a estranha cacofonia que daí resultará. A fim de evitar esse defeito, fazeis com que ensaiem juntos. Adeus então à sensibilidade natural deles, e tanto melhor.

Ocorre com o espetáculo o mesmo que com uma sociedade bem ordenada, onde cada um sacrifica parte de seus direitos para o bem do conjunto e do todo. Quem apreciará melhor a medida desse sacrifício? Será o entusiasta? O fanático? Não, por certo. Na sociedade, será o homem justo; no teatro, o comediante que tiver a cabeça fria. Vossa cena de rua está para a cena dramática como uma horda de selvagens para uma assembléia de homens civilizados.

É aqui o lugar de vos falar da pífida influência de um parceiro medíocre sobre um excelente comediante. Este concebeu com grandeza, mas será forçado a renunciar a seu modelo ideal a fim de colocá-lo ao nível do pobre-diabo com o qual está contracenando. Passa-se então com o estudo e o bom julgamento o mesmo que se faz instintivamente no passeio ou ao pé do fogo: aquele que fala abaixa o tom do interlocutor. Ou se preferis outra comparação, é como no uíste, onde perdeis uma porção de vossa habilidade, se não podeis contar com vosso jogador. Há mais: Mlle Clairon vos dirá, quando quiserdes, que Le Kain,¹⁶ por malvadez, a tornava má ou medíocre, à vontade; e que, em represália, ela o expunha às vezes aos apupos. O que são portanto dois comediantes que se sustentam mutuamente? Duas personagens

cujos modelos apresentam, guardadas as proporções, ou a igualdade, ou a subordinação que convêm às circunstâncias em que o poeta as situou, sem que uma seja demasiado forte ou demasiado fraca; e, para salvar essa dissonância, o forte elevará raramente o fraco à sua altura; mas, por reflexão, descerá à pequenez deste. E sabeis qual o objeto desses ensaios tão múltiplos? Estabelecer um equilíbrio entre os talentos diversos dos atores, de maneira que daí resulte uma ação geral que seja una; e quando o orgulho de um deles se recusa a esse equilíbrio, é sempre à custa da perfeição do todo, em detrimento de vosso prazer; pois é raro que o excelente de um só vos indenize da mediocridade dos outros, que ele ressalta. Vi por vezes a personalidade de um grande ator punida; é quando o público decretava tolamente que ele fora exagerado, em vez de sentir que seu parceiro era fraco.

Agora sois poeta: tendes uma peça para ser representada e eu vos deixo a escolha ou de atores de profundo julgamento e de cabeça fria, ou de atores sensíveis. Mas, antes de vos decidirdes, permiti que eu vos faça uma pergunta. Em que idade se é grande comediante? É na idade em que se está cheio de fogo, em que o sangue ferve nas veias, em que o mais ligeiro choque leva a perturbação ao fundo das entranhas, em que o espírito se inflama à menor centelha? Parece-me que não. Aquele que é comediante marcado pela natureza prima em sua arte apenas quando a longa experiência é adquirida, quando o ímpeto das paixões decaiu, quando a cabeça está calma e quando a alma se domina. O vinho da melhor qualidade é áspero e mosto quando fermenta; é por uma longa estada no tonel que se torna generoso. Cícero, Sêneca e Plutarco representam para mim as três idades do homem que compõe: Cícero não passa muitas vezes de um fogo de palha que

me rejubila os olhos; Sêneca, um fogo de sarmento que os fere; ao passo que, se remexo as cinzas do velho Plutarco, descubro as grandes brasas de um braseiro que me aquece docemente.

Baron¹⁷ interpretava, com sessenta anos passados, o conde de Essex, Xifarés, Britânico,¹⁸ e os interpretava bem. Mlle Gaussin¹⁹ encantava, em *O Oráculo* e *A Pupila*,²⁰ aos cinqüenta anos.

SEGUNDO — Ela não tinha quase a aparência de seu papel.

PRIMEIRO — É verdade; e este é talvez um dos obstáculos insuperáveis para a excelência de um espetáculo. Cumpre ter passeado longos anos sobre o palco, e o papel exige às vezes a primeira juventude. Se se encontrou uma atriz de dezessete anos,²¹ capaz de desempenhar o papel de Mônima, de Dido, de Pulquéria, de Hermíone,²² trata-se de um prodígio que não mais se tornará a ver. Entretanto, um velho comediante só é ridículo quando as forças o abandonaram inteiramente, ou quando a superioridade de seu desempenho não salva o contraste entre sua velhice e seu papel. Acontece no teatro como na sociedade, onde não se censura a galanteria numa mulher a não ser quando ela não possui nem bastantes talentos, nem bastantes outras virtudes para cobrir um vício.

Em nossos dias, Mlle Clairon e Molé²³ representaram, ao estrear, quase como autômatos, a seguir mostraram-se verdadeiros comediantes. Como se produziu isso? Acaso a alma, a sensibilidade e as entranhas lhes vieram somente à medida que avançavam em idade?

Há pouco, após dez anos de ausência do teatro, Mlle Clairon quis reaparecer; se representou mediocrementemente, é porque perdera a alma, a sensibilidade, as entranhas? De modo algum; perdeu antes a memória de seus papéis. Invoco o testemunho do futuro.

SEGUNDO — Como, acreditaís que ela se nos apresentará de novo?

PRIMEIRO — Ou que perecerá de tédio; pois o que quereis que se ponha no lugar do aplauso público e de uma grande paixão? Se tal ator, se tal atriz estivessem profundamente compenetrados, como se supõe, dissei-me se um pensaria em lançar um olhar para os camarotes e o outro a dirigir um sorriso aos bastidores, falando apenas à platéia, e se se iria aos *foyers* interromper as risadas imoderadas de um terceiro, e adverti-lo de que é hora de vir apunhalar-se?

Mas sinto vontade de vos esboçar uma cena entre um comediante e sua mulher, que se detestavam; cena de amantes ternos e apaixonados; cena interpretada publicamente no palco, tal como vou apresentá-la e talvez um pouco melhor; cena em que dois atores pareceram mais do que nunca estar em seus papéis; cena em que arrancaram os aplausos contínuos da platéia e dos camarotes; cena que nossas palmas e nossos gritos de admiração interromperam dez vezes. É a terceira do quarto ato do *Despeito Amoroso*,²⁴ de Molière, que foi um triunfo para eles.

O comediante Erasto, amante de Lucila.

Lucila, amante de Erasto e mulher do comediante.

O COMEDIANTE

*Não, não, não acrediteis, senhora,
Que eu volte a falar-vos de minha flama.*

A COMEDIANTE

— É o que vos aconselho.

Está tudo acabado.

— Assim espero.

Quero curar-me, e bem reconheço

O que de vosso coração possuiu o meu!

— Mais do que mereceis.

Uma cólera tão constante pela sombra de uma ofensa

— Vós, me ofenderdes! não vos dou esta honra.

Esclareceu-me muito bem sobre vossa indiferença;

E devo mostrar-vos que os traços do desprezo

— O mais profundo

São sensíveis sobretudo aos espíritos generosos.

— Sim, aos generosos.

Eu o confessarei, que nos vossos os meus olhos observavam

Encantos que em todos os outros não encontravam.

— Não por falta de tê-los visto.

E o enlevo em que eu estava de minhas algemas

Haveria de preferi-las a ofertados diademas.

— Fizestes melhor negócio.

Eu vivia todo em vós;

— Isso é falso, e vós mentistes.

E, eu confessarei mesmo,

Talvez que apesar de tudo sentirei, embora ofendido,

Bastante pena por delas me haver desprendido.

— Seria deplorável.

É possível que, apesar da cura que experimenta,

Minha alma sangrará por muito tempo desta chaga,

— Nada temais; a gangrena está aí mesmo.

E que, liberta de um jugo que fazia todo meu bem,

Terei de resolver-me a nunca mais amar ninguém.

— Sereis pago na mesma moeda.

*Mas enfim não importa; e já que o ódio vos induz
A expulsar um coração tantas vezes quantas o amor vo-lo
reconduz,*

*E este o último dos molesios seguidos
Que sofrereis de meus anseios repelidos.*

A COMEDIANTE

*Vós podeis fazer aos meus a graça toda inteira,
Senhor, e me poupar ainda esta derradeira.*

O COMEDIANTE

— Meu coração, sois uma insolente, e vos arrependereis disso.

*Pois bem, senhora, eles hão de ficar satisfeitos.
Eu rompo convosco, e rompo para sempre,
Uma vez que o desejais. Que eu venha a perecer,
Se a vontade de vos falar de novo aparecer.*

A COMEDIANTE

Tanto melhor, é fazer-me um favor.

O COMEDIANTE

Não, não, não tenhais temor.

A COMEDIANTE

— Eu não vos temo.

*Que eu falte à palavra; tivesse eu um coração fraco,
A ponto de não poder dele apagar vossa imagem,
Crede que nunca tereis essa vantagem.*

O COMEDIANTE

— A desgraça, quereis dizer,

De me ver voltar outra vez.

A COMEDIANTE

Seria realmente em vão.

O COMEDIANTE

— Minha amiga, sois uma rematada rameira, a quem ensinarei a falar.

Eu mesmo com cem punhaladas me cortaria o peito,

A COMEDIANTE

— Prouvesse a Deus!

Se jamais eu cometesse esse insigne aviltamento.

O COMEDIANTE

— Por que não este, após tantos outros?

Se vos venci, após esse indigno tratamento.

A COMEDIANTE

Seja; não falemos mais disso.

E assim por diante. Após essa dupla cena, uma de amantes e outra de esposos, quando Erasto reconduzia sua amante Lucila para os bastidores, ele lhe apertava o braço com uma violência capaz de arrancar a carne à sua querida mulher, e respondia a seus gritos com as palavras mais insultantes e mais amargas.

SEGUNDO — Se eu ouvisse essas duas cenas simultâneas, creio que, jamais em minha vida, tornaria a pôr o pé no espetáculo.

PRIMEIRO — Se pretendeis que esse ator e essa atriz sentiram, perguntar-vos-ei se foi na cena dos amantes, ou na cena dos esposos, ou se em ambas. Mas escutai a cena seguinte entre a mesma comediante e um outro ator, seu amante.

Enquanto o amante fala, a comediante diz de seu marido: “É um indigno, ele me chamou...; não me atreveria a vos repetir”.

Enquanto ela fala, o amante replica-lhe: “Não estais habituada a isso?...” E assim de cópia em cópia.

“Não cearemos esta noite? — Eu bem que gostaria; mas como escapar? — É vosso problema. — E se ele vier a saber? — Nada mudará, de qualquer jeito, e nós teremos à nossa frente uma doce noite. — Quem convidaremos? — Quem quiserdes. — Mas primeiro o cavalheiro, que tem fundos. — A propósito do cavalheiro, sabeis que dependeria só de mim sentir ciúmes dele? — E só de mim que tivésseis razão?”

Assim, esses seres tão sensíveis vos pareciam estar inteiramente na cena elevada que ouvíeis, quando na verdade estavam apenas na cena baixa, que não ouvíeis; e exclamastes: “É preciso confessar que essa mulher é uma atriz encantadora; que ninguém sabe escutar como ela, e que representa com uma inteligência, uma graça, um interesse, uma finura e uma sensibilidade pouco comum...” E eu ria de vossas exclamações.

Entretanto, a atriz engana o marido com outro ator; este ator, com o cavalheiro; e o cavalheiro, com um terceiro, que o cavalheiro surpreende nos braços dela. Este planejou uma grande vingança. Ele se postara nos balcões, nos degraus mais baixos. (O conde de Lauraguais não²⁵ desobstruíra ainda nosso teatro.) Aí, esperava ele desconcertar a infiel com sua presença e com seus olhares desdenhosos, perturbá-la e expô-la aos apupos da platéia. A peça principia; a traidora aparece; ela percebe o cavalheiro; e, sem se abalar no desempenho, diz-lhe sorrindo: “Apre! o eterno zangado que se irrita por nada”. O cavalheiro sorri, por seu turno. A atriz continua: “Vireis hoje à noite?” Ele se cala. Ela acrescenta: “Acabemos com essa briga sem graça e fazei avançar vosso coche...”²⁶ E sabeis em que cena isso era intercalado? Numa das mais comoventes de *La Chaussée*,²⁷ em que a comediante soluçava e nos fazia derramar lágrimas ardentes. Isso vos confunde; no entanto, é a estrita verdade.

SEGUNDO — É de me desgostar do teatro.

PRIMEIRO — E por quê? Se essa gente não fosse capaz de semelhantes proezas, então sim é que não se deveria ir. O que irei vos contar, eu mesmo presenciei.

Garrick²⁸ mete a cabeça entre os dois batentes de uma porta e, no intervalo de quatro a cinco segundos, seu rosto passa sucessivamente da louca alegria à alegria moderada, desta alegria à tranqüilidade, da tranqüilidade à surpresa, da surpresa ao espanto, do espanto à tristeza, da tristeza ao abatimento, do abatimento ao pavor, do pavor ao horror, do horror ao desespero, e sobe deste último degrau àquele de onde descera. Será que sua alma pôde experimentar todas essas sensações e executar, de acordo com o seu rosto, essa espécie de gama? Não creio absolutamente, nem vós tampouco. Se pedirdes a esse homem célebre, o qual só ele mereceria tanto que se fizesse a viagem à Inglaterra, como todos os restos de Roma merecem que se faça a viagem à Itália; se lhe pedirdes, digo, a cena do Pequeno Padeiro, ele a interpretará; se lhe pedirdes logo em seguida a cena de Hamlet, ele a interpretará, igualmente pronto a chorar a queda de suas massinhas e a seguir no ar a trajetória de um punhal. Acaso a gente ri, acaso chora à discrição? O que a gente faz é uma careta mais ou menos fiel, mais ou menos enganadora, conforme se é ou não se é Garrick.

Eu zombo às vezes, e até com bastante verdade, a fim de iludir os homens do mundo, mesmo os mais finos. Quando me desolo pela morte simulada de minha irmã, na cena com o advogado normando; quando, na cena com o primeiro recebedor da marinha, eu me acuso por ter feito um filho à mulher de um capitão de navio, apresento realmente o ar de quem sente dor e vergonha: mas estou aflito? estou envergonhado? Não mais em

minha pequena comédia do que na sociedade, onde executei esses dois papéis antes de introduzi-los numa obra de teatro.²⁹ O que é pois um grande comediante? Um grande escarnecedor trágico ou cômico, a quem o poeta ditou o discurso.

Sedaine³⁰ apresenta *O Filósofo sem o Saber*.³¹ Interessei-me mais vivamente do que ele pelo êxito da peça; o ciúme de talentos é um vício que me é estranho, já os tenho suficientes sem este: invoco o testemunho de todos os meus confrades em literatura, quando se dignaram por vezes me consultar sobre suas obras, se não fiz tudo o que dependia de mim a fim de responder dignamente à marca honrosa de sua estima. *O Filósofo sem o Saber* não se firma na primeira nem na segunda representação, e eu fico muito aflito; na terceira, vai às nuvens, e eu sou tomado de alegria. Na manhã seguinte, atiro-me num fiacre, corro atrás de Sedaine; era inverno, fazia o mais rigoroso frio; vou a toda parte onde espero encontrá-lo. Informam-me que ele está no fim do *faubourg* Saint-Antoine, mando que me conduzam até lá. Eu o abordo; lanço meus braços em torno de seu pescoço; a voz me falta, e as lágrimas me correm sobre as faces. Eis o homem sensível e medíocre. Sedaine, imóvel e frio, me fita e me diz: “Ah! Senhor Diderot, como sois admirável!” Eis o observador e o homem de gênio.

Este fato, eu o contei um dia à mesa, em casa de um homem cujos talentos superiores o destinavam a ocupar o lugar mais importante do Estado, em casa do Sr. Necker;³² havia um grande número de homens de letras, entre os quais Marmontel,³³ que amo e a quem sou caro. Este me disse ironicamente: “Vereis que, quando Voltaire se desola ao simples relato de um incidente patético e quando Sedaine guarda seu sangue-frio à vista de um amigo que se desfaz em lágrimas, é Voltaire que é o homem

comum e Sedaine o homem de gênio!” Esta apóstrofe me desconcerta e me reduz ao silêncio, porque o homem sensível, como eu, que está todo inteiro no que lhe objetam, perde a cabeça e não se reencontra senão ao pé da escada. Um outro, frio e senhor de si mesmo, responderia a Marmontel: “Vossa reflexão ficaria melhor em outra boca que não a vossa, porque vós não sentis mais do que Sedaine, e porque vós também fazeis coisas muito belas, e porque, seguindo a mesma carreira que ele, podeis abandonar a vosso vizinho o cuidado de apreciar imparcialmente seu mérito. Mas, sem querer preferir Sedaine a Voltaire, nem Voltaire a Sedaine, poderíeis dizer-me o que teria saído da cabeça do autor do *Filósofo sem o Saber*, do *Desertor* e de *Paris Salva*,³⁴ se, em vez de passar trinta e cinco anos de sua vida a amassar o estaque e a cortar a pedra, empregasse todo o tempo, como Voltaire, como vós e eu, em ler e em meditar Homero, Virgílio, Tasso, Cícero, Demóstenes e Tácito? Nós nunca poderemos ver como ele, e ele teria aprendido a falar como nós. Eu o encaro como a um dos descendentes de Shakespeare; este Shakespeare que não compararei nem ao *Apoio do Belvedere*, nem ao *Gladiador*, nem a *Antínoo*, nem ao *Hércules de Glícon*, mas sim ao nosso *São Cristóvão da Notre-Dame*, colosso informe grosseiramente esculpido, mas entre as pernas do qual passaríamos todos sem que nossa fronte lhe tocasse as partes vergonhosas”.

Mas um outro episódio em que eu vos mostrarei uma personagem tornada, em um momento, vulgar e tola por sua sensibilidade, e, no momento seguinte, sublime pelo sangue-frio que sucedeu à sensibilidade abafada, é o seguinte:

Um literato,³⁵ cujo nome calarei, caíra na extrema indigência. Tinha um irmão, teologal e rico. Perguntei ao indigente por que é que o irmão não o socorria. “É que”, respondeu-me, “agi

muito mal com ele.” Obtenho então dele a permissão de ir procurar o senhor teologal. Vou. Anunciam-me; entro. Digo ao teologal que desejo falar-lhe do irmão. Ele me toma bruscamente pela mão, faz-me sentar e me observa que cabe a um homem sensato conhecer aquele cuja causa advoga; depois, apostrofando-me com energia: “Conheceis meu irmão?” — “Assim creio.” — “Estais ao par do seu procedimento para comigo?” — “Assim creio.” — “Vós o credes? Sabeis então? ...” E eis que meu teologal me recita, com rapidez e veemência surpreendentes, uma série de ações, umas mais atroz, mais revoltantes do que as outras. Minha cabeça se baralha, sinto-me acabrunhado; perco a coragem de defender um monstro tão abominável como aquele que ele me pinta. Felizmente, meu teologal, um pouco prolixo em sua filípica, deu-me tempo de recompor-me; pouco a pouco, o homem sensível retirou-se e cedeu lugar ao homem eloqüente, pois ousaria dizer que o fui na ocasião. “Senhor”, disse friamente ao teologal, “vosso irmão agiu pior ainda, e eu vos louvo por me ocultar o mais gritante de seus crimes.” — “Não oculto nada.” — “Poderíeis acrescentar a tudo o que me dissestes que uma noite, quando saístes de vossa casa para irdes às matinas, ele vos agarrou pela garganta, e que, puxando uma faca que mantinha escondida debaixo da roupa, esteve a ponto de metê-la em vosso peito.” — “Ele é bem capaz disso; mas, se não o acusei disso, é porque não é verdade...” E eu, erguendo-me subitamente, e cravando em meu teologal um olhar firme e severo, exclamei com voz atroadora, com toda a veemência e a ênfase da indignação: “E mesmo que fosse verdade, ainda assim não seria necessário dar pão a vosso irmão?” O teologal, esmagado, consternado, confundido, permanece mudo, anda de um lado para o outro, volta a mim e me concede uma pensão anual para o irmão.

Será no momento em que acabais de perder vosso amigo ou vossa amante que comporeis um poema sobre sua morte? Não. Ai de quem goza então de seu talento! É quando a grande dor passou, quando a extrema sensibilidade está amortecida, quando estamos longe da catástrofe, quando a alma está apaziguada, que nos lembramos da ventura eclipsada, que somos capazes de apreciar a perda sofrida, que a memória se reúne à imaginação, uma para descrever e outra para exagerar a doçura de um tempo passado; que nos dominamos e que falamos bem. Dizem que se chora, mas ninguém chora quando persegue um epíteto enérgico que se recusa; dizem que se chora, mas ninguém chora quando se ocupa a tornar seu verso harmonioso: ou se as lágrimas correm, a pena tomba das mãos, a gente se entrega ao sentimento e cessa de compô-lo.

Mas há prazeres violentos assim como penas profundas; são mudos. Um amigo terno e sensível revê o amigo que perdera por força de uma longa ausência; este reaparece em um momento inesperado, imediatamente o coração do primeiro se perturba: corre, abraça, quer falar; não consegue: tartamudeia palavras entrecortadas, não sabe o que diz, não ouve nada do que se lhe responde; se pudesse perceber que seu delírio não é partilhado, como sofreria! Julgai, pela verdade desta pintura, da falsidade dessas entrevistas teatrais onde dois amigos dispõem de tanto espírito e se dominam tão bem. Que não vos direi eu dessas insípidas e eloqüentes disputas acerca de quem morrerá ou, melhor, acerca de quem não morrerá, se este texto, sobre o qual eu nunca terminaria, não nos afastasse de nosso tema? É o bastante para pessoas de grande e verdadeiro gosto; o que eu adicionasse nada ensinaria aos outros. Mas quem salvará esses absurdos tão comuns no teatro? O comediante, e qual

comediante?

Há mil circunstâncias para uma em que a sensibilidade é tão prejudicial na sociedade quanto no palco. Eis dois amantes, ambos têm uma declaração a fazer. Qual deles se sairá melhor? Eu é que não. Eu me lembro, eu me aproximava do objeto amado todo trêmulo; o coração me batia, minhas idéias se baralhavam, minha voz se embargava, eu estropiava tudo o que dizia; respondia *não* quando devia responder *sim*; cometia mil asneiras, inépcias sem fim; era ridículo da cabeça aos pés, percebia-o e me tornava tanto mais ridículo. Ao passo que, diante de meus olhos, um rival alegre, agradável e ligeiro, dominando-se, dispondo de si mesmo, não perdendo nenhuma ocasião de elogiar, e de elogiar finamente, divertia, agradava, era feliz; solicitava uma mão que lhe abandonavam, segurava-a às vezes sem que a solicitasse, beijava-a, beijava-a ainda, e eu, recolhido em um canto, desviando meus olhares de um espetáculo que me irritava, abafando meus suspiros, fazendo estalar meus dedos à força de cerrar o punho, prostrado de melancolia, coberto de um suor frio, eu não conseguia nem mostrar, nem ocultar minha aflição. Já se disse que o amor, que tira o espírito aos que o possuem, concede-o aos que não o possuem; isto significa, em outros termos, que torna uns sensíveis e tolos, e outros frios e audaciosos.

O homem sensível obedece aos impulsos da natureza e não expressa precisamente senão o grito de seu coração; no momento em que modera ou força esse grito, não é mais ele, é um comediante que representa.

O grande comediante observa os fenômenos; o homem sensível serve-lhe de modelo, ele o medita, e encontra, por reflexão, o que cumpre adicionar ou subtrair para o melhor. E, ainda assim, fatos segundo razões.

Na primeira representação de *Inês de Castro*,³⁶ na passagem em que os infantes aparecem, a platéia pôs-se a rir; Mlle Duclos,³⁷ que fazia a Inês, indignada, disse à platéia: “Ri, pois, imbecil platéia, na mais bela passagem da peça”. A platéia ouviu, conteve-se; a atriz retomou o papel, e suas lágrimas e as do espectador rolaram. Como então! passa-se e repassa-se assim de um profundo a outro sentimento profundo, da dor à indignação, da indignação à dor? Eu não o concebo; mas o que concebo muito bem é que a indignação de Mlle Duclos era real e sua dor simulada.

Quinault-Dufresne³⁸ interpreta o papel de Severo em *Polieucto*.³⁹ Este foi enviado pelo Imperador Décio para perseguir os cristãos. Confia a um amigo seus sentimentos secretos sobre a seita caluniada. O senso comum exigia que tal confidência, que podia custar-lhe o favor do príncipe, a dignidade, a fortuna, a liberdade e quicá a vida, fosse feita em voz baixa. A platéia grita-lhe: “Mais alto.” Ele replica à platéia: “E vós, senhores, mais baixo”. Se fosse realmente Severo, reconverter-se-ia tão prestamente em Quinault? Não, eu vos digo, não. Só o homem que se domina, como sem dúvida ele se dominava, o ator raro, o comediante por excelência, pode assim depor e retomar sua máscara.

Le Kain-Ninias ⁴⁰ desce ao túmulo do pai, esgana aí a mãe; sai com mãos ensangüentadas. Transborda de horror, seus membros tremem, seus olhos estão alucinados, os cabelos parecem eriçar-se-lhe sobre a cabeça. Sentis os vossos se arrepiar, o terror vos assalta, ficais tão perdido como ele. Entretanto, Le Kain-Ninias empurra com o pé para o bastidor um pingente de diamante que se desprendera da orelha de uma atriz. E esse ator sente? Não é possível. Direis que é mau ator? Não creio de modo

algum. O que é pois Le Kain-Ninias? É um homem frio que não sente nada, mas que figura superiormente a sensibilidade. Debalde bradará: “Onde estou?” Eu lhe respondo: “Onde estás? Sabes muito bem: estás sobre o tablado e empurras com o pé um pingente para os bastidores”.

Um ator é tomado de paixão por uma atriz; uma peça os coloca por acaso em cena em um momento de ciúme. A cena ganhará com isso, se o ator for medíocre; perderá, se for comediante; então, o grande comediante tornar-se-á ele próprio e não mais o modelo ideal e sublime que imaginara de um ciumento. Prova de que então o ator e a atriz se rebaixam um e outro à vida comum é que, se conservassem a grandiloquência, rir-se-iam na cara; o ciúme empolado e trágico não lhes pareceria muitas vezes senão uma farsa do seu.

SEGUNDO — Entretanto, haverá verdades de natureza.

PRIMEIRO — Como há na estátua do escultor que traduziu fielmente um mau modelo. Admiramos tais verdades, mas achamos o todo pobre e desprezível.

Digo mais: um meio seguro de representar miúda, mesquinhamente, é representar nosso próprio caráter. Sois um tartufo, um avaro, um misantropo, vós o representareis bem; mas não fareis nada do que o poeta fez; pois ele fez o Tartufo, o Avaro e o Misanthropo.

SEGUNDO — Que diferença estabeleceis, pois, entre um tartufo e o Tartufo?

PRIMEIRO — O preposto Billard⁴¹ é um tartufo, o Abade Grizel é um tartufo, mas não é o Tartufo. O financista Toinard era um avaro, mas não era o Avaro. O Avaro e o Tartufo foram feitos segundo todos os Toinards e todos os Grizels do mundo; são seus traços mais gerais e mais marcantes, mas não o retrato exato de

nenhum; por isso ninguém se reconhece neles.

As comédias de verve e mesmo de caracteres são exageradas. O gracejo de sociedade é uma espuma ligeira que se evapora no palco; o gracejo de teatro é uma arma cortante que feriria na sociedade. Não se tem com seres imaginários o comedimento que se deve a seres reais.

A sátira é de um tartufo, e a comédia é do Tartufo. A sátira persegue um vicioso, a comédia persegue um vício. Se houvesse existido apenas uma ou duas Preciosas Ridículas, poder-se-ia fazer uma sátira delas, mas não uma comédia.

Ide à casa de La Grenée,⁴² pedi-lhe a *Pintura*, e ele julgará ter satisfeito vosso pedido, quando houver colocado sobre a tela uma mulher diante de um cavalete, com a paleta metida no polegar e o pincel na mão. Pedi-lhe a *Filosofia*, e ele julgará tê-la representado, quando diante de uma secretária, de noite, ao clarão de uma candeia, houver apoiado sobre o cotovelo uma mulher em roupão, desgrenhada e pensativa, que lê ou medita. Pedi-lhe a *Poesia*, e ele pintará a mesma mulher, cuja cabeça cingirá de um laurel, e em cuja mão colocará um rolo. A *Música* será ainda a mesma mulher, com uma lira em lugar do rolo. Pedi-lhe a *Beleza*, pedi mesmo essa figura a outro mais hábil do que ele, ou eu me engano muito, ou este último se persuadirá de que exigis de sua arte apenas a figura de uma bela mulher. Vosso ator e este pintor incidem ambos no mesmo defeito, e eu lhe direi: “Vosso quadro, vosso desempenho são apenas retratos de indivíduos muito abaixo da idéia geral que o poeta traçou, e do modelo ideal cuja cópia eu esperava. Vossa vizinha é bela, muito bela, de acordo: mas não é a Beleza. Há tanta distância entre vossa obra e vosso modelo quanto entre vosso modelo e o ideal”.

SEGUNDO — Mas esse modelo ideal não será uma quimera?

PRIMEIRO — Não.

SEGUNDO — Mas, sendo ideal, não existe: ora, nada há no entendimento que não tenha estado na sensação.

PRIMEIRO — É certo. Mas tomemos uma arte em sua origem, a escultura, por exemplo. Ela copiou o primeiro modelo que se lhe apresentou. Viu em seguida que havia modelos menos imperfeitos, que preferiu. Corrigiu os defeitos grosseiros, até que, por uma longa seqüência de trabalhos, atingiu uma figura que não existia mais na natureza.

SEGUNDO — E por quê?

PRIMEIRO — Porque é impossível que o desenvolvimento de uma máquina tão complicada como um corpo animal seja regular. Ide às Tulherias ou aos Champs-Élysées num belo dia de festa; considerai todas as mulheres que hão de encher as alamedas, e não deparareis uma única que apresente os dois cantos da boca perfeitamente similares. A *Dânae*,⁴³ de Ticiano, é um retrato; o *Amor*, colocado ao pé de seu leito, é ideal. Em um quadro de Rafael, que passou da galeria do Sr. de Thiers à de Catarina II,⁴⁴ o *São José* é uma natureza comum; a *Virgem* é uma bela mulher real; o *Menino Jesus* é ideal. Mas, se quiserdes saber algo mais sobre esses princípios especulativos da arte, eu vos comunicarei meus Salões.⁴⁵

SEGUNDO — Ouvi falar deles com louvor por um homem de gosto fino e espírito delicado.

PRIMEIRO — O Sr. Suard.⁴⁶

SEGUNDO — E por uma mulher que possui tudo o que a pureza de uma alma angélica acrescenta à fineza do gosto.

PRIMEIRO — A Sr.^a Necker.

SEGUNDO — Mas voltemos ao nosso assunto.

PRIMEIRO — Consinto, embora prefira louvar a virtude a

discutir questões assaz ociosas.

SEGUNDO — Quinault-Dufresne, glorioso de caráter, interpretava maravilhosamente o Glorioso.⁴⁷

PRIMEIRO — É verdade; mas de onde sabeis que ele interpretava a si mesmo? Ou por que a natureza não teria feito um glorioso muito próximo do limite que separa o belo real do belo ideal, limite sobre o qual se batem as diferentes escolas?

SEGUNDO — Não vos entendo.

PRIMEIRO — Sou mais claro em meus Salões, onde vos aconselho a ler o trecho sobre a Beleza em geral. Entrementes, disse-me, Quinault-Dufresne é Orosmano?⁴⁸ Não. Entretanto, quem é que o substituiu e o substituirá nesse papel? Era ele o homem de *O Preconceito na Moda*?⁴⁹ Não. Entretanto, com que veracidade não o representava ele!

SEGUNDO — A crer em vós, o grande comediante é tudo ou não é nada.

PRIMEIRO — E talvez por não ser nada é que é tudo por excelência, não contrariando jamais sua forma particular as formas estranhas que deve assumir.

Entre todos os que exerceram a útil e bela profissão de comediante ou de pregador laico, um dos homens mais honestos, um dos homens que mais possuíam a fisionomia, o tom e o porte, o irmão do *Diabo Coxo*, de *Gil Blas*, do *Bacharel de Salamanca*,⁵⁰ Montménil...⁵¹

SEGUNDO — O filho de Le Sage,⁵² pai comum de toda essa agradável família...

PRIMEIRO — Fazia com igual êxito Aristo em *A Pupila*,⁵³ Tartufo na comédia do mesmo nome, Mascarilho em *As Artimanhas de Escapino*,⁵⁴ o advogado ou Mr. Guillaume na farsa do *Pathelin*.⁵⁵

SEGUNDO — Eu o vi.

PRIMEIRO — E para vosso grande espanto, tinha a máscara desses diferentes rostos. Não era naturalmente, pois a natureza lhe dera apenas a dele; tinha pois as outras da arte.

Será que existe uma sensibilidade artificial? Mas seja factícia, seja inata, a sensibilidade não ocorre em todos os papéis. Qual é portanto a qualidade adquirida ou natural que constitui o grande ator no Avaro, no Jogador, no Adulador, no Rabugento, no Médico, a seu pesar,⁵⁶ no ser menos sensível e no mais imoral que a poesia haja ainda imaginado, o Burguês Gentil-Homem, o Doente e o Corno imaginários; em Nero, Mitridates, Atreu, Focas, Sertório⁵⁷ e em tantos outros caracteres trágicos ou cômicos, onde a sensibilidade é diametralmente oposta ao espírito do papel? A facilidade de conhecer e copiar todas as naturezas. Acreditai-me, não multipliquemos as causas quando uma basta para todos os fenômenos.

Ora o poeta sentiu mais fortemente do que o comediante, ora, e com mais freqüência talvez, o comediante concebeu mais fortemente que o poeta; e nada é mais verdadeiro do que esta exclamação de Voltaire, ao ouvir Mlle Clairon em uma de suas peças: *“Fui realmente eu quem fez isso?”* Será que Mlle Clairon a conhece mais que Voltaire? Naquele momento, pelo menos, seu modelo ideal, ao declamar, estava muito além do modelo ideal que o poeta imaginara ao escrever, mas esse modelo ideal não era ela. Qual era, pois, seu talento? O de imaginar um grande fantasma e copiá-lo com inspiração. Imitava o movimento, as ações, os gestos, toda a expressão de um ser muito superior a ela. Encontrara o que Ésquines,⁵⁸ recitando uma oração de Demóstenes, nunca conseguiu dar, o mugido da besta. Dizia ele a seus discípulos: “Se isso vos impressiona tão fortemente, o que aconteceria então si

audivissetis bestiam mugientem?” O poeta engendrara o animal terrível, Mlle Clairon o fazia mugir.

Seria singular abuso das palavras chamar sensibilidade esta facilidade de traduzir todas as naturezas, mesmo as naturezas ferozes. A sensibilidade, conforme a única acepção concedida até agora ao termo, é, parece-me, esta disposição companheira da fraqueza dos órgãos, consequência da mobilidade do diafragma, da vivacidade da imaginação, da delicadeza dos nervos, que inclina alguém a compadecer-se, a fremir, a admirar, a temer, a perturbar-se, a chorar, a desmaiar, a socorrer, a fugir, a gritar, a perder a razão, a exagerar, a desprezar, a desdenhar, a não ter qualquer idéia precisa do verdadeiro, do bom e do belo, a ser injusto, a ser louco. Multiplicai as almas sensíveis e multiplicareis na mesma proporção as boas e más ações de todo gênero, os elogios e as censuras exageradas.

Poetas, esforçai-vos por uma nação delicada, vaporosa e sensível; encerrai-vos nas harmoniosas, ternas e tocantes elegias de Racine; ela se salvaria das carnificinas de Shakespeare: estas almas fracas são incapazes de suportar abalos violentos. Guardai-vos realmente de lhes apresentar imagens muito fortes. Mostrai-lhes, se quiserdes.

O filho todo enojado com o assassinio do pai

E sua cabeça na mão, exigindo o seu salário; ⁵⁹

mas não ides além. Se ousardes dizer-lhes com Homero: “Aonde vais tu, infeliz? Não sabes pois que é a mim que o céu envia os filhos de pais desafortunados? Tu não receberás os derradeiros abraços de tua mãe; já te vejo estendido sobre a terra, já vejo as aves de rapina, reunidas em torno de teu cadáver, arrancarem-te os olhos da cabeça, batendo as asas de alegria”. Todas as nossas mulheres exclamariam, desviando a cabeça: “Ah! que horror!”

Seria bem pior se este discurso, pronunciado por um grande comediante, fosse ainda fortalecido por sua verdadeira declamação.

SEGUNDO — Estou tentado a vos interromper a fim de perguntar o que pensais daquele vaso apresentado a Gabrielle de Vergy,⁶⁰ que via nele o coração ensangüentado de seu amante.

PRIMEIRO — Responder-vos-ei que é preciso ser conseqüente e que, quando alguém se revolta contra tal espetáculo, não deve suportar que Édipo se mostre com os olhos vazados, e que cumpre expulsar da cena Filoctetes atormentado por seu ferimento, e exalando sua dor por meio de gritos desarticulados. Os antigos tinham, parece-me, outra idéia que nós da tragédia, e esses antigos eram os gregos, eram os atenienses, esse povo tão delicado, que nos deixou em todos os gêneros modelos que as outras nações ainda não igualaram. Ésquilo, Sófocles, Eurípedes não velavam anos inteiros para produzir apenas essas pequenas impressões passageiras que se dissipam na jovialidade de uma ceia. Pretendiam entristecer profundamente; com a sorte dos desgraçados pretendiam não divertir apenas seus concidadãos, mas torná-los melhores. Estavam errados? Estavam com a razão? Para este efeito, punham a correr sobre a cena as Eumênides⁶¹ na trilha do parricida, e conduzidas pelo vapor do sangue que lhes atingia o olfato. Tinham demasiado discernimento para aplaudir tais *imbróglis*, tais escamoteações de punhais, que são bons somente para crianças. Uma tragédia não é, a meu ver, senão uma bela página histórica que se partilha em certo número de pausas marcadas. O xerife é esperado. Ele aparece. Interroga o senhor da aldeia. Propõe-lhe apostasiar. Este recusa-se. O xerife o condena à morte. Envia-o às masmorras. A filha vem pedir-lhe graça para o pai. O xerife concede-a, mas com uma condição

revoltante. O senhor da aldeia é executado. Os habitantes perseguem o xerife. Este foge diante deles. O namorado da filha do senhor o abate com uma punhalada; e o atroz intolerante morre em meio das imprecações. Não é preciso mais a um poeta para compor uma grande obra. Que a filha haja interrogado a mãe sobre o túmulo dela a fim de saber o que deve àquele que lhe deu a vida. Que esteja incerta sobre o sacrifício da honra que lhe exigem. Que, nessa incerteza, mantenha o namorado afastado dela, e se recuse aos discursos de sua paixão. Que obtenha permissão de ver o pai na prisão. Que o pai queira uni-la ao namorado, e que ela não consinta. Que se prostitua. Que, enquanto ela se prostitui, o pai seja executado. Que ignoreis sua prostituição até o momento em que o namorado, vendo-a desolada pela morte do pai, que ele lhe informa, é informado do sacrifício que ela fez para salvá-lo. Que então o xerife, perseguido pelo povo, chegue, e que seja massacrado pelo namorado. Eis uma parte dos pormenores de semelhante tema.⁶²

SEGUNDO — Uma parte!

PRIMEIRO — Sim, uma parte. Será que os jovens enamorados não proporão ao senhor da aldeia a fuga? Será que os habitantes não lhe proporão exterminar o xerife e seus acólitos? Não haverá um sacerdote defensor da tolerância? Será que em meio daquela jornada de dor o namorado permanecerá ocioso? Será que não há ligações a supor entre tais personagens? Será que não há qualquer proveito a tirar dessas ligações? Será que o xerife não pode ter sido o amante da filha do senhor da aldeia? Será que não está de volta com a alma cheia de vingança, quer contra o pai, que o terá expulso do burgo, quer contra a filha, que o terá desdenhado? Quantos incidentes importantes é possível tirar do mais simples tema, quando se tem paciência de meditá-lo! Quanta

cor não se lhes pode dar quando se é eloqüente! Ninguém é poeta dramático sem ser eloqüente. E acreditais que terei falta de espetáculo? Este interrogatório far-se-á com todo o aparato. Deixai-me dispor do meu local e demos um fim a essa digressão.

Eu te invoco como testemunha, Roscius⁶³ inglês, célebre Garrick, tu que, pelo consenso unânime de todas as nações subsistentes, passas pelo primeiro comediante que elas conheceram, rende homenagem à verdade! Não me disseste⁶⁴ que, embora sentisses fortemente, tua ação seria fraca, se, qualquer que fosse a paixão ou o caráter que tivesses de interpretar, não soubesses elevar-te pelo pensamento à grandeza de um fantasma homérico ao qual procuravas identificar-te? Quando te objetei que não era, portanto, de acordo contigo mesmo que representavas, confessa tua resposta: não reconheceste que era isso o que evitavas e que parecias tão surpreendente no palco apenas porque mostravas constantemente no espetáculo um ser de imaginação, que não era tu?

SEGUNDO — A alma de um grande comediante é formada do elemento sutil com que nosso filósofo⁶⁵ preenchia o espaço que não é nem frio, nem quente, nem pesado, nem leve, não assume nenhuma forma determinada e que, sendo igualmente suscetível de todas, não conserva nenhuma.

PRIMEIRO — Um grande comediante não é um piano forte, nem uma harpa, nem um cravo, nem um violino, nem um violoncelo; não há acorde que lhe seja próprio; mas toma o acorde e o tom que convém à sua parte, e sabe prestar-se a todos. Nutro elevada idéia do talento de um grande comediante: este homem é raro, tão raro e talvez mais que o grande poeta.

Aquele que na sociedade se propõe, e tem, o infeliz talento de agradar a todos não é nada, não tem nada que lhe pertença, que o

distinga, que embeveça uns e fatigue outros. Fala sempre, e sempre bem; é um adulator profissional, é um grande cortesão, é um grande comediante.

SEGUNDO — Um grande cortesão, acostumado, desde que respira, ao papel de títere maravilhoso, assume toda sorte de formas, à vontade do cordão que se encontra nas mãos de seu senhor.

PRIMEIRO — Um grande comediante é outro títere maravilhoso cujo cordão o poeta segura, e ao qual indica a cada linha a verdadeira forma que deve assumir.

SEGUNDO — Assim, um cortesão, um comediante, que não consigam tomar senão uma forma, por mais bela, por mais interessante que seja, não passam de dois maus títeres?

PRIMEIRO — Meu desígnio não é caluniar uma profissão que amo e estimo; referi-me à do comediante. Ficaria desolado se minhas observações, mal interpretadas, vinculassem a sombra do desprezo a homens de talento raro e utilidade real, aos flagelos do ridículo e do vício, aos mais eloqüentes pregadores da honestidade e das virtudes, à vara de que o homem de gênio se utiliza para castigar os maus e os loucos. Mas correi os olhos em torno de vós, e vereis que as pessoas de jovialidade contínua não possuem grandes defeitos, nem grandes qualidades; que comumente os gracejadores de profissão são homens frívolos, sem qualquer princípio sólido; e os que, semelhantes a certas personagens que circulam em nossas sociedades, não têm nenhum caráter, primam em desempenhar todos.

Um comediante não tem pai, mãe, mulher, filhos, irmãos, irmãs, conhecidos, amigos, amante? Se fosse dotado dessa estranha sensibilidade, que se considera a principal qualidade de sua condição, perseguido como nós e atingido por uma infinidade

de penas que se sucedem, e que ora mancham nossas almas, ora as dilaceram, quantos dias lhe restariam para conceder ao nosso divertimento? Muito poucos. O gentil-homem da câmara real interporia vãmente sua soberania, o comediante encontrar-se-ia amiúde no caso de lhe responder: “Senhor, hoje eu não saberia rir, e é por outra coisa que não os cuidados de Agamenon que desejo chorar”. Entretanto, não se percebe que as aflições da vida, tão freqüentes para eles como para nós, e muito mais contrárias ao livre exercício de suas funções, os interrompam amiúde.

No mundo, quando não são bufões, acho-os polidos, cáusticos e frios, faustosos, dissipados, dissipadores interessados, mais impressionados por nosso ridículo do que tocados por nossos males; de um espírito bastante sereno ante o espetáculo de um acontecimento lastimável, ou ante o relato de uma aventura patética; isolados, vagabundos, à mercê dos grandes; poucos modos, nenhum amigo, quase sem qualquer dessas santas e doces ligações que nos associam às penas e aos prazeres de outrem que partilha dos nossos. Vi muitas vezes um comediante rir fora do palco, não guardo lembrança de jamais ter visto um deles chorar. Essa sensibilidade a que eles se arrogam e que se lhes abona, o que fazem dela, então? Largam-na sobre o tablado, quando descem, a fim de retomá-la quando tornam a subir?

O que lhes calça o soco ou o coturno? A falta de educação, a miséria e a libertinagem. O teatro é um recurso, nunca uma escolha. Nunca alguém se fez comediante por gosto à virtude, pelo desejo de ser útil na sociedade e de servir a seu país ou sua família, por nenhum dos motivos honestos que poderiam mover um espírito reto, um coração ardente, uma alma sensível a abraçar tão bela profissão.

Eu próprio, jovem, oscilava entre a Sorbonne e a Comédie.

la, no inverno, durante a estação mais rigorosa, recitar em alta voz os papéis de Molière e de Corneille nas aléias solitárias do Luxemburgo.⁶⁶ Qual era meu intento? Ser aplaudido? Talvez. Viver em familiaridade com as mulheres de teatro que eu achava infinitamente amáveis e que eu sabia serem muito fáceis? Certamente. Não sei o que eu teria feito só para agradar a Mlle Gaussin, que estreava então e era a beleza personificada; a Mlle Dangeville,⁶⁷ que contava tantos atrativos no palco.

Já se disse que os comediantes não têm nenhum caráter, porque, representando todos, perdem aquele que a natureza lhes deu; que se tornam falsos, como o médico, o cirurgião e o açougueiro se tornam duros. Creio que se tomou a causa pelo efeito, e que eles não servem para interpretar todos porque não têm nenhum.

SEGUNDO — Ninguém se torna cruel porque é carrasco; mas a gente se faz carrasco porque é cruel.

PRIMEIRO — Debalde examinei esses homens. Nada vejo neles que os distinga do resto dos cidadãos, a não ser uma vaidade que se poderia chamar insolência, um ciúme que enche de dissensões e ódios suas reuniões. Entre todas as associações, não há talvez nenhuma onde o interesse comum de todos e o do público sejam mais constante e mais evidentemente sacrificados a miseráveis pequenas pretensões. A inveja é ainda pior entre eles do que entre os autores; é dizer muito, mas é verdade. Um poeta perdoa mais facilmente a outro poeta o êxito de uma peça, do que uma atriz perdoa a outra atriz os aplausos que a designam a algum ilustre ou rico devasso. Vós os vedes grandes na cena, porque têm alma, dizeis; quanto a mim, eu os vejo pequenos e baixos na sociedade, porque não a têm absolutamente: com as palavras e o tom de Camila e do velho Horácio, sempre os costumes de Frosina e de

Sganarello.⁶⁸ Ora, para julgar o íntimo do coração, deverei reportar-me a discursos de empréstimo, que alguém sabe expressar maravilhosamente, ou à natureza dos atos e ao teor da vida?

SEGUNDO — Mas outrora Molière, os Quinault,⁶⁹ Montménil,⁷⁰ mas hoje Brizard⁷¹ e Caillot,⁷² que é igualmente bem-vindo entre os grandes e os pequenos, a quem confiaríeis sem medo vosso segredo e vossa bolsa, e com o qual julgaríeis a honra de vossa mulher e a inocência de vossa filha mais em segurança do que com este grão-senhor da corte ou com aquele respeitável ministro de nossos altares...

PRIMEIRO — O elogio não é exagerado: o que me irrita é não ouvir citado um número maior de comediantes que o tenham merecido ou que o mereçam. O que me irrita é que, entre esses proprietários por condição de uma qualidade, fonte preciosa e fecunda de tantas outras, um comediante homem educado e uma atriz mulher honesta sejam fenômenos tão raros.

Concluamos daí ser falso que disponham de seu privilégio especial e que a sensibilidade, que os dominaria no mundo assim como no palco, se dela fossem dotados, não lhes é a base do caráter nem a razão do êxito, que ela não lhes pertence nem mais, nem menos que esta ou aquela condição da sociedade, e que se nos é dado ver tão poucos grandes comediantes é porque os pais não destinam os filhos ao teatro; é porque ninguém se prepara para ele com uma educação iniciada na juventude; é que uma companhia de comediantes não é como deveria sê-lo em um povo onde se atribuisse à função de falar aos homens reunidos a fim de serem instruídos, divertidos, corrigidos, a importância, as honras, as recompensas que merece uma corporação formada; como todas as outras comunidades, de indivíduos tirados de todas as famílias

da sociedade, e conduzidos à cena como ao serviço público, ao palácio, à igreja, por escolha ou por gosto e com o consentimento de seus tutores naturais.

SEGUNDO — O aviltamento dos comediantes modernos é, parece-me, uma desafortunada herança que lhes deixaram os comediantes antigos.

PRIMEIRO — Acredito.

SEGUNDO — Se o espetáculo nascesse hoje, que temos idéias mais justas das coisas, talvez... Mas vós não estais me ouvindo. Com que sonhais?

PRIMEIRO — Sigo minha primeira idéia, e penso na influência do espetáculo sobre o bom gosto e sobre os costumes, se os comediantes fossem pessoas de bem e sua profissão fosse honrada. Onde está o poeta que ousasse propor a homens bem-nascidos repetir publicamente discursos enfadonhos ou grosseiros; a mulheres quase tão recatadas como as nossas, recitar afrontosamente, diante de uma multidão de ouvintes, palavras de que corariam no recesso de seus lares? Depressa os nossos autores dramáticos atingiriam uma pureza, uma delicadeza, uma elegância, da qual se encontram ainda mais longe do que suspeitam. Ora, duvidais que o espírito nacional sentisse o seu efeito?

SEGUNDO — Poder-se-ia objetar-vos quiçá que as peças, tanto antigas como modernas, que vossos honestos comediantes excluiriam de seu repertório, são precisamente as que representamos em sociedade.

PRIMEIRO — E o que importa que nossos cidadãos se rebaixem à condição dos mais vis histriões? Seria menos útil, seria menos de desejar que nossos comediantes se elevassem à condição dos mais honestos cidadãos?

SEGUNDO — A metamorfose não é fácil.

PRIMEIRO — Quando apresentei *O Pai de Família*,⁷³ o magistrado da polícia exortou-me a seguir o gênero.

SEGUNDO — Por que não o fizestes?

PRIMEIRO — É que, não tendo obtido o êxito que eu esperara e não tendo a pretensão de poder realizar coisa muito melhor, desgostei-me de uma carreira para a qual não me julguei com bastante talento.

SEGUNDO — E por que essa peça que enche atualmente a sala de espectadores antes das quatro e meia, e que os comediantes colocam em cartaz sempre que necessitam de um milhar de escudos, foi tão tibiamente acolhida no começo?

PRIMEIRO — Alguns alegavam que nossos costumes eram factícios demais para se acomodarem a um gênero tão simples e corrompidos demais para apreciarem um gênero tão recatado.

SEGUNDO — O que não era inverossímil.

PRIMEIRO — Mas a experiência demonstrou de fato que isso não era verídico, pois não nos tornamos melhores. Aliás, o verídico e o honesto exercem tamanho ascendente sobre nós que, se a obra de um poeta oferecer as duas características e o autor tiver talento, seu triunfo estará mais do que assegurado. É sobretudo quando tudo é falso que se ama o verdadeiro, é sobretudo quando tudo está corrompido que o espetáculo é mais depurado. O cidadão que se apresenta à entrada da Comédie deixa aí todos os seus vícios, a fim de retomá-los apenas à saída. Lá dentro ele é justo, imparcial, bom pai, bom amigo, amigo da virtude; vi muitas vezes a meu lado malvados profundamente indignados contra ações que não deixariam de cometer se se encontrassem nas mesmas circunstâncias em que o poeta situava a personagem que aborreciam. Se não fui bem sucedido de início, é que o gênero era

estranho aos espectadores e aos atores; é que havia um preconceito estabelecido e que subsiste ainda contra o que se chama a comédia choramingas,⁷⁴ é que eu tinha uma nuvem de inimigos na corte, na cidade, entre os magistrados, entre a gente da Igreja e entre os homens de letras.

SEGUNDO — E como incorrestes em tantos ódios?

PRIMEIRO — Por minha fé, não tenho idéia, pois nunca fiz sátira nem contra os grandes, nem contra os pequenos, e não cruzei com ninguém no caminho da fortuna e das honras. É verdade que pertencia ao número dos que se chamam filósofos, que eram então considerados cidadãos perigosos, e contra os quais o ministério soltara dois ou três celerados subalternos, sem virtude, nem luzes, e o que é pior, sem talento.⁷⁵ Mas deixemos isso.

SEGUNDO — Sem contar que esses filósofos haviam tornado a tarefa dos poetas e dos literatos em geral mais difícil. Não se tratava mais, para se ilustrar, de saber tornear um madrigal ou uma copia indecente.

PRIMEIRO — É possível. Um jovem dissoluto, em vez de freqüentar com assiduidade o atelier do pintor, do escultor, do artista que o adotava, perdeu os anos mais preciosos da vida, e ficou aos vinte anos sem recursos e sem talento. O que quereis que ele se torne? Soldado ou comediante. Ei-lo portanto alistado numa companhia que erra pelo campo. Ele vagueia até que possa permitir-se uma estréia na capital. Uma infeliz criatura atolou-se no lodaçal do deboche; cansada do mais abjeto estado, o de baixa cortesã, decora alguns papéis e apresenta-se um dia à casa de Mlle Clairon, como o escravo antigo à casa do edil ou do pretor. Aquela segura-lhe a mão, ordena-lhe que faça uma pirueta, toca-a com sua varinha e lhe diz: “Vá fazer rir ou chorar os basbaques”.

Eles são excomungados. Esse público, que não pode dispensá-los, despreza-os. São escravos que se encontram incessantemente sob a vara de outro escravo. Acreditais que as marcas de um aviltamento tão contínuo possam permanecer sem efeito e que, sob o fardo da ignomínia, uma alma seja bastante firme para manter-se à altura de Corneille?

O despotismo sobre eles é exercido, eles o exercem sobre os autores, e não sei qual é mais vil, o comediante insolente ou o autor que o suporta.

SEGUNDO — O que se quer é ser representado.

PRIMEIRO — A qualquer condição que seja. Eles estão todos cansados de seu ofício. Dai vosso dinheiro à porta, e eles se cansarão de vossa presença e de vossos aplausos. Obtendo rendas suficientes dos pequenos camarotes, estiveram a ponto de decidir que o autor renunciaria a seu honorário, ou que sua peça não seria aceita.

SEGUNDO — Mas tal projeto daria em nada menos do que extinguir o gênero dramático.

PRIMEIRO — Que diferença lhes faz?

SEGUNDO — Penso que vos resta pouco a dizer.

PRIMEIRO — Estais enganado. Devo tomar-vos pela mão e introduzir-vos em casa de Mlle Clairon, esta incomparável feiticeira.

SEGUNDO — Esta pelo menos sentia o orgulho de sua condição.

PRIMEIRO — Como o sentirão todas as que brilharam. O teatro só é menosprezado por aqueles atores que os apupos expulsaram dele. Devo mostrar-vos Mlle Clairon nos transportes reais de sua cólera. Se acaso conservasse então a postura, as entonações, a ação teatral com todo seu apresto, com toda sua

ênfase, não levaríeis vossas mãos aos quadris, e poderíeis conter vossas gargalhadas? O que me ensinais então nesse caso? Não declarais nitidamente que a sensibilidade verdadeira e a sensibilidade representada são duas coisas muito diferentes? Rides do que havíeis de admirar no teatro? E por que isso, se vos apraz? Porque a cólera real de Mlle Clairon se parece à cólera simulada, e porque tendes o discernimento justo da máscara dessa paixão e de sua pessoa. As imagens das paixões no teatro não são pois as verdadeiras imagens, sendo portanto apenas retratos exagerados, apenas grandes caricaturas sujeitas a regras de convenção. Ora, interrogai-vos, perguntai a vós mesmo qual artista se encerrará mais estritamente nessas regras dadas? Qual é o comediante que apreenderá melhor essa prosápia prescrita, o homem dominado por seu próprio caráter, ou o homem nascido sem caráter, ou o homem que dele se despoja a fim de revestir-se de outro, maior, mais nobre, mais violento e mais elevado? Somos nós mesmos por natureza; somos um outro por imitação; o coração que supomos ter não é o coração que temos. O que é pois o verdadeiro talento? O de conhecer bem os sintomas exteriores da alma de empréstimo, de dirigir-se à sensação dos que nos ouvem, dos que nos vêem, e de enganá-los pela imitação desses sintomas, mediante uma imitação que engrandece tudo em suas cabeças e que se torna a regra do julgamento deles; pois é impossível apreciar de outro modo o que se passa dentro de nós. E que nos importa, com efeito, o que eles sintam ou não sintam, contanto que o ignoremos?

Aquele, pois, que melhor conhece e traduz mais perfeitamente esses signos externos, de acordo com o modelo ideal melhor concebido, é o maior comediante.

SEGUNDO — Aquele que deixa menos a imaginar ao grande

comediante é o maior dos poetas.

PRIMEIRO — Eu ia dizê-lo. Quando, por um longo hábito do teatro, conservamos na sociedade a ênfase teatral e nela passeamos Bruto, Cina, Mitridates, Cornélia, Mérope, Pompeu, sabeis o que se faz? Acasalam-se a uma alma pequena ou grande, da medida precisa que a natureza lhe concedeu, os signos externos de uma alma exagerada e gigantesca que não se tem; e daí nasce o ridículo.

SEGUNDO — Que cruel sátira que fazeis aí, inocente ou malignamente, dos atores e dos autores.

PRIMEIRO — Como assim?

SEGUNDO — É permitido, creio, a todo mundo possuir a alma forte e grande; é permitido, creio, possuir o porte, a palavra e a ação de sua alma e creio que a imagem da verdadeira grandeza nunca pode ser ridícula.

PRIMEIRO — O que decorre daí?

SEGUNDO — Ah! tratante! não ousais dizê-lo, e cumprirá que eu incorra na indignação geral por vós. É que a verdadeira tragédia ainda está para ser encontrada, e que, com seus defeitos, os antigos estavam talvez mais próximos dela do que nós.

PRIMEIRO — É verdade que me sinto encantado em ouvir Filoctetes dizer tão simples e tão fortemente a Neoptolomeu, que lhe entrega as flechas que Hércules lhe roubara por instigação de Ulisses: “Estás vendo a ação que cometeste: sem te aperceberes, condenaste um infeliz a perecer de dor e de fome. Teu roubo é o crime de outrem, teu arrependimento é teu. Não, jamais pensarias em cometer semelhante indignidade se estivesses só. Compreende, pois, meu filho, quanto importa em tua idade não freqüentar senão pessoas de bem. Eis o que tinhas a ganhar na companhia de um celerado. E por que te associar também a um homem desse

caráter? Era ele que teu pai teria escolhido para companheiro e para amigo? Esse digno pai, que nunca admitiu junto de si os mais distintos personagens do exército, o que diria ele se te avistasse com um Ulisses?...”⁷⁶ Há nesse discurso algo além daquilo que endereçaríeis a meu filho, daquilo que eu diria ao vosso?

SEGUNDO — Não.

PRIMEIRO — Entretanto é belo.

SEGUNDO — Seguramente.

PRIMEIRO — E o tom desse discurso proferido em cena diferiria do tom com que o proferiríamos na sociedade?

SEGUNDO — Não creio.

PRIMEIRO — E esse tom na sociedade seria ridículo?

SEGUNDO — Nunca.

PRIMEIRO — Quanto mais as ações são fortes e as palavras simples, mais eu as admiro. Temo realmente que tenhamos tomado por cem anos seguidos a fanfarrice de Madri pelo heroísmo de Roma e confundido o tom da musa enérgica com a linguagem da musa épica.

SEGUNDO — Nosso verso alexandrino é numeroso⁷⁷ demais e nobre demais para o diálogo.

PRIMEIRO — E nosso verso decassílabo é demasiado fútil e demasiado ligeiro. Seja como for, eu desejaria que não fosseis à representação de qualquer das peças romanas de Corneille, a não ser ao sair da leitura das cartas de Cícero a Ático.⁷⁸ Como acho empolados nossos autores dramáticos! Como me são enfadonhas suas declamações, quando me lembro da simplicidade e do vigor do discurso de Régulo⁷⁹ dissuadindo o Senado e o povo romano da troca de cativos! É assim que ele se exprime numa ode, poema que comporta muito mais calor, estro e exagero que um monólogo

trágico; diz ele:

“Vi nossas insígnias suspensas nos templos de Cartago. Vi o soldado romano despojado de suas armas, que não haviam sido tintas de uma gota de sangue. Vi o olvido da liberdade, e cidadãos com os braços virados para trás e atados às costas. Vi as portas das cidades escancaradas, e as colheitas cobrirem os campos que havíamos assolado. E credes que, resgatados a peso de prata, eles voltarão mais corajosos? Acrescentais uma perda à ignomínia. A virtude, expulsa de uma alma que se aviltou, jamais lhe retorna. Nada espereis de quem podia morrer e se deixou garrotear. Ó Cartago, como estás grande e orgulhosa com nossa vergonha!...”⁸⁰

Assim foi o seu discurso e assim foi a sua conduta. Ele se recusou aos abraços da mulher e dos filhos, julgou-se indigno deles, como um vil escravo. Manteve o olhar feroz pregado à terra, e desdenhou os rogos dos amigos, até que levou os senadores a um parecer que só ele era capaz de dar, e que lhe foi permitido regressar a seu exílio.

SEGUNDO — Isso é simples e belo; mas o momento em que o herói se mostra é o seguinte.

PRIMEIRO — Tendes razão.

SEGUNDO — Ele não ignorava o suplício que um inimigo feroz lhe preparava. Entretanto, retoma a serenidade, desprende-se dos parentes, que procuravam adiar seu retorno, com a mesma liberdade com que se desprendia antes da multidão de seus clientes para ir descansar da fadiga dos negócios nos campos de Venafró ou em sua campanha de Tarento.

PRIMEIRO — Muito bem. Agora, colocai a mão na consciência, e dizei-me se há em nossos poetas muitas passagens com tom próprio a uma virtude tão elevada, tão familiar, e o que vos pareceria nessa boca nossas ternas jeremiadas, ou a maioria de

nossas fanfarronadas a Corneille.

Quantas coisas que só ousou confiar a vós! Eu seria lapidado nas ruas se soubessem que sou culpado dessa blasfêmia, e não há qualquer espécie de martírio cujo louro eu ambicione.

Se chegar o dia em que um homem de gênio ouse dar a suas personagens o tom simples do heroísmo antigo, a arte do comediante será desmedidamente difícil, pois a declamação cessará de ser uma espécie de canto.

De resto, quando declarei que a sensibilidade é a característica da bondade de alma e da mediocridade do gênio, procedi a uma confissão que não é muito comum, pois, se a natureza petrificou uma alma sensível, foi a minha.

O homem sensível fica demais à mercê de seu diafragma⁸¹ para que seja grande rei, grande político, grande magistrado, homem justo, profundo observador e, conseqüentemente, sublime imitador da natureza, a menos que possa esquecer-se e distrair-se de si mesmo, e que, com a ajuda de uma imaginação forte, saiba criar, e, de uma memória tenaz, manter a atenção fixada em fantasmas que lhe servem de modelos; mas então não é mais ele quem age, é o espírito de um outro que o domina.

Deveria deter-me aqui; mas vós me perdoareis mais facilmente uma reflexão deslocada do que omitida. É uma experiência pela qual aparentemente já passastes alguma vez, quando chamado por um estreante ou por uma estreante, em casa dela, em reunião íntima, para que vos pronunciásseis sobre seu talento, vós lhe concedestes alma, sensibilidade, emoção, vós a cumulastes de elogios e lhe deixastes, ao vos separar dela, a esperança do maior êxito possível. Entretanto, o que acontece? Ela aparece, é vaiada, e vos confessais que as vaias têm razão de ser. De onde vem isso? Terá ela perdido a alma, a sensibilidade, as

entranhas, da manhã à noite? Não; mas, em seu rés-do-chão, vós estáveis terra-a-terra com ela; vós a escutáveis sem considerar as convenções, ela estava frente a frente conosco. Não havia entre ambos qualquer modelo de comparação; vós estáveis satisfeito com sua voz, seu gesto, sua expressão e seu porte; tudo estava em proporção com o auditório e o espaço; nada requeria exagero. No palco tudo mudou: aí fazia-se mister uma outra personagem, pois tudo se engrandecera.

Em um teatro particular, em um salão onde o espectador se encontra quase ao nível com o ator, a verdadeira personagem dramática se vos afiguraria enorme, gigantesca, e ao sair da representação iríeis dizer confidencialmente a vosso amigo: “Ela não se sairá bem, ela é exagerada”; e seu êxito no teatro ter-vos-ia espantado. Mais uma vez, seja isso um bem ou um mal, o comediante não diz nada, nem faz nada na sociedade precisamente como na cena; esta é um outro mundo.

Mas um fato decisivo que me foi contado por um homem veraz, de um feitio de espírito original e fino, o Abade Galiani,⁸² e que me foi em seguida confirmado por um outro homem veraz, de um feitio de espírito também original e fino, o Sr. Marquês de Caraccioli,⁸³ embaixador de Nápoles em Paris, é que em Nápoles, pátria de ambos, há um poeta dramático cujo principal cuidado não é compor a peça.

SEGUNDO — Lá o vosso *Pai de Família* conquistou singular triunfo.

PRIMEIRO — Deram quatro representações seguidas perante o rei, contra a etiqueta da corte, que prescreve tantas peças diferentes quantos dias de espetáculo, e o povo ficou entusiasmado. Mas a preocupação do poeta napolitano é encontrar, na sociedade, personagens de idade, figura, voz e

caráter próprios para desempenhar papéis que ele cria. Não se ousa recusar-lhe, porque se trata do divertimento do soberano. Ele exercita os atores durante seis meses, juntos e separadamente. E quando imaginais vós que a companhia começa a representar, a entender-se, a encaminhar-se para o ponto de perfeição que ele exige? Quando os atores ficam extenuados de cansaço dos ensaios multiplicados, o que chamamos *blasés*. A partir desse instante os progressos são surpreendentes, cada qual se identifica com sua personagem; e é depois desse penoso exercício que as representações começam e prolongam-se por seis outros meses seguidos, e que o soberano e seus súditos usufruem do maior prazer que se possa auferir da ilusão teatral. E essa ilusão, tão forte, tão perfeita na última representação quanto na primeira, a vosso aviso, pode ser efeito da sensibilidade?

De resto, a questão que aprofundei foi outrora encetada entre um literato medíocre, Rémond de Saint Albine, e um grande comediante, Riccoboni.⁸⁴ O literato advogava a causa da sensibilidade e o comediante advogava a minha. É uma anedota que eu ignorava e que acabo de ficar sabendo.

Eu disse, vós me Ouvistes, e eu vos pergunto presentemente o que pensais do caso.

SEGUNDO — Penso que esse homenzinho arrogante, decidido, seco e duro, em quem seria preciso reconhecer uma dose honesta de desprezo, se possuísse apenas um quarto do que a natureza pródiga lhe concedeu em suficiência, seria um pouco mais reservado em seu julgamento se vós, de vossa parte, tivésseis a complacência de expor-lhe vossas razões e ele, de sua parte, a paciência de vos ouvir; mas a desgraça é que ele sabe tudo, e que, a título de homem universal, julga-se dispensado de ouvir.

PRIMEIRO — Em compensação, o público paga-lhe bem.

Conheceis a Sra. Riccoboni?⁸⁵

SEGUNDO — Quem não conhece a autora de um grande número de obras encantadoras, cheia de talento, de honestidade, de delicadeza e de graça?

PRIMEIRO — Credes que essa mulher é sensível?

SEGUNDO — Não apenas pelas suas obras, mas também pela conduta ela o provou. Há em sua vida um incidente que esteve a ponto de levá-la ao túmulo. Ao cabo de vinte anos, seus prantos não secaram ainda, e a fonte de suas lágrimas ainda não se exauriu.

PRIMEIRO — Pois bem, essa mulher, uma das mais sensíveis que a natureza jamais formou, foi uma das piores atrizes que jamais surgiram no palco. Ninguém fala melhor de arte, ninguém representa pior.

SEGUNDO — Acrescentarei que ela concorda com isso, e que nunca lhe aconteceu acusar os apupos de injustiça.

PRIMEIRO — E por que, com a sensibilidade refinada, a qualidade principal, segundo vós, do comediante, a Sra. Riccoboni é tão má?

SEGUNDO — É que aparentemente as outras lhe faltam a tal ponto que a primeira não pode compensar o defeito.

PRIMEIRO — Mas a sua figura não é de modo algum má; ela tem espírito; tem o porte decente; sua voz nada tem de chocante. Todas as boas qualidades que se devem à educação ela as possui. Não apresenta nada de chocante em sociedade. Pode-se olhá-la sem custo e ouvi-la com o maior prazer.

SEGUNDO — Não chego a entender o caso; tudo o que sei é que o público nunca chegou a reconciliar-se com ela, e que durante vinte anos seguidos ela foi vítima de sua profissão.

PRIMEIRO — E de sua sensibilidade, acima da qual nunca

pôde elevar-se; e foi porque ela permaneceu constantemente ela, que o público constantemente a desdenhou.

SEGUNDO — E vós não conheceis Caillot?

PRIMEIRO — Muito.

SEGUNDO — Já conversastes alguma vez com ele sobre o assunto?

PRIMEIRO — Nunca.

SEGUNDO — Eu, em vosso lugar, me sentiria curioso de saber a opinião dele.

PRIMEIRO — Eu sei qual é.

SEGUNDO — Qual?

PRIMEIRO — A vossa e a de vosso amigo.

SEGUNDO — Eis uma terrível autoridade contra vós.

PRIMEIRO — Concordo.

SEGUNDO — E como viestes a tomar conhecimento do parecer de Caillot?

PRIMEIRO — Por intermédio de uma mulher de muito espírito e fineza, a Princesa de Galitzin.⁸⁶ Caillot interpretara o *Desertor*,⁸⁷ ele permanecia ainda no lugar onde acabava de experimentar e ela de partilhar, ao seu lado, todos os transe de um infeliz prestes a perder a amante e a vida. Caillot aproximou-se do camarote dela e dirigiu-lhe, com o rosto risonho que lhe conheceis, palavras joviais, honestas e polidas. A princesa, espantada, disse-lhe: “Como! não estais morto! Eu, que fui mera espectadora de vossas angústias, ainda não voltei a mim”. — “Não, senhora, não estou morto. Seria preciso lastimar-me demais, se eu morresse tão amiúde.” — “Nada sentis, portanto?” — “Perdoai-me...” E depois ei-los empenhados numa discussão que acabou entre eles como acabará entre nós: eu permanecerei na minha opinião e vós na vossa. A princesa não se recordava dos argumentos de Caillot,

mas observara que esse grande imitador da natureza, no momento da agonia, quando ia ser arrastado ao suplício, percebendo que a cadeira onde deveria depositar Louise desfalecida estava mal colocada, arrumou-a, cantando com voz moribunda: “Mas Louise não vem, e minha hora se aproxima...” Mas estais distraído; no que pensais?

SEGUNDO — Penso em propor-vos um acomodamento: o de reservar à sensibilidade natural do ator os momentos raros em que perde a cabeça, em que não vê mais o espetáculo, em que esquece que está num teatro, em que esquece de si mesmo, em que está em Argos, em Micenas, em que é o próprio personagem que interpreta; ele chora.

PRIMEIRO — Com medida?

SEGUNDO — Com medida. Ele grita.

PRIMEIRO — Justa?

SEGUNDO — Justa. Ele se irrita, se indigna, se desespera, apresenta a meus olhos a imagem real, leva ao meu ouvido e ao meu coração o acento verdadeiro da paixão que o agita, a ponto de me arrastar, de eu ignorar a mim mesmo, de não ser mais nem Brizard, nem Le Kain, mas Agamenon que eu vejo, mas Nero que eu ouço... etc, a abandonar à arte todos os outros instantes... Penso que talvez então acontece à natureza como ao escravo que aprende a mover-se livremente sob o grilhão: o hábito de carregá-lo tira-lhe o peso e a coerção.

PRIMEIRO — Um ator sensível terá talvez em seu desempenho um ou dois momentos de alienação que desafinarão com o resto tanto mais fortemente quanto serão mais belos. Mas, disse-me, então o espetáculo não cessa de ser um prazer e não se torna um suplício para vós?

SEGUNDO — Oh! não.

PRIMEIRO — E esse patético de ficção não prevalece sobre o espetáculo doméstico e real de uma família desolada em torno do leito fúnebre de um pai querido ou de uma mãe adorada?

SEGUNDO — Oh! não.

PRIMEIRO — Não haveis, portanto, nem o comediante, nem vós, tão perfeitamente esquecido...

SEGUNDO — Vós já me confundistes fortemente, e não duvido que possais me confundir mais ainda; mas eu vos abalaria, creio, se me permitísseis associar alguém mais. São quatro horas e meia; estão levando *Dido*,⁸⁸ vamos ver Mlle Raucourt; ela vos responderá melhor do que eu.

PRIMEIRO — Eu o desejo, mas não o espero. Pensais que ela faça o que nem Le Couvreur,⁸⁹ nem Mlle Duclos,⁹⁰ nem Mlle de Seine,⁹¹ nem Mlle Balincourt,⁹² nem Mlle Clairon, nem Mlle Dumesnil⁹³ conseguiram fazer? Ouso assegurar-vos que, se a nossa jovem estreante encontra-se ainda longe da perfeição, é porque é demasiado noviça para não sentir nada, e vos predigo que, se continuar sentindo, permanecendo ela própria e preferindo o instinto limitado da natureza ao estudo ilimitado da arte, nunca há de elevar-se à altura das atrizes que eu vos mencionei. Terá belos momentos, mas não será bela. Acontecer-lhe-á o que aconteceu a Mlle Gaussin⁹⁴ e a muitas outras que foram a vida toda amaneiradas, fracas e monótonas, somente porque nunca lograram sair do recinto estreito em que a sensibilidade natural as encerrava. Vosso propósito continua sendo o de me opor a Mlle Raucourt?

SEGUNDO — Seguramente.

PRIMEIRO — No caminho, eu vos contarei um fato que cabe bastante no tema de nosso colóquio. Eu conhecia Pigalle;⁹⁵ eu costumava entrar em casa dele. Vou lá certa manhã, bato na

porta: o artista me abre, com o desbastador na mão; e, detendo-me à soleira do atelier: “Antes que eu vos deixe passar”, diz-me ele, “jurai-me que não tereis medo de uma bela mulher inteiramente nua...” Sorri... entrei. Ele trabalhava então no seu monumento do Marechal de Saxe, e uma belíssima cortesã servia-lhe de modelo para a figura da França. Mas como acreditais que ela me pareceu entre as figuras colossais que a cercavam? Pobre, pequena, mesquinha, uma espécie de rã; estava esmagada por elas; e eu teria tomado, pela palavra do artista, a rã por uma bela mulher, se não houvesse esperado o fim da sessão e se não a tivesse visto terra-a-terra e com o dorso virado para aquelas figuras gigantescas que a reduziam a nada. Deixo a vós o cuidado de aplicar este singular fenômeno a Mlle Gaussin, à Riccoboni e a todas aquelas que não puderam engrandecer-se no palco.

Se, por impossível que seja, uma atriz recebesse a sensibilidade em grau comparável ao que a arte levada ao extremo pode simular, o teatro propõe tantos caracteres diversos a imitar, e um só papel principal leva a tantas situações opostas, que essa rara choramingas, incapaz de representar bem dois papéis diferentes, primária apenas em alguns pontos do mesmo papel; seria a comediante mais desigual, mais limitada e mais inepta que se possa imaginar. Se lhe acontecesse tentar um vôo, sua sensibilidade predominante não tardaria a reconduzi-la à mediocridade. Ela se assemelharia menos a um vigoroso corcel que galopa do que a uma hacanéia que toma o freio nos dentes. Seu instante de energia, passageiro, inopinado, sem gradação, sem preparo, sem unidade, parecer-vos-ia um acesso de loucura.

Sendo a sensibilidade, com efeito, companheira da dor e da fraqueza, dissei-me se uma criatura doce, frágil e sensível é realmente própria para conceber e traduzir o sangue-frio de

Leontina, os transportes ciumentos de Hermíone, os furores de Camila, a ternura maternal de Mérope, o delírio e os remorsos de Fedra, o orgulho tirânico de Agripina, a violência de Clitemnestra.⁹⁶ Abandonai vossa eterna choramingas a alguns de nossos papéis elegíacos, e não a tireis mais daí.

É que ser sensível é uma coisa, e sentir é outra. A primeira é uma questão de alma e a outra, uma questão de julgamento. É que sentimos com intensidade o que não saberíamos expressar; é que expressamos só, em sociedade, no pé da lareira, lendo, representando, para alguns ouvintes, e que não expressamos nada que valha no teatro; é que no teatro, com o que se chama sensibilidade, alma, entranhas, expressamos bem uma ou duas tiradas e falhamos no resto; é que abranger toda a extensão de um grande papel, dispor nele os claros e escuros, o doce e o fraco, mostrar-se igual nas passagens tranqüilas e nas passagens agitadas, ser variado nos pormenores, uno e harmonioso no conjunto, e constituir um sistema firme de declamação que vá a ponto de salvar os repentes do poeta, é obra de uma cabeça fria, de um profundo discernimento, de um gosto refinado, de um estudo penoso, de uma longa experiência e de uma tenacidade de memória não muito comum; é que a regra *qualis ab incoepto processerit et sibi constet*,⁹⁷ muito rigorosa para o poeta, subsiste até a minúcia para o comediante; é que aquele que sai dos bastidores sem ter seu desempenho presente e seu papel anotado provará a vida toda o papel de um estreante, ou que se, dotado de intrepidez, de suficiência e de estro, contar com a presteza de sua cabeça e o hábito do ofício, este homem vos iludirá pelo calor e pela embriaguez, e que aplaudireis a sua representação como um conhecedor de pintura sorri diante de um esboço libertino onde tudo está indicado e nada decidido. É um desses prodígios que se

vêm às vezes nas feiras ou no tablado de Nicolet.⁹⁸ Talvez esses loucos procedam muito bem permanecendo o que são, comediantes esboçados. Mais trabalho não lhes forneceria o que lhes falta e poderia quiçá tirar-lhes o que têm. Tomai-os pelo que valem, mas não os coloqueis ao lado de um quadro acabado.

SEGUNDO — Não me resta senão uma pergunta a fazer-vos.

PRIMEIRO — Fazei-a.

SEGUNDO — Vistes alguma vez uma peça inteira perfeitamente representada?

PRIMEIRO — Por minha fé, não me lembro... Mas esperai... Sim, às vezes uma peça medíocre, por atores medíocres...

Nossos dois interlocutores foram ao espetáculo, mas não encontrando lugar desceram para as Tulherias. Passearam algum tempo em silêncio, pareciam haver-se esquecido que estavam juntos, e cada qual se entretinha consigo mesmo, como se estivesse só: um, em alta voz, e outro, em voz tão baixa que não se ouvia, deixando apenas escapar por intervalos palavras isoladas, mas distintas, pelas quais era fácil conjecturar que não se considerava vencido.

As idéias do homem do paradoxo são as únicas de que posso dar conta, e ei-las tão descosidas como devem parecer quando se suprimem de um solilóquio os intermediários que servem de ligação. Dizia:

Que se ponha em seu lugar um ator sensível, e veremos como se sairá. O que faz ele? Pousa o pé sobre a balaustrada, torna a prender a jarreteira, e responde ao cortesão que despreza, com a cabeça voltada para um dos ombros; assim, um incidente que desconcertaria qualquer outro que não fosse esse frio e sublime comediante, subitamente adaptado à circunstância, torna-se um traço de gênio.

(Falava, creio, de Baron,⁹⁹ na tragédia do *Conde de Essex*.¹⁰⁰ Adicionava sorrindo:)

Pois sim, ele acreditará que aquela outra sentia, quando caída sobre o regaço da confidente e quase moribunda, com os olhos voltados para os terceiros camarotes, percebeu aí um velho procurador que se desfazia em lágrimas e cuja dor trejeitava de maneira realmente burlesca, e disse: “Olha um pouco lá em cima a cara daquela lá...”, murmurando na garganta essas palavras, como se fossem a continuação de um lamento inarticulado... Há outras! há outras! Se bem me recordo do fato, ele se passou com Mlle Gaussin, em *Zaíra*.¹⁰¹

E este terceiro, cujo fim foi tão trágico, eu o conheci, conheci o pai dele, que me convidava também algumas vezes a dizer uma palavra em sua corneta.¹⁰²

(Não há dúvida que se trata, no caso, do *sage*, do sábio Montménil.¹⁰³)

Era a própria candura e honestidade. O que havia de comum entre seu caráter natural e o do Tartufo, que ele interpretava superiormente? Nada. Onde foi que arrumou aquele torcicolo, aquele rolar de olhos tão singular, aquele tom adocicado e todas as outras finuras do papel do hipócrita? Cuidado com o que ides responder. Eu vos apanhei. — “Na imitação profunda da natureza.” — Na imitação profunda da natureza? E vereis que os sintomas exteriores que designam mais fortemente a sensibilidade de alma não se encontram tanto na natureza como os sintomas exteriores da hipocrisia; que aí não se poderia estudá-los, e que um ator de grande talento terá mais dificuldades em captar e em imitar uns do que outros! E se eu sustentava que, de todas as qualidades da alma, a sensibilidade é a mais fácil de arremedar, não havendo um único homem bastante cruel, bastante

desumano para que não trouxesse o germe disso no seu coração, para jamais tê-la experimentado; o que não se poderia afiançar a respeito de todas as outras paixões, tal como a avareza, a desconfiança? Acaso um excelente instrumento? ... — “Eu vos entendo; existirá sempre, entre quem arremeda a sensibilidade e quem sente, a diferença entre a imitação e a coisa.” — E tanto melhor, tanto melhor, eu vos afirmo. No primeiro caso, o comediante não precisará separar-se de si mesmo, transportar-se-á de repente e de um salto à altura do modelo ideal. — “De repente e de um salto!” — Vós me chicanais sobre uma expressão. Quero dizer que, não sendo nunca reduzido ao pequeno modelo que nele se encontra, ele será tão grande, tão espantoso, tão perfeito imitador da sensibilidade quanto da avareza, da hipocrisia, da duplicidade e de qualquer outro caráter que não será o seu, de qualquer outra paixão que não alimentará. A coisa que o personagem naturalmente sensível me mostrará, será pequena; a imitação do outro será forte; ou, se ocorresse que suas cópias fossem igualmente fortes, o que não vos concedo, mas de forma nenhuma, um, perfeitamente senhor de si próprio e representando inteiramente por estudo e julgamento, seria tal como a experiência diária o mostra, muito mais do que aquele que representasse metade por natureza e metade por estudo, metade por um modelo e metade por si próprio. Com qualquer habilidade que duas imitações fossem fundidas numa só, um espectador delicado as discerniria ainda mais facilmente que um profundo artista deslindaria em uma estátua a linha que separasse ou dois estilos diferentes, ou a frente executada segundo um modelo, e o dorso segundo outro. — “Que um ator consumado cesse de representar de cabeça, que se esqueça, que o coração se lhe enrede; que a sensibilidade o ganhe, que ele se lhe entregue. Ele nos inebriará.”

— Talvez. — “Ele nos arrebatará de admiração.” — Isso não é impossível; mas, contanto que não saia de seu sistema de declamação e que a unidade não desapareça, sem o que declarareis que ele ficou louco... Sim, nesta suposição tereis um bom momento, convenho; mas preferir um bom momento a um bom papel? Se tal é vossa escolha, ela não é a minha.

Aqui o homem do paradoxo calou-se. Passeava a grandes passos sem olhar aonde ia; ter-se-ia chocado à direita e à esquerda com os que vinham ao seu encontro, se eles não evitassem o choque. Depois, detendo-se de súbito, e colhendo fortemente seu antagonista pelo braço, disse-lhe em tom dogmático e tranqüilo: Meu amigo, há três modelos, o homem da natureza, o homem do poeta e o homem do ator. O da natureza é menor que o do poeta, e este menor ainda que o do grande comediante, o mais exagerado de todos. O último deles monta sobre as espáduas do anterior, e encerra-se em um grande manequim de vime, do qual ele é a alma; ele move esse manequim de uma forma assustadora, até para o poeta, que não mais se reconhece, e nos apavora, como bem o dissestes, como as crianças se apavoram umas às outras, segurando seus pequenos gibões curtos erguidos sobre a cabeça, agitando-se e imitando o melhor que podem a voz rouca e lúgubre de um fantasma, que arremedam. Mas, por acaso, não tereis visto jogos de crianças que foram gravados? Não tereis visto um rapazote que avança sob a máscara hedionda de um velho que o oculta da cabeça aos pés? Sob a máscara, ele ri de seus pequenos amiguinhos que o terror põe em fuga. Esse rapazote é o verdadeiro símbolo do ator; seus amiguinhos são os símbolos do espectador. Se o comediante é dotado apenas de sensibilidade medíocre e se aí reside todo o seu mérito, não o considerareis um homem medíocre? Tomai cuidado,

é ainda uma armadilha que eu estendo. — “E se for dotado de extrema sensibilidade, o que lhe sucederá?” — O que lhe sucederá? Que não representará mais, ou que representará ridiculamente. Sim, ridiculamente, e a prova, podereis vê-la em mim quando vos aprouver. Basta que eu tenha um relato algo patético a fazer, ergue-se não sei que comoção em meu peito, em minha cabeça; minha língua se atrapalha; minha voz se altera; minhas idéias se decompõem; meu discurso se interrompe; eu balbucio, bem percebo; as lágrimas rolam de minhas faces, eu me calo. — “Mas isso vós o conseguis.” — Em sociedade; no teatro, eu seria vaiado. — “Por quê?” — Porque ninguém vem assistir aos prantos, mas ouvir discursos que os arranquem, porque essa verdade da natureza desafina com a verdade da convenção. Explico-me: quero dizer que nem o sistema dramático, nem a ação, nem os discursos do poeta não se conciliariam com minha declamação sufocada, entrecortada, soluçada. Vedes que não é sequer permitido imitar a natureza, mesmo a bela natureza e a verdade de muito perto, havendo limites dentro dos quais é preciso encerrar-se. — “E tais limites, quem os estabeleceu?” — O bom senso, que não quer que um talento prejudique outro talento. É necessário às vezes que o ator se sacrifique ao poeta. — “Mas se a composição do poeta se prestasse a tanto?” — Pois bem! teríeis outra sorte de tragédia, inteiramente diferente da vossa. — “E qual o inconveniente disso?” — Não sei bem o que iríeis ganhar; mas sei muito bem o que iríeis perder.

Aqui o homem paradoxal se aproximou pela segunda ou terceira vez de seu antagonista, e disse-lhe:

O dito é de mau gosto, mas é engraçado, é de uma atriz sobre cujo talento não há duas opiniões. É o par da situação e das palavras de Mlle Gaussin; também ela está caída nos braços de

Pillot-Polux;¹⁰⁴ ela agoniza, pelo menos assim o creio, e lhe tartamudeia baixinho: *Ah! Pillot, como fedes!*

A passagem é de Arnould,¹⁰⁵ interpretando Telaíra. E neste momento, Arnould é verdadeiramente Telaíra? Não, é Arnould, sempre Arnould. Nunca me levareis a elogiar os graus intermediários de uma qualidade que estragaria tudo se, impelida ao extremo, o comediante fosse por ela dominado. Mas suponho que o poeta escreveria a cena a fim de ser declamada no teatro como eu a recitaria em sociedade; quem representaria a cena? Ninguém, ninguém mesmo, nem sequer o ator que fosse mais senhor de sua ação; se ele se safasse bem uma vez, falharia em mil outras. O êxito depende então de tão pouca coisa!... Este último raciocínio vos parece pouco sólido? Pois bem, seja; mas nem por isso concluirei que é preciso furar um pouco nossas ampolas, abaixar de alguns entalhes nossas andas, e deixar as coisas quase como são. Para cada poeta de gênio que atingisse essa prodigiosa verdade da natureza, elevar-se-ia uma nuvem de insípidos e banais imitadores. Não é permitido, sob pena de ser insípido, cacete e detestável, descer uma linha abaixo da simplicidade da natureza. Não achais, também?

SEGUNDO — Não acho nada. Não vos ouvi.

PRIMEIRO — O que! não continuamos a discutir?

SEGUNDO — Não.

PRIMEIRO — E que diabo fazíeis então?

SEGUNDO — Sonhava.

PRIMEIRO — E o que sonháveis?

SEGUNDO — Que um ator inglês chamado, creio, Macklin¹⁰⁶ (eu assistia aquele dia ao espetáculo), devendo escusar-se junto à platéia pela temeridade de interpretar, após Garrick, não sei qual papel no *Macbeth*, de Shakespeare, dizia, entre outras coisas, que

as impressões que subjugavam o comediante e o submetiam ao gênio e à inspiração do poeta eram-lhe muito prejudiciais; não sei mais que razões apresentava, porém eram muito sutis, e foram apreciadas e aplaudidas. De resto, se sois curioso, encontrá-las-eis em uma carta inserta no *Saint James Chronicle*,¹⁰⁷ sob o nome de Quintiliano.

PRIMEIRO — Mas eu conversei então todo esse tempo sozinho?

SEGUNDO — É possível; tanto tempo quanto eu sonhei sozinho. Sabeis que antigamente os atores faziam os papéis de mulheres?

PRIMEIRO — Sei sim.

SEGUNDO — Aulo Gélio¹⁰⁸ conta, nas *Noites Áticas*, que um certo Paulus, coberto dos trajes lúgubres de Electra, em vez de se apresentar em cena com a urna de Orestes, apareceu abraçando a urna que encerrava as cinzas de seu próprio filho, que acabava de perder, e que então não foi uma vã representação, uma pequena dor de espetáculo, mas a sala retiniu de gritos e de verdadeiros gemidos.¹⁰⁹

PRIMEIRO — E credes que Paulus naquele momento falou em cena como falaria em sua casa? Não e não. Esse prodigioso efeito, de que não duvido, não se deveu aos versos de Eurípides, nem à declamação do ator, mas antes à vista de um pai desolado que banhava de prantos a urna do próprio filho. Esse Paulus não era quiçá senão um comediante medíocre; não mais do que aquele Esopo de quem Plutarco¹¹⁰ narra que, “representando um dia, em pleno teatro, o papel de Atreu deliberando consigo mesmo como poderia vingar-se do irmão, Tiestes, aconteceu, por acaso, que um dos seus servidores quis passar de súbito correndo diante dele, e ele, Esopo, estando fora de si devido à veemente afecção e o ardor

com que precisava representar ao vivo a paixão furiosa do Rei Atreu, desferiu-lhe tamanho golpe na cabeça com o cetro, que segurava na mão, que o matou no mesmo instante...” Era um louco que o tribuno devia enviar imediatamente ao monte Tarpeu.

SEGUNDO — Como aparentemente fez.

PRIMEIRO — Duvido. Os romanos faziam tanto caso da vida de um grande comediante, e tão pouco da vida de um escravo!

Mas, segundo dizem, um orador vale mais quando se esquentava, quando é tomado de cólera. Eu o nego. E quando imita a cólera. Os comediantes impressionam o público, não quando estão furiosos, mas quando interpretam bem o furor. Nos tribunais, nas assembléias, em todos os lugares onde se quer ficar senhor dos espíritos, finge-se ora a cólera, ora o temor, ora a piedade, a fim de levar os outros a esses sentimentos diversos. Aquilo que a própria paixão não conseguiu fazer, a paixão bem imitada o executa.

Não se diz no mundo que um homem é um grande comediante? Não se entende com isso que ele sente, mas, ao contrário, que prima em simular, embora nada sintam: papel bem mais difícil do que o do ator, pois tal homem tem ademais o discurso a encontrar e duas funções a realizar, a do poeta e a do comediante. O poeta na cena pode ser mais hábil do que o comediante no mundo, mas acredita alguém que, na cena, o ator seja mais profundo, seja mais hábil em fingir a alegria, a tristeza, a sensibilidade, a admiração, o ódio, a ternura, que um velho cortesão?

Mas está ficando tarde. Vamos cear.

Notas

² *Garrick ou les auteurs anglais*, brochura inglesa cuja tradução francesa Diderot resenhou e que foi o ponto de partida do *Paradoxo*.

³ Molière, *Tartufo*, III, 3.

⁴ Trata-se de uma confidência real de Garrick.

⁵ Localização, até 1770, da Comédie Française.

⁶ O mais famoso e o mais duradouro dos teatros ingleses. De 1746 a 1776 foi dirigido por Garrick.

⁷ Personagens de Corneille, Racine e Voltaire.

⁸ Uma das mais notáveis atrizes francesas da época (1723-1803), que pertenceu à Comédie e escreveu precioso testemunho da vida teatral no século XVIII, sob o título de Memórias e Reflexões sobre a Arte Dramática.

⁹ François Duquesnoy (1594-1643), escultor belga.

¹⁰ Tema que também surge em *O Sonho de D'Alembert* (cf. pág. 407:) “*Senhorita de l'Espinasse* — Doutor, tendes razão. Muitas vezes pareceu-me em sonho...”

¹¹ Atriz francesa, rival e contemporânea de Mlle Clairon (1713-1803). Voltaire atribui ao seu desempenho o êxito de *Mélope*. Pertenceu à Comédie.

¹² Cf. *O Sonho de D'Alembert*, pág. 104: “*Bordeu* — O grande homem...” O parentesco entre ambas as passagens é nítido.

¹³ Voltaire, *Zaira*, ato IV, cena 2.

¹⁴ Racine, *Ifigênia*, ato II, cena 2.

¹⁵ Análise aguda da linguagem na realidade teatral e na realidade social, mesmo quando já sob o efeito de uma transposição simbólica da história.

¹⁶ Grande ator francês (1729-1778), comparado por muitos a Garrick. Notabilizou-se como intérprete de Voltaire, na Comédie. Atuou com Mlle Clairon, que registrou o caráter febril de seu desempenho. Le Kain é responsável por muitas reformas teatrais, entre as quais uma sugestão de vestuário histórico.

¹⁷ Michel Baron (1653-1729), filho de ator, recebeu ensinamentos de Molière, em cuja companhia trabalhou, e mais tarde tornou-se o principal intérprete da Comédie. Baron empenhou-se em elevar o estatuto do ator e foi ele próprio autor de várias comédias. Tendo-se retirado da atividade cênica, retornou a ela cerca de três décadas depois, com sessenta e oito anos.

¹⁸ Personagens respectivamente de *O Conde de Essex*, de Thomas Corneille, *Mitridates e Britânico*, de Racine.

¹⁹ Atriz francesa (1711-1767), que se salientou sobretudo nos papéis da comédia sentimental. Com cinquenta anos, logrou ainda grande êxito como Lucinda, a jovem apaixonada de *O Oráculo*.

²⁰ A primeira é de autoria de Poullain de Sainte-Foix (1698-1776) e a segunda de Christophe-Barthélemy Fagan (1702-1755).

²¹ Mlle Raucourt (1756-1815), que estreou na Comédie aos dezesseis anos, com grande êxito.

²² Personagens de Corneille e Racine.

²³ François Molé (1734-1802) não foi acolhido inicialmente na Comédie, a cujas portas chegara graças a seu êxito como amador. Mais tarde, após longo trabalho na província, tornou-se um de seus principais atores. Molé foi dos primeiros Hamlet franceses.

²⁴ Esta cena, segundo P. Vernière (*op. cit.*, pág. 324, n.º 1), baseia-se num capítulo sobre os “apartes”, em a *Arte de la comédie*, de Cailhava de l'Estandoux, comediógrafo francês do século XVIII.

²⁵ Em 1759, graças à sua generosidade, realizou-se uma reforma na Comédie, que livrou o palco das banquetas destinadas às pessoas de qualidade e que obstruíam a movimentação cênica desde o século XVIII.

²⁶ Trata-se provavelmente de Mlle Gaussin. cujos desbragamentos foram célebres.

²⁷ Dramaturgo (1692-1754) e principal expoente da *comédie larmoyante*. Nesta, a mistura de tragédia e comédia marca o início do chamado “drama burguês”. O *Preconceito da Moda* é uma das peças que melhor marcam o início da nova tendência.

²⁸ David Garrick (1717-1779) foi um dos maiores atores do teatro inglês, introdutor de inúmeras modificações em ambos os lados da cortina, principalmente na rampa de iluminação. Garrick primou nos papéis shakespearianos e, às suas criações cênicas, muito se deve o renovado interesse que o século XVIII dedica ao autor de *Hamlet*. As máscaras e as reflexões deste genial artista constituem sem dúvida o principal ponto de partida da análise sobre a arte do comediante, que é o *Paradoxo*.

²⁹ Duas cenas da primeira versão de *É Ele Bom, É Ele Mau?*, peça de Diderot. Este desempenhou realmente um dos papéis, quando da apresentação da obra em sociedade.

³⁰ Autor dramático (1719-1797) muito ligado a Diderot e que, no *Filósofo sem o Saber*, leva à prática as teorias dramáticas do filósofo, melhor talvez do que este em suas peças.

³¹ A estréia ocorreu a 2 de dezembro de 1766.

³² Financista e ministro francês (1732-1804). Na oportunidade fora nomeado para o cargo de diretor geral das finanças.

³³ Escritor e dramaturgo (1723-1779) que pode ser considerado o fundador da crítica teatral jornalística.

³⁴ Tragédia em cinco atos e em prosa de Sedaine; foi representada em 1782, sendo sustada pela censura.

³⁵ Parece tratar-se de um certo Rivière, advogado e autor de romances galantes, que Diderot teria auxiliado e que posteriormente teria escrito uma sátira contra o seu benfeitor. O Enciclopedista alude ao fato em *Ele e Eu*.

³⁶ Tragédia de La Motte (1672-1731), e sua principal obra, que logrou grande êxito em 1723.

³⁷ Atriz trágica (1668-1748), conhecida por seu temperamento violento e por sua conduta desregrada.

³⁸ Ator da Comédie (1693-1767), de uma família de artistas de teatro.

³⁹ Tragédia de Corneille.

⁴⁰ Desempenho de Le Kain (v. n.º 16) na *Semíramis*, de Voltaire, o qual elogia a interpretação.

⁴¹ Este caixa geral, muito devoto, armou em 1769 uma falência fraudulenta em que esteve implicado o Abade Grizel, confessor do arcebispo de Paris. Toinard era um contratador geral muito avaro.

⁴² *A Poesia* e *A Filosofia* são dois quadros de La Grenée (1724-1805), expostos no Salão de 1767.

⁴³ O quadro, executado por encomenda de Filipe II, da Espanha, encontra-se no museu do Prado, em Madri. Mas há várias réplicas, uma das quais Diderot talvez tenha visto.

⁴⁴ *A Sagrada Família*, ou *A Madona com São José Imberbe*, pertenceu a colecionadores

franceses nos séculos XVII e XVIII. Em 1771, Diderot, por conta de Catarina II, adquiriu o quadro ao Duque de Broglie (serão esses os assuntos pelos quais procura o Duque de Broglie, no *Diálogo com a Marechala...*, e que ensejam esse notável colóquio?). Desde então a obra pertence à coleção do Ermitage, de Leningrado.

⁴⁵ Coletâneas de crítica de arte, são, ao todo, nove Salões, do mais alto interesse para a compreensão do movimento plástico de 1759 a 1781, na França.

⁴⁶ Crítico e jornalista francês (1731-1817).

⁴⁷ Referência à principal peça de Destouches (1680-1754), que foi escrita, dizem, especialmente para Quinault-Dufresne (v. nota n.º 38) e mesmo com alguns traços de sua personalidade.

⁴⁸ Personagem de *Zaíra*, de Voltaire.

⁴⁹ Cf. nota n.º 27.

⁵⁰ As duas primeiras são de Le Sage; a terceira é a adaptação de *Obrigados e Ofendidos*, de Rojas Zorrilla, feita por Scarron.

⁵¹ Ator (1695-1743), filho de Le Sage e excelente intérprete das peças do pai.

⁵² Novelistas e dramaturgo (1668-1747). *Turcaret*, sua obra-prima, é uma das melhores comédias do teatro francês.

⁵³ Cf. nota n.º 20.

⁵⁴ De Molière.

⁵⁵ Farsa de *Maitre Pierre Pathelin*, obra-prima do gênero, data do século XV.

⁵⁶ Além das peças de Molière, o texto inclui referências e imitadores do grande comediógrafo: *O Jogador* é de Regnard; *O Rabugento*, de Brueys e Palaprat; e *o Adulador*, de Jean-Baptiste Rousseau. Todas procedem do fim do século XVII.

⁵⁷ Personagens de Molière, Racine e Corneille.

⁵⁸ Rival de Demóstenes.

⁵⁹ *Cina* (I,3), de Corneille.

⁶⁰ Cena da tragédia do mesmo nome, de Du Belloy, autor dramático francês (1727-1775).

⁶¹ *Eumênides*, de Esquilo.

⁶² Diderot deixou o projeto de uma tragédia denominada *O Xerife*.

⁶³ Ator cômico romano do século I a.C., muito admirado por Cícero.

⁶⁴ Diálogo ocorrido entre Garrick e o Cavaleiro de Chastelux, segundo informa o próprio Diderot no Salão de 1767. O autor do *Paradoxo* conheceu o ator inglês em Paris, no inverno de 1764-65.

⁶⁵ Trata-se de Epicuro e de seu *quid* inominado.

⁶⁶ Famoso jardim parisiense em que se localiza o palácio do mesmo nome, construído por Maria de Médicis.

⁶⁷ Atriz cômica (1714-1796) da Comédie. Salientou-se nas peças de Marivaux. Sua estréia deu-se um ano antes que a de Mlle Gaussin (v. nota n.º 19), isto é, em 1730.

⁶⁸ As duas primeiras são personagens de Corneille (*Horácio*) e as duas últimas são personagens em várias peças de Molière.

⁶⁹ V. nota n.º 38.

⁷⁰ V. nota n.º 51.

⁷¹ Ator (1721-1791) que figurou no elenco da Comédie e se distinguiu em *La Partie de chasse d'Henry IV*, de Collé.

⁷² Comediante francês (1732-1816).

⁷³ Trata-se da reapresentação desta peça de Diderot na Comédie. O nome do magistrado em questão é Sartine, amigo e condiscípulo do autor.

⁷⁴ *Comédie larmoyante*, cf. nota n.º 27.

⁷⁵ O incidente ocorreu com a apresentação de *O Pai de Família* em 1758: o ministro é Choiseul.

⁷⁶ Paráfrase do *Filoctetes*, de Sófocles.

⁷⁷ No sentido de *harmonioso*.

⁷⁸ Cavaleiro romano, amigo de Cícero.

⁷⁹ General romano, da primeira guerra púnica. Celebrizou-se por seu espírito de sacrifício e lealdade. Aprisionado por Cartago e enviado a Roma, sob palavra, para propor a troca de prisioneiros, dissuadiu o Senado de fazê-lo e regressou a Cartago.

⁸⁰ Tradução livre de uma ode de Horácio, liv. III, 5.

⁸¹ Ver, a propósito da teoria do diafragma como sede da sensibilidade, *O Sonho de D'Alembert* (v. pág.414).

⁸² Literato e economista italiano (1728-1787). Foi ele quem informou, por carta, à Sra. de Épinay, o êxito de *O Pai de Família*, em Nápoles.

⁸³ Economista e diplomata (1715-1789), tido como um dos espíritos notáveis do século XVIII.

⁸⁴ Polêmica que este literato, que dirigiu a *Gazette de France* e o *Mercure* e que escreveu um trabalho chamado *Le Comédien*, travou com Antoine Riccoboni, filho do grande Lelio, que, além de ator, também escreveu a *Art du théâtre*.

⁸⁵ Atriz e escritora francesa (1714-1792). Casou-se com Antoine Riccoboni (v. nota n.º 84), que a abandonou. Mais do que no teatro, onde seus melhores papéis foram os das peças de Marivaux, distinguiu-se nas letras. Compôs vários romances, que na época obtiveram grande êxito, entre os quais *Les Lettres de Fanny Butler*, onde alude às suas próprias desventuras sentimentais.

⁸⁶ Esposa do Príncipe Galitzin, embaixador russo em Haia.

⁸⁷ Drama em três atos, de Sedaine (cf. nota n.º 30). Quanto a Caillot, veja-se nota n.º 72.

⁸⁸ *Enée et Didon*, tragédia de Lefranc de Pompignan, na qual Mlle Raucourt estreou em 1772 (v. nota n.º 21).

⁸⁹ Adrienne Lecouvreur (1692-1730), atriz de grande beleza e meiguice, que gozou de forte favor público, suscitando violentos ciúmes de suas rivais na Comédie.

⁹⁰ V. supra, nota n.º 37.

⁹¹ Artista da Comédie (?-1759), esposa de Dufresne.

⁹² Atriz pouco conhecida; estreou em 1727 e retirou-se do palco em 1738.

⁹³ Cf. respectivamente notas n.º 8 e n.º 11.

⁹⁴ Vide nota n.º 19.

⁹⁵ Jean-Baptiste Pigalle (1714-1785), famoso escultor, entre cujas obras principais figura precisamente o monumento a que Diderot se refere.

⁹⁶ Personagens respectivamente de Corneille (*Heráclio*), Racine (*Andrômaca*), Voltaire (*Mérope*), Racine (*Fedra*, *Britânico* e *Ifigênia*).

⁹⁷ “Que a personagem continue até o fim tal como se apresentou no começo e permaneça de acordo consigo mesma”, Horácio, *Arte Poética*, v. 90.

⁹⁸ Artista e acrobata (1728-1796). A partir do teatro de fantoches desenvolveu um

teatro de diversão e popular que, em oposição à Comédie, foi a origem das pequenas salas do século XIX.

⁹⁹ Cf. nota n.º 17.

¹⁰⁰ De Thomas Corneille (1625-1709), irmão do grande Corneille e como ele dramaturgo.

¹⁰¹ De Voltaire.

¹⁰² Trata-se de Le Sage (v. nota n.º 52), que, ao envelhecer, ficou surdo.

¹⁰³ Jogo de palavras entre *sage* e Le Sage, que é o sobrenome de Montménil (v. nota n.º 51).

¹⁰⁴ Pillot fazia o papel de Pólux e Arnould o de Telaíra, em *Castor e Pólux*, de Rameau.

¹⁰⁵ Atriz e cantora (1740-1802), conhecida por seu espírito e poder de conversação.

¹⁰⁶ Ator irlandês (1700-1797), que se distinguiu pela renovação do papel de Shylock, e por sua rivalidade com Garrick.

¹⁰⁷ Pesquisa feita neste periódico inglês confirma a veracidade do discurso e da assinatura da carta.

¹⁰⁸ Escritor latino do século II.

¹⁰⁹ Chama-se Polus o ator mencionado, e o incidente ocorre em *Electra*, de Sófocles (*Noites Áticas*, VI, 5).

¹¹⁰ *Vida de Cícero*, VI, e a história refere-se a Clodius Aesopus, ator trágico, amigo de Cícero.

DOS AUTORES E DOS CRÍTICOS¹

Tradução e notas de **J. Guinsburg**

¹ Capítulo XXII e final do *Discurso Sobre a Poesia Dramática*. Completo em si, não há prejuízo em separá-lo do resto da obra.

Os viajantes falam de uma espécie de homens selvagens, que sopram no passante agulhas envenenadas. É a imagem de nossos críticos.

Esta comparação vos parece exagerada? Convinde ao menos que eles se assemelham bastante a um solitário que vivia no fundo de um vale cercado de colinas por todos os lados. Esse espaço limitado era, para ele, o universo. Girando sobre um pé, e percorrendo com um golpe de vista seu estreito horizonte, exclamava: “Sei tudo; vi tudo”. Mas tentado um dia a pôr-se em marcha, a aproximar-se de alguns objetos que se lhe furtavam ao olhar, galgou o cume de uma dessas colinas. Qual não foi seu espanto, quando viu um espaço imenso desenvolver-se acima de sua cabeça e à sua frente? Então, mudando de discurso, disse: “Não sei nada; não vi nada”.

Eu disse que os nossos críticos se pareciam com esse homem; estou enganado, eles permanecem no fundo de sua choupana, e nunca perdem a elevada opinião que têm de si próprios.

O papel de um ator é um papel bastante vão; é o de um homem que se julga em condição de dar lições ao público. E o papel do crítico? É bem mais vão ainda; é o de um homem que se julga em condição de dar lições àquele que se julga em condição de as dar ao público.

O autor diz: “Senhores, escutai-me; pois sou vosso mestre”. E o crítico: “É a mim, senhores, que cumpre escutar; pois sou o mestre de vossos mestres”.

Quanto ao público, toma o seu próprio partido. Se a obra do autor é má, zomba dela, assim como das observações do crítico, caso sejam falsas.

O crítico brada depois disso: “Ó tempo! Ó costume! O gosto está perdido!” e ei-lo consolado.

O autor, de seu lado, acusa os espectadores, os atores e a cabala. Apela a seus amigos; lera-lhes a peça antes de entregá-la ao teatro: ela devia ir às nuvens. Mas vossos amigos cegos ou pusilânimes não ousaram dizer-vos que lhe faltava encadeamento, caracteres e estilo; e crede, o público quase nunca se engana. Vossa peça malogrou porque é má.

“Mas o *Misanthropo* não andou vai não vai?”

É verdade. Oh! como é doce, após uma desventura, contar com esse exemplo! Se eu subir alguma vez em cena, e se daí for expulso pelas vaías, espero realmente também lembrar-me dele.

A crítica procede bem diversamente com os vivos e com os mortos. Um autor está morto? Ela se ocupa em realçar suas qualidades, e em paliar seus defeitos. Está vivo? É o contrário, são seus defeitos que realça, e suas qualidades que esquece. E há certa razão para tanto: pode-se corrigir os vivos; ao passo que os mortos não têm recurso.

Entretanto, o censor mais severo de uma obra é o autor. Quanto trabalho ele se dá por si só! É ele quem conhece o seu vício secreto; e este quase nunca se encontra lá onde o crítico põe o dedo. Isso me recordou muitas vezes a frase de um filósofo: “Eles falam mal de mim? Ah! se me conhecessem, como eu me conheço!...”²

Os autores e os críticos antigos começavam por instruir-se; não entravam na carreira das letras senão ao sair das escolas de filosofia. Quanto tempo não guardava o autor a sua obra antes de

expô-la ao público? Daí essa correção, que só pode ser efeito dos conselhos, da lima e do tempo.

Nós nos apressamos demais em aparecer; e não éramos talvez nem bastante esclarecidos, nem bastante pessoas de bem, quando tomamos da pena.

Se o sistema moral está corrompido, é inevitável que o gosto seja falso.

A verdade e a virtude são as amigas das belas-artes. Quereis ser autor? Quereis ser crítico? Começai por ser homem de bem. Que esperar de quem não pode afligir-se profundamente? E de que me afligirei eu profundamente, senão da verdade e da virtude, as duas coisas mais poderosas da natureza?

Se alguém me assegura que um homem é avaro, terei dificuldade em crer que ele produza algo de grande. Esse vício apouca o espírito e estreita o coração. As desgraças públicas nada significam para o avaro. Às vezes, rejubila-se com elas. É duro. Como há de elevar-se a algo de sublime? Está incessantemente curvado sobre um cofre forte. Ignora a velocidade do tempo e a brevidade da vida. Concentrado em si mesmo, é estranho à beneficência. A felicidade de seu semelhante nada representa a seus olhos, em comparação com um pedacinho de metal amarelo. Jamais conheceu o prazer de dar a quem carece, de aliviar quem sofre, e de chorar com quem chora. É mau pai, mau filho, mau amigo, mau cidadão. Na necessidade de escusar-se de seu vício, formou para si um sistema que imola todos os deveres à sua paixão. Se se propusesse pintar a comiseração, a liberdade, a hospitalidade, o amor à pátria, o amor ao gênero humano, onde encontraria as cores necessárias? Ele pensou, no fundo do coração, que tais qualidades não passam de extravagâncias e loucuras.

Após o avaro, cujos meios todos são vis e mesquinhos, e que não ousaria sequer tentar um grande crime para conseguir dinheiro, o homem de gênio mais estreito e mais capaz de praticar males, o menos tocado pelo verídico, pelo bom e pelo belo, é o supersticioso.

Após o supersticioso, é o hipócrita. O supersticioso possui a vista perturbada; o hipócrita, o coração falso.

Se sois bem-nascido, se a natureza vos concedeu espírito reto e coração sensível, fugi por algum tempo à sociedade dos homens; ide estudar-vos a vós mesmo. Como produzirá o instrumento uma justa harmonia, se está desafinado? Obtende noções exatas das coisas; comparai vossa conduta com vossos deveres; tornai-vos homem de bem, e não acrediteis que este trabalho e este tempo tão bem empregados pelo homem sejam perdidos pelo autor. Jorrará, da perfeição moral que houverdes estabelecido em vosso caráter e em vossos costumes, um matiz de grandeza e de justiça que se espalhará sobre tudo o que escreverdes. Se quereis pintar o vício, sabei de vez quão contrário ele é à ordem geral e à felicidade pública e particular; e haveis de pintá-lo fortemente. Se é a virtude, como falareis dela de modo a levar os outros a amá-la, se ela não vos arrebatava? De retorno entre os homens, ouvi muito os que falam bem; e falai freqüentemente a vós mesmo.

Meu amigo, conheceis Aristo:³ devo-lhe o que vou narrar-vos. Contava então quarenta anos. Dedicara-se particularmente ao estudo da filosofia. Fora cognominado “o Filósofo”, porque nascera sem ambição, porque tinha a alma honesta, porque a inveja nunca alterara nesta a doçura e a paz. De resto, grave no porte, severo nos costumes, austero e simples nos discursos, o manto de um antigo filósofo era quase a única coisa que lhe faltava; pois era

pobre, e estava contente com a pobreza.

Um dia, em que se propusera passar com os amigos algumas horas a conversar sobre as letras ou sobre a moral, pois não gostava de falar dos negócios públicos, encontrou-os ausentes, e tomou o alvitre de passear sozinho.

Freqüentava pouco os sítios onde os homens se reúnem. Os lugares afastados agradavam-lhe mais. Ia devaneando e eis o que dizia de si para consigo.

“Tenho quarenta anos. Estudei muito: chamam-me o Filósofo. Se, entretanto, se apresentasse aqui alguém que me dissesse: ‘Aristo, o que é o verdadeiro, o bom e o belo?’ Teria eu minha resposta pronta? Não. Como, Aristo; não sabeis o que é o verdadeiro, o bom e o belo; e suportais que vos chamem de filósofo!”

Após algumas reflexões sobre a vaidade dos elogios que se prodigalizam sem conhecimento e que se aceitam sem pudor, pôs-se a pesquisar a origem dessas idéias fundamentais de nossa conduta e de nossos julgamentos; e eis como continuou a raciocinar consigo mesmo.

“Não há talvez na espécie humana inteira dois indivíduos que disponham de alguma semelhança aproximada. A organização geral, os sentidos, a figura externa, as vísceras, têm sua variedade. As figuras, os músculos, os sólidos, os fluidos, têm sua variedade. O espírito, a imaginação, a memória, as idéias, as verdades, os prejuízos, os alimentos, os exercícios, os conhecimentos, as condições, a educação, os gostos, a fortuna, os talentos, têm sua variedade. Os objetos, os climas, os costumes, as leis, os usos, as práticas, os governos, as religiões, têm sua variedade. Como seria, portanto, possível que dois homens possuíssem precisamente o mesmo gosto, ou as mesmas noções

do verdadeiro, do bom e do belo? A diferença da vida e a variedade dos acontecimentos bastariam por si para estabelecê-la no julgamento.

“Não é tudo. No mesmo homem, tudo está em vicissitude perpétua, quer o consideremos no físico, quer o consideremos no moral; a pena sucede ao prazer, o prazer à pena; a saúde à moléstia, a moléstia à saúde. É só pela memória que somos um e o mesmo indivíduo para os outros e para nós próprios. Não me resta, quiçá, na idade em que estou, uma única molécula do corpo que trouxe ao nascer. Ignoro o termo prescrito de minha duração; mas, quando vier o momento de devolver este corpo à terra, não restará talvez uma só das moléculas que ora ele tem. A alma em diferentes períodos da vida não se assemelha muito mais. Eu balbuciava na infância; eu julgo raciocinar presentemente; mas, enquanto raciocino, o tempo passa e volto ao balbucio. Tal é minha condição e a de todos. Como seria, pois, possível que houvesse um só entre nós que conservasse durante toda a existência o mesmo gosto, e que proferisse os mesmos julgamentos sobre o verdadeiro, o bom e o belo? As revoluções, causadas pela aflição e pela perversidade dos homens, bastariam por si para alterar seus julgamentos.

“O homem estará, portanto, condenado a não concordar nem com seus semelhantes, nem consigo próprio, sobre os únicos objetos que lhe importam conhecer, a verdade, a bondade, a beleza? Serão essas coisas locais, momentâneas e arbitrárias, palavras destituídas de senso? Não haverá nada que seja tal? Uma coisa será verdadeira, boa e bela, quando me parece sê-lo? E todas as nossas disputas acerca do gosto resolver-se-iam enfim nesta proposição: nós somos, vós e eu, dois seres diferentes; e eu próprio nunca sou em um instante o que eu era em outro?”

Aqui Aristo fez uma pausa, a seguir recomeçou:

“É certo que não haverá termo para nossas disputas, enquanto cada um tomar a si mesmo como modelo e como juiz. Existirão tantas medidas quantos homens, e o mesmo homem contará tantos módulos diferentes quantos períodos sensivelmente diferentes em sua existência.

“Isso me basta, parece-me, para sentir a necessidade de procurar uma medida, um módulo fora de mim. Enquanto semelhante pesquisa não estiver realizada, a maioria de meus julgamentos hão de ser falsos e todos incertos.

“Mas onde obter a medida invariável que procuro e que me falta?... Em um homem ideal que formarei para mim, ao qual apresentarei os objetos, que sentenciará, e do qual me limitarei a ser apenas o eco fiel? Mas esse homem será minha obra... Que importa, se eu o crio segundo elementos constantes... E tais elementos constantes, onde é que se encontram?... Na natureza?... Seja. Mas como reuni-los?... A coisa é difícil, mas será impossível?... Ainda que não pudesse alimentar a esperança de formar um modelo acabado, ficaria dispensado de tentar?... Não... Tentemos, então... Mas se o modelo de beleza ao qual os antigos escultores reportaram a seguir todas as suas obras lhes custou tantas observações, estudos e esforços, a que me obrigo eu?... Cumpro, no entanto, fazê-lo, ou então ouvir-se chamar sempre de Aristo, o Filósofo, e corar.”

Neste ponto, Aristo fez uma segunda pausa um pouco mais longa que a primeira, depois da qual continuou:

“Vejo ao primeiro relance que, sendo o homem ideal que procuro um composto como eu, os antigos escultores, ao determinarem as proporções que lhes pareceram mais belas, fizeram uma parte de meu modelo... Sim. Tomemos esta estátua, e

animemo-la... Concedamos-lhe os órgãos mais perfeitos que o homem possa ter. Dotemo-la de todas as qualidades que são dadas a um mortal possuir, e nosso modelo ideal estará feito... Sem dúvida... Mas que estudo! Que trabalho! Quantos conhecimentos físicos, naturais e morais a adquirir! Não conheço nenhuma ciência, nenhuma arte em que não precisarei ser profundamente versado... Por isso, terei o modelo ideal de toda verdade, de toda bondade e de toda beleza... Mas semelhante modelo geral ideal é impossível de formar, a menos que os deuses me concedam sua inteligência e me prometam sua eternidade: eis-me, portanto, recaído nas incertezas, de onde me propusera sair.”

Aristo, triste e pensativo, deteve-se ainda nesta passagem.

“Mas por que”, prosseguiu, após um momento de silêncio, “não imitaria também os escultores? Eles criaram um modelo próprio à condição deles; e eu tenho o meu... Que o homem de letras faça um modelo ideal do homem de letras mais completo possível, e que seja pela boca desse homem que ele julgue as produções dos outros e as suas. Que o filósofo siga o mesmo plano... Tudo o que parecer bom e belo para o mencionado modelo, há de sê-lo... Eis o órgão de suas decisões... O modelo ideal será tanto maior e mais severo quanto mais estendermos seus conhecimentos... Não há pessoa, e não pode haver pessoa, que julgue igualmente bem em todos os aspectos do verdadeiro, do bom e do belo. Não: e se se entender por homem de gosto aquele que traz em si o modelo geral ideal de toda perfeição, trata-se de uma quimera.

“Mas esse modelo ideal que é próprio ao meu estado de filósofo, já que se quer me chamar assim, que uso farei dele quando o tiver? O mesmo que os pintores e os escultores fizeram daquele de que dispunham. Modificá-lo-ei segundo as

circunstâncias. Eis o segundo estudo ao qual deverei dedicar-me.

“O estudo curva o homem de letras. O exercício firma o passo e alça a cabeça do soldado. O hábito de transportar fardos arria os rins do carregador. A mulher grávida lança a cabeça para trás. O corcunda dispõe seus membros de outra maneira que o homem normal. Eis as observações que, multiplicadas ao infinito, formam o estatuário, ensinam-lhe a alterar, fortalecer, enfraquecer, desfigurar e reduzir seu modelo ideal, do estado de natureza a determinado outro estado que lhe apraz.

“É o estudo das paixões, dos costumes, dos caracteres, dos usos, que ensinará ao pintor do homem a alterar seu modelo e a reduzi-lo do estado de homem ao estado de homem bom ou mau, tranqüilo ou colérico.

“É assim que, de um só simulacro, emanará infinita variedade de representações diferentes que cobrirão a cena e a tela. Trata-se de um poeta? De um poeta que compõe? Compõe ele uma sátira ou um hino? Se for uma sátira, terá o olhar feroz, a cabeça enterrada entre os ombros, a boca fechada, os dentes cerrados, a respiração forçada e sufocada: é um furioso. E se for um hino? Terá a cabeça elevada, a boca entreaberta, os olhos voltados para o céu, o ar do transporte e do êxtase, a respiração Ofegante: é um entusiasta. E a alegria desses dois homens, após o êxito, não apresentará caracteres diferentes?”

Após esse diálogo consigo mesmo, Aristo compreendeu que tinha ainda muito a aprender. Voltou à sua casa. Encerrou-se durante uma quinzena de anos. Dedicou-se à história, à filosofia, à moral, às ciências e às artes; e foi, aos cinqüenta e cinco anos, homem de bem, homem instruído, homem de gosto, grande autor e crítico excelente. ⁴

Notas

² Frase de Epicteto.

³ É sem dúvida o próprio Diderot.

⁴ O modelo do homem superior é preocupação constante de Diderot.

DIÁLOGO DE UM FILÓSOFO COM A MARECHALA DE...*

Tradução e notas de J. Guinsburg

* Escrito provavelmente em 1774, este diálogo circulou de início em cópias manuscritas onde Diderot parece ter-se nomeado como interlocutor da Marechala. O colóquio surgiu impresso dois anos depois, como *Pensamentos filosóficos em francês e em italiano* de um certo Thomas Crudeli “conhecido por suas poesias e suas outras obras”... e por sua “maneira muito livre de pensar”. A Marechala seria, ao que tudo indica, a esposa de Victor François, Duque de Broglie e Marechal de França (1718-1804). As entrevistas com o Marechal ocorreram em 1771 em Paris.

Eu precisava tratar de não sei que assunto com o Marechal de...; fui a seu palácio, certa manhã; estava ausente: mandei que me anunciasse à Senhora Marechala. Trata-se de uma mulher encantadora; bela e devota como um anjo; tem a doçura pintada no rosto; além disso, um tom de voz e uma ingenuidade de discurso inteiramente condizentes com sua fisionomia. Ela estava à *toilette*.¹ Aproximaram-me uma poltrona; sento-me, e conversamos. A propósito de algumas considerações de minha parte, que a edificaram e a surpreenderam (pois era de opinião que aquele que nega a Santíssima Trindade é um criminoso, que acabará enforcado), ela me diz:

— Não sois o Senhor Crudeli?

CRUDELI — Sim, senhora.

MARECHALA — Sois vós portanto que não credes em nada?

CRUDELI — Eu mesmo.

MARECHALA — Entretanto, vossa moral é a de um crente.

CRUDELI — Por que não, quando se é homem de bem?

MARECHALA — E essa moral, vós a praticais?

CRUDELI — O melhor que posso.

MARECHALA — O quê!, então não roubais, não matais, não pilhais de modo algum?

CRUDELI — Muito raramente.

MARECHALA — O que ganhais, nesse caso, em não crer?

CRUDELI — Absolutamente nada, Senhora Marechala. Acaso a gente crê porque há algo a ganhar?

MARECHALA — Não sei; mas a razão de interesse não estraga

nada nos negócios deste mundo nem do outro.

CRUDELI — Fico um pouco aborrecido por nossa pobre espécie humana. Não valem coisa melhor.

MARECHALA — Como! não roubais?

CRUDELI — Não, por minha honra.

MARECHALA — Se não sois ladrão nem assassino, convinde ao menos que não sois conseqüente.

CRUDELI — Por que não?

MARECHALA — É que me parece que se eu nada tivesse a esperar ou a temer, quando deixasse de existir, haveria muitas pequenas delícias de que não me privaria, presentemente enquanto existo. Confesso que empresto a Deus com grande usura.

CRUDELI — Vós o imaginais.

MARECHALA — Não é imaginação, mas um fato.

CRUDELI — E poder-se-ia perguntar-vos quais as coisas que iríeis permitir-vos, se fôsseis incrédula?

MARECHALA — Não, por favor; é um artigo de minha confissão.

CRUDELI — Quanto a mim, só aplico em fundos vitalícios.

MARECHALA — É o recurso dos miseráveis.

CRUDELI — Preferiríeis que eu fosse usurário?

MARECHALA — Sem dúvida: pode-se praticar com Deus tanta usura quanto se queira; não é possível arruiná-lo. Sei muito bem que isso não é delicado, mas que importa? Como a questão é alcançar o céu, ou por destreza ou pela força, cumpre levar tudo em conta e não descuidar de nenhum proveito. Infelizmente! em vão nos esforçaremos, nossa aplicação será sempre muito mesquinha em comparação ao rendimento que esperamos. E vós não esperais nada, de vossa parte?

CRUDELI — Nada.

MARECHALA — É triste. Convinde pois que sois ou muito malvado ou muito louco!

CRUDELI — Na verdade, eu não poderia, Senhora Marechala.

MARECHALA — Que motivo pode ter um incréu para ser bom, se não é louco? Eu gostaria realmente de saber.

CRUDELI — E eu vo-lo direi.

MARECHALA — Ficar-vos-ei muito obrigada.

CRUDELI — Não pensais que se possa ter nascido tão afortunadamente, que se encontre grande prazer em praticar o bem?

MARECHALA — Penso, sim.

CRUDELI — Que se possa ter recebido excelente educação, que fortalece o pendor natural à beneficência?

MARECHALA — Certamente.

CRUDELI — E que, em idade mais avançada, a experiência nos haja convencido de que, pensando bem, mais vale, para a ventura neste mundo, ser um homem honesto do que um patife?

MARECHALA — Na verdade; mas como é que se é homem honesto, quando maus princípios se unem às paixões para nos arrastar ao mal?

CRUDELI — É-se inconseqüente: e há algo mais comum do que ser inconseqüente?

MARECHALA — Infelizmente, não: a gente crê, e todos os dias comporta-se como se não cresse.

CRUDELI — E sem crer, nos comportamos quase como se crêssemos.

MARECHALA — Ainda bem; mas que inconveniente haveria em possuir uma razão a mais, a religião, para fazer o bem, e uma razão a menos, a incredulidade, para fazer o mal?

CRUDELI — Nenhuma, se a religião fosse um motivo de fazer o bem, e a incredulidade, um motivo de fazer o mal.

MARECHALA — Será que há dúvida a respeito? Será que o espírito da religião não é o de contrariar essa vilã natureza corrompida, e o da incredulidade, o de abandoná-la à sua malícia, libertando-a do receio?

CRUDELI — Isto, Senhora Marechala, vai nos atirar numa longa discussão.

MARECHALA — E o que tem isso? O Marechal não voltará tão cedo; e mais vale falar de coisas sensatas do que falar mal do próximo.

CRUDELI — Terei de retomar as coisas de um pouco mais alto.

MARECHALA — De tão alto quanto quiserdes, contanto que eu vos entenda.

CRUDELI — Se não me entendêsseis, seria realmente minha culpa.

MARECHALA — Isso é cortês; mas deveis saber que nunca li mais do que minhas horas, e que não me ocupei quase de outra coisa senão de praticar o Evangelho e de ter filhos.

CRUDELI — São dois deveres de que vos desincumbistes bem.

MARECHALA — Sim, quanto aos filhos: encontrastes seis ao meu redor, e, dentro de alguns dias, podereis ver mais um sobre meus joelhos;² porém começai.

CRUDELI — Senhora Marechala, haverá algum bem neste mundo que não tenha inconveniente?

MARECHALA — Não há nenhum.

CRUDELI — E algum mal que não tenha vantagem?

MARECHALA — Nenhum.

CRUDELI — O que chamais pois mal ou bem?

MARECHALA — O mal há de ser o que apresenta mais inconvenientes do que vantagens; e o bem, ao contrário, o que apresenta mais vantagens do que inconvenientes.

CRUDELI — A Senhora Marechala terá a bondade de lembrar-se de sua definição do bem e do mal?

MARECHALA — Hei de me lembrar. Chamais isso definição?

CRUDELI — Sim.

MARECHALA — Trata-se portanto de filosofia?

CRUDELI — Ótimo.

MARECHALA — E eu faço filosofia?

CRUDELI — Assim, estais persuadida de que a religião tem mais vantagens do que inconvenientes; e é por isso que a chamais um bem?

MARECHALA — Sim.

CRUDELI — Quanto a mim não duvido absolutamente que vosso intendente não vos roube um pouco menos na véspera da Páscoa do que logo depois das festas; e que de vez em quando a religião não impeça pequeno número de males e não produza pequeno número de bens.

MARECHALA — Pouco a pouco, isso dá uma soma.

CRUDELI — Mas acreditais que as terríveis devastações que ela causou nos tempos passados e que ela causará nos tempos vindouros sejam suficientemente compensadas por essas esfarrapadas vantagens? Pensai que ela criou e perpetua a mais violenta antipatia entre as nações. Não há um só muçulmano que não imaginasse executar um ato agradável a Deus e ao santo Profeta, exterminando todos os cristãos, os quais, de seu lado, não são muito mais tolerantes. Pensai que ela criou e perpetua em uma mesma região divisões que raramente se extinguiram sem efusão de sangue. Nossa história nos oferece exemplos demasiado

recentes e demasiado funestos. Pensai que ela criou e que perpetua na sociedade entre os cidadãos, e na família entre os próximos, os ódios mais fortes e mais constantes. Cristo disse que viera para separar o marido da mulher, a mãe de seus filhos, o irmão da irmã, o amigo do amigo; e sua predição se cumpriu mais que fielmente.

MARECHALA — São realmente abusos; mas não é a coisa.

CRUDELI — É a coisa sim, se os abusos lhe são inseparáveis.

MARECHALA — E como me mostrareis que os abusos da religião são inseparáveis da religião?

CRUDELI — Muito facilmente: digei-me, se um misantropo propusesse fazer a desgraça do gênero humano, que poderia ele inventar de melhor além da crença em um ser incompreensível sobre o qual os homens jamais conseguissem entender-se e ao qual atribuísem mais importância do que à vida? Ora, é possível separar da noção de uma divindade a mais profunda incompreensibilidade e a maior importância?

MARECHALA — Não.

CRUDELI — Concluí, pois.

MARECHALA — Concluo que é uma idéia que tem sua importância na cabeça dos loucos.

CRUDELI — E acrescentai que os loucos sempre foram e sempre serão o maior número; e que os mais perigosos são os que a religião produz, e dos quais os perturbadores da sociedade sabem tirar bom proveito na ocasião oportuna.

MARECHALA — Mas é necessário algo que aterrorize os homens quanto às más ações que escapam à severidade das leis; e se destruísseis a religião, pelo que iríeis substituí-la?

CRUDELI — Mesmo que eu nada tivesse para colocar em seu lugar, seria sempre um terrível prejulgamento a menos; sem

contar com o fato de que, em nenhum século e em nenhuma nação, as opiniões religiosas serviram de base aos costumes nacionais. Os deuses que eram adorados por esses velhos gregos e esses velhos romanos, as pessoas mais honestas da terra, eram a canalha mais dissoluta: um Júpiter, era de queimar vivo; uma Vênus, era de fechar no Hospital;³ um Mercúrio, era de meter em Bicêtre.⁴

MARECHALA — E pensais que seja de todo indiferente que sejamos cristãos ou pagãos; que, pagãos, não valeríamos menos; e que, cristãos, não valemos mais.

CRUDELI — Por minha fé, estou convicto disso, com a diferença apenas de que seríamos um pouco mais joviais.

MARECHALA — É possível.

CRUDELI — Mas, Senhora Marechala, acaso existem cristãos? Eu nunca os vi.

MARECHALA — Logo a mim dizeis isso, a mim?

CRUDELI — Não, senhora, não a vós; mas a uma de minhas vizinhas que é honesta e piedosa como vós o sois, e que se acreditava cristã da melhor fé do mundo, como vós o acreditais.

MARECHALA — E vós lhe fizestes ver que estava enganada?

CRUDELI — Num instante.

MARECHALA — Como o conseguistes?

CRUDELI — Abri um Novo Testamento, de que ela se servira muito, pois estava bastante gasto. Li-lhe o Sermão da Montanha, e a cada versículo perguntava-lhe: “Praticais isso? e isso então? e isso ainda?” Fui mais longe. Ela é bela e, embora seja muito recatada e muito devota, não o ignora; tem a pele muito alva e, embora não atribua grande valia a essa passageira vantagem, não fica zangada que lhe façam o seu elogio; tem também o colo tão bem-feito quanto é possível tê-lo e, embora seja muito modesta,

acha bom que os outros o notem.

MARECHALA — Desde que só ela e o marido o saibam.

CRUDELI — Creio que o marido o sabe melhor do que ninguém; mas, para uma mulher que se gaba de grande cristianismo, isso não basta. Eu lhe disse: “Não está escrito no Evangelho que aquele que cobiçou a mulher do próximo cometeu adultério em seu coração?”

MARECHALA — E ela vos respondeu que sim?

CRUDELI - Eu lhe disse: “E o adultério cometido no coração não traz a danação tão certamente quanto o adultério mais chapado?”

MARECHALA — Ela vos respondeu que sim?

CRUDELI — Eu lhe disse: “E se o homem é danado pelo adultério que cometeu no coração, qual há de ser a sorte da mulher que convida todos os que se lhe aproximam a cometer o mesmo crime?” Esta última pergunta a embaraçou.

MARECHALA — Compreendo; é que ela não vejava muito exatamente esse colo e o apresentava tão bem quanto era possível fazê-lo.

CRUDELI — É verdade. Ela me respondeu que era uma questão de uso; como se algo fosse mais de uso do que intitular-se cristão e não sê-lo; que não era indispensável vestir-se ridiculamente, como se houvesse alguma comparação a fazer entre um miserável ridiculzinho, a eterna danação dela e de seu próximo; que era a costureira quem a vestia, como se não valesse mais mudar de costureira, do que renunciar à religião; que era o capricho do marido, como se um esposo fosse bastante insensato para exigir da mulher o esquecimento da decência e de seus deveres, e como se uma verdadeira cristã devesse levar a obediência a um esposo extravagante, ao sacrifício da vontade de

seu Deus e ao desprezo às ameaças de seu redentor!

MARECHALA — Eu conhecia de antemão todas essas puerilidades; eu vo-las diria talvez como vossa vizinha: mas ela e eu estaríamos ambas de má fé. Mas que partido adotou ela após vossa admoestação?

CRUDELI — Na manhã seguinte a essa conversação (era um dia de festa), eu subia à minha casa e minha devota e bela vizinha descia da casa dela para ir à missa.

MARECHALA — Vestida como de costume?

CRUDELI — Vestida como de costume. Sorri, ela sorriu; e nós passamos um ao lado do outro sem nos falar. Senhora Marechala, uma mulher honesta!, uma cristã!, uma devota! Após tal exemplo, e cem mil outros da mesma espécie, que influência real posso conceder à religião sobre os costumes? Quase nenhuma, e tanto melhor.

MARECHALA — Como, tanto melhor?

CRUDELI — Sim, senhora: se desse na veneta de vinte mil habitantes de Paris de conformarem estritamente sua conduta ao Sermão da Montanha...

MARECHALA — Pois bem, haveria alguns belos colos mais cobertos.

CRUDELI — E tantos loucos, que o lugar-tenente da polícia não saberia o que fazer; pois nossos asilos não bastariam. Há nos livros inspirados duas morais: uma, geral e comum a todas as nações, a todos os cultos, e que é mais ou menos obedecida; outra, própria a cada nação e a cada culto, na qual se acredita, que é pregada nos templos, que se preconiza nas casas e à qual não se obedece de modo nenhum.

MARECHALA — E de onde procede essa extravagância?

CRUDELI — Do fato de ser impossível sujeitar um povo a uma

regra que convém apenas a alguns homens melancólicos, que a calcaram sobre os seus próprios caracteres. Acontece às religiões como às constituições monásticas, as quais todas se esmorecem com o tempo. São loucuras que não podem manter-se contra o impulso constante da natureza, que nos reconduz à sua lei. E fazei que o bem dos particulares fique tão estreitamente ligado ao bem geral, que um cidadão não possa quase prejudicar à sociedade sem prejudicar a si mesmo; assegurai à virtude sua recompensa, como assegurastes à perversidade seu castigo; que, sem nenhuma distinção de culto, em qualquer condição que o mérito se encontre, conduza aos grandes lugares do Estado; e não contareis outros malvados, exceto um pequeno número de homens, que uma natureza perversa, que não é capaz de corrigir, arrasta ao vício. Senhora Marechala, a tentação está muito perto; e o inferno muito longe: não esperai nada que valha a pena que um sábio legislador se ocupe, de um sistema de opiniões extravagantes que ilude apenas as crianças; que encoraja o crime pela comodidade das expiações; que manda o culpado rogar perdão a Deus, pela injúria feita ao homem, e que avilta a ordem dos deveres naturais e morais, subordinando-a a uma ordem de deveres quiméricos.

MARECHALA — Eu não vos compreendo.

CRUDELI — Eu me explico; mas parece-me que ali vem entrando a carruagem do Sr. Marechal que volta muito a propósito para me impedir de dizer uma tolice.

MARECHALA — Dizei, dizei vossa tolice, eu não a ouviria; habituei-me a ouvir apenas o que me agrada.

CRUDELI — Aproximei-me de seu ouvido e disse-lhe baixinho:

Senhora Marechala, perguntai ao vigário de vossa paróquia qual desses dois crimes, urinar em um vaso sagrado, ou enegrecer

a reputação de uma mulher honesta, é o mais atroz? Ele estremecerá de horror diante do primeiro, bradará com o sacrilégio; e a lei civil, que apenas toma conhecimento da calúnia, enquanto pune o sacrilégio com o fogo, acabará de baralhar as idéias e corromper os espíritos.

MARECHALA — Conheço mais de uma mulher que teria escrúpulo de comer carne na sexta-feira e que... eu também ia dizer uma tolice. Continuai.

CRUDELI — Mas, senhora, é absolutamente necessário que eu fale ao Sr. Marechal.

MARECHALA — Um momento ainda, e depois iremos vê-lo juntos. Não sei bem o que vos responder, no entanto vós não me persuadis.

CRUDELI — Não me propus persuadir-vos. A religião é como o casamento. O casamento, que constitui a desgraça de tantos outros, constitui vossa felicidade e a do Sr. Marechal; agistes muito bem em vos casar os dois. A religião, que fez, que faz e que fará tantos malvados, vos tornou melhor ainda; procedeis bem em guardá-la. É doce para vós imaginar ao vosso lado, acima de vossa cabeça, um ser grande e poderoso, que vos vê andar sobre a terra, e esta idéia firma vosso passo. Continuai, senhora, a desfrutar desse augusto garante de vossos pensamentos, desse espectador, desse modelo sublime de vossas ações.

MARECHALA — Não tendes, ao que vejo, a mania do proselitismo.

CRUDELI — De nenhum modo.

MARECHALA — Eu vos estimo ainda mais por isso.

CRUDELI — Permito a cada qual pensar à sua maneira, desde que me deixe pensar à minha; além disso, os que são feitos para se entregar a tais preconceitos não precisam quase que os

catequizemos.

MARECHALA — Credes que o homem possa dispensar a superstição?

CRUDELI — Não, enquanto permanecer ignorante e medroso.

MARECHALA — Pois bem!, superstição por superstição, tanto vale a nossa como outra qualquer.

CRUDELI — Não penso assim.

MARECHALA — Dizei-me a verdade, não vos repugna nem um pouco não ser mais nada após a vossa morte?

CRUDELI — Eu gostaria mais de existir, embora não saiba por que um ser, que pôde tornar-me infeliz sem razão, não se divertiria em fazê-lo duas vezes.

MARECHALA — Se, apesar deste inconveniente, a esperança de uma vida futura vos parece consoladora e doce, por que no-la arrancais?

CRUDELI — Não alimento esta esperança, porque o desejo não me ocultou a sua vaidade; mas não a tiro de ninguém. Se alguém pode crer que verá, quando não tiver mais olhos; que ouvirá, quando não tiver mais ouvidos; que pensará, quando não tiver mais cabeça; que amará, quando não tiver mais coração; que sentirá, quando não tiver mais sentidos; que a gente existirá, quando não estiver mais em parte alguma; que há de ser alguma coisa, sem extensão e sem lugar, consinto nisso.

MARECHALA — Mas este mundo aqui, quem o fez?

CRUDELI — Eu vos pergunto.

MARECHALA — Foi Deus.

CRUDELI — E o que é Deus?

MARECHALA — Um espírito.

CRUDELI — Se um espírito cria matéria, por que a matéria não criaria um espírito?

MARECHALA — E por que haveria de criá-lo?

CRUDELI — É que eu a vejo criá-lo todos os dias. Acreditais que os animais tenham almas?

MARECHALA — Certamente que acredito.

CRUDELI — E poderíeis dizer-me o que se torna, por exemplo, a alma da serpente do Peru, enquanto ela se resseca, suspensa sobre um fogão e exposta à fumaça um ou dois anos seguidos?

MARECHALA — Que ela se torne o que quiser, que tenho eu com isso?

CRUDELI — É que a Senhora Marechala não sabe que essa serpente defumada, ressecada, ressuscita e renasce.

MARECHALA — Não creio de modo algum.

CRUDELI — No entanto, é um homem sagaz, é Bouguer⁵ quem o assevera.

MARECHALA — Vosso homem sagaz mentiu.

CRUDELI — E se tivesse dito a verdade?

MARECHALA — Eu estaria pronta a crer que os animais são máquinas.

CRUDELI — E o homem não é um animal apenas um pouco mais perfeito do que um outro... Mas, o Sr. Marechal...

MARECHALA — Ainda uma pergunta, e é a última. Estais bem tranqüilo em vossa incredulidade?

CRUDELI — Mais não seria possível.

MARECHALA — Contudo, e se estivésseis enganado?

CRUDELI — E se eu estivesse enganado?

MARECHALA — Tudo o que julgais falso seria verdadeiro, e estaríeis danado. Senhor Crudeli, estar danado é algo terrível; arder toda uma eternidade é muito longo.

CRUDELI — La Fontaine acreditava que nos sentiríamos aí como peixe dentro d'água.

MARECHALA — Sim, sim; mas vosso La Fontaine ficou bem sério no derradeiro momento; e é onde eu vos aguardo.

CRUDELI — Não respondo por nada, se minha cabeça não tiver mais nada com isso; mas se eu findar por uma dessas moléstias que deixam ao homem agonizante toda sua razão, não ficarei mais perturbado no momento em que me aguardais do que no momento em que me vedes.

MARECHALA — Semelhante intrepidez me confunde.

CRUDELI — Encontro-a muito mais no moribundo que crê em um juiz severo que pesa até nossos pensamentos mais secretos, e em cuja balança o homem mais justo se perderia pela vaidade, se não tremesse por achar-se leviano demais: se a este moribundo fosse dado então, à sua escolha, ou ser aniquilado, ou se apresentar ao tribunal, sua intrepidez me confundiria muito mais caso se abalançasse a tomar o primeiro alvitre, a menos que fosse mais insensato do que o companheiro de São Bruno,⁶ ou mais embriagado com o próprio mérito do que Bohola.⁷

MARECHALA — Li a história do associado de São Bruno; mas nunca ouvi falar de vosso Bohola.

CRUDELI — É um jesuíta do colégio de Pinsk, na Lituânia, que deixou ao morrer um cofrezinho cheio de dinheiro, com um bilhete escrito e assinado de próprio punho.

MARECHALA — E este bilhete?

CRUDELI — Era concebido nos seguintes termos: “Peço-vos querido confrade, depositário deste cofrezinho, que o abrais quando eu tiver feito milagres. O dinheiro que contém servirá para as custas do processo de minha beatificação. Juntei algumas lembranças autênticas para a confirmação de minhas virtudes, e que poderão servir utilmente aos que empreenderem escrever sobre minha vida”.

MARECHALA — Isso é de morrer de riso.

CRUDELI — Para mim, Senhora Marechala; mas para vós, vosso Deus não admite chalaças.

MARECHALA — Tendes razão.

CRUDELI — Senhora Marechala, é muito fácil pecar gravemente contra vossa lei.

MARECHALA — Concordo.

CRUDELI — A justiça que decidirá de vossa sorte é muito rigorosa.

MARECHALA — É certo.

CRUDELI — E se acreditais nos oráculos de vossa religião acerca do número de eleitos, ele é bem pequeno.

MARECHALA — Oh! é que não sou jansenista; vejo a medalha apenas por seu reverso consolador: o sangue de Jesus Cristo cobre um grande espaço e meus olhos; e me pareceria muito singular que o diabo, que não entregou seu filho à morte, tivesse no entanto a melhor parte.

CRUDELI — Condenais à danação Sócrates, Fócion,⁸ Aristides, Catão, Trajano e Marco Aurélio?

MARECHALA — Apre!, só bestas ferozes podem pensar assim. São Paulo afirma que cada um será julgado pela lei que conheceu;⁹ e São Paulo tem razão.

CRUDELI — E por qual lei será o incrédulo julgado?

MARECHALA — Vosso caso é um pouco diferente. Sois um pouco como esses habitantes malditos do Corozain e de Betsaida, que fecharam os olhos à luz que os iluminava, e que taparam as orelhas para não escutar a voz da verdade que lhes falava.

CRUDELI — Senhora Marechala, esses corozainitas e betsaidenses foram pessoas como nunca mais houve exceto lá, se é que foram donos do arbítrio de crer ou não crer.

MARECHALA — Viram prodígios que teriam levado a pôr em leilão os sacos e a cinza, se realizado em Tiro e em Sidon.

CRUDELI — É que os habitantes de Tiro e Sidon eram pessoas de espírito, enquanto que os de Corozain e Betsaida não passavam de imbecis. Mas, acaso aquele que fez os tolos irá puni-los porque foram tolos? Eu vos narrei uma história há pouco, e estou com vontade de vos narrar um conto. Um jovem mexicano... Mas o Sr. Marechal.

MARECHALA — Vou mandar saber se ele pode receber. Então!, e o vosso jovem mexicano?

CRUDELI — Cansado de seu trabalho passeava um dia à beira-mar. Deu com uma tábua que estava com uma ponta imersa na água e com a outra assentada na margem. Sentou-se na tábua e aí, prolongando o olhar sobre a vasta extensão que se desenrolava à sua frente, dizia-se: Não há dúvida de que minha avó está caducando com sua história de não sei quais habitantes que, não sei em que tempo, arribaram aqui de não sei onde, de um país além de nossos mares. Isso não tem senso comum: então não vejo o mar confinar com o céu? E como posso crer, contra o testemunho de meus sentidos, numa velha fábula cuja data se ignora, que cada qual arruma à sua maneira, e que não é senão um tecido de circunstâncias absurdas, sobre as quais eles se comem o coração e se arrancam a alva dos olhos? Enquanto raciocinava assim, as águas agitadas o embalavam sobre a tábua, e ele adormeceu. Enquanto dormia, o vento cresceu, as ondas levantaram a tábua em que estava deitado e eis nosso jovem arrazoador embarcado.

MARECHALA — Infelizmente!, é bem essa a nossa imagem: cada um de nós se encontra sobre a tábua; o vento sopra, e a onda nos carrega.

CRUDELI — Já se achava longe do continente quando despertou. Quem ficou muito surpreso por se ver em pleno mar? Nosso mexicano. Quem ficou muito mais? Ainda ele, quando, tendo perdido de vista a margem sobre a qual passeava há um instante, o mar pareceu-lhe confinar com o céu por todos os lados. Suspeitou então que poderia estar realmente enganado; e que, se o vento permanecesse no mesmo ponto, talvez fosse transportado à costa, e para o meio desses habitantes de que a avó lhe falava tão amiúde.

MARECHALA — E de sua inquietação, não me dizeis palavra.

CRUDELI — Não teve nenhuma. Disse a si mesmo que diferença me faz, contanto que eu arribe? Raciocinei como um tonto, seja; mas fui sincero comigo mesmo; e é tudo o que se pode exigir de mim. Se não é virtude ter espírito, não é crime não tê-lo. Entretanto o vento continuava, o homem e a tábua vagavam, e a margem desconhecida começava a surgir: ele toca nela, e ei-lo aí.

MARECHALA — Nós nos reveremos aí um dia, Senhor Crudeli.

CRUDELI — É o que desejo, Senhora Marechala; em qualquer lugar que seja, sentir-me-ei sempre envaidecido de vos fazer minha corte. Apenas abandonou a tábua, e pôs o pé na areia, quando percebeu um venerável ancião, em pé junto dele. Perguntou-lhe de onde era, e a quem tinha a honra de falar: “Sou o soberano do país”, respondeu-lhe o velho. No mesmo instante o jovem se prosterna. “Erguei-vos, disse-lhe o velho. Vós negastes minha existência? — É verdade. — Eu vos perdôo, porque sou aquele que enxerga no fundo dos corações, e porque li no fundo do vosso que agistes de boa fê; mas o restante de vossos pensamentos e de vossas ações não é igualmente inocente.” Então o velho, que o segurava pela orelha, lembrou-lhe todos os erros de sua vida; e, a cada artigo, o jovem mexicano se inclinava, batia no

peito perdão... Agora, Senhora Marechala, colocai-vos por um momento no lugar do velho, e dizei-me o que iríeis fazer? Agarrado o jovem insensato pelos cabelos; e iríeis comprazer-vos em arrastá-lo por toda a eternidade pela margem?

MARECHALA — Em verdade, não.

CRUDELI — Se uma dessas seis bonitas crianças que tendes, depois de fugir da casa paterna e de cometer grandes tolices, voltasse arrependida?

MARECHALA — Eu lhe correria ao encontro; apertá-la-ia em meus braços e regá-la-ia com minhas lágrimas; mas o Sr. Marechal seu pai não aceitaria a coisa tão brandamente.

CRUDELI — O Sr. Marechal não é um tigre.

MARECHALA — Para isso, falta muito.

CRUDELI — Far-se-ia rogar talvez um pouco; mas perdoaria.

MARECHALA — Certamente.

CRUDELI — Sobretudo se viesse a considerar que antes de pôr no mundo essa criança, conhecia toda a sua vida, e que o castigo de suas faltas não seria de qualquer utilidade, nem para ele, nem para o culpado, nem para seus irmãos.

MARECHALA — O ancião e o Sr. Marechal são dois.

CRUDELI — Quereis dizer que o Sr. Marechal é melhor que o velho?

MARECHALA — Deus me livre! Quero dizer que, se a minha justiça não é a do Sr. Marechal, a justiça do Sr. Marechal poderia muito bem não ser a do velho.

CRUDELI — Ah, Senhora! vós não sentis as conseqüências dessa resposta. Ou a definição geral convém igualmente a vós, ao Sr. Marechal, a mim, ao jovem mexicano e ao velho; ou não sei o que isso é, e ignoro como se agrada ou desagrade a este último.

Estávamos neste ponto quando vieram nos avisar que o Sr.

Marechal nos esperava. Dei minha mão à Sra. Marechala, que me dizia: — É de fazer girar a cabeça, não é?

CRUDELI — Por que não, quando é boa?

MARECHALA — Ao fim de contas, o mais simples é comportar-se como se o velho existisse.

CRUDELI — Mesmo que não se acredite.

MARECHALA — E mesmo que se acredite, é não contar com sua bondade.

CRUDELI — Se não é o mais polido, é ao menos o mais seguro.

MARECHALA — A propósito, se tivésseis de prestar conta de vossos princípios a nossos magistrados, vós os confessaríeis?

CRUDELI — Faria o máximo que posso a fim de poupar-lhes uma ação atroz.

MARECHALA — Ah! covarde! E se estivésseis a ponto de morrer, vós vos submeteríeis às cerimônias da Igreja?

CRUDELI — Não lhes faltaria.

MARECHALA — Safa!, infame hipócrita.

Notas

¹ Há mesmo uma especificação do Abade Vauxcelle, com quem Diderot comentou o colóquio, de que a Marechala se encontrava no banho.

² A Marechala teve nove filhos, sendo muito provável que em 1771 já tivessem nascido seis deles, pois casara-se aos dezenove anos.

³ Hospital geral ou Salpêtrière, destinado às mulheres e prisão de moças devassas.

⁴ Hospício para velhos e doentes mentais, servindo também para encerrar rapazes de mau procedimento.

⁵ Pierre Bouguer (1698-1758), cientista e companheiro de La Condamine em sua viagem ao Peru, é quem relata o fato.

⁶ Alusão ao episódio da vocação de São Bruno, fundador dos cartuxos. Segundo reza a lenda, ao assistir aos funerais de seu mestre, o Cônego Raymond Diocrès, viu-o levantar-se do seu ataúde para gritar que estava condenado à danação. Este e outros relatos da vida do santo serviram de tema aos quadros que Le Sueur pintou na

Cartuxa de Paris e que parecem presentes na memória de Diderot.

⁷ O nome do clérigo é André Bohola. Nascido em Sandomir, em 1591, tornou-se superior dos jesuítas em Bobruisk, sendo duvidosa a autenticidade da história do cofrezinho.

⁸ General e orador ateniense (c. 400-317 a.C.).

⁹ *Epístola aos Romanos*, 2, 14.

Índice

DIDEROT — Vida e obra

Cronologia

Bibliografia

CARTA SOBRE OS CEGOS PARA USO DOS QUE VÊEM

ADIÇÃO À CARTA PRECEDENTE

O SOBRINHO DE RAMEAU

DIÁLOGO ENTRE D’ALEMBERT E DIDEROT

O SONHO DE D’ALEMBERT

CONTINUAÇÃO DO DIÁLOGO

SUPLEMENTO À VIAGEM DE BOUGAINVILLE OU DIÁLOGO
ENTRE A E B

PARADOXO SOBRE O COMEDIANTE

DOS AUTORES E DOS CRÍTICOS

DIÁLOGO DE UM FILÓSOFO COM A MARECHALA DE...



ABRIL CULTURAL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretores: Edgard de Sílvia Faria, Richard Civita,
Roberto Civita

DIVISÃO DE FASCÍCULOS E LIVROS

Diretor-Gerente: Roger Karman

Diretora Editorial: Elizabeth di Cropani

Diretor de Marketing: Élcio Capalbo

Os Pensadores

Diretor do Grupo de Publicações: Roberto Martins Silveira

CONSELHO EDITORIAL DA 1ª EDIÇÃO

Diretor de Grupo: José Américo Motta Pessanha

Editor-chefe: Edson Araújo Cabral (livros)

Secretário Editorial: Remberto Francisco Kuhnen (livros)
Ely Mello Soares e Nestor Deola (fascículos)

Chefe de Arte: Constantino Kouzmin Korovaeff e Roberto Galvão Paes (livros)
Ricardo Amadeo Júnior (fascículos)

Editores de Livros: Nestor Deola, Arnildo Devegili, José Benedito de Oliveira
Damião Mauro de Queiroz e Edson Braga de Souza

Redator: Hélio Leite de Barros (fascículos)

Pesquisador: Israel Betenas (fascículos)

Assistentes de Arte: José Antônio Suzuki (livros) e
José Ramos Neto (fascículos)

Pesquisadora Iconográfica: Vera Maria Arantes (fascículos)

Serviços Editoriais Auxiliares: Maria Del Carmen Suares Otero (livros) e Ida
Maria Marighi (fascículos)

CONSELHO EDITORIAL DA 2ª EDIÇÃO

Diretor: José Américo Motta Pessanha

Editor-Chefe: Paschoal Miguel Forte

Secretário Editorial: Remberto Francisco Kuhnen

Chefe de Arte: Gerson Reis Jr.

Assistentes de Arte: Satiko Arikita e Rosângela Lopes Lourenço

Serviços Editoriais Auxiliares: Marlene de Fátima Alves Merajo

Produção Gráfica: Milton Luiz Belintani Filho

Colaboração: Mauro Lemos

DEPARTAMENTO COMERCIAL

Gerente de Produto: Flávio Maculan

Operações: Néelson Murauskas

Promoções: José Carlos Mádio

Composto e impresso nas oficinas da

Abril S.A. Cultural e Industrial, caixa postal 2372, São Paulo

Esta obra foi digitalizada e revisada pelo grupo Digital Source para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Se quiser outros títulos nos procure:

http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.



http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

<http://groups.google.com/group/digitalsource>

ESTE VOLUME CONTÉM AS SEGUINTE OBRAS:

CARTA SOBRE OS CEGOS PARA O USO DOS QUE VÊEM (1749)

Embora publicada anonimamente, esta obra de Diderot acarretou a prisão do filósofo no castelo de Vincennes. É que o sensualismo epistemológico que ela defende foi considerado deletério pela repressão exercida, naquele momento, pelo governo de Luís XV.

O SOBRINHO DE RAMEAU (1761)

Diálogo sobre música e arte, em geral, apresenta-se como uma "Sátira Segunda", pois é seqüência da "Sátira Primeira", o opúsculo "Sobre os Caracteres e as Palavras Caráter, Profissão, etc.", escrito anteriormente por Diderot.

DIÁLOGO ENTRE D'ALEMBERT E DIDEROT (1769)

O SONHO DE D'ALEMBERT (1769)

CONTINUAÇÃO DO DIÁLOGO (1769)

Publicadas apenas em 1830, as três obras pertencem ao que de mais imaginativo produziu a especulação filosófica de Diderot.

SUPLEMENTO À VIAGEM DE BOUGAINVILLE OU DIÁLOGO ENTRE A E B (1772)

Utilizando também a forma dialogada, a obra possui significativo subtítulo: "Sobre o inconveniente de atribuir idéias morais a certas ações físicas que não as comportam".

PARADOXO SOBRE O COMEDIANTE (1769)

Obra de permanente atualidade, enquanto teoria do ator, ultrapassa porém o plano estético ao propor uma teoria geral da sensibilidade.

DOS AUTORES E DOS CRÍTICOS (1773)

Capítulo final do "Discurso Sobre a Poesia Dramática".

DIÁLOGO DE UM FILÓSOFO COM A MARECHALA DE ... (1774)

O diálogo circulou inicialmente em cópias manuscritas, antes de ser impresso. A marechala é provavelmente a esposa de Victor Francois, Duque de Broglie e Marechal de França.

Traduções e notas de: *Marilena de Souza Chaul* e *J. Guinsburg*

Consultor da Introdução: *Marilena de Souza Chaul*